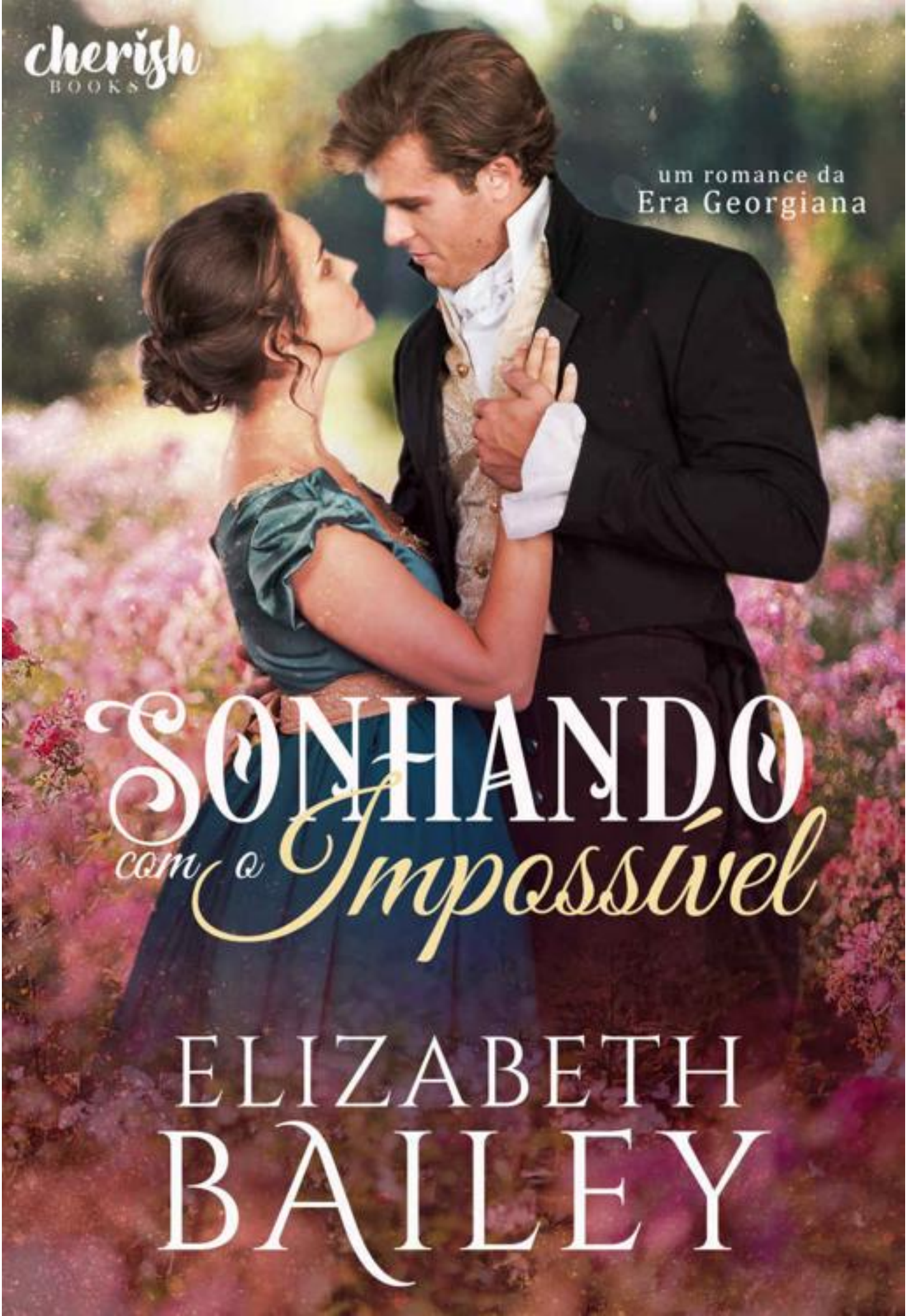

cherish
BOOKS
um romance da
Era Georgiana
SONHANDO
com o Impossível
ELIZABETH
BAILEY

Título original: Friday Dreaming
Copyright © 2013 Elizabeth Bailey
Copyright da tradução © 2021 por Cherish Books Ltda
Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito das editoras.
Publicado mediante acordo com a autora.

Tradução: AJ Ventura
Preparação de Texto: Elimar Souza
Diagramação: AJ Ventura
Capa: Gisele Souza
Marketing e Comunicação: Elimar Souza

Bailey, Elizabeht

Sonhando com o impossível/ Elizabeth Bailey; tradução de AJ Ventura. Rio de Janeiro: Cherish Books, 2021.

Tradução de:

ASIN

1. Ficção americana I. Ventura, AJ. II. Título.

Todos os direitos reservados, no Brasil, por
Cherish Books
Rua Auristela, nº244 - Santa Cruz
E-mail: cherishbooksbr@gmail.com

Sonhando com o Impossível

Sonhos destruídos e promessas desfeitas. Presa entre o amor e a lealdade.

Friday é uma leitora ávida e uma mulher que acredita não ter atrativos. Ela ama em segredo seu melhor amigo, e esconde isso desde a infância. Só que o impossível acaba por acontecer: Nick a pede em casamento, tornando todos os seus sonhos em realidade. Só que ele não se comporta como um homem apaixonado. O que acontece é que Nick foi forçado a propor casamento a ele, para se salvar de uma situação inadequada. Com o coração partido, ela decide romper o noivado, o que acaba por gerar uma situação que Nick não imaginava.

O valor imensurável de Friday será capaz de vencer a beleza de sua rival? Nick conseguirá aprender a valorizar o que perdeu, antes que seja tarde demais?

CONTENTS

1. Capítulo um
2. Capítulo dois
3. Capítulo três
4. Capítulo Quatro
5. Capítulo Cinco
6. Capítulo Seis
7. Capítulo Sete
8. Capítulo Oito
9. Capítulo Nove
10. Capítulo Dez
11. Capítulo Onze



Capítulo 1

Nada no ar indicava o que aconteceria naquela tarde fatídica. A quietude dominava cada canto da grande mansão em Finchamstod. O sol fraco seguiu seu caminho preguiçoso para a janela da biblioteca como de costume, iluminando aquele que era o local favorito da jovem que se sentava em seu lugar de sempre.

O interior da longa sala era escuro e úmido durante o dia; as altas estantes que revestiam as paredes de ambos os lados bloqueavam a maior parte da luz. Assim, era prática de sua única ocupante empoleirar-se no banquinho de veludo próximo a janela, com as costas contra uma das extremidades, sentando-se sobre as pernas — de uma maneira considerada nada feminina e repreensível — de modo que seus cotovelos descansassem confortavelmente contra os joelhos, permitindo-lhe enterrar o nariz em um volume encadernado em couro quase que literalmente. A verdade é que a visão da Srta. Frideswid Edborough não era tão boa quanto um leitor contumaz poderia desejar.

Mesmo que houvesse algum frisson prenunciando os eventos que viriam, era duvidoso se algum sexto sentido poderia ter penetrado na absorção concentrada com que Friday — como ela era familiarmente conhecida — estava devorando, no grego original, a história da aventura amorosa de Leda e o cisne. Particularmente agora, sua mente estava totalmente ocupada com as dificuldades inerentes a este método muito estranho de sedução.

Será que alguém, ela se perguntou, *ficaria seriamente atraído pelo que era, no fim das contas, um grande pássaro? O que no mundo dera na cabeça de Zeus para escolher tal disfarce? Os cisnes eram criaturas reconhecidamente bonitas, com seus longos pescoços e porte elegante. Mas, na verdade*, decidiu Friday — *com uma falta de inocência adequada que ela sabia que uma mulher casada teria achado chocante* — ela não conseguia imaginar como Leda poderia suportar tal enlace.

É verdade, exatamente neste exato momento, a donzela estava tentando, sem muita convicção, repelir os avanços extraordinários de Zeus, mas Friday não conseguia acreditar que ela poderia se manter firme nessa decisão. Quer dizer, não se os mitos clássicos fossem verdadeiros. Pois dessa mesma união não nasceu a mais bela criatura de todos os tempos?

Aqui a Srta. Edborough deixou escapar um pequeno suspiro. Ah, Helena! Quem dera se pudesse aspirar tamanha beleza. Pelo menos, seria, se pudesse apenas ter Páris aos seus pés. Não o Páris troiano, é claro, cuja bela aparência havia sido, junto com a de sua paixão, delineada por muitas mãos ao longo dos séculos. Era seu próprio Páris, cuja imagem preenchia sua visão interior: um Páris cuja beleza e proporções masculinas perturbavam muito seus sonhos. Sonhos impossíveis, como ela há muito aceitara. Ela não era nenhuma Helena e Páris não estava ao seu alcance.

Ignorando a dor tênue que agora era tão comum que a fazia suportar sem reclamar, Friday se enterrou mais uma vez na história de Leda e não ouviu a porta da biblioteca se abrir. Bruno também não, o grande cão de caça marrom e branco, que no outono de seus dias, com as emoções de uma carreira de caçadas já no fim, se contentava em deitar-se silenciosamente nas sombras, cochilando ao lado de sua dona. Ao primeiro arranhar da maçaneta, ele olhou para cima, alerta para qualquer sinal de intrusos indesejados que ele pudesse se sentir obrigado a repelir. Ao avistar o cavalheiro que entrou, no entanto, ele relaxou, mas achou apropriado sentar-se e empertigar-se o lado de sua dona.

Friday não percebeu. Ela não estava ciente de nada além do conteúdo de seu livro até que uma voz se dirigiu a ela com um tom de advertência.

— Friday!

Ela saltou violentamente. Olhando para cima, ela foi capaz de ver apenas um semblante embaçado. A grande mancha branca em seu centro, entretanto, junto com a expansão crespa de sua peruca de laterais longas, permitiu que ela identificasse seu pai instantaneamente.

— Papai! Deus, que susto o senhor me deu!

O Sr. Edborough ignorou isso. Franzindo a testa terrivelmente, ele se entregou a uma reclamação antiga.

— Quantas vezes devo pedir a você, Friday, para não arruinar seus olhos dessa maneira? Onde estão seus óculos? Coloque-os imediatamente!

Friday tateou no parapeito da janela para recuperar os óculos, mas mesmo assim, iniciou a sua série de protestos, os quais o pai já havia se acostumado com o tempo.

— Não preciso deles para ler, papai. São apenas rostos que não consigo distinguir. E a luz é excelente aqui.

— Não discuta comigo, Friday. Tão teimosa quanto sua mãe, isso é o que você é.

Inegavelmente, Friday concordou silenciosamente, e um pequeno traço de alegria apareceu no canto de sua boca, enquanto ela obedecia seu pai, e colocava os óculos no nariz.

— Melhor?

Seu pai grunhiu, ainda insatisfeito. *Pobre papai*. *Era uma pena que ele estivesse fadado a duas mulheres como ela e mamãe*. Embora o que estava em sua mente neste momento, ela fosse incapaz de compreender. Os óculos eram apenas um problema secundário, embora ela estivesse perfeitamente ciente de que ficava horrível com eles. A verdade é que ela não podia ver seu próprio rosto adequadamente a menos que os estivesse usando, então ela não tinha qualquer ideia de como ficava sem eles. Mas ela havia aceitado suas próprias deficiências.

Ela não só tinha o cabelo de uma cor de pelo rato, mas também tinha o rosto salpicado de sardas no nariz que se tornavam um mero botão sob os enormes óculos redondos, que acabavam diminuíam seu rosto. Sua boca era simples, e seus olhos se apagavam sob o vidro grosso que os cobria. Mesmo assim, ela estava acostumada

com sua aparência, assim como papai. Não se pode fazer uma bolsa de seda com a orelha de um porco. Não que ela tentasse. E mamãe certamente não a incentivaria a fazer isso.

Ela inclinou a cabeça para o lado, olhando para as feições descontentes de seu pai, que agora estavam claramente visíveis para ela.

— O que o aflige, papai?

— O que deve me incomodar a essa hora? — Ele parecia irritado. — Suponho que seja demais esperar que você se dê ao trabalho de olhar para o relógio de vez em quando?

O olhar de Friday voou para a lareira na outra extremidade da longa sala. Acima, um enorme relógio revestido de madeira indicava que eram quase cinco horas. O aborrecimento de seu pai foi imediatamente explicado.

— Santo Deus! — Ela colocou de lado o livro e jogou as pernas no chão. — Eu imploro seu perdão, papai. Deve estar morrendo de fome.

— Morrendo de fome? Eu? Por que você deveria pensar assim? Se eu não me acostumei em todos esses anos a saborear refeições tardias de carnes frias e molhos gelados que ficaram sobre a mesa por meia hora, então deve ser minha própria culpa. Embora eu ouse dizer que em qualquer casa normal, um homem à noite espera chegar à mesa de jantar na companhia de sua esposa e filha, no meu caso eu ficaria encantado em poder vê-las.

Com dificuldade, Friday controlou um lábio trêmulo. Ela poderia achar divertido, mas o sarcasmo de seu pai poderia explodir em um acesso de raiva muito real a qualquer momento. Normalmente, seu pai era um homem tão tranquilo. Ele geralmente aceitava as excentricidades de sua mãe e, tinha que se admitir, seus próprios caprichos. Mas hoje, por algum motivo inexplicável, era evidente que ele estava chateado com elas.

— Pobre papai. — Ela colocou a mão em seu braço e o levou até a porta. — Somos uma provação triste para o senhor, mamãe e eu. Ela com sua árvore genealógica e eu com meus clássicos. Não sei como nos tolera.

— Nem eu — A nota amarga foi pronunciada quando ele se permitiu ser conduzido para fora da sala. — Embora eu ouse dizer

que também posso me culpar por isso. Eu nunca deveria ter te ensinado grego e latim.

Na porta, Friday se virou e chamou seu cachorro, refletindo que, de sua parte, ela estava muito feliz por ele ter escolhido cuidar de sua educação em vez de deixá-la a cargo de uma governanta. Mas não era o momento de dizer isso.

O cão Bruno, com um reflexo tão tardio quanto o dela, caminhou para o corredor e se dirigiu para a porta de baeta verde. Um latido chiado traria um membro da criadagem e o colocaria em contato com a matéria comestível, sem dúvida, contida em sua tigela na cozinha.

Friday não se atreveu a sugerir uma troca de vestido, pois isso provocaria ainda mais o pai. Além disso, como ela e mamãe muitas vezes jantavam em trajes diurnos se não houvesse companhia, provavelmente era mais prudente não chamar a atenção de papai para seu lapso. Em seu humor atual, era provável que ele gritasse com ela uma repreensão por seu mau gosto para se vestir.

Não que houvesse algo de errado com seu vestido de bronze simples, mas ela estava bem ciente de que sua cintura estava mais baixa do que atualmente era considerado moderno, e que seu tecido de lã de linho era mais robusto do que as musselinas e gazes que estavam enfeitando as formas esguias nas gravuras de moda dos periódicos destinados às senhoras da alta sociedade, com os quais nem Friday nem a sua mãe se importavam.

A Sra. Sophia Edborough já estava sentada à mesa quando o marido e a filha entraram na sala de jantar. Ela era uma mulher de aparência agradável, no final da meia-idade, vestida de maneira tão pouco modesta e simples quanto a filha. Mas, enquanto Friday simplesmente puxava o cabelo para trás do rosto e o prendia frouxamente no pescoço como o estilo usado pelos homens, deixando mechas macias em volta do rosto, Sophia Edborough usava um chapéu sobre os cachos bem arrumados. Sua obsessão não deixava espaço para enfeites e sua mente lógica ecoava na apresentação pessoal.

— Você não tem ideia, Edmund — disse ela ao marido como forma de saudação, — como esta busca está se tornando difícil.

Quem lê um manuscrito, lê cinquenta. São todos iguais. O desgraçado não está em lugar nenhum.

Vendo as sobrancelhas de seu pai se juntarem, Friday apressou-se a falar. Papai sabia perfeitamente a que mamãe estava se referindo, pois os dois não tinham ouvido falar dela por dias. Uma pena que sua busca por algum arisco membro da árvore genealógica de Edborough ainda não tivesse se mostrado frutífera, pois papai não estava com humor para esse tipo de coisa hoje.

— Você vai encontrá-lo, mamãe, não seu preocupe — ela acalmou — você sempre encontra.

O que era verdade, refletiu ela. A tenacidade de mamãe era ímpar. Afinal, ela vinha perseguindo seu interesse permanente na história da família praticamente desde o momento de seu casamento. Na verdade, papai costumava reclamar que ela só havia se casado com ele porque sua ancestralidade remontava aos dias pré-normandos. Era verdade que mamãe havia escolhido seu próprio nome, Frideswid, apenas porque era inglês antigo.

Sua intervenção foi sem efeito. O Sr. Edborough olhou ferozmente para a esposa enquanto se sentava à cabeceira da mesa.

— Pelo amor de Deus, Sophy, deixe-me comer uma refeição sem discutir sua maldita árvore genealógica!

— *Sua* árvore genealógica, Edmund. — Como sempre, ela permaneceu imperturbada por sua irritação. Ela não estava alheia a ela, no entanto, porque o olhou por um momento em silêncio enquanto ele começava a servir uma terrina fumegante de sopa verde espanhola. Então ela ergueu as sobrancelhas para a filha. — Qual é o problema com seu pai, Frideswid?

— Não há nada de errado comigo — interrompeu seu marido incisivamente, entregando uma tigela cheia para sua filha para ser passada para a mesa. — E eu gostaria que você não a chamasse por esse nome ridículo.

— É menos ridículo do que “Friday”.

— Estamos atrasadas, mamãe — interrompeu Friday — O pobre papai está morrendo de fome.

Sophia Edborough olhou fixamente para o marido por um ou dois momentos. Então ela pegou a colher de sopa e deu seu veredito.

— Não é isso. Ele está bastante acostumado com isso. Deve haver algo mais em sua mente.

Impressionada com a perspicácia de sua mãe, Friday olhou para o pai enquanto recebia sua porção de suas mãos. Havia algo mais. Ela mesma notou que o humor dele estava alterado e que mamãe estava certa. Não pode ser apenas por ter que esperar pelo jantar. A tendência era esquecer que mamãe era muito perspicaz.

— Na verdade, eu não sei, mamãe. O que se passa em sua mente, papai? Conte-nos.

Ela ficou feliz em ver suas feições perderem um pouco de sua cor incomum. Ele estava se acalmando. Com deliberação, ele engoliu um bocado de caldo e depois voltou o olhar para a filha.

— Você, Friday. Você está na minha mente.

— Eu? O que quer dizer?

Olhando rapidamente para a mãe, ela viu que a Sra. Edborough estava igualmente surpresa. Ela não disse nada, porém, apenas esperou por mais informações. Sua mãe nunca fazia perguntas desnecessárias. Era óbvio que seu pai iria falar o que pensava. Então, de fato, isso aconteceu.

— Você se esquece que vai atingir a maioridade em algumas semanas?

Friday piscou. O aniversário dela! Senhor, ela havia esquecido completamente. Assim também, parecia, mamãe.

— Meu Deus! — Sua mãe fez uma pausa, a colher no ar. — Você realmente vai fazer vinte e um, Frideswid? É impressionante. Como o tempo voa!

Seu esposo se voltou contra ela.

— Então isso é tudo que você tem a dizer, não é, Sophy? Claro que é! Este é o problema em poucas palavras. Sua filha está solteirona e você não sabe a idade dela.

— Solteirona? Que absurdo. Ora, eu tinha mais de trinta anos quando me casei com você, Edmund.

— Sim, e se eu não fosse descendente de saxões, ouso dizer que você teria se contentado em permanecer uma solteirona.

— Então, pelas suas contas, meu amor, teremos Frideswid em nossas mãos até o momento em que um dos heróis de Homero descer sobre nós para arrebatá-la.

Mas o Sr. Edborough recusou-se a ser desviado pela gentileza.

— Você sabe perfeitamente o que quero dizer, Sophy, e por que estou ansioso. Quem vai cuidar de Friday e da propriedade quando nós partirmos?

Friday mal o ouviu. A piada estranhamente apropriada de sua mãe a deixou confusa. Apreensão começou a crescer em seu peito. Ela sentiu que estava ficando quente e soltou um protesto ofegante.

— Mas não tenho expectativa de me casar.

— Essa é, sem dúvida, a razão pela qual você resistiu a todos os esforços para transformá-la em uma jovem elegante — acusou seu pai. — E você recusou todas as ofertas de uma temporada em Londres.

— Não adianta esperar que eu cuide de tudo isso, Edmund. Não tenho tempo nem disposição para começar a encontrar um marido para Frideswid.

— Você não precisa me dizer isso — retrucou seu esposo. — Todo o seu tempo vai para mergulhar nas histórias de metade das famílias nobres da Inglaterra.

Se isso era um exagero, Friday sabia que havia alguma justificativa para a reclamação de seu pai. Mamãe certamente fez contato com muitos proprietários de terras distintos em sua busca pelas ramificações da família, e foi persuadida a produzir árvores genealógicas para outras pessoas, para desgosto de seu pai. Mas por si mesma, ela estava muito feliz com o envolvimento de sua mãe. Isso havia permitido a ela uma liberdade que ela não teria desfrutado de outra forma, e manteve à distância uma possibilidade que ela começava a temer. Ansiosa, ela interrompeu.

— Papai, acredite, não desejo me casar. Pelo menos, não há ninguém com quem eu... com quem eu...

Sua voz se apagou, pois em sua mente traiçoeira já havia surgido a imagem da única pessoa com quem ela gostaria de se casar. Só que não havia possibilidade de tal coisa, nem em um milhão de anos.

Felizmente, papai não percebeu sua hesitação.

— Claro que não há ninguém. Como poderia haver quando você não conheceu nenhum jovem, elegível ou não?

Mais uma vez, os pensamentos indisciplinados de Friday a traíram, quando as visões de um certo jovem — seu próprio herói grego, seu Páris — encheram seu cérebro: visões de feições tão requintadas que as mulheres quase desmaiavam ao vê-las, como ela quase havia feito naquele dia distante. Traços complementados por cabelos de um ouro pálido e olhos tão verdes que parecia que se via neles o eco do mar. E aqueles lábios, certamente esculpidos por nada menos que os deuses no Olimpo. Mas não foi só isso. Ela não era a idiota de permanecer apaixonada por um rosto bonito. Havia também um sorriso provocador e risos; uma mente perspicaz, um coração gentil e um truque cativante de olhar para Friday em busca de soluções para dificuldades sobre as quais uma mulher nada deveria saber. Ele a tratava, de fato, como se ela fosse outro menino. Mas ela não era uma mulher para ele, certamente não era uma mulher para casar.

A aguda pontada de dor que acompanhou esse pensamento a trouxe de volta à realidade. O que ela disse? Ela se entregou? Na verdade, quase nenhum tempo havia passado, a julgar pelas observações de sua mãe, embora as tigelas de sopa tivessem sido colocadas de lado e seus pais tivessem começado a comer as carnes.

— Que absurdo, Edmund. Não conheceu nenhum jovem? Ela conheceu alguns, e um em particular que se sairá muito bem. Na verdade, tenho plena confiança de que Lydia espera isso. É por isso que, deixe-me dizer, não há necessidade de me intrometer no assunto.

O Sr. Edborough olhou para sua esposa, sem perceber a crescente inquietação de sua filha.

— Você está sugerindo que Delamere deseja se casar na Friday?

Casar com Charles? Ah não. Ele era um amigo querido, é claro, assim como o vizinho mais próximo, e ela gostava muito dele. E Lydia, Lady Delamere sempre foi gentil com ela. Naturalmente, agora que seu senhor estava morto e o título passado para Charles, ela devia estar pensando no casamento dele. Mas Charles não sonharia em se casar com Friday, mais do que ela poderia.

Aqui, a coerência falhou. Ele não devia ter isso em mente. Não devia, pois era o segredo dela. Ele nunca devia saber. Eles nunca deviam saber. Pois não poderia ser. O próprio pensamento estava fazendo seu coração bater tão rápido que ela sentiu que devia sufocá-lo. Ela nunca tinha ousado ter esperança — sonhar — que se tornasse realidade. Ela sabia que ele não pensava nela dessa forma, por mais que ela mesma pudesse sentir por ele.

— Não sei o que Delamere pode desejar — Friday ouviu sua mãe dizer sobre seus próprios pensamentos caóticos. — Tudo o que sei é que Lydia mencionou o assunto mais de uma vez. Ela sente que a propriedade completaria muito bem a propriedade de Delamere.

— Eu ouvi corretamente? Anexar a propriedade à Delamere? Bom Deus! Devo entender que você, Sophy, a mesma pessoa que eu pensei que não gostaria de ver a propriedade sair da família, apoiará este esquema?

— Achei uma solução excelente — disse a Sra. Edborough suavemente.

— Sim, pois isso te pouparia o trabalho de fazer qualquer coisa sobre isso você mesma — declarou seu esposo furioso.

Mrs. Edborough permaneceu tranquila.

— Existe esse aspecto.

Antes que seu pai pudesse explodir, Friday interveio rapidamente, embora com uma voz trêmula, bem diferente de seu tom usual, e de uma forma apressada e preocupada que chamou a atenção de ambos os pais.

— Por favor, não discutam. Tenho certeza de que Charles não tem intenção de me pedir em casamento. Na verdade, eu não acho que ninguém... isto é, qualquer pessoa que eu conheço, iria querer se casar comigo. Não há ninguém com quem eu gostaria de me casar, de qualquer forma. Afinal, ele... ele mesmo diz que não sou nada além de uma sabichona. E quem, em sã consciência, gostaria de se casar com uma? Eu não o culpo, sinceramente não.

A pausa que saudou essas palavras cambaleantes deixou Friday trêmula. Olhando de um para o outro de seus pais, os quais haviam feito uma pausa no ato de se servir dos vários pratos colocados sobre a mesa, ela descobriu um olhar penetrante no semblante de

seu pai, enquanto sua mãe a olhava em uma maneira fixa que era singularmente enervante. Eles conseguiam ler sua mente?

Mrs. Edborough foi a primeira a falar.

— E quem, Frideswid, é “ele”? Delamere?

— De quem vocês estão falando? — Bom Deus, quão inútil ela se tornava quando suas emoções tomavam o controle. Oh, pela calma de mamãe; ou mesmo as explosões controladas do papai.

Ele emitiu uma delas agora.

— Você é surda além de cega, Friday? Sua mãe está perguntando, assim como eu, deixe-me acrescentar, exatamente quem é o cavalheiro que se refere a você como uma sabichona?

— Oh, mas garanto-lhe que não me importo, papai — disse Friday, desesperada para desviar sua atenção daquela pergunta agonizante.

— Não estou perguntando se você se importa, Friday. Estou perguntando sobre a identidade desse cavalheiro que aparentemente roubou sua inteligência.

Ele a roubou de muito mais do que isso. Só que não era culpa dele que ela...

— Frideswid! — O tom neutro de mamãe interrompeu seus pensamentos. — Quem “em sã consciência” não gostaria de se casar com você? Se você não está falando de Delamere, então...

— Eu estava... eu estava falando em geral — Friday engasgou, piscando rapidamente sob os óculos quando uma pontada começou em seus olhos e sua garganta apertou.

A preocupação surgiu no rosto de seu pai. Ele notou sua angústia? Mas a Sra. Edborough evitou qualquer coisa que ele pudesse ter dito.

— De quem você está “falando em geral”?

Quase chorando, Friday mordeu o lábio, lutando pelo controle. Ela não podia chorar. Graças a Deus pelos óculos que escondiam tudo. Respirando dolorosamente, ela convocou um sorriso fugaz. Ela gostaria de dar uma risada leve, mas temeu que saísse como um coaxar fraco.

— Sério, mamãe — ela produziu, no que ela sentia ser uma suposição pobre de facilidade — eu não consigo imaginar por que você está tão preocupada. Eu não quis dizer nada, de verdade.

— Oh? — Seu pai disse, ainda olhando para ela com aquele olhar intenso, embora seu rosto tivesse suavizado.

— Sinceramente — ela insistiu, tomando coragem sob uma necessidade profunda de preservar seu segredo. — Não foi nada além de uma... uma espécie de piada pobre entre — ela engoliu com a garganta seca e puxou outra respiração rápida — entre mim e ... Nicolas.

Ela estava consciente de abaixar a voz no final, mal sussurrando o nome.

— Nicolas? — Sua mãe franziu a testa enquanto repetia o nome, como se nunca tivesse ouvido falar dele.

O Sr. Edborough estava mais bem informado.

— Ah, você quer dizer o menino Weare. Agora eu entendo. Muito bem.

— Oh, o amigo de Delamere, você quer dizer.

E meu, pensou Friday com uma onda de calor em seu coração, ciente com apenas um reconhecimento fugaz das observações estranhas de seu pai. Pelo menos ela tinha sua amizade, sua companhia. Talvez com menos frequência ultimamente, ela lembrou com uma pontada. Mas ela não podia reclamar. Se ela não podia estar feliz em sua ausência, pelo menos estava contente. Ela tinha seus clássicos para desviar sua mente para contos antigos de aventuras de deuses e homens. E ela tinha suas memórias. Essas memórias preciosas...



AOS QUINZE ANOS, Friday sentia que a Ilíada de Homero não era tão interessante. Parecia ter perdido a maior parte da atração que a levara a um turbilhão de excitação quando ela lera pela primeira vez com seu pai. A essa altura, ela era capaz de ler grego com quase a mesma fluência com que lia em inglês e estava tão familiarizada com a Ilíada que podia folhear em busca de passagens específicas, procurando qualquer referência de que precisasse.

Hoje, no entanto, a sensação usual de apreensão não a atacou quando Aquiles ouviu falar da morte de seu amigo Pátroclo nas

mãos do herói de Tróia, Heitor. Ela leu sobre sua raiva perturbada quase com indiferença, embora soubesse que esse seria o ponto de virada na guerra. Pois, em sua dor torturada, Aquiles mataria Heitor, cuja morte marcou o início do fim dos troianos.

Ela leu preguiçosamente, esticada em seu comprimento na grama, sem se importar com o aperto em seu vestido, apoiada em seus cotovelos, o livro perto o suficiente de seus olhos onde estava no chão para que ela fosse capaz — livre das severas contestações de Papai — de remover seus óculos que estavam abandonados em algum lugar ao lado dela. Assim abrigada em seu refúgio favorito de bom tempo, no topo de sua colina particular, além do bosque que delimitava as propriedades de Edborough e Delamere, Friday foi capaz de esquecer a realidade monótona e permitir que sua imaginação voasse.

Mas sua mente não estava viva com as imagens de Aquiles e Heitor hoje. Em vez disso, foram Páris e Helena que ocuparam seus pensamentos confusos. No passado, ela tinha apenas ficado com raiva dos dois por se comportar de maneira tão temerária que toda essa trágica queda de um povo aconteceu. Dificilmente se poderia culpar Menelau por se vingar do sequestrador de sua esposa, embora ele pudesse ter evitado matar Páris, Friday havia decidido isso a muito tempo. Não havia realmente necessidade de trazer todo o reino de Tróia para ele. Nem de arrastar seu irmão Agamenon, para não mencionar Aquiles e Ajax, e todo o resto dos heróis gregos, junto com todos aqueles soldados condenados, para um cerco de dez anos. Realmente, os homens eram muito estúpidos.

Mas, por alguma razão, esse aspecto da questão agora empalidecia até a insignificância ao lado do romance de Páris e Helena. O que ela fez que o levou a quebrar todas as regras de honra? Mais importante que isso, o que poderia levar essa mulher a destruir todos os seus votos e abandonar o marido? De acordo com Homero, sua beleza era incomparável. De acordo com Friday, Páris deve ter sido igualmente bonito.

Ele devia, ela pensou, ter cabelos dourados, acima de um semblante modelado com uma delicadeza que faria os pintores pegarem seus pincéis para aplicá-los instantaneamente na tela, cada um apresentando um modelo de perfeição, de modo que

juntos se tornassem um todo tão lindo . que teria agradado todos os que a viram, fazendo com que suspirassem de admiração.

Ela acabara de conjurar uma visão que se encaixava admiravelmente nesses requisitos, quando uma comoção irrompeu no bosque atrás dela, apagando a imagem de sua mente. Um latido feroz que só poderia vir de uma garganta e um som de algo se quebrando soou quando algo ou alguém percorria um caminho irregular pela floresta.

— Oh, Bruno! — Exclamou Friday, irritada. O que ele estava fazendo agora? Ela lutou para se levantar e se contorceu para poder ver o contorno borrado do bosque, quando uma figura nebulosa saiu em disparada da floresta, seguida de perto por uma forma galopante que ela sabia ser de seu cão miserável.

Pulando de pé, Friday se lançou em seu socorro, percebendo que ao fazê-lo, ela realmente ouviu o rosnado dele à distância junto com uma vaga voz de protesto e alarme. Amaldiçoando com uma vontade digna das queixas do próprio Papa a abstração total que sempre a envolvia quando lia, ela ergueu as anáguas pesadas acima dos tornozelos e foi até o cachorro, gritando imprecações enquanto andava.

— Pare com isso, Bruno! Cachorro Mau! Pare imediatamente!

Ela teve a impressão que a pessoa junto ao cachorro a ouviu, porque ele diminuiu a velocidade e depois parou. Com o coração na boca, Friday o viu cambalear e depois desabar no chão no momento em que Bruno o alcançou, saltando com um latido triunfante sobre o corpo caído.

— Bruno, pare! — Gritou Friday chegando ao local alguns segundos depois e batendo freneticamente no animal enquanto tentava agarrar sua coleira. — Cachorro mau, Bruno! O que você pensa que está fazendo? Você quer me causar problemas, seu animal terrível?

Bruno rosnou seus protestos ao ser arrastado, até que um tapa forte em seu focinho o fez gemer. Achatando-se na grama, seu peso arrastando Friday para baixo em suas ancas, ele jogou a cabeça e soltou um gemido, olhando sua dona de uma maneira depreciativa, que ela interpretou sem dificuldade. A raiva superou seu medo enquanto ela o repreendia.

— Não adianta fingir que você não quis fazer isso, seu cão terrível. Posso acreditar que você estava apenas brincando, mas papai certamente não vai. E como você espera que eu salve você quando tiver que explicar isso?

Jogando um dedo acusador na figura que estava deitada ao lado dela no chão, Friday virou a cabeça enquanto falava. Ele estava mortalmente imóvel. Oh santo Deus. Ela tinha pensado que ele simplesmente havia caído. Ele poderia estar gravemente ferido?

— Oh, Bruno, o que você fez? — Ela lamentou em pânico. Segurando o cachorro com firmeza pela coleira, ela se aproximou e se ajoelhou ao lado do corpo. Manchas na sobrecasaca e nas calças comprovavam o ataque de Bruno, e uma mancha ameaçadora espalhou-se por uma mão de um punho de renda avermelhado. Tensa de apreensão, Friday se aproximou para examinar seu rosto.

Ele entrou em foco de repente, e Friday congelou acima dele. Seu coração deu um pulo e parou. Então começou a bater de novo, em uma batida lenta que se acumulou em sua cabeça e ameaçou privá-la de seus próprios sentidos.

O céu a ajudasse, mas o rosto era quase exatamente aquele rosto que ela havia sonhado alguns momentos atrás! Ele era muito jovem. Sua própria idade, ou cerca de um ano mais velho. Seu cabelo era de um ouro pálido, preso no pescoço. E suas características! Ela nunca tinha visto tanta beleza. Não, não nas imagens que enfeitavam as paredes de qualquer casa em que ela tivesse estado. Nem nas gravuras ou esboços que ela tinha encontrado nos livros. Em nenhum lugar, de fato, existia tal rosto. Mas era real. Pois aqui estava ele, deitado a seus pés, perseguido por seu cachorro Bruno, exatamente como ela havia imaginado: o Páris de seus sonhos.

Ela estremeceu, estranhamente surpresa por este estranho truque de sua mente. Era como se ela tivesse sonhado com ele.

Só então ele se mexeu, e seus olhos piscaram e se abriram, revelando um olhar verde que olhou para ela franzindo a testa em perplexidade por um ou dois momentos.

— Cachorro... onde...? — Murmurou ele vagamente, lembrando-se de Friday para uma noção de suas obrigações.

— Eu sinto muito — disse ela com pesar. — Ele é muito travesso às vezes. Você está muito ferido?

O rapaz olhou por cima do ombro e abruptamente levantou a mão para empurrá-la para trás enquanto lutava para se levantar.

— Fique longe!

— Não tenha medo, está seguro agora — assegurou-lhe Friday, empurrando Bruno atrás dela. O pobre rapaz deve ter visto ele tentando se intrometer novamente. — Ele não vai tocar em você enquanto eu estiver aqui.

O jovem colocara as mãos na cabeça, evidentemente ainda um pouco tonto por causa do desmaio. Friday não conseguia ver seu rosto tão bem agora, pois havia colocado uma pequena distância entre ele e o seu cão travesso. Mas ela reconheceu seu tom quando ele falou novamente, e viu os olhos brilharem um pouco.

— Oh, ele é seu, não é? Então por que você não pode mantê-lo sob seu controle? Uma besta feroz como essa não deve ter permissão para vagar pela propriedade.

— Ele não é feroz — respondeu Friday indignada, disparando em defesa de seu animal de estimação. — E é nossa propriedade, afinal.

— Não é sua propriedade — retrucou a vítima, massageando a testa com cuidado. — É de Lord Delamere.

— Certamente não é. A propriedade de Delamere é paralela, mas o bosque é nosso.

— Não é isso que Charles diz.

Friday franziu a testa terrivelmente, desviada do infeliz encontro do rapaz com Bruno.

— Se Charles Delamere vai dizer que o bosque pertence a seu pai, então ele logo será corrigido por minha mãe. Ela pode lhe dizer a polegada onde a terra Delamere termina e a nossa começa.

O jovem se levantou e ficou cambaleando levemente.

— Escute, eu não sei quem você é, e não me importo com quem é o dono do bosque. Mas, se formos falar de correção, você, mocinha, pode muito bem se encontrar diante de um magistrado por causa do ataque de seu cachorro contra mim. — Ele apontou enquanto falava e então segurou sua própria mão ao ver o vermelho. — Meu Deus, ele tirou sangue!

Friday estava prestes a se opor à nota condescendente, mas com isso ela se lançou para frente para examinar o pulso de onde o jovem havia puxado o punho manchado de sua camisa. Os dentes de Bruno realmente perfuraram a pele. A culpa a consumiu.

— Oh, senhor, eu sinto muito. Vamos imediatamente para minha casa e eu posso cuidar disso.

— Obrigado, mas eu prefiro voltar para Delamere Place — ele respondeu, um pouco menos frio.

— É muito mais rápido chegar à nossa casa — insistiu Friday, e soltou Bruno quando ela se aproximou.

O jovem recuou apressado enquanto o animal mostrava os dentes, rosnando. Mas Friday deu outro tapa forte em seu focinho.

— Você já fez o suficiente, Bruno. Comporte-se! Ele não vai machucar você, eu prometo — ela acrescentou para o rapaz.

— Se a sua presença é essencial para garantir isso, acho melhor aceitar o seu convite. A menos que você se importe em me acompanhar de volta a Delamere?

— Claro que vou — depois que você estiver com um curativo. Vamos até lá na carruagem de meu pai. Não acho que deva andar muito.

— Meu Deus, não sou um inválido!

— Mas o senhor desmaiou. Ouso dizer que ainda está se sentindo um pouco tonto. Confie em Mim.

Aproximando-se dele, Friday se moveu como se fosse suportar seu peso de um lado, mas ele se afastou.

— Sou perfeitamente capaz de andar, obrigado.

— Muito bem, então — disse Friday ofegante, inexplicavelmente magoada com a rejeição. — Estou apenas tentando ajudar. Mas se não quiser, tenho certeza de que não me importo.

Inesperadamente, o rapaz riu.

— Já são duas vezes que eu consigo lhe ofender. Quantas vezes mais, eu me pergunto, antes que eu me vingue pelas travessuras do seu cachorro miserável?

Friday sentiu um estremecimento perturbar sua boca e foi obrigada a sorrir. A dor evaporou em um brilho quente.

— Tenho a sensação de que vai compensar grosseiramente o dano que Bruno fez ao senhor.

Ele riu.

— Muito provavelmente. Quem é a senhorita? Filha do Sr. Edborough?

— Sim. Sou Friday, Edborough.

— Oh, Friday. — Ele a encarou com um novo interesse. — Eu ouvi muito sobre a senhorita.

Exatamente o que ele ouviu? Não que ela fosse perguntar.

— De Charles, eu espero. Nós nos conhecemos praticamente desde o berço. O senhor deve estar em Oxford com ele. — Ela suspirou, lembrando-se de uma reclamação familiar. — Como eu os invejo. Não permitem mulheres na universidade. Acho que é extremamente injusto.

Havia uma nota de provocação em sua voz quando ele respondeu.

— Meu Deus, o que vem a seguir? Nunca deveríamos ter um momento de paz se eles deixassem as mulheres entrarem. De minha parte, eu ajudaria a barricar as portas.

Friday caiu diretamente na armadilha.

— Oh, o senhor faria isso? Então, só posso dizer que estou feliz que Bruno o tenha mordido, senhor... senhor... eu nem sei o seu nome — ela terminou de forma exasperada quando ele começou a rir.

— Nicolas Weare, — disse ele, com uma pequena reverência simulada. — Não muito ao seu serviço, Srta. Edborough.

— Friday — ela corrigiu, retrucando — e eu não preciso de seus serviços. O senhor precisa do meu.

— Suponho que sim — concordou ele, pesarosamente examinando o sangue em seu punho. — Se for lavadeira, claro.

— Não seja bobo. O senhor vem ou não?

Todos os seus desconfortos desapareceram. Eles podem ter se conhecido desde sempre. Ela sorriu radiante e se voltou para o bosque.

Ele começou a segui-la, mas parou de repente, estendendo a mão.

— Eu odeio dizer isso, Friday, mas estava certa. Empreste-me seu ombro, está bem?

Friday se moveu rapidamente com o tom mais baixo dele. Nicolas empalideceu, claramente instável em seus pés. O medo voltou. Ela correu até ele, e seu rosto voltou a ficar em foco abruptamente. Seu coração deu um pulo. Ela havia se esquecido, com toda a agitação e discussão, sobre a semelhança dele com aquele Páris de sua imaginação. Quando ela permitiu que ele colocasse o braço sobre os ombros dela — ele era quase trinta centímetros mais alto do que ela, então ele era capaz de fazer isso confortavelmente — e colocou o braço em volta da cintura dele, ela sentiu um tremor interior atacá-la e uma leve vibração de seu pulso.

Nenhum dos dois falou enquanto eles começavam a avançar cautelosamente, Friday firmemente pisando o solo. A timidez a havia atacado e, com isso, veio uma completa ausência de atenção ao que estava fazendo. Quando chegaram ao bosque, ela quase os levou direto para uma árvore.

Nicolas a fez parar.

— Ei, sou eu que estou ferido. O que diabos está acontecendo com a senhorita?

Constrangida, Friday piscou estupidamente. Seus óculos! Ela estava cambaleando como uma idiota. Desprendendo-se apressadamente, empurrou Nicolas contra a árvore.

— Segure-se nisso. Espere aqui! — Ela comandou asperamente, em uma onda de autoconsciência.

— O cachorro! — ele gritou quando Bruno apareceu pulando.

— Bruno, venha aqui! — gritou ela, com tanta força que o animal parou no meio de um passo, olhou de sua presa para sua dona e, decidindo-se a favor desta última, disparou atrás de Friday, enquanto ela voltava veloz para onde havia deixado seu livro.

Com os óculos mais uma vez apoiados no nariz, ela se sentiu muito mais ela mesma e seu constrangimento diminuiu. Até que ela teve uma imagem nítida de Nicolas Weare de pé perto da árvore, aguardando seu retorno, e notou, conforme se aproximava, uma expressão divertida em seu formoso semblante.

— Agora eu sei o que estava faltando — disse ele, sorrindo. — Charles a descreveu com essas coisas no rosto. É por isso que eu não percebi quem era no início.

— Ótimo. Estou encantada por ser conhecida apenas como a moça de óculos.

— E a intelectual — acrescentou Nicolas em tom amigável. — Eu me lembro da governanta da minha irmã.

Uma governanta era tão longe de como ela gostaria que ele pensasse nela que, para esconder seus sentimentos feridos, ela imediatamente se refugiou em uma atitude hostil e direta que suportou a acusação.

— Vamos, pelo amor de Deus, ou vai cair desmaiado de novo.

Nicolas Weare aparentemente não se deixou enganar. Quando ela pegou seu peso mais uma vez e eles partiram novamente, ele disse provocativamente:

— Visto que eu já lhe conheço como a mulher ofendida, ouso dizer que não fará objeções se eu adicionar essa descrição à que Charles me deu.

— Muito obrigada.

— De modo nenhum. Diga-me, você planejando fazer carreira como uma sabichona ou é apenas uma fase pela qual está passando?

Friday ergueu os olhos para ele e viu o brilho em seus olhos. O alívio a inundou e ela se animou com ele. Entrando no espírito da coisa, ela exigiu intencionalmente:

— O senhor deseja que eu chame os serviços de Bruno novamente, Nicolas Weare?

— Não, retiro o que disse — gritou ele, rindo. Mas ele olhou para o animal, que os seguia a uma distância discreta à direita. — O que quer com um bruto assim, em qualquer caso? Um animal de estimação estúpido, se quer saber a minha opinião. Por que ele não está fazendo seu bom trabalho de caça?

— Porque ele tem medo de raposas — explicou Friday defensivamente, mordendo instantaneamente a isca. — Não é culpa dele. Ele é um mestiço com um perdigueiro. E eu não perguntei sua opinião.

— Quer dizer que ele é um vira-lata — disse Nicolas, ignorando este último comentário. — Suponho que ele também tenha medo de pássaros?

— Claro que não. Só papai não permitiria que ele se tornasse um cão de caça, porque ele não suporta tiros.

— Meu Deus, que coração fraco! E eu o considerei um verdadeiro Cerberus.

— Não seja bobo. Cerberus tinha três cabeças e estava guardando os portões do inferno.

— Eu poderia jurar que seu cachorro tinha três cabeças — disse Nicolas comovidamente. — E se isso não é o inferno, o que é?

— Sério, o senhor é abominável — disse Friday, zangada, dividida entre a fúria e a risada. — Por que Charles teve que convidá-lo para cá, eu não posso imaginar. Ele deve ter moinhos de vento na cabeça. E eu gostaria não continuasse rindo assim!

— Não posso evitar — disse Nicolas, bastante convulsionado. — A senhorita é a presa mais fácil de qualquer pessoa que já conheci. Devo persuadir Charles a me convidar com mais frequência...



NÃO HOUVE NECESSIDADE, Friday pensou, ao voltar ao presente com um sorriso inconsciente no rosto, de Nick persuadir Charles de qualquer coisa desse tipo. Ele deve ter ficado cansado ao longo dos anos de tanto ouvir seu apelo incessante. “Quando Nick vem visitá-lo novamente, Charles?”

Ela descobriu que o jantar tinha acabado, saindo de seu semi transe de lembrança, e que sua mãe estava se levantando para deixar seu pai tomar seu porto solitário. Todos se encontrariam novamente mais tarde, quando a bandeja do chá fosse trazida antes de dormir. Mas agora ela estava livre para voltar para seu refúgio na biblioteca e se entregar a devaneios. Contanto, ela se lembrou apressadamente, já que eles não tinham nada a ver com casamento.

Ela tinha, naqueles primeiros dias, feito exatamente isso. Bem, talvez ela não tivesse ido tão longe quanto o casamento. Mas ela tinha sonhado com um amor correspondido, com uma paixão tão inflamada quanto a dela. Mas nos sonhos ela era uma Helena, não uma Friday. E embora quando Nicolas estivesse fora ela pudesse

moldar seus sonhos segundo sua própria inclinação, quando ele estava presente, com o riso em seu rosto enquanto ele a pegava uma e outra vez em suas armadilhas provocadoras, ela nunca poderia esquecer a realidade. Ela estava bem sendo Friday, uma senhorita de óculos, A sabichona. A intelectual — e muitas vezes ofendida, graças às piadas de Nick — mas em nenhuma forma sequer remotamente bonita.

A Helena de Nick, quando aparecesse, não se pareceria em nada com Friday. Ela sabia disso, pois ele já havia sido vítima, como outros rapazes, de várias Helenas em potencial. Pelas descrições dele — ah, como um coração desconhecido poderia ferir com crueldade inconsciente! — ela era tão diferente das mulheres para as quais seu gosto afetava quanto poderia ser.

Ela se viu diante da janela da biblioteca, olhando para os gramados que levavam ao bosque e, através deles, seu refúgio no topo da colina. Nicolas a tinha encontrado com frequência ali depois daquele primeiro encontro. Com medo de deixar transparecer seu encanto no rosto, Friday sempre colocava os óculos para cumprimentá-lo. Além disso, ela podia vê-lo melhor. Ele tinha ficado mais bonito com os anos, a mandíbula firme de um homem e a força de traços sobrepondo a delicadeza de sua aparência jovem.

Ela suspirou de novo e, lembrando-se da terrível perda de coerência que a atacou na mesa de jantar, torceu para que seus pais não tivessem entendido nada disso. Ela não queria se casar, se não pudesse se casar com Nicolas. E já que ela não podia mais se casar com Nick do que voar para a lua, ela estava condenada à vida de solteirona. Ela não se importava. Ela já havia se decidido há muito tempo. Se ela pudesse ser deixada sozinha sobre o assunto. Deus permita que o súbito interesse de seu pai em seu futuro diminua tão rapidamente quanto surgiu.



Capítulo 2

— Casar com *Friday*? — engasgou o jovem Sr. Weare, olhando para seu pai em estado de choque. — Perdoe-me, meu pai, mas deve ter perdido o juízo!

— Não fale nesse tom comigo, garoto — gritou seu pai, batendo o punho no braço de sua poltrona. — Você vai fazer o que lhe for ordenado uma vez na vida.

Nicolas comprimiu os lábios em uma réplica afiada. Era difícil para ele se calar, pois não havia realizado todas as tarefas, por mais que não fossem de seu gosto, que seu pai lhe designara? Ele não tinha vindo de Londres em alta velocidade a seu pedido? No meio da temporada além de tudo, como sua elegante casaca azul sobre peles de gamo e botas de cano alto testemunhavam. Todos estavam elegantemente ajustados à sua forma esguia, sua gravata amarrada na última moda, seus cachos de ouro pálido balançando acima de sua sobrancelha e cortados para descansar em seu colarinho alto.

Ele fazia o que era ordenado, assim como todos os três irmãos faziam, em um esforço para aliviar as angústias da vida de Lorde Weare. Deus sabia que ele entendia como devia ser difícil ficar confinado a uma cadeira no auge da vida, vítima de uma dor crônica; ver apenas os amigos que se importavam o suficiente para visita-lo; viver sozinho nesta grande mansão, exceto por um grupo de criados.

Os limites da existência de Lorde Weare haviam diminuído continuamente para as quatro paredes do salão verde, com duas jornadas dolorosas para o quarto, em que sua família sabia que

seria o lugar onde um dia ele estaria totalmente confinado. O quarto, decorado em tons agradáveis de estofamento verde contra um bonito papel de parede listrado, era o mais agradável possível, graças aos esforços de sua filha. Uma grande mesa de trabalho mantinha seus livros perto da cadeira confortável ao lado do fogo. Sua posição dava para o gramado da frente e ficava de frente para a porta para que ele sempre pudesse ver quem entrava em seu santuário.

Mas era uma vida monótona, acreditava Nicolas. Uma vida que havia se tornado pior desde que Caro se casou e foi morar perto de Reading. Tony e ele meio que esperavam ser chamados de volta para morar em casa. Na verdade, Tony tinha apostado que essa convocação provaria ser exatamente isso.

— Guarde minhas palavras, meu velho — havia profetizado seu irmão mais velho com tristeza. — Ele ficou sabendo do seu interesse na pequena Hesket e pretende mantê-lo seguro em casa, fora de perigo.

Nick respondeu que, se alguém precisava ser salvo, era o próprio honorável Anthony Weare.

— Você não acha que Caro vai deixar você se casar com Griselda, acha? Além disso, é muito mais importante com quem *você* se casa. Você é o herdeiro.

Na verdade, Nicolas achava muito provável que seu pai o tivesse convocado com o propósito de dizer uma palavra sobre seu romance. Não que ele acreditasse que Caroline o trairia, não importa o quanto ele a desaprovasse. Ele conhecia o temperamento incerto de Lorde Weare e a ele não poderia expor voluntariamente nenhum de seus irmãos. Mas Lorde Weare manteve correspondência com velhos companheiros de sua falecida mãe o suficiente para ter descoberto Nick sem qualquer ajuda de Caro.

Sim, ele esperava uma repreensão estrondosa. Mas ele dificilmente havia negociado por isso. Um casamento com a pequena Friday Edborough? Ele não conseguia imaginar como seu pai tinha chegado a uma ideia tão estranha.

— Eu não entendo, senhor — ele arriscou, —o que colocou este esquema em sua cabeça?

— Edborough em pessoa — respondeu Lord Weare prontamente, e Nick ficou feliz em notar que seu próprio tom mais calmo havia alisado as penas eriçadas. — Veio me ver há alguns dias com uma proposta muito favorável.

— Favorável! — Ecoou Nicolas sem proteção.

— Extremamente favorável — reiterou seu senhor com ênfase, lançando lhe um olhar furioso. — E se você não é o idiota que eu imagino, vai aproveitar sua chance e ser grato.

Nick ficou tentado a replicar que era exatamente o idiota que seu pai pensava que ele era; que ele não dava a mínima para a proposta de Edborough, favorável ou não, e que ele não se casaria com ninguém exceto Hermione — o objeto divinamente angelical e celestial de sua adoração, que ele sabia que seu pai desaprovaria veementemente.

Foi o último pensamento que o manteve em silêncio, de pé em frente à cadeira de seu pai. Isso, e uma curiosidade relutante que começou a crescer em sua mente. Talvez tenha sido o Sr. Edborough quem enlouqueceu. Ele não conseguia acreditar que Friday pudesse realmente desejar se casar com ele. Ele ou qualquer um. Ela não era esse tipo de mulher. Nunca lhe passou pela cabeça que ela algum dia se casaria. Então, por que essa missão peculiar de Edborough para seu pai?

— Bem, senhor? — Perguntou ele brevemente.

Lorde Weare olhou para ele sob as sobrancelhas cor de areia grossas. Seu corpo poderia tê-lo traído, mas ele ainda tinha todo o fogo em um rosto bonito — agora prematuramente forrado de uma dor incessante — que atraiu a mulher que havia legado sua beleza excepcional de rosto para seu segundo filho. Embora os outros dois, em sua maioria favorecendo seu pai, fossem geralmente considerados de boa aparência. Nicolas estava apto a se perguntar se a lembrança de sua mãe morta em seu rosto explicava as reprimendas frequentes que recebia da língua de seu pai.

Nesta ocasião, talvez ele tenha sentido que uma abordagem mais suave poderia servir melhor ao seu propósito, pois ele se absteve de qualquer repreensão ao tom abrupto de Nick. Ele se recostou na cadeira e cheirou rapé.

— Homem sensato, Edborough. Disse que não via razão para esperar qualquer atrevimento romântico. Disse que sua filha não é esse tipo de garota. Bobagem, se você me perguntar. Todas as meninas têm suas cabeças recheadas com mais nada.

— Não Friday — interrompeu Nicolas com convicção.

— Pah! Não acredite. Só preciso olhar para Caroline. Apaixonou-se por aquele Cleeve à primeira vista, ela me disse.

— Sim, mas Richard era perfeitamente elegível — protestou Nick, relembrando a grande fortuna de seu cunhado.

— Se isso é o que te incomoda, meu garoto, você não tem nada a reclamar, — anunciou Weare triunfantemente. — Case com essa garota de Edborough e você estará feito pelo resto da vida.

Nick ficou olhando.

— O que quer dizer, senhor?

— Ha! Pensei que você não seria tão arrogante quando ouvisse a soma total disso. Edborough pretende deixar toda a sua propriedade para a filha, desde que ele possa vê-la com alguém que cuidará do lugar e dela.

— O senhor acha que eu poderia me contentar em viver da generosidade de Friday? — perguntou Nicolas, revoltado. — Prefiro continuar na política.

Era um sacrifício considerável, e seu pai sabia disso. Ele odiava política. Odiava a necessidade de ficar perto de homens de negócios e tentar obter favores dos governadores da nação. Ele preferia que seu pai o tivesse empurrado para os serviços religiosos ou para a igreja. Qualquer coisa em preferência ao mundo sujo de homens sedentos de poder lutando por uma posição. Mas Lorde Weare — depois de resolver o pior de seus pecadilhos juvenis — declarou que seu filho demonstrava pouca aptidão para qualquer coisa, exceto bancar o tolo, e decidiu que era melhor ser pago por isso.

— Você pode ter que continuar — disse seu pai agora, — se você for tolo o suficiente para olhar os dentes de um cavalo que recebeu de presente. Meu Deus, que oferta melhor um filho mais novo poderia desejar? Não que você não goste da garota.

— Claro que gosto dela, — interrompeu Nick rapidamente, — mas...

— Em qualquer caso — continuou seu pai, cavalgando sobre ele —, é intenção de Edborough liquidar parte da propriedade imediatamente após o casamento. Você desfrutará de uma bela situação. Claro, como marido da garota, no final tudo virá para você.

Isso era pior do que qualquer coisa.

— Excelente! Portanto, devo figurar como um caçador de fortunas e privar Friday de sua herança. Agradeço, senhor, mas não.

— Senhor do céu, menino, você é um idiota convicto? — perguntou seu pai irascivelmente. — O maná do céu cai em seu colo e você o rejeita como um insulto.

— Não só a mim — disse Nick com raiva. — O que devo oferecer às pobres moedas espanholas de Friday? Ela veria minhas intenções em um instante. Eu não vou fazer isso.

— Ah, chegamos lá, não é?

Havia um brilho perigoso nos olhos de Lorde Weare que fez o estômago de Nick balançar nauseante. Seu senhor tinha ouvido.

— Devo acreditar — perseguiu seu pai de uma forma desafiadora — que você não se importa com esta sua Friday. Se for esse o caso, talvez você possa explicar por que viveu no bolso dela nos últimos não sei quantos anos.

— Eu não fiz isso — protestou Nicolas desconfortavelmente. — Só porque eu a vi muitas vezes quando visitei Charles...

Ele parou, lembrando quantas vezes ele havia deixado Charles para ir ver Friday por conta própria. Mas isso foi apenas porque Charles ficava entediado com suas discussões incessantes sobre os mitos clássicos, pois Delamere havia muito abandonado qualquer pretensão de ser um estudioso. Mas Friday, que acreditava apaixonadamente em todas as histórias ridículas do mundo antigo, era um alvo fácil para todas as tentativas de Nick de refutá-las. Ele só fazia isso porque ela se agitava rapidamente. Era irresistível. Ela ficava tão engraçada quando ficava zangada, seu rostinho sardento enrugado sob aqueles óculos enormes, aquele halo fofo de cabelo saindo dele em fios rebeldes como uma coruja insana.

Perdido em pensamentos, ele começou a andar pelo salão, sem perceber como seu pai o observava com expectativa.

Ela era uma boa espécie, Friday: infalivelmente gentil, sempre pronta para uma palavra simpática. Ele tinha o hábito de confiar-lhe

tudo, como se fosse sua irmã. Como na vez em que ele apostou sua mesada além da conta, ou quando foi pego beijando aquela linda ajudante de cozinha e a moça tinha escolhido fazer um escândalo, acusando-o de coisas muito piores. Friday o incitou a confessar tudo a Lorde Weare, que não acreditou em seu lado da história, é claro. Mas a garota foi comprada e ponto final — exceto que ele se viu na política. Ele culpava Friday por isso. Só de brincadeira; mas ela sabia tudo a respeito, e ele considerava natural sua aceitação de tais questões, pois ela pouco se importava com isso, talvez porque aventuras desse tipo fossem tão frequentemente relatadas nos clássicos. E eles podiam falar sobre esses assuntos porque nunca tinham sido acompanhados, devido, como ele sabia, ao controle frouxo da Sra. Edborough, pois Lady Delamere costumava reclamar disso. Mas nunca parecia que eles precisavam de um acompanhante. Com Friday ele podia falar sobre qualquer coisa, sem temer consequências negativas. Ela não era como as outras garotas.

Ele congelou por dentro. Meu Deus, Friday sabia tudo sobre ele, todos os seus lapsos de menino. Como ela poderia se tornar sua esposa? As esposas nada sabiam dessas coisas ou fingiam que não sabiam. Friday não tinha nem um pingo de fingimento em seu corpo, pelo que ele sabia. Ele confiara a ela todos os seus segredos — quase. Mas casamento? Não, não, fora de questão. Ultrajante pensar nisso. Ela riria na cara dele.

Percebendo-se à deriva no meio da sala, seus olhos buscaram o pai e ele começou a falar impetuosamente.

— Sim, gosto muito dela, claro que gosto. Ela tem sido uma boa amiga para mim. Mas eu não poderia me casar com ela, senhor. Garanto-lhe que todo o assunto está fora de cogitação.

Por um momento, seu pai simplesmente olhou para ele, esperando por uma parte invisível, sua cor se aprofundando. Nicolas conhecia esses sinais e se preparou. Mas Lorde Weare falou com uma voz áspera e silenciosa, mais intimidante do que um grito.

— Fora de cogitação, hein? Você não me engana, Nicolas, então nem pense nisso. Você não seria tão contra o casamento com esta sua preciosa Friday se não tivesse se apaixonado por uma criatura,

que qualquer homem decente teria usado como merecia e descartado para tomar outra como esposa.

Nicolas ficou tão furioso que não ousou falar por um ou dois segundos. Não havia dúvida de que Tony estava certo. De alguma forma, Lorde Weare ficou sabendo de Hermione. Mas sugerir que ele a tomaria por amante era intolerável. Ele sabia que a Sra. Hesket tinha um passado duvidoso, mas ela havia se tornado respeitável e era injusto acusar sua divina Hermione da mesma coisa. É verdade que a Sra. Hesket estava vendendo a filha pelo lance mais alto. Ele não era tão cego a ponto de ignorar isso.

Além disso, a própria Hermione disse a ele que o caso deles era impossível. Sua mãe nunca consentiria em seu casamento com um filho mais novo. Mas, enquanto ambos estivessem livres, havia uma chance. Ele havia prometido pensar em algo. Ele não sabia o que, embora a fuga estivesse continuamente passando por sua cabeça. Mas se ele fosse forçado a essa aliança absurda — com Friday de todas as pessoas! — toda esperança estaria perdida.

Ele examinou o pai e tomou uma decisão. Discrição era a melhor saída.

— Eu não sei, senhor, do que está falando.

— Você não sabe, hein? — Disse seu pai severamente. — Então é melhor você inventar um bom motivo contra o esquema de Edborough, ou eu saberei o que fazer a respeito.

Era demais. O que ele era, um peão em um jogo?

— Senhor, não devo ter escolha no assunto? Minha inclinação significa tão pouco para o senhor?

— Inclinação? Você mesmo disse que não desgosta da garota. Todo o esquema é a seu favor. Qualquer filho mais novo com um grão de bom senso na cabeça aproveitaria a chance. E você se atreve a insinuar que não tenho os seus interesses no coração? Você é meu filho, Nicolas.

Não havia como escapar. Seu pai estava determinado. Era um apelo que ele queria desesperadamente evitar, mas sua língua o pronunciou aparentemente sem sua própria vontade.

— Mas, senhor, estou apaixonado por outra pessoa!

Exatamente como ele temia, Lorde Weare explodiu.

— Eu sabia! É a prole daquela maldita mulher Hesket. — Seus punhos bateram nos braços da cadeira, pontuando suas palavras. — Você se atreve a me afrontar nomeando-a assim, como se fosse torná-la sua esposa? Grande céu, garoto, cresça! Ame-a, se quiser. Não tem nada a ver com seu futuro. Transforme-a em sua amante se quiser, mas você vai se casar com a garota de Edborough e vai gostar.

— Não pode me obrigar — disse Nick com raiva. — Esta não é a Idade Média, senhor.

— Não posso te obrigar? Vamos ver. Experimente se você pode viver sem sua mesada. Pois eu vou interrompê-la, garoto, e vou bloquear minhas portas contra você.

Nick olhou para ele, horrorizado. Isso estava além de toda razão.

— O senhor está louco.

— Louco? Eu vou te mostrar o louco. Saia desta casa e não volte até que esteja noivo de Friday Edborough!

Houve um curto silêncio. A verdade atingiu Nick como um golpe no estômago. Não era o casamento que seu pai queria. Podia ser atraente para um filho mais novo, mas sua mesada dificilmente era um fardo insuportável para a propriedade. Em qualquer caso, se Weare quisesse, Nicolas conseguiria um patrono, tomaria seu assento no Parlamento em breve e, assim, liberaria seu senhor de pagá-lo. Não, isso tinha pouco ou nada a ver com vantagem. Era uma armadilha simples para impedi-lo de fazer o que seu pai considerava uma aliança errada com Hermione Hesket. Forçá-lo a um casamento respeitável e até vantajoso em outro lugar, e ele não estaria em posição de "bancar o bobo", como Lorde Weare diria.

Endireitando os ombros, Nicolas deu a seu pai um olhar. Sua voz estava mortalmente calma, mas tremia um pouco.

— Muito astuto, senhor, mas não o suficiente. Eu vou embora, se esse for o seu desejo, mas espero ouvir do senhor quando recuperar seus sentidos. Não serei coagido a me casar. Com Friday ou qualquer outra pessoa.

— Maldito seja, seu almofadinha insolente! — Rugiu seu pai, claramente furioso com a atitude de seu filho. — Saia!

Nick se virou e foi para a porta, fervendo de raiva. Ao chegar lá, Lorde Weare o chamou.

— Espere! Espere, Nick!

Nicolas girou ansiosamente, esperando uma mudança de opinião. Ele ficou desapontado.

— Eu quase esqueci — disse Sua Senhoria em um tom muito mais normal. — A garota não sabe de nada. Você deve agir como se fosse sua própria ideia. A mão de Edborough e a minha não devem aparecer no assunto. Lembre-se disso, pois é uma condição do negócio. Ela não deve saber que foi arranjado.

Sem dizer uma palavra, Nick girou nos calcanhares e marchou para fora da sala.



— E isso é tudo que ele tinha a dizer, como se eu não tivesse mais nada a desejar, — gemeu Nick enquanto levava o copo aos lábios.

Ele o esvaziou e bateu com o copo na mesa de jantar de carvalho de seu amigo com uma força que quase o quebrou. O jantar havia acabado há muito tempo, mas os dois sentaram-se bebendo o vinho do porto e depois seguiram para o clarete, conversando até as velas derreterem e precisarem ser apagadas, deixando apenas o único candelabro tremulando sombras misteriosas sobre seus semblantes na escuridão. Os dois rapazes exibiam rostos em perfeita harmonia com a atmosfera que os envolvia. Rostos carregados de desgraça, com bocas voltadas para baixo.

Em frente a Nick, Charles Delamere pegou a garrafa e serviu mais vinho com generosidade. Ele simpatizava com o dilema de seu amigo. Ninguém poderia ter sido mais. No entanto, ele podia ver todas as vantagens e não hesitou em nomeá-las.

— Pelo menos seríamos vizinhos — ofereceu ele. — E você gostaria de ter uma propriedade, não é?

— Eu não quero uma propriedade — disse Nicolas estupidamente — Eu quero Hermione.

— Sim — disse seu amigo. — Uma pena.

— Não é uma pena, porque eu vou tê-la — declarou Nick desafiadoramente.

— Não há nada para te impedir — Charles acalmou. — Até mesmo seu pai disse...

— Você também? Eu te digo, eu pretendo me casar com Hermione na cara de todos eles. Friday incluída.

Ao dizer isso, ele estava ciente, no fundo, da futilidade de suas palavras. Durante todo o percurso em sua carruagem, depois de deixar sua casa ancestral em uma espuma de raiva, ele silenciosamente discursou e delirou sobre o que faria. E o que ele não faria. Ele não se casaria na Friday.

Ele ficou furioso mais do que tudo com a última revelação de seu pai. Ele não acreditava que o Sr. Edborough pudesse estar planejando casar Friday sem consultá-la. Ou ela sabia e consentira com o esquema — nesse caso, ele estaria condenado se lhe desse a satisfação de fingir que queria se casar com ela — ou ela não tinha a menor ideia. Nesse caso, ela certamente riria dele. E o recusaria. De qualquer forma, sua amizade seria arruinada.

Mas sua convicção de que Friday o recusaria semeou o germe de uma ideia em sua mente. Se ele propusesse, ele iria confundir seu pai e obedecê-lo — em espírito, se não ao pé da letra, porque como ele poderia se casar com uma mulher que se recusava a se casar com ele? Ou ele podia confiar em Friday e implorar por sua cooperação. Ela poderia fingir que ele tinha proposto e sido recusado. Ou eles podem fingir um noivado para que ele pudesse... o quê? Fugir com Hermione e abandonar Friday para uma fuga, deixando-a sujeita às zombarias da alta sociedade? Ele não podia, não faria isso com um bom amigo. E algo nele se recusava a pedir sua ajuda em um projeto como este. Uma coisa é pedir conselho, outra bem diferente arrastá-la para seu engano e torná-la cúmplice. Ela não merecia isso. Ele teria que propor a sério, se é que faria isso. Ela não o aceitaria, em qualquer caso, ele tinha certeza disso.

Foi uma discussão com a qual ele perdeu pouco tempo, no entanto. Seu peito estava cheio de indignação com a trama iníqua de seu pai, e ele precisava mais do que qualquer coisa se livrar de seus erros.

Ao se aproximar de Reading, ele brincou com a ideia de abrir seu coração para sua irmã Caroline. Exceto que era mais provável que Caro o instigasse a aceitar seu destino. Ele não mencionou

Hermione, e avisou antes de deixar a cidade que provavelmente iria desrespeitar o pai deles.

Não, Delamere era uma perspectiva muito melhor. Charles era seu amigo mais próximo. Quase todas as aventuras de sua infância foram compartilhadas com ele, exceto pelas excursões intelectuais que reservava para Friday. Em qualquer caso, Charles estaria em chamas para saber o motivo por trás da convocação abrupta, pois ele aproveitara a oportunidade para visitar sua casa e ver seu administrador, viajando com Nick até Oakingham, onde suas rotas se separavam.

Charles seria o primeiro a condenar uma conspiração tão perversa como o pai havia feito contra o filho, e o ouviria com paciência, como sempre fazia. Então, de fato, estava provado. Embora não tenha ocorrido a Nick que até seu amigo mencionasse que Delamere Place estava muito perto do objeto de suas ruminações desesperadas.

— Pense bem — Charles aconselhou, uma vez que a raiva de Nick havia diminuído o suficiente para deixá-lo aberto à razão. — Então, se você decidir fazer isso, pode acabar com tudo rapidamente e voltar para a cidade.

De cabelos escuros e esguio como um menino, Delamere era um jovem de rosto agradável, embora não parecesse nem um pouco com o amigo. Mas ele tinha um temperamento geralmente alegre e um estoque generoso de bom senso, além de boas adegas. Ambos foram colocados à disposição deste companheiro de sua infância e, como era de se esperar, o bom senso se deteriorou com o consumo do vinho.

Em sua opinião, as vantagens do casamento proposto superavam em muito a perda em perspectiva de uma mulher que só poderia, ele sentia, ser uma fonte de problemas. Mas transmitir isso a Nick em seu atual estado de espírito era uma tarefa hercúlea muito além de seus poderes. Ele se contentou com uma ou duas palavras apropriadas em meio a uma infinidade de sugestões, que se tornaram mais idiotas à medida que os mortos se reuniam ao seu lado. Juntos, eles examinaram as alternativas mais impossíveis.

— Você poderia fugir na calada da noite e correr para Gretna — sugeriu Charles, empolgado com a aventura do empreendimento.

— Sim, e depois?

— Amor em uma casa de campo. Romântico como você quiser. Vocês podem criar porcos e galinhas e se tornar agricultores.

— Não seja ridículo — retrucou Nick, enunciando suas palavras com cuidado. — Você não pode pensar que eu esperaria que Hermione vivesse em uma pobreza abjeta. Eu não dou a mínima para mim, pois eu poderia viver apenas de amor. — Ele repetiu a frase, vagamente satisfeito com o som das palavras. — Viver só de amor. Eu poderia. Com Hermione. Mas — levantando um dedo admoestador que balançou diante do rosto de seu amigo —, não é uma perspectiva que um homem de honra oferece a uma jovem delicada.

— Sim, mas Hermione não é d-delicada, — objetou Charles em um soluço.

— Maldição, Delamere!

Charles pegou o flash de fogo nos olhos de Nick e se corrigiu rapidamente.

— O que quero dizer é que ela provavelmente se sente mais em casa em um ambiente pobre. Do que você, quero dizer.

Nicolas foi obrigado a admitir a verdade disso. A Sra. Hesket se casou com alguém de uma pequena nobreza, mas a família de seu marido foi menos do que generosa quando ele morreu. Hermione foi bastante aberta sobre isso, e disse a ele — com lágrimas em seus lindos olhos — que sua mãe estava dependendo do casamento dela para ficar financeiramente bem.

— Suponho que a coisa realmente honrosa a fazer seria desistir dela — disse ele sombriamente. Em seu atual estado de embriaguez, essa ideia evocou um quadro agradável de resignação martirizada. Ele se sentou com um estrondo, derramando sua bebida. — É isso aí. Vou desistir dela, Charles.

— Quem, Friday?

— Não, Hermione, seu idiota.

Charles sentou-se também e ergueu o copo em um brinde oscilante.

— Agora você está falando como um homem sensato — disse ele, arrastando as palavras levemente. — Ou não. Ideia muito melhor: desista dela agora, tenha ela de volta quando se casar. É

isso. Sim, desista dela. Case-se com Friday. Não, veja bem, que eu não lhe culpo. Por não querer magoá-la. Claro, eu não tenho nada contra ela.

— Nem eu tenho nada contra ela — disse Nicolas indignado. — Só não quero casar com ela.

— Exatamente o que eu ia dizer. Bonitinha. Boa companhia. Mas dificilmente a garota com quem você sonhou. Não é a perspectiva de casamento ideal. Do jeito comum, quero dizer.

Nick, cujo olhar estava começando a ter uma tendência a permanecer fixo, encarou o amigo com o copo erguido.

— Eu entendi. Você gostaria que eu me casasse com ela. Jogue ela em cima de mim. Boa ideia, você pensa. Então Lady Delamere não pode fazer *você* se casar com ela. Ela mencionou isso várias vezes. Já a ouvi.

— Nada disso — Delamere insistiu. — Ela teve essa ideia uma vez. Mas eu disse não a ela. Não me casaria com Friday com uma vara de três metros. Então ela desistiu.

— O que você quer dizer com você não se casaria com Friday com uma vara de três metros? — Perguntou Nicolas beligerantemente. — O que há de errado com ela?

— Não há nada de errado com ela. Só não gostaria de me casar com ela.

— Mas você não se importa se eu me casar com ela. Além do mais, você não se importa se eu a insultar tornando Hermione minha amante.

— Nick — Charles disse distintamente — Você é uma raposa.

— Uma raposa? Você também seria se tivesse que se casar com Friday.

— Pensei que você não fosse se casar com ela.

— Eu não vou casar com ela. Mas terei que pedi-la em casamento. Não é?

Sob a névoa do álcool, ele sabia que a decisão havia sido tomada. A decisão que ele sempre soube que teria que tomar, desde que seu pai se mostrara inflexível.

Charles concordou solenemente com a cabeça e, fazendo um último esforço, tornou a encher os copos, planejando servir com

cuidado suficiente para que apenas um pouco do clarete espirrasse sobre a mesa.

Nick piscou e forçou os olhos a se abrirem enquanto levava o copo aos lábios. Então ele abaixou o copo novamente, um olhar ansioso vindo para seu rosto.

— Charles, você não acha que há a menor chance de ela me aceitar, acha?



POR UMA DESSAS estranhas aberrações da natureza, o dia em que Friday atingiu a maioridade amanheceu claro e quente, um último raio de sol antes que o inverno chegasse. Ela acordou com uma sensação de antecipação, como se algo emocionante estivesse para acontecer. Quando ambos os pais entraram no quarto pisando firme atrás de sua criada, trazendo presentes, ela se lembrou.

O aniversário dela! Isso havia escapado de sua mente novamente, pois papai, depois daquela única explosão, não havia se referido novamente ao assunto de seu possível casamento, graças a Deus.

Ela recebeu todos os presentes com alegria sincera, mostrando tanto entusiasmo pelo colar de pérolas e diamantes — apesar da insinuação de terem sido comprados para o casamento da própria mamãe — quanto pelos dois volumes de peças de Eurípides que ela não tinha lido antes. Papai também contratou um artista para pintar seu retrato — "da maneira clássica e fantasiosa que você escolher", como ele disse, para grande diversão dela. Havia outras bugigangas e cartas de bons votos de vários parentes, e um jantar especial com seus pratos favoritos foi prometido.

Para agradar seu pai, Friday colocou um dos que considerava ser um dos seus vestidos mais frívolos, um chintz floral com as costumeiras mangas compridas e justas e um corpete com decote mais baixo do que normalmente usava. Pela primeira vez, ela puxou o cabelo rebelde em um topete, permitindo que os cachos caíssem descuidadamente para trás, e fez o seu melhor — sem muito

sucesso, ela foi obrigada a admitir — para conter os fios da frente ordenadamente.

Essas concessões não a impediram, porém, de buscar seu refúgio no topo da colina o mais rápido possível, sem ofender papai, com o desajeitado Bruno acompanhando-a e se jogando para aproveitar o sol enquanto mergulhava em Medéia de Eurípides.

Absorvida instantaneamente, ela não ouviu a abordagem de um intruso até que o latido chiado de Bruno a fez olhar para cima. Os óculos estavam abandonados como de costume, mas a forma sombria parada a poucos metros de distância era tão familiar para ela em estatura e forma que ela não teve dificuldade em identificá-la. Nicolas! Seu coração deu um salto e sua boca se curvou em um sorriso de boas-vindas.

Nick Weare observou isso com sentimentos contraditórios. Ele a estivera observando por vários minutos, incapaz — ou talvez relutante, se a verdade fosse dita — de tornar sua presença conhecida. Até que Bruno, que agora estava muito velho, ele sabia, para fazer mais do que abanar o rabo superficialmente ao se aproximar, aparentemente intrigado com seu silêncio, fizera isso por ele.

Além disso, com as confusões em sua cabeça ao ver Friday deitada, era quase demais para suportar. Que ela parecesse tão diferente devia ser um truque de sua mente. Ele nunca tinha notado antes como ela era magra, como era feminino o leve ondular de seu seio repousando sobre seus braços cruzados. Quando ela olhou para cima, seu rosto, sem os óculos, parecia totalmente diferente. Era um pequeno semblante picante, salpicado de sardas nada sem atrativos, com dois olhos gentis que se iluminaram ao vê-lo. Era difícil acreditar que eles não podiam ver com clareza.

— Nick! — Ela gritou de alegria e, lutando para se sentar, tateou em busca dos óculos. — É realmente você?

No próximo instante as enormes monstruosidades redondas estavam empoleiradas em seu nariz e ela era mais uma vez a Friday que ele conhecia. A Friday a qual ele estava prestes a propor casamento — a pedido de seu pai.

— Sim, sou eu. — ele respondeu, com dificuldade de manter fora de sua voz a riqueza de emoções que surgiram dentro dele.

Friday deu uma risadinha.

— Bobo, posso ver que é você agora. Você veio especialmente para me desejar felicidades? Isso é muito nobre de sua parte, meu querido amigo.

— O quê? — Exclamou Nick, franzindo a testa rapidamente. Ela sabia, então? Mas nada fora acertado. Ela já estava brincando com ele? — O que diabos você quer dizer com desejar-lhe felicidade?

Uma ligeira perplexidade apareceu nas feições de Friday, e seu sorriso vacilou.

— Ora, por fazer vinte e um. Não é por isso que você está aqui?

Como ele estava estranho. Uma lasca de angústia a atingiu. O que diabos estava acontecendo com ele? Ela se levantou rapidamente para encará-lo, inclinando a cabeça para o lado. O mesmo fez Bruno, rosnando baixinho até Friday colocar uma mão calmante em sua cabeça.

— Nick, o que foi? É meu aniversário, você sabe.

— Seu aniversário? Hoje? Oh meu Deus!

Uma onda de decepção a percorreu, mas ela fez o possível para disfarçar. Ele não sabia. Ele não tinha vindo para isso. Mas ele precisava dela; isso ela poderia imaginar. Como amigo. Havia algo muito estranho em seus modos. E esse gemido? Por que deveria incomodá-lo tanto que hoje fosse o aniversário dela?

— Não há razão para você ter se lembrado disso — disse ela suavemente. — Não se preocupe.

— Não é isso — ele proferiu em um tom estrangulado. — Mas por que tinha que ser hoje?

Um sorriso rápido iluminou seu rosto.

— Para isso, é melhor você consultar meus pais. Ouso dizer que eles não tinham intenção de incomodá-lo no momento.

Nick foi obrigado a sorrir, mas franziu a testa novamente em um momento, quando percebeu a gravidade do que ela havia dito.

— Friday, você deve parar de falar sobre essas coisas. Você vai deixar as pessoas incomodadas.

— Pooh! — Ela zombou. — Não seja tão enfadonho, Nick. Como se eu não tivesse falado abertamente com você desde que nos conhecemos. E que pessoas? Você sabe muito bem que dificilmente tenho companhia.

— Agora, sim — ele concedeu —, mas você nunca sabe quando pode vir a ser...

Ele parou, horrorizado com a visão que havia entrado em sua mente: uma foto dele mesmo em um sarau em Londres, Friday ao seu lado, calmamente proferindo uma declaração do tipo como se fosse comum para uma jovem esposa referir-se aos feitos de casais casados em suas camas.

— Nick, qual é o seu problema hoje? Se você não veio pelo meu aniversário — e não há nenhuma razão no mundo para que você viesse, deixe-me acrescentar — por que você está aqui? Não diga que você está com problemas de novo.

— Não, não. Pelo menos... Oh, Deus, não sei o que dizer a você, Friday.

Estava claro que havia algo muito errado. O coração de Friday apertou com força, como sempre acontecia quando Nicolas estava em qualquer tipo de angústia mental. Não era uma questão dela poder ajudá-lo. Ela não suportaria fazer o contrário.

— Vamos sentar — disse ela rapidamente e, pegando sua mão, arrastou-o para afundar na grama ao lado dela. O cão, adivinhando que a presença do intruso era preferível à sua, deitou-se a uma pequena distância, virando propositalmente a cabeça. Friday, concentrada em Nicolas, mal percebeu. Um sorriso malicioso o estava provocando. — Está bastante seco, então você não vai sujar suas belas calças de pele de veado, eu prometo.

— Lá vem você de novo — disse Nicolas, virando-se para ela com raiva. — Nenhuma dama se dignaria a notar minhas vestimentas inferiores, muito menos mencioná-las.

— Sério? — Exigiu Friday um pouco friamente. — De onde vem essa objeção repentina à maneira como me expresso? E como você ousa me acusar de falta de educação?

— Eu não fiz isso. Tudo que eu disse foi...

— O que significa para você como eu falo, em qualquer caso, Nicolas Weare? Devo lembrá-lo, se você decidir me abordar nesses assuntos, de todas as ocasiões em que não hesitou em mencionar coisas que uma mulher não deveria saber.

— Sim, eu sei — admitiu Nick franzindo a testa —, mas a questão é que você é tão diferente de mulheres adequadas que eu

...

— Eu que agradeço!

— Não consigo pensar em você como outra coisa senão...

— Uma sabichona de óculos — Friday terminou. — Sim, estou ciente. E bem neste momento, Sr. Weare, sua outra descrição de mim se encaixa como uma luva.

Nick olhou para ela, suas feições tensas.

— Eu te ofendi.

— Sim!

— Novamente.

— Sim.

Houve um silêncio. Então um suspiro pesado escapou de Nicolas e ele ergueu as mãos para massagear as têmporas.

— Sinto muito, Friday, bebi muito ontem à noite em Delamere e minha cabeça dói como o diabo.

— Você quer dizer que estava bêbado — disse Friday com naturalidade, acrescentando uma nota desafiadora — Ou é outra coisa sobre a qual eu não devo falar?

— Não há necessidade de tripudiar — Nicolas retrucou. — Eu já disse que sinto muito, não disse?

— Bem, você arruinou todo o meu humor, Nick, e é meu aniversário. — Ela sorriu de repente. — Eu sei. Você pode fazer as pazes e vir jantar conosco. Traga Charles. Que pena que não sabia que vocês dois estavam aqui. Eu poderia ter convidado Caro e Richard, também, e feito uma festa.

— Oh, não — disse Nicolas rapidamente. Ele não podia ficar para jantar. Ele devia acabar com isso e ir embora. Além disso, ele não achava que ela iria querer que ele jantasse depois que ele tivesse feito isso. Percebendo pela sombra de decepção no rosto de Friday que ele tinha sido menos educado, ele acrescentou apressadamente: — Obrigado, mas não podemos, você vê. Temos um noivado na cidade esta noite. Nós só permanecemos aqui porque eu vim de Morton na noite passada.

— Você foi visitar seu pai — adivinhou Friday. — Pensei que você poderia ter vindo atrás de Caro, mas é claro que você já deve saber as novidades dela.

Nicolas piscou.

— Novidades?

— Ora, que ela está esperando novamente. — Ela sorriu para ele. — Você será tio pela segunda vez. Não diga que não ouviu?

Ele assentiu.

— Eu esqueci. Tenho outros assuntos em mente.

Friday olhou para ele através das lentes de seus óculos e sua voz se suavizou.

— Nick, o que é? Não me diga que você não está profundamente preocupado. Eu te conheço muito bem. Você não pode confiar em mim? Você sempre fez isso antes.

Sim, ele sempre fez isso. Essa era a dificuldade. Agora ele não podia fazer isso, porque — de repente ele viu, claramente — porque ele não poderia machucá-la tão cruelmente. Dizer a uma querida amiga que você estava sofrendo tanto porque não queria se casar com ela? Como ele poderia ter concebido que tais palavras fossem possíveis? Não existiam tais palavras.

Ele balançou a cabeça mudo, sem olhar para ela. Ele ouviu Friday começar a falar — de algo totalmente diferente. Ele não ouviu muito além da vaga impressão de que ela se referia a Eurípides. Sua mente estava muito cheia da sensação de futilidade que o estava invadindo. O que ele estava fazendo aqui? Ele não poderia pedir Friday em casamento. A melhor coisa que ele poderia fazer era ir embora sem dizer nada. Desobedecer a seu pai. Aceitar seu destino. Na pior das hipóteses, ele sempre poderia se alistar no Exército. Claro que ele devia perder Hermione também. Perder Hermione, sua mesada, o futuro político que ele nunca quis.

A imagem era realmente sombria enquanto ele pensava em tudo o que estava jogando fora. Sua proximidade familiar, pois ele se importava profundamente com Caro e Tony. A vida que ele conhecia, suas amizades: Charles, que tinha sido mais do que um segundo irmão. E Friday também! Que diabos, isso não funcionaria. O que valia a vida então? Ele não poderia suportar.

— Nunca pensei que pudesse ser assim — disse Friday, falando de uma forma calma e cotidiana que esperava aliviar a tensão de Nick — mas fiquei muito impressionada com o colar. — Ela riu. — E quanto a sentar para o meu retrato, eu não tinha calculado no nível da minha própria vaidade, pois...

— Friday — interrompeu Nicolas, virando-se para confrontá-la com um olhar determinado em seu rosto —, você quer se casar comigo?

— Eu tive uma visão instantânea de mim mesma na tela, parecendo bastante surpreendente. . .

Sua voz morreu. Seu corpo morreu. Ou parecia. Bem ali, sentada no chão em seu retiro no topo da colina, congelada no tempo, como uma estátua de pedra. Desprovida da menor sensação e entorpecida.

O pensamento veio martelando do vazio que a possuía, fazendo seu corpo voltar à vida. Ele não poderia ter dito isso. Ela devia ter ouvido mal. Consciente agora apenas de uma sensação de formigamento rastejando ao longo de sua pele, ela empurrou a pergunta através dos lábios secos que tremeram com as palavras.

— O que você disse? — Fracamente, como uma brisa sussurrante.

Nick respirou fundo. A solenidade de suas feições fez mais do que qualquer outra coisa para convencê-la de que seus ouvidos não a haviam enganado.

— Eu perguntei se você quer se casar comigo.

O sol salpicou os céus, cegando-a com a torrente de lágrimas em seus olhos por trás das lentes de seus óculos. Seu coração inchou até quase explodir. Ele queria se casar com ela. Nicolas queria se casar com ela. Era impossível, mas aqui estava. Ele pediu sua mão. Ele realmente disse as palavras que ela nunca esperara ouvir. Ela queria soluçar e gritar. Ela queria pular e se jogar no ar.

Ela não fez nenhuma dessas coisas. Ela se sentou, olhando para ele até que a severidade em seu rosto penetrou a turbulência de seu peito. A alegria desabou como um balão espetado. Desinflada, ela continuou a olhar. E agora o sangue em suas veias pulsava irregularmente. Pois a apreensão superava todos os outros pensamentos e sentimentos.

Este não era o rosto de um homem que correspondia ao seu amor. Em seus olhos havia uma hostilidade que ela nunca tinha visto antes. Quase como se ele a odiasse. A pergunta voou de sua boca enquanto deslizava em sua mente.

— Por quê?

Ele piscou, balançando a cabeça como se quisesse livrar-se de um pensamento desconcertante.

— Que pergunta.

Friday prendeu seus olhos.

— Por quê, Nick? Por que você está me pedindo em casamento?

Oh Deus. O gemido interior refletiu a escuridão de suas feições, mas ele não sabia disso. Ele pensou apenas que, é claro, ele deveria saber que Friday reagiria dessa maneira. Ela era inteligente demais para ser enganada. Por um momento, houve uma luz em seu rosto. Como se ela tivesse ganhado o mundo! Então ela desapareceu, em seu lugar uma pergunta impossível de responder. Exceto que ele precisava responder.

— Adequado — ele murmurou estupidamente. — Seria tão adequado. Somos bons amigos. — Ele tentou dar uma risada leve, mas saiu vazia. — E você sabe como eu detesto política. Eu poderia... eu poderia viver aqui com você. Você terá seus livros. Eu terei…

Não, ele não poderia dizer isso. Se era para vir dele, ele não devia saber sobre a herança dela.

Mas Friday estava à sua frente.

— Você está pensando que papai vai deixar a propriedade para mim. Charles te disse isso? Sim, ele deve ter feito isso. — Ela engoliu em seco. — É isso... é isso que você quer, Nick? É por isso?

— Maldição, Friday, por quem você me toma? Claro que não é por isso.

— Então...

— Pelo amor de Deus, precisa haver um motivo? As pessoas se casam o tempo todo.

— Mas não sem razão.

— Bem, então, há razão suficiente — disse ele em um tom de angústia reprimida. — Maldição, por que você não pode simplesmente responder sim ou não?

Porque você não diz que me ama.

Mas Friday não poderia dizer isso em voz alta. Ela se sentou ao lado dele, uma sensação de irrealidade invadindo sua mente. Isso não poderia estar acontecendo. Ela estava sonhando novamente.

Só que esse Nicolas era muito diferente daquele para ser qualquer coisa menos real. Por que ele estava tão oprimido? Será que ele achava impossível falar de suas emoções? Deus sabia que sua própria língua se apegava ao céu da boca com a ideia de revelar a ele o verdadeiro estado de seu coração. Por que ele deveria estar menos nervoso para se expressar? Afinal, como ele poderia saber, mais do que ela sobre ele, se seus sentimentos seriam correspondidos?

Só que Nick não trabalhou sob as desvantagens dela. O bom senso devia ditar que ela tinha muito mais probabilidade de se apaixonar por ele do que ele por ela. Ele não podia ignorar suas próprias atrações. Ele nunca teve vergonha de falar de suas emoções sobre as garotas por quem tinha se apaixonado.

Talvez fosse isso. Ele havia compartilhado tanto com ela que talvez não devesse ter compartilhado. Santo Deus, foi por isso que de repente ele se opôs à liberdade de expressão dela. Como sua esposa, ela teria que se comportar de forma adequada.

Esposa dele? Para ser isso, não devia haver algo mais dele? Ele estava com vergonha de dizer como realmente se sentia? Ele gostava dela, sim, como ele devia saber que ela gostava dele. Tinha se tornado algo mais quente? Ela não acreditaria que ele pudesse propor a ela apenas pelas vantagens que isso poderia lhe trazer. Mas se não fosse isso... Uma esperança que ela não ousou reconhecer começou a crescer em seu peito. Poderia ser? Não havia como saber. Se ao menos ele olhasse para ela.

Mas Nicolas foi incapaz de virar a cabeça. Mais ainda, à medida que seu silêncio se alongava. Por que ela hesitou? O que ela estava pensando? Ela não podia estar considerando seriamente a oferta dele. Depois das coisas estúpidas que ele disse? Ela seria louca de fazer isso. E ela não estava louca. Ele não ousou perguntar de novo. Oh, Deus, o que ela estava esperando? Ele deveria dizer mais? O que ele poderia dizer mais?

Recuse-me, Friday. Pelo amor de Deus, tire-me do meu sofrimento e diga-me não.

Ela devia dizer não, pensou Friday. Havia muita incerteza aqui. Por que diabos ele não dizia mais? Deus do céu, ela estava louca? Por que ela hesitava? Aqui estava seu sonho tornado realidade.

Exceto, sussurrou uma vozinha no fundo de sua mente, que não era verdade no seu sonho. Mas seria, seu coração insistiu, a menos que ela deixasse escapar esta oportunidade milagrosa.

— Bem, então — ela conseguiu dizer em um sussurro rouco — Eu direi... sim.

Sua cabeça girou rapidamente.

— O que? O quê, Friday?

Friday engoliu. Um sorriso cintilou por um instante em seus lábios e desapareceu novamente.

— Eu disse sim.

Ele ficou branco. Uma ponta de dúvida cortou o peito de Friday com a repentina expressão de tristeza em seu rosto. Então ele a mascarou e, em um tom estranho, estava agradecendo, levantando-se, recuando um ou dois passos.

— É melhor eu ir informar seu pai que a escritura está cumprida — disse ele em uma voz de formalidade fria.

De alguma forma, Friday ficou de pé enquanto ele se afastava em direção ao bosque. Ela descobriu que seus membros estavam tremendo e se sentiu muito fraca. Sem pensar, pousou a mão nas costas largas de Bruno, que se materializara ao lado dela, e se sentiu insensivelmente confortada.

Confortada? O céu a ajude, por quê? Ela acabara de concordar em se casar com Nicolas Weare, a quem amava de todo o coração. Ela deveria estar completamente extasiada. Agora ela sabia qual era o significado da ansiedade que sentira esta manhã. Isso pressagiava a felicidade de sua vida.

Mas a felicidade de sua vida balançava precariamente à beira de um precipício terrível. A qualquer segundo, ele podia desabar e destruir seus sonhos para sempre.



Capítulo 3

Um ar de desânimo pairava sobre o quarto. Charles Delamere estava sentado no grande dossel contra um conjunto de travesseiros, uma toalha molhada enrolada em sua testa dolorida, olhando pasmo para as costas de seu amigo, que admirava a vista pela janela.

— Você não quer dizer que já fez isso?

— Sim — respondeu Nicolas brevemente, sem se virar.

— Mas, meu caro amigo, são quase onze horas.

— É o aniversário dela — declarou Nick inconsequentemente.

Charles piscou dolorosamente.

— O que tem isso a ver com alguma coisa?

— Edborough achou que eu tinha escolhido de propósito. Ele ficou encantado.

— Sentimentos não ecoados pelo futuro noivo, suponho — observou Delamere sapientemente.

Nick se virou e lançou-lhe um olhar furioso.

— O que você acha? Maldição, Charles, ela me aceitou!

— Foi o que você disse — concordou seu amigo, assentindo. Ele se arrependeu da ação instantaneamente e soltou um gemido, segurando as têmporas sob a toalha.

— Não sei por que você está reclamando — observou Nicolas, olhando-o com desgosto. — Você não precisa se casar com ela.

— Estou com uma dor de cabeça diabólica, Nick.

— Bem feito para você. Se não tivesse me enganado na noite passada, eu estaria lúcido o suficiente para não pensar nisso. Como

diabos vou contar a Hermione?

— Não faça isso — aconselhou Charles. — ela ouvirá falar em breve, quando você publicar o anúncio na Gazeta.

— Oh, bom Deus, tenho que suportar essa humilhação?

— Não antes de contar ao seu pai — disse Delamere consoladoramente. — É o seguinte. Dirija até lá e faça isso de uma vez. Você estará de volta aos seus bons livros, e tudo bem novamente. Então vá para a cidade e enfrente Hermione.

— Enfrentá-la? Você faz isso soar como uma luta.

— Provavelmente será, conhecendo-a — murmurou Delamere baixinho.

— O que você disse? — Perguntou Nick, desconfiado.

— Nada — Charles disse apressadamente.

Nicolas o olhou frustrado. Ele sabia que não estava sendo razoável, mas precisava de alguém com quem desabafar. O choque da aceitação de Friday o jogou em uma irrealidade alarmante, onde os parabéns de Edborough e sua esposa — convocados de seu ninho no topo da casa — assumiram a estranha aparência de um pesadelo. Ele pelo menos teve presença de espírito suficiente para permanecer firme em sua recusa em ficar para jantar. Ele precisava de tempo para se controlar antes que pudesse enfrentar Friday novamente.

Por mais aguda que fosse, ela rapidamente penetraria no verniz frágil de satisfação que ele reunira para o benefício de seus pais. Ele acabaria deixando escapar, assim como havia deixado escapar ao propor, que era tudo um engano. Ele não poderia fazer isso. Pois o simples fato de que ela o aceitara desequilibrou toda a concepção de seus sentimentos. Ele se sentia como se não a conhecesse.

Ele estava tão seguro de sua mente, ele pensou. Agora parecia que ele estava totalmente enganado. De repente, havia tanta vulnerabilidade naquele rostinho engraçado. A partir disso, ele reuniu a vaga ideia de que tinha o poder de machucá-la terrivelmente. Era um conhecimento assustador e o havia prendido.

— O que você vai fazer? — Perguntou seu amigo em um tom simpático.

— Explodir meus miolos!

— Não adianta — pronunciou Charles, franzindo a testa. — É um insulto se matar depois de um noivado. Pode muito bem acabar com isso. Tão desonroso de qualquer maneira.

— Eu não quis dizer isso, seu idiota. Eu ficaria completamente bêbado se não estivesse sentindo isso desde a noite passada.

— Não o faça — estremeceu Delamere. — De jeito nenhum. — Ele ergueu um dedo. — Tenho uma ideia melhor, Nick. Lembre-se do que estávamos dizendo sobre a pequena Hesket.

— Não mencione o nome dela — implorou Nick, estremecendo.

— Eu não o mencionei — Charles apontou. — Pelo menos, eu nunca disse Hermione.

— Pelo amor de Deus!

— Desculpe, meu velho. O que quero dizer é, aquele negócio de aceitá-la novamente depois que você se casar.

— Eu te disse...

— Ouça, Maldição! Eu sei que você não quer agora. Tudo o que eu digo é, abra um pouco o caminho.

— O que você quer dizer?

— Sua irmã! — Anunciou Charles triunfantemente.

— Você ficou louco?

— Não, escute. Vá ver Caroline. Se alguém pode moldar Friday, é ela. Uma esposa complacente, é disso que você precisa. Sua irmã é uma moça sensata, ela verá que está tudo bem.

Nick olhou seu amigo estreitamente.

— Deixe-me entender bem. Você está sugerindo que eu peça a ajuda de Caro para moldar Friday para que eu possa ter Hermione como minha amante?

— É isso aí. Uma boa ideia, você não acha?

— Não, eu não acho. Meu Deus, Delamere, que tipo de homem você pensa que eu sou? Como se eu fosse insultar tanto Friday quanto Hermione dessa maneira. Eu deveria arrastar você para fora da cama e jogar você de volta nela.

Charles afundou nos travesseiros com um gemido, agarrando a cabeça novamente.

— Sem brigas; hoje não, Nick.

Mas Nicolas não se compadeceu. A ideia de falar com Caroline tinha certas vantagens.

— Na verdade, irei ver Caro. Pelo menos ela é uma pessoa com quem eu não terei que fingir.

— Ei, e eu? — Perguntou Delamere, magoado.

— Com seu conselho idiota? — Marchando até a porta, ele a abriu e fez uma reverência simulada. — Agradeço-lhe, meu senhor, por sua hospitalidade, e espero muito que sua cabeça continue doendo horrivelmente pelo resto do dia.

A porta bateu atrás dele com força suficiente para garantir que sua esperança não fosse perdida. Delamere agarrou sua cabeça, gemendo e amaldiçoando seu amigo com vontade. Um segundo depois, a porta se abriu novamente e o rosto de Nick apareceu.

— A propósito, Charles, eu disse que você ficaria encantado em ir jantar com os Edboroughs. Vejo você em alguns dias.

Delamere agarrou o castiçal que estava na mesa ao lado da cama e, proferindo um xingamento, jogou-o violentamente na direção da cabeça de Nick. Ele bateu inofensivamente contra a porta quando ele a fechou rapidamente atrás de si.



FRIDAY NÃO TINHA certeza se gostaria da visita de sua futura cunhada. Elas já se conheciam muito bem, é claro, pois não apenas ela e o honorável Anthony Weare acompanharam Nick para ficar em Delamere Place em várias ocasiões, mas a Srta. Weare se tornou, com o casamento, uma vizinha próxima e visitas aos Edboroughs — Fora da temporada — eram frequentes. Friday gostava muito dela, e muitas vezes, durante a última gravidez de Caroline, foi à sua casa em Hurley para ver como ela estava. Mas ela era irmã de Nick, e não havia como dizer como ela receberia a notícia do noivado.

A Sra. Caroline Cleeve entrou como um redemoinho, falando o tempo todo em sua voz rápida e aguda, enquanto cruzava a sala matinal para onde Friday havia subido para recebê-la e a envolveu em um redemoinho de musselina e perfume.

— Minha querida, estou em êxtase! Eu declaro que nunca fiquei tão feliz como quando Nick me contou que sua escolha caiu sobre você, Friday. Se você conhecesse as vigaristas que fui obrigada a

varrer de seu caminho. Com a morte de mamãe e a doença do pobre papai, tudo caiu sobre mim. Tenho morrido de preocupação, deixando os dois meninos por conta própria, mas tenho estado tão enjoada, assim como da última vez e, embora nada tenha acontecido, Dicky não quis saber de minha permanência na cidade.

— Acho que não — disse Friday, respondendo primeiro ao último ponto deste abrangente discurso. — Você não deveria ter vindo, Caro. Eu poderia muito bem ter visitado você se você tivesse me enviado uma nota.

— Oh, querida, eu estou perfeitamente bem agora — proferiu a linda criatura, acomodando-se animadamente no sofá de padrão rosa à sua frente em um turbilhão de anáguas de gaze manchada, e permitindo que um belo xale de seda Norwich escorregasse de seus ombros, revelando uma figura rechonchuda sob o decote elegantemente baixo.

Cidade ou campo, Caro Cleeve não era vista em nada além do mais moderno dos vestidos, seus cachos loiros caindo em cachos ordenados pelas costas do lenço de penas que os prendia. No estágio inicial de sua segunda gravidez, ela já estava ganhando um pouco de peso, mas o modo atual de cintura alta combinava admiravelmente com sua condição.

— Estou determinada a voltar para a cidade no Ano Novo, pois dificilmente aparecerei com essas novas modas — ela estava dizendo. — Dicky é contra, eu sei, mas terei passado de todo o enjoo até então, e...

— Pensei que você disse que estava bem agora — interrompeu Friday severamente, retomando seu assento na poltrona estofada no mesmo padrão rosa que decorava as cortinas da janela. — Você não está, está?

— Não, mas é apenas de manhã, Friday, e é por isso que vim a esta hora. De outra forma, eu não teria suportado o balanço da carruagem, você sabe.

— É muito tolo da sua parte, Caro.

— Oh, querida, você não imagina que eu suportaria não correr imediatamente para vê-la depois que Nick me contou?

— Onde está Nick? — Friday arriscou.

Ela podia muito bem perguntar. Desde o momento em que aceitou sua oferta, ela não tinha visto nem pele nem cabelo dele. Ele tinha falado com o papai, pois ele e a mamãe estavam esperando por ela quando ela finalmente reuniu forças e coragem para voltar para a casa. As reações deles — por um lado tão satisfeita, como se fosse algum triunfo seu, e por outro tão natural em aceitação que era como se estivessem esperando — não fizeram nada para aliviar suas dúvidas.

Eles foram incentivados pela aparente recusa de Nick em jantar. Charles tinha chegado, obviamente ainda sofrendo com a bebedeira da noite anterior, e parecia um coelho assustado quando Friday perguntou por que ele não tinha acompanhado Nicolas de volta à cidade para ir ao noivado. Claro que não havia nenhum compromisso. Ela tinha adivinhado isso rápido o suficiente por sua resposta desconexa. Na verdade, toda a sua conversa, intercalada como era com referências de suspiros emocionantes ao "pobre Nick", tinha sido um ótimo caminho para empurrá-la para fora daquele precipício.

Ela estava pronta no final daquela noite para cancelar tudo. Mas várias cartas insatisfatórias dirigidas a Nick nesse sentido foram parar na cesta de lixo. Ela dormiu mal e desejou que Nicolas viesse apenas vê-la para que ela pudesse endireitar tudo em sua mente.

O dia seguinte não trouxe nenhum Nick. Mas no dia próximo, um fluxo constante de simpatizantes apareceu, para ficar boquiabertos e se perguntar, sem dúvida, assim como ela mesma, como a estudiosa Friday Edborough havia conseguido conquistar o belo Nick Weare. Ela supôs que esses conhecidos deviam suas informações a Charles, embora ninguém pudesse, no campo, esperar manter nada em segredo. Quando Caroline chegou, ela se controlou o suficiente para esconder sua inquietação interior.

Mas a insinuação de que Nick ainda poderia estar na vizinhança a atingiu imediatamente com uma mistura de apreensão e dor por ele não ter ido vê-la. Foi com alívio que ela ouviu a resposta de Caro.

— Ele subiu para contar ao papai. Ele ficou apenas uma noite conosco — pois você pode supor que eu não o soltaria até que ele tivesse relatado tudo e, portanto, foi obrigado a ficar — e partiu

imediatamente para Morton. Oh, sim, e ele escreveu para a Gazeta, como era apropriado.

Chocada, Friday olhou para ela.

— Um anúncio? Isso era necessário?

A risada tilintou nos lábios de Caro.

— Muito necessário. Como no mundo as pessoas vão saber disso?

— Parece não haver dificuldade nisso — declarou Friday secamente. — Todos ao nosso redor aqui parecem já saber.

— Oh, eu sei, as pessoas são tão vulgares. Eles amam nada mais do que fofocar. Posso te dizer, estou farta disso... com Tony se apaixonando por Griselda Mapperley, que é totalmente inadequada, quando aqui eu trouxe Julia a ponto de esperar sua oferta. Naturalmente, todo mundo está dizendo que ela jogou o chapéu na cara dele, o que não é o caso. Eu declaro, é a ideia mais absurda. Lady Julia Kilmartin iria apontar seu chapéu para o filho de um mero barão quando ela poderia ter qualquer um? Naturalmente, ela está furiosa, como deve estar, e eu poderia facilmente matar Tony.

Friday piscou.

— Mas se ele está apaixonado por outra pessoa...

— Oh, querida, ele não está mais apaixonado por Griselda do que Nick por...

Ela se interrompeu em grande consternação, seus olhos se arregalaram e uma mão culpada voou para sua boca.

O peito de Friday ficou subitamente apertado, seu estômago vazio. Ela olhou fixamente para Caro através dos óculos.

— Por mim, você quer dizer? — Ela conseguiu falar calmamente.

— Não, não, não! — Gritou Caroline. — Céus, Friday, eu não quis dizer nada disso. Pelo que sei, Nick está perdidamente apaixonado por você. Eu quis dizer alguém... algo bem diferente.

Antes que Friday pudesse abordar isso, ela mudou de assunto, pulando e se acomodando no braço de sua cadeira.

— Agora, Friday — disse ela, pegando uma de suas mãos —, você deve me deixar ajudá-la. Sua postura foi boa o suficiente quando você se contentou em se esconder com seus malditos gregos e romanos — não que eu já tenha aprovado — mas você

não deve aparecer em Londres com esse disfarce, na verdade, não pode.

— Oh. — Friday olhou para seu vestido de lã simples de costume. — Você quer dizer meu vestido.

— Isso é mesmo o que quis dizer. Não, sério, Friday...

— Mas nada foi dito sobre Londres — interrompeu Friday. — Eu não pensei que teria que alterar meus hábitos apenas porque fiquei noiva.

— Mas você precisa. Você não vai mantê-lo atento a você, assim... — declarou Caro.

Friday ergueu os olhos para ela. Deliberadamente, ela disse friamente:

— Por que não, quando aparentemente o conquistei do jeito que sou?

Perplexa, Caroline ficou sem fala por um ou dois momentos. Então ela caiu na gargalhada, que soou um pouco falsa nos ouvidos de Friday.

— Mas os homens, minha querida Friday, são as criaturas mais estranhas. Quando eles têm o que desejam, eles não sentem mais a necessidade de bajular e cortejar.

Bajular e cortejar? Não havia nada disso. Mas Caroline não tinha acabado. Ela apertou a mão que a segurava.

— Uma esposa inteligente manterá o marido alerta. Não há nada como a admiração de outros homens para provocar um pouco de ciúme, sem mencionar que evita que ele se desvie.

Ela partiu logo depois disso, prometendo, enquanto beijava com entusiasmo o ar em ambos os lados das bochechas de Friday, voltar assim que elas pudessem, como ela disse, "fazer alguns planos aconchegantes juntas".

Friday foi deixada presa em suspeitas e dúvidas. A conversa da Sra. Caroline Cleeve serviu apenas para aumentar sua insegurança. De onde surgiu essa oferta? Não de qualquer apego emocional da parte de Nick, isso estava claro o suficiente. Mas ele estava apegado. Caro tinha deixado escapar. Friday tinha pensado que era um reflexo da improbabilidade de Nick estar apaixonado por ela, mas a negação de Caro tinha sido totalmente genuína, ela tinha certeza disso. Além disso, ela havia criticado sua aparência. Isso

machucava. Mas talvez não tanto quanto Caro pensava, pois Friday há muito havia se acostumado a essa verdade. O breve instante em que ela vislumbrou — ou pensou ter visto — a menor possibilidade de que ele se importasse não foi o suficiente para alterar sua convicção de longa data.

A que, então, Caro estava se referindo? Ela não acreditava que Nick estivesse verdadeiramente apaixonado, o que devia significar que ele professava estar. Se não por ela, por quem? Isso doeu. Tanto que ela mal conseguia respirar por causa da dor física real gerada pelo pensamento. Pois se Nick estivesse apaixonado por outra pessoa, ela não poderia se casar com ele. E de fato, se ele estava, por que ele pedira a mão dela?

Ela ainda estava com esse estado de espírito insatisfatório quando Nicolas a encontrou sem avisar dois dias depois. Ela estava sentada em seu lugar de costume na biblioteca, os pés à sua frente no banquinho da janela, um jornal aberto sobre os joelhos que ela não estava mais lendo, em vez disso olhando vagamente para o espaço.

Não foi necessário o grunhido de advertência de Bruno para atrair a atenção de Friday. Ela virou a cabeça para a abertura da porta. Já que ela estava usando seus óculos, ela viu imediatamente quem era.

Seu coração deu um salto, suas mãos estremeceram e o jornal saiu voando. Ela pulou do banquinho da janela e correu, acompanhada pelos latidos frenéticos de Bruno, para recuperá-lo. Nick estava diante dela, pegando o papel e olhando para ele enquanto Friday se virava para cuidar de seu cachorro excitado.

— Quieto, Bruno! Não foi nada. Quieto, agora.

Bruno se acalmou e Friday ergueu os olhos para encontrar Nicolas olhando para ela inquieto.

— Você já viu, então, — declarou ele categoricamente.

Seu olhar foi para o parágrafo que anunciava o noivado e de volta para o rosto dele.

— A notícia? Sim. — Um pequeno sorriso cruzou seu rosto, apesar de seus nervos à flor da pele. — Mamãe está tão zangada. Você deveria ter colocado Frideswid.

Nick franziu o cenho em rápida consternação.

— Deus, sim. Nunca pensei nisso, estava com tanta pressa.

Friday continuou.

— Não consigo imaginar por quê.

Nem Nicolas, agora que pensava nisso. A menos que tenha sido o desejo intenso de deixar todo o episódio para trás. Agora, no entanto, ele teve tempo de reconhecer que não havia como fazer isso. Ao contrário, estava tudo à sua frente, exceto pela barreira de seu pai.

Lorde Weare aparentemente ficou surpreso com a velocidade da ação de Nick. Ele evidentemente esperava que ele aguentasse muito mais tempo. A suspeita havia tornado as rugas mais profundas ao redor de seus olhos.

— Não está tentando me passar para trás, espero, garoto. Algum truque na manga? Tente me enganar, e estou avisando...

— Não tenha medo, senhor. Fiz o pedido de boa fé. Foi aceita como tal.

Seu pai havia lutado por um tempo, grunhiu e deu sua bênção com um cavaleiro.

— Posso estar doente, mas ainda possuo minhas faculdades. Casamento, eu disse e casamento eu quis dizer. Não conte suas galinhas antes de ir ao altar.

— Meu Deus, senhor, por quem me toma? — Nick retrucou. — Posso ser o idiota que sempre me chama, mas me permita algum vestígio de honra.

Weare não ficou impressionado.

— Você não pode chorar. Ela pode, no entanto. Cabe a você ver que ela não tem motivo para fazer isso — acrescentou ele significativamente — pelo menos, não antes do casamento.

Nick poderia ter batido nele. Exceto que não se oferecia violência aos pais, e a um inválido. Maldito fosse ele e suas insinuações! Ele preferia ouvir os comentários francos de Caro, embora eles o tivessem irritado na época.

— Querido Nicky, estou tão feliz — gritou sua irmã com alegria, abraçando-o com fervor. — Agora eu não terei que me preocupar até a morte por você ter fugido com aquela maldita garota por quem você deve imaginar que está apaixonado. Agora, se eu conseguir convencer Tony a aceitar Julia, podemos todos ficar satisfeitos.

Nicolas não estava nem um pouco satisfeito. Parecia que o mundo inteiro estava de conluio para casá-lo, independentemente de com quem ele se casasse, contanto que não fosse Hermione. Estranhamente, ele se sentiu decepcionado em nome de Friday. Ela era tão peão quanto ele, parecia. Só que o pai dela acreditava que era o que ela queria. Ele não disse isso com tantas palavras, mas suas dicas foram inconfundíveis.

— Eu conheço você como um cavalheiro — disse ele de modo encorajador — e estou pronto para jurar que você não fará nada para machucar minha garota. Friday gosta de você, meu rapaz. Uma base sólida para o casamento, na minha opinião.

Bem, ele gostava dela também. Mas não parecia um prelúdio para uma união mais íntima. Ele teve vários dias para acostumar sua mente com a ideia, mas ainda parecia tão estranho como quando foi proposta a ele pela primeira vez. Uma espécie de desespero entorpecido sucedeu ao choque da resposta positiva de Friday, e foi com esse humor que ele veio fazer uma visita à sua noiva prometida.

Friday vagou de volta para seu assento na janela, seu olhar nos grandes olhos de Bruno enquanto ele se sentava ao lado dela, olhando para ela com a cabeça inclinada de uma forma intrigada, como se sentisse o desconforto na sala. Nick puxou a cadeira de trás da pequena escrivaninha de mogno que era a única mobília da sala além das estantes cheias de livros e do banquinho da janela, e se sentou. Ele mexeu no jornal por um ou dois minutos e então o colocou cuidadosamente na mesa de couro escuro.

O silêncio tornou-se opressor. Era Friday, pelo amor de Deus, Nick pensou desesperadamente. Eles sempre puderam falar livremente. Se era assim agora, qual o preço da estranheza de realmente morarem juntos? Quanto mais tentava pensar em algo para dizer, mais vazia sua mente se tornava. Só havia um pensamento em sua cabeça: um erro. Este foi um erro terrível. Ele estava quase pronto para dizer em voz alta quando Friday o antecipou.

— Caro veio me visitar outro dia.

— Caro? — Ele repetiu estupidamente.

— Sua irmã.

— Eu sei que ela é minha irmã — ele retrucou.

A cabeça de Friday se ergueu. Ela se sentiu mal. Demorou muito para pronunciar aquela frase. Se era assim que ele pretendia se conduzir em relação a ela, ela desejou que ele fosse embora novamente.

— Sinto muito — murmurou Nick.

— Não importa — disse ela brevemente.

— Sim. Não há razão para arrancar sua cabeça.

— Não, não há.

Depois de um momento, Nick suspirou.

— Friday, não podemos continuar assim.

O olhar dela deslizou para fora.

— Parece que não temos muita escolha.

Ele limpou a garganta, tentando um tom mais normal.

— Estou feliz que Caro se deu ao trabalho de vir aqui.

Friday olhou para ele. Ela respirou fundo.

— Ela sente que eu devo me animar. Se minha aparência for um problema para você, Nick, talvez eu deva alterá-la.

Nick ficou sem expressão.

— Alterar sua aparência? Para mim? Você está louca, Friday?

— Bem, mas Caro sente que terei que ir a Londres na próxima temporada e ela acha que meu modo de vestir não vai servir. O que é claro que não vai, se... se eu tiver que ir a Londres.

— Pelo amor de Deus, Friday, — exclamou ele, levantando-se abruptamente — você vai fazer o que quiser. Quanto a Caro, não tem nada a ver com ela, então vou contar a ela. — Ele deu um ou dois passos. — Eu sei o que ela está fazendo e não vou tolerar isso.

Friday ansiava pela coragem de perguntar o que ele queria dizer. A sensação de mal-estar se intensificou, mas ela lutou contra ela.

— Então você não se opõe à minha aparência — ela prosseguiu.

— Sua aparência não importa — disse ele, parecendo zangado. — Caro não tem nada a dizer sobre isso, em qualquer caso.

— Pelo contrário — brincou Friday. — Ela tinha muito a dizer sobre isso.

Mas você não, Nick.

Acrescentou ela em silêncio, enquanto a piada acabava por desmoronar e ela o observava andar inquieto de um lado para o

outro na longa sala. Se ele se importasse, diria que estava perfeitamente feliz com sua aparência ou que gostaria que ela tivesse uma aparência mais bonita, se isso fosse o que ela desejava. A triste verdade era que ele não se importava com a aparência dela. Claro que não. Ele não se importava com ela. Não da maneira como um homem se importa com sua noiva. As palavras saíram quase sem ela saber que as disse.

— Estamos mal nos comportando como um casal recém-noivado.

Nicolas se deteve abruptamente em sua perambulação pela biblioteca. Ele a encarou e forçou um sorriso.

— Eu imploro seu perdão, Friday. Minha culpa. Eu apenas... não estou acostumado com isso.

— Nem eu.

Ela olhou para ele por um momento. Este era um bom momento? Ele parecia menos irritado. Seu coração batia forte, mas ela se levantou e deu um ou dois passos na direção dele.

— Nick, se.. se talvez você tiver mudado de ideia, por favor, não nos deixe continuar assim. Dou muito valor à sua amizade para perdê-la e sinto que a estou perdendo.

As feições de Nick suavizaram de uma vez. Ele veio até ela e agarrou seus ombros.

— Friday, me perdoe, eu nunca quis que fosse assim. Nós somos amigos. Sempre seremos amigos. Nada pode alterar isso.

O calor a inundou, como sempre acontecia quando ele se dirigia a ela com tanta gentileza. Seus lábios tremeram em um sorriso e seus olhos brilharam sob o vidro dos óculos.

— Você está falando sério?

— Eu juro. Isso... — ele hesitou em dizer uma palavra para expressar a situação em que se encontravam — ...não afetou a maneira como nos sentimos um pelo outro.

Ela não quis dizer isso. Mas, com o alívio da restrição, ele escapuliu em uma gargalhada.

— Não é precisamente Páris e Helena, é?

Uma carranca de autocensura apareceu em seus olhos.

— Não estou fazendo isso muito bem, estou? Devo beijar você?

Assustada, Friday mudou drasticamente.

— Não! — Então ela corou, gaguejando, — Bem, se... se você quiser f-fazer, ouso dizer que pode. Afinal, terei que me acostumar a... fazer o que você quiser.

— Meu Deus, Friday, não sou um monstro! Você acha que vou forçar alguma coisa sobre você? Isso não faz parte do acordo.

Uma sombra cruzou seu rosto e uma corrente de ar gelada a cortou.

— Acordo?

Mas a necessidade de Nick de desiludir sua mente o fez passar despercebido.

— Você não pode pensar, Friday, que eu iria sobrecarregá-la com carícias que devem ser tão indesejáveis para você tanto quanto seriam para...

Ele parou bem a tempo, horrorizado consigo mesmo quando a palavra “mim” pairou no final de sua língua. Mas Friday não parecia tê-lo antecipado nesta ocasião.

— Elas... elas não seriam indesejadas para mim — ela ofereceu timidamente em uma voz baixa.

Evidentemente, ela era incapaz de olhar para ele, mas Nicolas se sentiu na obrigação de beijá-la. Sem jeito, ele ergueu o queixo dela, evitou os óculos enormes com dificuldade e plantou uma saudação casta em seus lábios.

O contato foi leve, mas o calor seco fez Friday tremer, e ela teve que agarrar os braços de Nick para impedir que desmaiasse sob joelhos repentinamente indisciplinados.

— Pronto, viu? — disse Nicolas acusadoramente, firmando-a. — Eu sabia que você não gostaria. Não tenha medo, eu não farei isso de novo.

Não, foi o pensamento incoerente que ocorreu a Friday, porque ele não gostaria disso? Tardiamente, ocorreu a ela o que ele se impedira de dizer. *Ele* não suportaria tais carícias. As lágrimas brotaram de seus olhos e seus óculos embaçaram.

Vendo isso, Nick imediatamente adivinhou sua angústia.

— Friday, eu nunca quis chatear você. Eu sinto muito. Eu não farei isso de novo, eu prometo.

Em meio às lágrimas e ao peso da pressão no peito, Friday não pôde deixar de sorrir. Como ele estava cego! Porque ele não sabia.

Ele a estava movendo para o banquinho da janela, obrigando-a a se sentar. Tirando os óculos, ela enxugou as bochechas com o lenço que ele ofereceu para seu uso e o devolveu a ele.

— Aqui, me dê isso — ordenou ele, pegando os óculos.

Através de uma névoa, ela o viu limpá-los e seu coração aqueceu com o gesto de bondade simples. Oh, se eles pudessem ter permanecido apenas amigos. Ela estava procurando uma maneira de colocar isso em palavras quando Nick falou novamente, varrendo o pensamento de sua mente.

— Em quanto tempo você acha que devo sair daqui? Quer dizer, seu pai provavelmente espera isso. E, pelo bem da forma, acho que devo ficar um pouco. Mas se você quiser se livrar de mim, Friday, basta dizer uma palavra. Eu sei que você prefere muito mais ter seus livros do que ir ao baile com um mero noivo.

Uma risada acompanhou essas palavras, e ele olhou para o rosto de Friday enquanto falava. Ela estava olhando para ele sem expressão. Sem os óculos, que ele ainda segurava frouxamente entre os dedos, os olhos dela eram piscinas de pura perplexidade em seu rosto picante. Ele franziu a testa.

— O que foi?

Ela desviou o olhar imediatamente, balançando a cabeça.

— Nada. — Ela estendeu a mão para pegar os óculos e rapidamente os colocou.

Nicolas começou a se sentir desconfortável novamente, sem saber por quê. Friday não parecia mais angustiada, mas havia uma estranha tensão nela novamente. Ele não conseguia pensar em mais nada para dizer ou fazer. A facilidade de amizade havia desaparecido. A depressão voltou a se instalar em seu espírito e ele se levantou, impaciente para ir embora.

— Estou incomodando você — disse ele brevemente. — Eu irei agora.

Friday concordou.

— Adeus, Nick.

Ela parecia desamparada; ele não sabia por quê. Ele hesitou por um momento, mas ela não disse mais nada, apenas ficou sentada no banquinho da janela, olhando para ele sem expressão aparente. Nick se virou e saiu rapidamente da sala.

Friday permaneceu como estava por algum tempo, desejando manter a calma. Náuseas e borboletas lutaram pela posse de seu estômago. Ele nunca saberia o quão difícil foi deixá-lo ir embora. Tudo nela ansiava por gritar para ele que ele deveria ficar, porque enquanto ele partia, ele levou consigo os restos de um sonho breve e impossível.



CAROLINE MEXEU com o négligée de renda espumosa que estava enrolada em volta dela, deitada na chaise-longue em seu boudoir. As lindas listras rosa das almofadas de cetim se repetiam nas paredes e nas cortinas, tornando um caramanchão frívolo para sua ocupante.

Friday parecia totalmente deslocada. Mas a Sra. Cleeve não teve oportunidade de expressar sua desaprovação sincera de um conjunto que só poderia ser descrito como sensato. Botas infantis sob o vestido de lã de linho de bronze, um chapéu simples de castor e a capa escura que estava jogada nas costas da cadeira.

— Caro, por favor, me diga a verdade — Friday implorou pelo que devia ser a quarta ou quinta vez.

— Mas Friday, não há nada para contar — protestou Caroline mais uma vez, se contorcendo desconfortavelmente. Sua voz assumiu um tom petulante. — Eu declaro, vou matar Mary por deixar você entrar. Não estou nada bem hoje.

— Sim, eu sei, Caro, e sinto muito por isso. Mas você não deve culpar sua empregada, você sabe. Eu a fiz permitir que eu subisse, pois isso não pode esperar.

— Mas, na verdade, eu não sei de nada — disse Caroline desesperadamente, agitando as mãos inquieta.

— Sim, você sabe — insistiu Friday. — Sei que não é gentil da minha parte pressioná-la, principalmente se você jurou segredo, como ouso dizer que pode ser o caso, mas é toda a minha vida que está em risco.

— Oh, isso é um absurdo, Friday.

— Não, não é absurdo, embora possa soar um pouco melodramático. Não posso me casar nessas circunstâncias.

Caroline se sentou com um puxão.

— Você não está pensando em desistir?

— Bem, sim, estou, Caro — disse Friday em tom de desculpa.

— Oh, não, Friday, você não deve. Na verdade, você não pode. O que diabos devo fazer com Nick de volta em circulação? Não há como dizer o que acontecerá se você o libertar agora.

Friday considerou as feições ansiosas de forma constante.

— De fato? O que vai acontecer?

Caroline prudentemente refugiou-se nas lágrimas. Friday levantou-se rapidamente e foi se empoleirar ao lado dela na chaise-longue, segurando suas mãos e falando com uma voz de intensa intensidade.

— Caro, eu não queria te aborrecer, realmente não queria. Mas por favor, não me engane. Eu sei que Nick realmente não deseja se casar comigo.

— Ele quer, ele quer — lamentou Caroline. — Ou se ele não quer, ele deveria.

Friday não pôde deixar de sorrir, apesar da dor em seu coração.

— Suponho que você disse isso a ele?

Caro agarrou um pedaço de lenço de renda na manga e assoou o nariz, agitada.

— Não, mas papai fez isso quando contou a ele sobre a visita de seu pai. — Então ela soltou um suspiro, suas mãos voaram para a boca e ela soltou um gemido desesperado.

Curiosamente, o impacto não foi tão severo quanto poderia ter sido. Friday não se surpreendeu. Ela sentiu um certo alívio. Era exatamente como ela suspeitava. Ela deveria ter adivinhado há muito tempo. Ela teria feito isso, se não estivesse tão cega pelo choque de tudo isso. Tinha havido dicas suficientes de Nick, mesmo antes de seu último discurso que disse a ela o que ela sabia agora ser o caso. Quando ele propôs, ele quase mencionou sua suposta herança. Um acordo, ele dissera mais tarde. Em seguida, havia papai. Ele e mamãe sabiam, exatamente como ela achava que sabiam, sem serem informados de que aconteceria. Não era de

admirar que papai não tivesse continuado a criticar o casamento quando já havia resolvido o assunto.

Lágrimas escorriam pelo rosto de Caro e Friday foi atacada pelo remorso. Ela segurou uma das mãos novamente.

— Não se preocupe. Eu teria descoberto de qualquer forma... se não por você, então talvez por meu pai ou Nick.

Caro a olhou com incerteza.

— Você não está muito zangada?

Friday tentou sorrir e teve que engolir em um soluço crescente.

— Não — disse ela com voz rouca. — A culpa é minha. Algo que deixei transparecer, inadvertidamente, acho que foi o que o motivou. Papai é muito observador. Ele deve ter adivinhado, reconhecido...

— Mas é tão adequado, Friday — disse Caro persuasivamente, animando-se agora que o segredo estava revelado.

— Para quem?

— Para todos, você não vê?

Uma risada escapou na Friday.

— Todos? Devemos todos nos casar, então?

— Oh, você sabe o que quero dizer. Isso me convém, pois estou sem Nick. — Ela começou a contar os itens em seus dedos. — É bom para o seu pai, pois ele vai cuidar da propriedade.

— Foi isso que ele disse?

— Sim, e que também cuidaria de você.

Sim, Friday lembrou agora. Ela estava agitada demais para notar na hora, mas foi o que ele disse quando tocou no assunto de seu casamento pela primeira vez.

— É bom para o meu pai — continuou Caro, — porque significa que ele não precisa mais se preocupar com o futuro de Nick. É bom para Nicky, por razões óbvias, e...

— Elas não são óbvias para mim — interrompeu Friday em um tom mais nítido do que ela já havia usado.

— Oh, Friday — disse Caro, rindo. — Você deve estar bem ciente de que, se seu pai pretende liquidar a propriedade com você, as vantagens para Nick são surpreendentes. Não adianta se afetar por isso. Um filho mais novo — e papai estava certo sobre isso — deveria aproveitar essa chance.

— Em outras palavras — Friday disse firmemente, — papai o comprou para mim.

Caroline segurou suas mãos.

— Não se magoe, Friday. Nick rejeitou a ideia em termos inequívocos, você deve saber. Papai teve que exercer uma pressão tal que você jamais conceberia.

Friday puxou suas mãos e se levantou rapidamente da chaise-longue, indo até a janela e retirando os óculos para que não embaçassem. Ela falou de costas para a sala, com um tremor na voz.

— Você acha que isso me faz sentir melhor? Eu sabia muito bem que ele estava pouco à vontade sobre o assunto, mesmo que não gostasse da ideia, mas não imaginei que ele tivesse que ser coagido a me propor casamento.

Ela podia ouvir Caroline se desmanchar em lágrimas novamente atrás dela, mas sua própria angústia era muito aguda agora para permitir que ela fizesse qualquer coisa para ajudá-la. Mas em um ou dois minutos ela se controlou novamente. Com os óculos de volta no lugar, ela se virou e veio se sentar novamente.

— Não chore, Caro — disse ela suavemente. — Não é culpa sua. Eu gostaria que você não tivesse que ser arrastada para isso. Mas você deve entender que não posso me casar com Nicolas agora.

Caroline estava fungando em um lenço úmido.

— Eu só estou chorando porque você está, Friday. Eu não posso evitar minha sensibilidade, especialmente em minha condição atual.

Friday sorriu para ela.

— Eu sei. Eu sinto muito.

Caro guardou o lenço.

— Não importa agora que você parou de chorar. Mas eu gostaria que você pensasse melhor sobre sua decisão. Não é que Nick não goste de você. Além disso, os sentimentos de um homem, você sabe, muitas vezes se animam mais profundamente em relação a uma mulher se eles estiverem por perto, não importa como ele comece. Há um caloroso sentimento gerado entre um homem e uma mulher quando eles compartilham uma cama que não pode ser ignorado.

Uma sugestão de risada brilhou sob os óculos de Friday.

— Caro, tenho certeza de que você não deve falar dessas coisas com uma mera solteirona.

— Sim, mas o fato é que devo, se você não quiser permanecer uma solteirona.

— Acho que já é tarde para isso.

— Não, pense apenas, Friday — disse ela de forma persuasiva. — Você não gostaria de privar Nick de seu avanço — e não adianta você fingir que não se importa com isso, porque eu sei muito bem que você gosta dele.

— Gosto!

Caro ergueu as mãos.

— Bem, ama, então. Céus, Friday, você acha que eu não sei?

Friday suspirou.

— Eu esperava não ser tão óbvia.

— Sim, mas eu sou uma mulher, meu amor — disse Caro de uma forma superior que divertiu Friday, apesar da ferida que havia sido infligida em seu coração. — E por mais que Nick seja meu irmão, estou bastante furiosa com ele por ser tão estúpido. Estou de acordo com papai, você sabe. Não consigo imaginar que ele teria sido tão avesso a se casar com você se não fosse por aquela criatura abominável.

Uma mão gelada agarrou o coração de Friday. Aqui estava, finalmente. Ela sabia disso. Havia alguém. A pergunta que saiu de sua boca soou em seus próprios ouvidos como um grasnido terrível.

— Que criatura abominável?

— Oh, uma mulherzinha impossível — disse Caroline acaloradamente. — Apesar de tudo o que ela fez para entrar na sociedade, ou melhor, sua mãe fez, ela pertence ao *submundo*. Que é onde ela vai parar, marque minhas palavras. Mas Nick não tem inteligência para ver isso ainda. — Ela se inclinou para frente ansiosamente. — Mas se ele fosse casado, Friday, não há dúvida de que ele veria isso.

Uma risada saiu surpresa de Friday.

— Não consigo imaginar por que você deveria pensar assim. Se ele a ama...

— Bobagem, ele não tem esse sentimento, embora pense que tem. É apenas uma paixão tola. Friday, eu prometo a você, não vale um instante de sua consideração. Todos os homens imaginam estar apaixonados por essas mulheres. É uma parte do crescimento, você deve saber. Agradeço aos céus que Nick tenha pelo menos o bom senso de ver o seu valor, pois você pode acreditar que ele não teria proposto se não a valorizasse, não importa o que papai disse e estou convencida de que você nunca precisa se preocupar com o caso. Muito em breve você vai afastá-lo dela, eu prometo.

Ela tagarelava da mesma maneira, mas Friday mal a ouvia. Cada palavra fazia seu coração afundar. Sim, talvez houvesse consolo no fato de que a coação sob a qual Nick pediu sua mão foi mais necessária por seu envolvimento em outro lugar do que por sua relutância em se casar com ela. Mas paixão? Não foi apenas essa paixão que deu início à Guerra de Tróia? A paixão de Fedra por Hipólito não tinha levado a morte prematura de ambos? Havia exemplos suficientes nas histórias que ela havia lido sobre as terríveis consequências de uma simples paixão.

Era bastante claro que Nick não o considerava tão levianamente. De repente, ela se lembrou daquelas palavras estranhas sobre Caro — que ele sabia o que ela estava fazendo e não iria tolerar. O que ela estava fazendo, é claro, ao tentar tornar Friday mais esperta, estava segurando-a como uma isca para afastá-lo de seu apego.

Era ridículo. Como ela poderia afastá-lo de seu afeto? A menos que fosse realmente verdade que a garota era tão inelegível. Nesse caso, sussurrou uma vozinha esperançosa em seu coração, não seria uma gentileza se casar com ele? Além das vantagens que ela era capaz de oferecer, seu amor poderia trazer-lhe felicidade. Oh, poderia se ele apenas desse uma chance.

As palavras de Caroline começaram a penetrar, caindo em solo fértil.

— Agora você vê, Friday, a vantagem de ter alguns cuidados com a sua aparência? Eu posso te ajudar, de fato posso. Meu pior inimigo não pode dizer de mim que eu não conheço moda.

O que era verdade, admitiu Friday. Ela não era tão ignorante de tais assuntos que não pudesse ver por si mesma. Ela poderia ser tão mudada por roupas modernas que Nick olharia para ela com

novos olhos? Pelo menos ela era elegível, se não fosse bonita. E Nick já gostava dela. Talvez Caro estivesse certa. Ela respirou fundo.

— Muito bem, se você quiser, Caro. Nós podemos apenas tentar.

Caroline sorriu.

— Então você virá? Fabuloso! Na primeira manhã, então, que eu esteja bem, iremos juntos a Reading. Tenho uma excelente costureira que pode. . .

Ela estava desligada. Não havia como controlar seu entusiasmo e Friday sabiamente não tentou. Além disso, seu espírito de luta havia sido despertado. Ou talvez, ela pensou honestamente, ela simplesmente não suportasse pôr fim ao noivado. Se houvesse a menor chance de que pudesse acabar em seu favor — se ela pudesse encontrar uma maneira de atrair o interesse de Nick em um nível diferente — então ela tentaria. Talvez — embora parecesse improvável — ela pudesse conquistar Nick para longe desta “mulher impossível”.

Alguns dias depois, Caroline enviou sua carruagem para buscar Friday e, juntas, foram para Reading. Eles desceram diante da porta do salão da modista a quem Caro havia decidido levá-la, e a carruagem seguiu em frente para esperá-las em um beco lateral.

Caroline estava em ótima forma e tinha acabado de agarrar o braço de Friday e estava prestes a arrastá-la para a loja quando avistou seu irmão alguns metros rua acima. Ela parou de repente, olhando.

— Céus! — Ela exclamou com a voz fraca.

Friday olhou na direção de seu olhar fixo. Ela não estava usando seus óculos — Caroline os arrancou de seu rosto ao vê-la, dizendo que sua costureira desmaiaria de choque se os visse — e podia ver apenas três figuras ali. Que dois eram homens e a outra uma mulher, era tudo que ela podia julgar imediatamente.

— Libertino! Oh, desgraçado! — Disse uma voz furiosa de Caroline. — Como ele pode?

— É Nick? — Perguntou Friday, mas mesmo enquanto falava, ela reconheceu a forma e a estatura de um dos cavalheiros, que agora vinham em sua direção.

— Como vai você, Sra. Cleeve? — Disse a mulher com voz ofegante enquanto subiam.

— Muito mal, obrigada — respondeu Caroline severamente.

— Caro! Meu Deus, o que você está fazendo aqui? — Perguntou Nicolas em tom chocado. — Quero dizer, você não deveria estar descansando?

A voz e o contorno do segundo cavalheiro eram igualmente conhecidos à Friday.

— Como vai, Caro? — Ele tossiu, como se estivesse envergonhado.

— Estou pelo menos feliz em ver você, Charles. — O tom de Caroline foi mais agudo do que o normal, e a nota de fúria era evidente sob os tons excessivamente polidos. — Eu vim, Nick, para ajudar Friday — dando ênfase indevida ao nome — a escolher algumas roupas de noiva.

— Noiva! Oh, Deus — disse seu irmão desconjuntado. — Friday, por que agora? Por que Reading?

— Porque minha costureira está aqui, Nick, — disse Caroline severamente, respondendo por ela. — E eu também posso ter um motivo para explicar a você.

Friday estava procurando seus óculos na cesta que carregava. A tensão era tangível, e a agora familiar sensação de mal-estar já a atacou na presença de Nick. Mais importante ainda, na presença desta mulher estranha cuja mão, ela agora podia ver, descansava possessivamente na dobra do cotovelo de Nick.

Charles Delamere estava para trás, puxando a manga de Nick.

— Hum... me desculpe. Não devo incomodá-los. Assuntos para cuidar, sabe.

Caroline tomou uma decisão. Ela agarrou o braço de Friday em um aperto semelhante a um torno.

— Venha, Friday. Também temos assuntos importantes para tratar.

— Espere, Caro — disse Friday, sem olhar para ela enquanto seus dedos se fechavam sobre os óculos e ela os tirava.

Ela notou Charles se afastando. Ela sentiu Caro dar uma mordidinha nela com os dedos e tentar arrastá-la em direção à porta do salão. Ela a ignorou. Olhando para Nicolas, ela se dirigiu a ele

em um tom calmo que desmentia totalmente a turbulência em seu peito.

— Você não vai me apresentar à sua amiga, Nick?

— Não, não! — Sussurrou Caro freneticamente.

Nick tossiu. Sua voz estava rouca.

— Esta é Hermione, ou melhor, Srta. Hesket.

Os óculos se encaixaram no lugar quando Friday se virou para olhar para Hermione Hesket. Um rosto encantador entrou em foco: olhos de um azul-celeste, um pequeno nariz inclinado e um arco delicado de uma boca de lábios carnudos vermelho-cereja, rodeado por um halo de cachos dourados desordenados.

Friday captou a visão e definhou onde estava. Ela era primorosa. Ela era incomparável. Helena de Tróia em pessoa.



Capítulo 4

Os pensamentos caíram caoticamente na mente de Friday. Essa era a criatura abominável? E com Nick? Tão perto de Nick. Santo Deus, como sair daqui? O céu a ajudasse, mas ela não tinha como competir com uma mulher como esta! Afastá-la dele? Ela, Friday Edborough? Ela quase riu. O que Caro estava pensando? Ela devia estar louca. Mais louca ela ficaria, se não deixasse este lugar imediatamente.

Mas seus pés pareciam enraizados no chão, seu olhar fixo nas feições encantadoras cujo advento chocante selou sua determinação: não havia esperança possível agora de que ela continuasse com aquele noivado farsesco.

Ela percebeu que estava puxando seu braço e a voz de Caro.

— Pelo amor de Deus, Friday, vamos, ande!

Andar! Para onde? No momento, Friday não conseguia se lembrar onde estava ou o propósito de sua presença. Isso não importava. Onde quer que Caro quisesse que ela fosse, ela a seguiria. Em qualquer lugar, menos aqui, com este rosto de Helena para arrancar o coração de seu peito.

Quando seus olhos, forçosamente, foram arrancados da imagem desconcertante, eles piscaram fugazmente para o semblante de Nicolas e registraram consternação e mortificação, sentimentos que ela imediatamente sentiu mais intensamente do que os seus. A compaixão a perfurou.

— Não se preocupe, Nick — gritou ela rapidamente, pouco antes de Caroline arrastá-la para o salão da costureira, e ela se viu

vagamente contemplando um mar de rostos interessados em uma decoração elaborada de dourado, espelhos e papel de parede listrado de verde e branco que começou a vacilar diante de seus olhos.

A Sra. Cleeve mal havia fechado a porta antes de se voltar para sua futura cunhada em um sussurro furioso.

— Não se preocupe? Não se preocupe? Você perdeu os sentidos, Friday?

— Não — murmurou Friday, de repente consciente da importância das manchas em sua visão, do zumbido em seus ouvidos — mas estou prestes a fazer.

— Então, eu devo pensar! De todos os... Oh, céus! — Terminou Caro, observando a situação abruptamente. — Não desmaie, Friday! — Ela olhou em volta freneticamente, encontrando os olhares de dois clientes e um bando de assistentes pairando no ar.

Para elas, ela se dirigiu a si mesma quase gritando, agarrando-se a Friday, que oscilava precariamente, para evitar que caísse.

— Aqui, rápido! Uma cadeira. Um tamborete. Qualquer coisa!

Com grande presença de espírito, uma das costureiras estendeu um vestido que segurava a um colega e saltou para a frente para ajudar a guiar a aflita cliente até uma cadeira de borda dourada perto do balcão.

Friday afundou conforme as instruções e, obediente à pressão em suas costas e à voz insistente, permitiu que sua cabeça caísse sobre os joelhos. Um momento depois, um aroma acre assaltou suas narinas enquanto os dedos de Caroline agitavam sua garrafa de sal volátil sob seu nariz. Isso fez os olhos de Friday lacrimejarem, mas em um ou dois momentos a sensação nauseante de tontura começou a diminuir. Com um pouco de fraqueza, ela ergueu a mão para afastar os sais aromáticos e ergueu a cabeça com cautela.

— Não tente se levantar — avisou Caro. — Sente-se quieta. Não há nada mais garantido de ter você esticada no chão do que uma subida precipitada.

Friday não tinha intenção de tentar se levantar. Suas pernas não a teriam sustentado em nenhum caso. Ela estava grata pela ação imediata de Caro, que evitou um desmaio completo. Ela se recostou na cadeira, levando as mãos à cabeça.

— Lamento ser tão boba — ela murmurou. — Não consigo imaginar por que fiz isso.

— Bem, eu consigo — declarou Caroline, pelo tom dela, evidentemente ainda muito irritada. — Estou apenas surpresa por não ter desmaiado.

Um pequeno sorriso apareceu nos lábios de Friday.

— Pelo menos você tem uma desculpa legítima.

— Qualquer uma poderia ter desmaiado. Você foi provocada além do limite. Não sei como você não atingiu o desgraçado! Eu prometo a você que eu pensei em fazer isso. Da próxima vez que eu vir Nick...

— Oh, não, Caro — implorou Friday. — Agora não, aqui não.

Caroline olhou em volta, recobrando-se ao notar que os ouvidos interessados claramente não ouviam.

— Sim, mas o que ela está fazendo aqui? — Ela continuou, embora em um tom baixo. — Isso é o que eu gostaria de saber.

Não foi uma pergunta que ocorreu a Friday. Mas o fez agora, e com considerável força. Nick tinha mandado chamá-la? Não. Ele não seria tão temerário, ele era cavalheiro demais para arriscar o encontro que havia ocorrido. Então ela deve ter vindo por conta própria. Isso fazia sentido. Ela — Hermione, não era? Nem com o nome dela era possível competir! — tinha lido sobre o noivado na Gazeta e talvez tivesse vindo descobrir a verdade sobre ele. Não, ela devia saber que era verdade. Não teria aparecido de outra forma. O que então? Nick não a avisou de sua intenção? Ela tinha vindo, talvez arriscando a humilhação de sua rejeição, para descobrir por que ele a trocara por outra?

Friday estremeceu um pouco ao pensar em tal confronto. No lugar da garota, ela mesma não poderia ter enfrentado isso. Hermione devia amá-lo muito, ela refletiu. O pensamento trouxe uma nova dor à ferida ainda aberta. Mas isso só fortaleceu sua determinação. Ela devia libertar Nick, quanto mais cedo melhor.

Ela procurou por Caroline e descobriu que ela estava em uma conversa profunda com uma mulher de meia-idade vestida com um vestido adequadamente modesto que ainda conseguia transmitir uma aura de elegância silenciosa. Era, sem dúvida, a costureira, de cujos serviços, Friday pensou ironicamente, ela não precisava mais.

Ela descobriu que uma das assistentes estava oferecendo um copo d'água e o pegou com uma palavra murmurada de agradecimento. Seus olhos, entretanto, estavam em Caroline Cleeve, e foi com alguma apreensão que ela contemplou a ideia de informar Caro que ela havia mudado de ideia — irrevogavelmente.

NICOLAS, entretanto, foi paralisado em ação por aquela única declaração de sua noiva. *Não importa, Nick*. Mas ele se importava, muito mesmo. Pois a expressão em seu rosto, quando ela foi atingida com o impacto da identidade de Hermione, não o deixou em dúvida de que o incômodo da língua de sua irmã garantiu que ela soubesse exatamente o que o nome significava. Ele não poderia ter desejado uma maneira pior para Friday descobrir a verdade, e gostaria muito de ter tido a cortesia — para não mencionar a coragem — de expor todo o assunto em primeiro lugar.

Ele próprio ficou muito surpreso com a repentina presença anunciada de Hermione nas proximidades, e veio aqui para encontrá-la hoje — com Charles a reboque para dar ao encontro uma medida de respeitabilidade — expressamente para implorar a ela que voltasse a Londres. Por sorte, eles escolheram a rota direta do George Inn onde se conheceram, e onde Charles e Nick eram muito conhecidos para escapar de comentários, para um santuário menos conspícuo no Green Man, no outro fim da rua principal. Foi um infortúnio maldito que Caro, a intrometida, e ele tinha toda a intenção de cobrar expressamente que ela deixasse os vestidos de Friday em paz — houvesse escolhido aquele momento preciso para trazer Friday para Reading.

Muito chocado para fazer mais do que gaguejar a desejada apresentação, ele permaneceu como um tolo enquanto sua noiva conhecia a mulher com quem ele queria se casar. E ela então o deixou em um embaraço ainda mais agudo ao tentar oferecer consolo. A típica Friday, sempre tentando aliviar o fardo de todos.

A observação o fez agarrar o braço da Srta. Hesket e se afastar em grande velocidade, arrastando-a com ele, seus pensamentos tão densos que ele não ouviu suas queixas ofegantes até que Delamere o deteve à força.

— Acalme-se, companheiro — encorajou Charles, segurando seu braço com firmeza. — O diabo não está atrás de você, você sabe. A pobre garota está prestes a tropeçar nos próprios pés.

Olhando para Hermione com alguma consternação, Nick viu que ela estava um pouco ofegante. O remorso o consumiu e ele se esqueceu de Friday por um momento.

— Eu imploro seu perdão, queri... quero dizer, Hermione — disse ele, corrigindo-se apressadamente ao lembrar que não tinha mais o direito de se dirigir a ela de modo tão terno.

— Qual diabos... é o seu... problema, Nick? — Ela engasgou, com os olhos arregalados.

— Nada, exceto que precisamos chegar ao Green Man o mais rápido possível.

Miss Hesket teve uma mão pressionada para a plenitude de seus seios ainda arfantes, mas seu olhar permaneceu firme em seu rosto.

— Estive pensando, Nick. Por que não voltamos sozinhos para a casa da minha prima — com um olhar para Charles Delamere, cuja mensagem era clara — e então podemos conversar?

Nicolas franziu um pouco a testa, ainda muito abalado pelos acontecimentos recentes para pensar com sobriedade.

— Que prima?

— Eu não disse? Sra. Bemerside, eu vou ficar com ela.

— Pensei que você fosse ficar no George Inn — disse Charles, ecoando o pensamento de Nick.

— Oh, não, eu não poderia ficar lá sozinha. Minha mãe nunca permitiria.

Nick piscou.

— Você me diz que sua mãe sabe que você veio aqui?

— Oh, não, — disse Hermione, vibrando com uma risada que fez seus cachos dourados dançarem sob o chapéu e iluminou seus olhos com um brilho. — Ela não sabe nada sobre isso. Mas ela ficaria muito zangada se eu ficasse em uma pousada.

Nicolas sentiu que sua mãe provavelmente ficaria "muito zangada" por saber que ela tinha vindo aqui, mas ele dificilmente poderia dizer isso. Ele descobriu que Charles o estava cutucando.

— Parece que é melhor você acompanhá-la, Nick. Vou esperar por você no George Inn.

A Srta. Hesket pareceu muito satisfeita com a sugestão, mas Nick não ficou nada entusiasmado. Ele franziu a testa para o amigo.

— Como vamos manter isso inocente se você se esquivar?

Delamere bufou.

— Tarde demais para isso. A coisa já explodiu. É melhor enfrentar.

— Oh, Deus — gemeu Nick, lembrando-se do encontro desastroso com sua noiva.

Enquanto ele hesitava, Hermione colocou os dedos em seu braço.

— Venha, Nick, é apenas um passo. Estaremos lá em um instante.

Muito angustiado para discutir mais, ele se deixou ser puxado por uma rua lateral e não percebeu a ausência de Charles Delamere. Se as línguas já estavam balançando, pouco importava onde eles escolhiam falar.

Mas quando eles chegaram a uma pequena cabana modesta alguns minutos depois, e ele tardiamente se lembrou das origens da Sra. Hesket, ele ficou menos feliz. Era improvável que melhorasse as coisas se ele fosse visto visitando uma bela jovem na casa de um dos cidadãos sólidos de Reading. No entanto, ele se viu incapaz de recusar o apelo de Hermione para que ele entrasse.

— Só por um momento ou dois — implorou a voz ofegante queixosamente, cílios tremulando acima do azul dos grandes olhos.

A Sra. Bemerside provou ser uma matrona desaprovadora de aspecto severo, que saudou a chegada em sua porta da escolta incrivelmente bonita com um olhar desconfiado.

— E Nancy sabe como você leva e traz homens de família para uma visita? — Ela perguntou amargamente.

— Mamãe conhece muito bem o Sr. Weare, prima — Hermione disse alegremente. — Eu garanto que ela não faria objeções a ele.

— Não vou demorar mais do que um minuto — garantiu Nick, irritado com a implicação contida nas palavras da mulher. Hermione dificilmente poderia ser responsabilizada por seu passado. Isso não significava que ela era do mesmo tipo de sua mãe. Embora aquela mulher se opusesse veementemente à sua visita, por motivos muito diferentes, no entanto. Todo o negócio foi singularmente mal

aconselhado. Eles deveriam ter procurado o Green Man como ele pretendia.

A Sra. Bemerside, no entanto, relutantemente afastou-se para permitir que eles entrassem, abrindo a porta de uma pequena sala de estar, mas recusando-se a permanecer.

— Não é da minha conta, se ela escolher viajar por essa estrada — disse ela, farejando. — Embora eu agradeça se você escolher outro lugar na próxima vez. Eu sou uma mulher respeitável, eu sou... apesar de minhas conexões.

A última parte foi jogada tão descaradamente na Srta. Hesket a ponto de despertar a raiva de Nick, de modo que ele bateu a porta atrás dela em vez de deixá-la aberta, como ele tinha a intenção de fazer. Mas quando ele se virou, ele não estava preparado para o ataque do corpo da Srta. Hesket se lançando sobre ele.

— Oh, Nick, como você pôde? — Ela gritou lamentavelmente, jogando os braços para cima para agarrar o pescoço dele.

— Hermione, o que você está fazendo? — Ele murmurou, horrorizado, agarrando-a pelos pulsos e forçando-a a se afastar dele. — As coisas já são ruins o suficiente.

Seus olhos piscaram para ele e as lágrimas se juntaram neles, fazendo-os brilhar. Havia tristeza em seu tom.

— Você me deixou tão infeliz.

Nicolas sentiu-se enfraquecer e endireitou os ombros, afastando-se da porta em direção a uma lareira estreita para colocar o máximo de distância possível entre eles.

Isso, em uma sala tão modesta, não era um grande negócio. Havia espaço apenas para um pequeno sofá muito aconchegante, duas cadeiras bem arrumadas e uma pequena mesa colocada na pequena janela da sala. Cortinas de chita combinavam com as cobertas do sofá e uma pintura de paisagem e um espelho, além de dois castiçais, eram os únicos adornos nas paredes pintadas de branco.

A Srta. Hesket parecia bastante deslocada em sua peliça de veludo rosa altamente na moda sobre o vestido de musselina branca da onipresente debutante, encimado por um atraente boné com bordas no mesmo tom suave. Mas, embora a beleza dela perturbasse os sentidos de Nick, sua consciência da natureza

clandestina deste encontro — que em si constituía deslealdade a Friday — não permitiria que ele cedesse aos instintos mais básicos que o levaram a tirar vantagem de sua situação. Por outro lado, ele devia uma explicação a Hermione.

— Lamento não ter avisado você, Hermione — disse ele rigidamente.

— Oh, sim, e tenho estado tão infeliz — repetiu ela. — Como você pôde ficar noivo, Nick? Como?

Ele se virou e a encarou, todo o seu ressentimento aumentando e colorindo sua voz.

— Eu não tive escolha. Meu pai me forçou.

— Mas como ele pôde? — Perguntou ela em um tom perplexo.

— Muito facilmente — disse Nick pesadamente. — Ele ameaçou cortar minha mesada e me impedir de entrar na casa da família.

Os olhos da senhorita Hesket se arregalaram.

— Quer dizer que você não teria dinheiro algum?

— É exatamente isso.

A ideia pareceu deixar a senhora muda. Sua boca se abriu enquanto ela olhava para ele. Então ela respirou fundo.

— Isso é horrível da parte dele. O que você faria sem dinheiro?

Ele riu brevemente.

— Você pode perguntar. Arrumar um emprego lucrativo, suponho.

O adorável semblante ficou inexpressivo.

— Você não pode querer dizer... trabalhar? Ora, você é um cavalheiro.

— Mas apenas um filho mais novo.

Seu rosto caiu.

— Sim, é uma pena. — Ela suspirou. — Se você fosse aquele destinado a se tornar Lorde Weare, tenho certeza de que mamãe não teria feito nenhuma objeção.

— Não — concordou Nick brevemente. — E eu não teria ficado noivo de Friday.

— Friday — repetiu Hermione, repentinamente concentrada. — Você quer dizer que é a mulher? A que encontramos na rua? Aquela com os óculos? Oh, Nick, não.

Nicolas estava consciente de uma agitação dentro dele — de aborrecimento. Mas ele não podia ficar irritado com Hermione, não é?

— O que você quer dizer?

Ela deu um passo mais perto, seus olhos arregalados de pena.

— Oh, pobre Nick. Que coisa terrível para você. Ora, ela é a criatura mais simples que já vi. Por que diabos seu pai deveria pensar em uma mulher assim para você?

Nick agora descobriu que ele realmente poderia estar irritado com Hermione, e extremamente. Mais do que isso, ele foi capaz de expressar isso a ela, com bastante força.

— Não fale dela assim! Acontece que ela é uma grande amiga minha.

Hermione ficou olhando. Então uma pequena carranca franziu a testa.

— Você não gosta dela, não é?

— Se gosto dela? Claro que gosto dela.

De repente, os olhos da Srta. Hesket se encheram de lágrimas novamente.

— Oh, Nick, e você disse que foi forçado a se casar com ela. Achei que você gostasse de mim.

As lágrimas o suavizaram imediatamente e ele se aproximou dela.

— Não chore. Eu gosto de você, você sabe que sim.

Ela estava linda, apesar das lágrimas. Até por causa delas, pois não a desfiguravam com feias manchas vermelhas. Seus olhos tornaram-se luminosos e seus lábios vermelho-cereja se curvaram adoravelmente. Nick não pôde deixar de colocar o braço em volta dela e dar-lhe um abraço rápido.

— Hermione, me perdoe. Você é aquela com quem eu queria me casar. Mas isso surgiu... não havia tempo para lhe dizer, ou eu teria contado. É uma grande reprovação para mim que você tenha sentido que tinha que vir aqui, e correndo tanto risco.

Duas lágrimas rolaram por suas bochechas.

— Mas o anúncio me deixou muito infeliz, Nick. Mesmo que não pudéssemos nos casar, você disse que se importava comigo.

— E eu me importo. Mas não posso evitar esse negócio miserável, Hermione. Friday é a herdeira da propriedade do pai dela, você vê, e meu pai...

— Oh, entendo, — ela interrompeu, as lágrimas clareando como mágica. Uma expressão alegre transformou seu semblante. — Você quer dizer que é uma combinação vantajosa?

— Sim, exatamente. Naturalmente, eu teria dado qualquer coisa para me casar com você, mas...

— Sim, mas não daria certo, Nick — ela interpôs novamente. — Você não tem dinheiro e nenhum título, e mamãe não quis saber disso.

— Nem meu pai — concordou ele tristemente.

A injustiça de tudo isso o dominou de repente. Aqui estava ele com a mulher que ele queria acima de todas as outras, e as circunstâncias proibiam qualquer tipo de união. Hermione era adorável demais, encantadora demais com as lágrimas recentes ainda brilhando em seus cílios. Ela estava olhando para ele com um calor brilhante que deixou seus sentidos cambaleando. Ele perdeu a cabeça.

Puxando-a para ele, ele a beijou. Ela não resistiu. Em vez disso, ela retribuiu o abraço com um fervor que registrou surpresa em algum lugar da névoa inebriante que a sensação de seu corpo contra o dele gerou em seu cérebro. As sensações evocadas pela resposta dela eram de fato tão agradáveis que ele apertou com mais força. Diante disso, a Srta. Hesket lutou muito apropriadamente e ele teve que soltá-la, ciente de que havia errado em beijá-la. Ela tinha todo o direito de repreendê-lo, e um pedido de desculpas estava se formando em seus lábios enquanto ele se preparava para receber sua raiva.

Para seu espanto, ela apenas disse calmamente:

— Cuidado com o meu chapéu, Nick. Estou tão desconfortável. Deixe-me apenas remover minha peliça e você pode me beijar novamente.

Nicholas mal percebeu o sorriso provocador que acompanhava as palavras. Um sentimento que ele não conseguiu identificar sucedeu à sua surpresa; uma sensação desagradável que ele não desejava associar a Hermione Hesket.

— Você não se importa?

Ela tilintou.

— Me importar? Claro que não. Por que deveria? — O sorriso tornou-se deslumbrante. — Você provou para mim que você se importa.

— Que me importo? — Repetiu ele, irritado sem saber por quê. — Meu Deus, eu teria feito qualquer coisa, Hermione. — Sua voz tornou-se áspera. — Eu até teria suportado a pobreza, pois meu pai jurou que me deixaria sem um tostão se eu me casasse com você. Para mim, Hermione, só estar com você já seria o suficiente.

Se ele esperava uma resposta semelhante, ficou desapontado.

— Sim, mas não sem dinheiro — respondeu Hermione, ocupada arrumando o chapéu ofensivo, que havia se desalojado um pouco durante o abraço recente.

A irritação de Nick se aprofundou.

— É tudo com que você se preocupa?

Seus olhos se ergueram e se arregalaram de maneira lamentável.

— Bem, eu não poderia viver sem festas e roupas bonitas — disse ela de forma despudorada.

Ela sorriu de novo, e seu esplendor afastou um pouco da irritação, afligindo Nick em grande medida, de modo que ele teve dificuldade em evitar beijá-la novamente. Ele estava decidido a não fazer isso, pois estava noivo de Friday e não estava certo. Talvez Hermione não tivesse entendido bem isso. O que ela agarrou ficou muito claro no instante seguinte.

— Mas aí, Nick. Você está se casando apenas por uma questão de vantagem. Não há absolutamente nada com que se preocupar.

Um suspiro profundo escapou dele.

— Exceto que isso deve ser um adeus, Hermione.

— Adeus? Oh, não, Nick, por quê? — Ela gritou, as nuvens se reunindo novamente em seus olhos. — Você se importa comigo. Você disse. Você me beijou.

— Sim, e foi muito errado da minha parte, mas...

— Errado? Oh, não, Nick. Um beijinho? Em qualquer caso, não faz nenhuma diferença agora.

— Como isso não faz diferença? — Perguntou Nick, inquieto ao mesmo tempo. Por que ela não conseguia ver que eles não deviam ceder às emoções mútuas?

— Estou falando do seu casamento. Não pode haver necessidade de sacrifícios. Afinal, também posso me casar em breve. Mas isso não precisa nos preocupar. Ainda podemos ficar juntos.

A implicação por trás de suas palavras de repente o atingiu. O impacto foi o cegou. Ele se sentiu como se tivesse recebido um golpe no estômago. Ele estreitou o olhar e perguntou em uma voz de calma perigosa.

— O que exatamente você quer dizer com isso, Hermione?

Ela agitou os cílios para ele, aproximando-se.

— Você não vê? O casamento é apenas para vantagem. Para mim também. Mas o que é o casamento, afinal? Não precisa ser uma barreira, Nick. Teremos que esperar um pouco, com certeza, mas posso suportar isso, se você puder.

Nick não queria acreditar no que estava ouvindo. Ela não podia estar dizendo isso. Não, isso era ridículo. Ela disse isso. Desesperado para jogar fora a imagem repentinamente manchada de inocência naquele semblante adorável, ele procurou em sua mente por desculpas. Ela era muito jovem; ela não entendia. Não era sua Hermione falando, apesar daquela voz maravilhosamente excitante que pairava sempre à beira da sedução. Deus, o que ele estava pensando? Não havia nada deliberado na maneira como ela falou. Ela não pôde evitar. Não, esta não era a verdadeira Hermione. Esta era a voz de sua mãe. Tinha que ser isso. Ela fez essa sugestão terrível de boa fé, não porque fosse depravada de alguma forma, mas porque não tinha noção de que era depravada. A culpa devia ser colocada na porta de sua educação. Não era culpa dela.

Ele a pegou pelos ombros, dizendo gentilmente:

— Você sabe que não quis dizer isso.

Suas sobrancelhas se juntaram.

— Você não me quer?

— Claro que sim, mas não assim. Você não pode saber o que está dizendo Hermione. O que você sugere é intolerável. Ter você

quando for a esposa de outro homem? E ouvi-la dizer que eu deveria trair Friday...

A senhorita Hesket se afastou dele e bateu o pé.

— Você não se importa comigo! — Ela acusou apaixonadamente. — Você tem mais consideração por esta Friday horrível do que por mim.

— Eu não tenho, — retrucou Nick com calor repentino. — E não a chame de “horrível”. Mas, bom Deus, Hermione, se suas posições fossem invertidas... se você fosse Friday e ela fosse você... poderia tolerar tal arranjo então?

Os belos traços da Srta. Hesket se enrugaram, e então as lágrimas se juntaram em seus olhos novamente. Evitando a pergunta, ela protestou:

— Mas você se importa comigo!

— Isso não vem ao caso — disse ele rapidamente. Não havia nada a fazer. Ela era muito ingênua para entender que o que ela propôs nunca poderia acontecer. Ele precisava ser forte pelos dois. Melhor uma pausa rápida, embora dolorosa, agora do que um termo prolongado de arrependimento e saudade. Ele respirou fundo.

— Hermione, está tudo acabado entre nós. Este é — deve ser — o fim. Você deve voltar para Londres, e nunca devemos nos ver novamente.

Ela olhou fixamente.

— Você não pode estar falando sério.

— Mas eu estou. Eu disse isso antes e digo novamente. Este é um adeus, Hermione.

Os olhos azuis nadando o olharam incrédulos.

— Não, Nick, não! Você não pode me deixar de lado!

— Eu não estou fazendo isso. Mas não podemos continuar...

— Não diga isso, Nick, — ela gritou, agarrando a lapela dele com dedos urgentes. — Você não pode não querer me ver nunca mais.

— Hermione, cale-se!

Ela bateu nele com os punhos cerrados enquanto suas lágrimas começaram a cair.

— Não, Nick, não. Não, não, não!

— Hermione!

— Você não pode fazer isso comigo, Nick — ela lamentou, explodindo em soluços. — Como você pode ser tão horrível?

Consciente da presença invisível de sua prima em algum lugar fora da pequena sala, Nicolas a rodeou com seus braços e tentou acalmá-la. Mas a Srta. Hesket não queria ser confortada. Uma tempestade de lamentações de protesto foi gritada em seu peito, e Nick se viu agarrando-a com mais força, como se pudesse abafar o barulho. Mas foi só quando seus lábios indagadores encontraram os dele que o silêncio desceu sobre a sala, e Nick felizmente afundou com ela no pequeno sofá, entregando seus próprios princípios à única maneira que parecia haver de acalmar seus sons histéricos.

Curiosamente, embora ele tivesse consciência do mais forte sentimento de compaixão ao segurá-la — guerreando com o sentimento de culpa ainda mais forte — a explosão dela apenas fortaleceu sua resolução. Pouco antes de a sensação inebriante desse abraço apertado tomar conta dele de forma que ele não conseguisse mais pensar, o pensamento traiçoeiro passou por sua mente de que ela iria se provar um grande incômodo confuso.



FRIDAY ACORDOU com os olhos pesados e muito pouco revigorada com o descanso que ela conseguiu ganhar em uma noite passada revirando em seus travesseiros. Apesar de todos os argumentos que apresentou, Caroline não conseguiu minar sua resolução. Não era isso, ou não apenas isso, que a mantinha acordada. Pois a mais ínfima semente de dúvida foi plantada. Caro negou categoricamente que qualquer coisa que valesse a pena residisse sob o belo semblante de Hermione Hesket.

— Mercenária, isso é o que ela é, dou-lhe a minha palavra. Ela não pensa em nada além de se casar por dinheiro.

— Então por que ela está aqui? — Friday exigiu. — Ela deve amá-lo muito para embarcar nessa jornada.

— Nada do tipo. Ela adora tê-lo com ela porque ele é muito bonito, só isso.

Friday achou isso difícil de acreditar.

— Isso não explica a pressa de ela ter vindo aqui para ficar com ele.

— Essa, Friday, é uma observação que só prova que você não sabe nada do mundo, — declarou Caroline. — Nenhuma dama de valor iria perseguir um homem, sejam quais forem as circunstâncias. No começo eu pensei que deveria ser obra de Nick, mas pensando bem, vejo que é muito mais provável que tenha sido ideia dela. A mãe dela não tem nenhum princípio, então por que você deveria supor que ela poderia tê-lo?

Era tentador, depois disso, cair no caminho de acreditar que alguém tinha o dever de resgatar Nick de sua própria loucura. Mas um dever que devia garantir a ela uma vida de angústia diária, saber que o coração de Nick estava empenhado em outro lugar, não era algo que Friday pudesse contemplar com qualquer grau de complacência. Além disso, com que justificativa tal dever caberia a seu destino? Não por seu amor por ele, pois isso instintivamente a instava a libertá-lo, para que ele pudesse desfrutar da verdadeira felicidade. Parecia incrível para Friday que essa Hermione pudesse vir aqui — enfrentando Deus sabe quais consequências — simplesmente porque ela cobiçava a beleza de Nick e desejava mantê-lo em sua corte de admiradores. Ninguém poderia ser tão estúpido.

O que realmente estava exercitando sua mente — e coração, se a verdade fosse dita — era a maneira pela qual ela poderia cometer o crime. Repetidamente até altas horas da noite, ela ensaiava intermináveis discursos para Nicolas, descartando-os, um após o outro, pois cada um começava de maneira bastante simples e rapidamente se tornava muito complicado para ser escolhido. Que motivo ela poderia dar?

Muito mesquinho romper o noivado apenas porque foi apresentada a Helena de Tróia! O que diabos ela poderia dizer, sem revelar toda a extensão de seu conhecimento? Porque Nick acreditava que ela não sabia de nada. Cada método de apresentar suas objeções começou a parecer melodramático.

— Nick, eu sei tudo. Não posso me casar com você.

— Nick, decidi fazer a coisa honrosa e libertar você de suas obrigações.

Ela soaria como uma atriz de teatro!

No final, ela só alcançou um certo grau de calma ao decidir que iria até Delamere Place pela manhã, abordá-lo e confiar na inspiração do momento.

A manhã, entretanto, trouxe uma carta singularmente enervante de Lady Delamere. Estava cheia de felicitações encantadas e uma oferta para realizar uma festa de noivado para o casal em sua casa assim que ela voltasse de Londres para o período de Natal. A necessidade de Friday tornou-se imediatamente urgente, levando-a de volta ao pânico.

Uma vez que esta missiva indesejável estava em sua bandeja de café da manhã, Friday foi obrigada a passar seu conteúdo para seus pais, embora ela não pudesse expressar sua esperança desesperada de que quando Lady Delamere voltasse, o aviso de cancelamento já teria aparecido no Gazeta.

— Festa de noivado? — Disse a Sra. Edborough, erguendo as sobrancelhas.

— É costume, minha querida — disse seu esposo secamente.

— Então, eu me pergunto por que você não pensou nisso, sabendo que eu nunca pensaria — replicou Sophia.

— Lady Delamere diz que é para lhe poupar de problemas, mamãe — disse Friday rapidamente.

— Sim, porque ela sabe muito bem que sua mãe não se importaria com tal evento. E ouso dizer que ela está encantada porque não deseja que Charles se case com Friday, como você sugeriu, meu amor — acrescentou ele, não sem um toque de satisfação.

A Sra. Edborough permaneceu imperturbada.

— Muito provavelmente. — Seu olhar mudou para Friday e lá ficou. — Frideswid, você não parece muito entusiasmada com essa oferta de festa.

Friday corou e olhou para seu prato, evitando o olhar instantâneo de seu pai em seu semblante, pois ela sabia que parecia abatida. Confiando que seus óculos esconderiam os piores estragos de sua noite insone, ela improvisou rapidamente.

— Bem, você me conhece, mamãe. Sou tão pouco partidária de festas quanto a senhora.

Seu pai estava carrancudo.

— Você está bem, Friday? Você parece um pouco abatida.

— Estou perfeitamente bem, obrigada, papai. — Ela conseguiu sorrir e se retirou rapidamente com a xícara de café.

Felizmente, as preocupações de sua mãe não permitiam que ela perdesse mais tempo do que o absolutamente necessário, e o café da manhã da família acabou logo depois disso. Friday, sentindo que, se demorasse mais, poderia perder a coragem de vez, vestiu o manto e saiu para fazer a curta caminhada até Delamere Place.

Não havia ocorrido a ela, enquanto ensaiava possíveis frases para o cachorro Bruno, acompanhando-a em seu jeito andante pelo parque, que ela poderia encontrar sua presa ausente. O desânimo a atacou quando o mordomo a informou que apenas Lorde Delamere estava na casa no momento. *Não diga que Nick saiu! Mas onde?*

— O Sr. Weare foi para Londres, talvez, Tattenhoe?

— Eu não sei dizer, senhorita — respondeu o servo idoso muito corretamente.

Friday sentiu-se extremamente tentada a girar nos calcanhares e voltar para casa. Mas ela se manteve firme. Ela precisava fazer isso. O mais breve possível. Só se Nick tivesse ido para Londres... Bem, ela simplesmente teria que escrever para ele, ela decidiu, encolhendo-se por dentro com a ideia de escrever as palavras que ela preferia dizer. Elas já soavam mal faladas. Quisera Deus que ele não tivesse deixado as proximidades. Charles saberia.

— Muito bem, então, verei sua senhoria — disse ela com decisão.

Deixando Bruno vagando desordenadamente pelo terreno, ela entrou na mansão Delamere. Tattenhoe a levou ao salão amarelo em frente ao salão de baile. Enquanto esperava que Charles aparecesse, ela refletiu que nunca aqueles ambientes tão conhecidos pareceram mais formais e estranhos.

Os sofás Chippendale cor de palha, a estampa de narcisos no papel de parede, a ornamentação dourada nas molduras e o espelho ondulado acima da lareira sempre foram bonitos e aconchegantes. Hoje eles pareciam friamente na moda, um símbolo do mundo com o qual Nicolas estava familiarizado, e ela não. Se tivesse sido, ela saberia tudo sobre a Srta. Hermione Hesket e

nunca teria aceitado uma mão que foi oferecida apenas sob pressão, quando realmente pertencia a outro lugar. E ela não estaria agora na posição horrível de ter que rejeitar aquela mão, quando tudo nela clamava que era dela por direito, porque ela amava seu dono.

Então é isso, Friday Edborough. Ela realmente não queria terminar, queria? Idiota! Ela não percebeu como seria terrivelmente infeliz com ele?

Não tão infeliz quanto deveria ser sem ele, sussurrou uma vozinha traidora em sua mente. Ela estava empenhada em banir severamente este pensamento subversivo quando Charles Delamere entrou na sala.

Ele parecia excessivamente envergonhado. Por um momento, Friday não conseguiu imaginar por quê.

— Charles, qual é o problema? Só vim para encontrar Nick, você sabe. Onde ele está?

O rubor de Delamere aumentou.

— Ah. Hum... não aqui apenas no momento.

— Tattenhoe me informou disso — concordou Friday, vindo até ele. — Ele foi para Londres? Ou para a casa do pai dele?

— Não, não, ainda está aqui por perto. O problema é que tive que sair.

Ele não conseguia manter os olhos nos dela e Friday, ao se lembrar, adivinhou a causa de seu desconforto. Seu coração deu um salto e ela falou sua realização em voz alta, sem pensar.

— Ele foi vê-la!

Charles estremeceu e acenou com a cabeça.

— Não ia te contar.

Friday o considerou através de seu olhar de óculos. O choque inicial foi passando. Claro que ela tinha sido estúpida em não pensar nisso. Nicolas estava fadado a passar tanto tempo com sua namorada quanto pudesse. Talvez fosse melhor que ele não estivesse aqui. Pois Charles devia saber muito sobre tudo isso. Agora que o assunto foi mencionado, talvez ela pudesse sondar um pouco.

— Por que ela veio aqui, Charles? — Ela perguntou diretamente.

— Viu o anúncio — disse Delamere desconfortável. — Não sabia nada sobre isso. Eu sabia que ela faria um escândalo. Mas nunca pensei que isso fosse acontecer na sua porta. Nick está arrasado com tudo isso.

Era uma farpa recente, embora Friday já soubesse disso. Nick estava "arrasado" desde o momento em que veio pedir a mão ela. Ela esboçou um sorriso tenso.

— Bem, ele não precisa mais ficar assim. Eu pretendo libertá-lo.

— O quê? — Ofegou Charles, o horror em sua voz quase digno de Caroline. — Você quer terminar? Friday, você não pode!

— Eu devo, Charles — ela proferiu em uma nota frenética. — A situação é bastante intolerável.

— Não, não é. Maldição, Friday, ele está desistindo da garota. Isso não mostra a você?

— Não desejo que ele faça esse sacrifício por mim. Ele a ama, Charles.

— Não, ele não ama — argumentou Delamere veementemente. — A menina não vale a pena, Friday, dou minha palavra.

— O que isso tem a ver com alguma coisa? — Ela perguntou um tanto exasperada. — Você é tão ruim quanto Caro, Charles. Não posso me casar com Nick quando seu coração pertence a outra pessoa, e isso é tudo que há para fazer.

Charles a olhou fixamente, a consternação estampada em seu semblante.

— Mas Friday, você não pensou. Você não sabe. A pior coisa que você poderia fazer, estou lhe dizendo.

— Por que é a pior coisa que eu poderia fazer? — Friday exigiu quase irritadamente. Por que ninguém podia ver a absoluta impossibilidade de sua situação? Mas a resposta de Delamere a deixou muda.

— Porque se você fizer isso, o velho Weare vai deixar Nick sem um centavo e trancar suas portas contra ele.

Por um ou dois momentos, Friday pensou que não poderia ter ouvido direito. Ninguém poderia ser tão vingativo. Só porque seu filho não se casaria com a mulher de sua escolha?

— Eu não acredito — ela anunciou, encontrando sua língua. — Nem mesmo Lord Weare poderia ser tão medieval.

— Bem, foi o que ele disse — Charles disse a ela com firmeza. — E você deve saber tão bem quanto eu que ele é um homem de palavra. Meu Deus, Nick não nos contou histórias intermináveis para provar isso?

Era verdade. Ao longo dos anos, houve provas suficientes da severidade de Weare. Ela havia pensado que era desnecessariamente cruel, após o episódio da empregada da cozinha, empurrar o pobre Nick para uma profissão que ele abominava. E se fosse verdade que ele tinha feito questão de Nick se casar com ela...

— O que exatamente Lorde Weare disse a Nick?

— Ordenou que ele pedisse sua mão — Charles disse sem hesitar, pois em sua opinião nada poderia ser mais desastroso do que o rompimento do noivado neste momento. — Jurou que se não o fizesse ele cortaria sua mesada e o barraria da casa da família, assim como eu disse a você. Mesmo depois que Nick pediu e você o aceitou, Weare ainda não confiou em Nick. Disse que é melhor ter certeza de que você não tem motivo para chorar, ou ele saberia o que fazer a respeito.

O desespero se apoderou de Friday. Todos os seus instintos estavam dizendo a ela para terminar isso o mais rápido que pudesse. Agora, aqui estava Charles informando-a de que, se ela seguisse seus instintos, estaria condenando o homem que amava a uma vida de pobreza e degradação. O que diabos ela deveria fazer?

Delamere pode ter lido sua mente, pois disse com urgência:

— Faça o seguinte. Vá para casa agora, Friday. Seria muito embaraçoso para Nick encontrá-la aqui. Ele foi ver Hermione. Já se sente mal o suficiente. Agora aqui está você. Que diabos o pobre rapaz irá lhe dizer?

Friday estava menos preocupada com o que Nick poderia encontrar para dizer a ela do que com o que ela poderia dizer a ele agora. Ela correu para a porta.

— Sim, é melhor eu ir.

— Não vou dizer que você esteve aqui, não tema — Charles assegurou-lhe, movendo-se para abrir a porta para ela.

Friday entrou no corredor e parou. Muito tarde! Nicolas estava de volta. Ele estava fechando a porta da frente. O que ela devia fazer?

Se esconder?

Ela recuou como se fosse voltar para o salão amarelo. Mas Delamere, emergindo, esbarrou nela. Nick ouviu a leve agitação e virou a cabeça.

— Oh, meu Deus — ele gemeu. — Friday, você também não!

— Bem eu também o quê? — Ela exigiu com a intensidade instantânea de emoção que a invadiu com essas palavras indesejáveis.

Nicolas suspirou fortemente e, tirando o chapéu, jogou-o na mesa do corredor. Ele chegou na Friday, não conseguindo entender os sinais frenéticos que Charles estava fazendo para ele pelas costas de Friday. Quando ele falou, foi quase da maneira normal que ele estava acostumado a usar com ela.

— Eu imploro seu perdão, Friday, mas estou terrivelmente cercado. — Ele franziu a testa em perplexidade para o amigo. — Qual é o problema, Charles?

Friday olhou ao redor, para encontrar Delamere encolhendo os ombros com indiferença assumida.

— Nada — disse ele inocentemente.

Oh, Deus, Charles estava tentando avisar Nick. E ele prometeu ficar em silêncio. Ela sentiu suas bochechas ficarem quentes e passar por Nick.

— Eu preciso ir.

Ele a deteve com a mão em seu braço.

— Não, espere. Por que você veio? Você gostaria de falar comigo?

Através dos óculos, Friday examinou seu rosto. Ele parecia cansado, pobre Nick. Como ele devia estar sofrendo. Ela deu um sorriso vacilante.

— Eu queria, mas, mas não quero mais, quer dizer, eu não posso, deixa pra lá, Nick, não tem mais importância.

Nicolas sentiu uma onda de emoção que não reconheceu. Ele tinha acabado de ter a cena mais terrível com Hermione, pior, se alguma coisa, do que ontem. A última coisa que ele queria era outra mulher histérica em suas mãos. Só que Friday era tudo menos histérica, ele lembrou a si mesmo. Embora ela estivesse angustiada,

ele podia perceber. Ou desconcertada, pelo menos. E ela não viera aqui para passar o dia com Charles.

— Fique um momento — disse ele impulsivamente, e deslizou sua mão sobre a dela. Ele olhou para Delamere. — Pode nos dar espaço, Charles?

No instante seguinte, Friday descobriu que havia sido puxada de volta para o salão amarelo, com a porta fechada, e estava de frente para Nicolas, seus dedos ainda formigando com o toque dos dele, embora ele os tivesse soltado.

— Friday, posso explicar. Quero dizer sobre o que aconteceu ontem... eu deveria ter feito isso antes, mas...

— Não! — Ela gritou. Então, novamente, com mais calma — Não, Nick. Não tente. Eu sei.

Ele mordeu o lábio.

— Sim, pensei que você poderia. Caro?

— Ela não queria, Nick. Mas você sabe como ela é.

— A língua dela corre como um violino e ela não percebe o que diz. Sim eu sei.

Ele se virou e cruzou a sala lentamente, imaginando o que deveria dizer. Ele não podia, neste momento, assegurar a ela que nunca veria Hermione novamente, pois, embora ele tivesse conseguido extrair uma promessa dela de que voltaria a Londres hoje, ele teve que concordar em encontrá-la lá para conseguir. Para si mesmo, a ligação estava acabada. Ele havia dado a Friday os direitos que Hermione poderia ter, e ele não tinha intenção de violá-los, qualquer que fosse a violência que a espevitada fizesse ou estivesse fazendo contra seus sentimentos.

— Friday... — ele começou, mas ela o interrompeu.

— Nick, não fale sobre isso, por favor — ela implorou baixinho. — Não há necessidade. Se... se vamos prosseguir com isso, então vamos obedecer ao ditado e falar o mínimo possível.

Sua cabeça se virou e uma carranca foi direcionada a ela. Friday sentiu a perplexidade por trás disso como suspeita.

— Por que você diz “se”?

Ela respirou fundo e encontrou seu olhar diretamente.

— Você não acha que há alguma dúvida sobre isso?

Nick não conseguia imaginar por que de repente sentia como se um grande buraco se abrisse sob seus pés. Ele não percebeu o tom áspero em sua voz enquanto falava.

— Foi para isso que você veio, não é?

Friday não soube responder. Ela estava consciente do mais injustificado sentimento de culpa. Por que ela deveria se sentir culpada? As emoções de Nick não sofreriam absolutamente nada por causa dela, mesmo que sua situação pessoal estivesse em jogo. Ela tinha se oferecido por ele sob falsos pretextos? Não, ela não tinha. Ela tinha sido coagida a aceitar o casamento oferecido? Não; ela aceitou de boa fé.

Oh, não, sussurrou a voz da consciência. Ela sabia. Mesmo no momento da aceitação, ela sabia que era errado aceitar. Ela era culpada, e mais ainda agora, quando o destino balançava diante dela a oportunidade de redimir sua culpa. Liberte-o, Friday! Faça isso agora.

Ela abriu a boca para falar as palavras fatais. Mas, de repente, do corredor vieram vozes altas levantadas em discussão, e as palavras morreram em seus lábios.

Mal os dois ocupantes do salão amarelo voltaram a cabeça para o som, quando a porta se abriu. Na abertura apareceu uma visão monstruosa. Uma dama de grandes proporções, vestida com uma capa de viagem que se partia sobre um busto maciço, revelando um vestido de musselina altamente inadequado por baixo. Sob um chapéu de castor de penas, um semblante redondo, manchado com borrões vermelhos de raiva, direcionou um olhar para as feições espantadas de Nick.

— Então! — Disse a criatura com uma voz formidável. — Eu encontrei você, não é, Nicolas Weare?

Ela avançou para a sala, os olhos disparando. Atrás dela, Delamere se aproximou, erguendo as mãos em um gesto eloquente de impotência.

— Ela entrou direto, Nick. Não consegui impedi-la. Não bateu ou tocou a campainha!

— Bater? Tocar campainha? — Ecoou a mulher extraordinária, como se tais questões de simples cortesia fossem inéditas. Ela voltou suas feições em apuros para seu anfitrião relutante. — Eu

conheço seu povo alto e poderoso e seus costumes rurais. Portas sempre destrancadas. Não é o mesmo na cidade. E eu conheço mordomos. Ele não teria me deixado entrar — ela admitiu com uma franqueza que confirmou suas palavras, e seu olhar encontrou Nick novamente. — Mas eu quero uma ou duas palavras com você, jovem Weare, e eu vou tê-las.

— O que a senhora quer, Sra. Hesket? — Perguntou Nick com um tom gelado.

— Não venha com esse tom comigo, seu jovem almofadinha, — respondeu a dama beligerantemente. — Acabei de vir do Green Man, meu rapaz, e o que eu quero saber é, o que você fez com a minha garota?



Capítulo 5

A pergunta ecoou pelo salão, parecendo ricochetear nas paredes. Friday estremeceu. Esta mulher muito estranha devia ser a mãe da menina. Ela podia ser ingênua nos assuntos do mundo, mas Friday sabia o suficiente para reconhecer o tipo. Agora ela começou a entender o termo "impossível" de Caro. Uma onda de compaixão por Nick a invadiu. Como no mundo ele deveria lidar com isso?

Em vez de responder à pergunta da mulher, Nicolas estava se movendo para Friday. Ele lançou um olhar para a Sra. Hesket ao fazer isso.

— Você vai me perdoar, senhora, se eu acompanhar a Srta. Edborough até a porta. Depois de fazer isso, estarei inteiramente à sua disposição. Venha, Friday.

— Então! — Explodiu da mulher mais uma vez. — Friday, não é?

Para consternação de Friday, os traços empurrados se voltaram para ela. Com alguma gratidão, ela sentiu a mão de Nick em seu cotovelo, guiando-a, e ela começou a se aproximar cautelosamente da porta, que Charles rapidamente foi manter aberta.

Mas a Sra. Hesket se moveu, colocando sua corpulência imóvel no caminho e erguendo uma das mãos rechonchudas.

— Não, você não vai passar. — Ela olhou para Friday. — Acho que você é a prometida dele, a garota Edborough.

— Sim — admitiu Friday.

— O que é essa coisa de “Friday”, então?

— É de Frideswid — ela respondeu automaticamente.

— Sra. Hesket! — Interrompeu Nick, tentando seguir em frente. — Afaste-se, por favor.

A temível dama se voltou contra ele.

— Não vou ficar de lado, jovem Nicolas Weare. Quanto a você, senhorita, acho que também lhe interessa.

— Oh, não, por favor — Friday disse debilmente —, eu não poderia...

— Ah, mas você deveria. — argumentou a Sra. Hesket. — Pretende casar com ele, não é? Então é bom que saiba como ele se comporta. E, além do mais, você faria bem em ficar e ter a certeza de que vai se casar com ele. Porque, jovem Weare — retrucando para Nick com um golpe ameaçador de seus queixos volumosos — se você comprometeu minha garota, não há dúvida, mas esta infeliz jovem não vai se casar com você.

Friday ficou boquiaberta com ela, sem saber que ao lado dela Nicolas estava enraizado no local em choque descrente. Quando ele deixou Hermione no Green Man, ela recuperou um pouco de calma e estava se preparando para voltar para a casa de sua prima e fazer as malas. Ou a Sra. Hesket estava mentindo deliberadamente, ou...

— Comprometeu? — Ecoou Delamere incrédulo, interrompendo os pensamentos horríveis que estavam passando pela mente de Nick. Charles largou a maçaneta da porta e entrou na briga. — A senhora ficou louca, mulher?

— Não, eu não fiquei, jovem enfadonho. E eu te chamo assim na sua cara, já que nunca será um senhor. E se eu não vim direto de encontrar minha linda filha em uma torrente de lágrimas, gritando sua agonia de que ela foi traída, você pode me chamar de holandesa.

— O quê? — Engasgou Friday, encontrando sua língua.

— É uma mentira deslavada! — Disse Nick com raiva, recuperando sua presença de espírito. O que Hermione havia dito para sua mãe, pelo amor de Deus?

— Mentira, não é? Você ousa negar que estava visitando ela um minuto antes de eu mesma chegar lá?

— Não tenho ideia de quando a senhora chegou lá, Sra. Hesket, eu não sou um mágico — disse Nick acidamente. — Mas certamente eu visitei Hermione no Green Man. Mas se ela disse

alguma coisa para dar à senhora uma falsa impressão de minha conduta...

— Sua conduta, jovem Weare, deixa muito a desejar — anunciou a Sra. Hesket, estrondosamente. — Você não tinha nada que visitar ela, muito menos escandalizar a vizinhança, o que estou certa que fez, pois não se pode confiar que os servos da pousada manterão suas línguas...

— Posso apontar — interrompeu Charles, disparando em defesa do amigo — que foi sua garota que veio aqui atrás de Nick. Ele só estava tentando fazer com que ela voltasse para casa.

— Uma ótima maneira de fazer isso, enganando-a por baixo das anáguas!

Houve um curto silêncio. Para Friday, tudo começou a parecer irreal, como se isso não estivesse realmente acontecendo. Era uma sensação estranha sobre a qual ela não conseguia pensar com clareza, mas não conseguia sentir absolutamente nada. Isso a levou a se comportar com uma calma que estava longe de ser seu verdadeiro estado de espírito.

— A senhora deve estar enganada, Sra. Hesket — disse ela calmamente. — Não há possibilidade de Nicolas se comportar de uma forma tão pouco cavalheiresca.

— Obrigado, Friday — disse Nick rispidamente, mas seus olhos estavam na Sra. Hesket. — Eu não sei, senhora, o que Hermione lhe disse...

— Disse? Disse? — Reiterou a dama, colocando as mãos na cintura enquanto ela olhava para ele. — Não houve como entender nada do que ela disse, para que você saiba. Ela explodiu em choro e chegou a desfalecer no segundo em que entrei na sala. Não consegui entender, exceto que você esteve lá, traindo-a e tudo mais.

— Se ela usou a palavra, senhora — disse Nick com algum alívio — pode ter certeza de que ela não pretendeu que a senhora entendesse do jeito que fez. Meu Deus, eu só a vi duas vezes, e pouco mais de meia hora!

— Tempo suficiente, meu rapaz, tempo suficiente — disse a Sra. Hesket. — Mas logo poderei descobrir se você cometeu ou não a escritura, e se eu encontrar...

— Controle a língua, Sra. Hesket, em nome de Deus! — Implorou Charles desesperadamente, aproximando-se dela. — Há uma donzela presente. Ouvidos inocentes.

Friday quase deu risada. Dentro dela, o entorpecimento estava estalando, com pequenas lascas de dor projetando-se aqui e ali. Mas ela ainda poderia se divertir com a suposição de Delamere de sua incapacidade de lidar com as insinuações da mulher. Ele imaginou que ela não tinha ideia do que queria dizer?

— Não se preocupe, Charles — ela falou calmamente, e então se dirigiu à Sra. Hesket. — Estou confiante de que suas investigações irão provar a inocência de Nick, senhora. Esquece que ele está noivo. Não posso pensar que ele cometeria um ato tão desonroso nessas circunstâncias.

— Fácil de dizer — respondeu a mulher a contragosto, acrescentando com uma mudança relâmpago de frente —, mas eu diria que sua senhoria está certa. Você não deve saber dessas coisas. No entanto, uma vez que você mencionou, não vou me preocupar em dizer mais nada. Você é obrigada a tirar o melhor proveito dele, situado como está, mas meu conhecimento dos homens, senhora, não me leva a confiar em nenhum deles, e isso é um fato.

— Sem dúvida — retrucou Nick de repente, atraindo seu fogo. — Como se atreve a entrar aqui e fazer essas insinuações na frente da minha noiva?

— Nick, não — disse Friday em advertência, vendo as bochechas gordas, nas quais a cor havia morrido um pouco, inflamar novamente.

— Eu imploro seu perdão, Friday, mas é bastante intolerável — ele declarou furiosamente. — Não permitirei que você seja submetida a tudo isso por minha causa. — Pegando o braço dela em um aperto que se tornou forte por suas próprias emoções, ele se virou para a Sra. Hesket. — Vamos terminar isso com calma, senhora, depois de eu ter escoltado a Srta. Edborough para fora daqui.

— Ouça, ouça! — gritou Charles e, pegando a Sra. Hesket desprevenida, agarrou-a pelo braço e puxou-a violentamente para que ela fosse puxada para o lado, para fora do caminho.

Deixando a mulher lutando com seu amigo, Nick arrastou Friday até a porta e a abriu. Muito cedo para um bando de criados, que estavam amontoados ao redor, meio curvados para escutar contra a porta. Nick olhou para eles enquanto eles se afastavam rapidamente.

— Lady Delamere deve saber disso!

— Calma, Nick! — Friday implorou em um sussurro urgente. — Por favor, fique calmo, eu imploro.

Nicolas ignorou seu apelo, caminhando com ela em direção à porta da frente que o mordomo — que se manteve afastado, desprezando a prática de escutar pelas fechaduras, mas incapaz ou não querendo impedir que seus subordinados o fizessem — estava se movendo para abrir. Quando ele fez isso, uma mão empurrou-o do outro lado e Hermione Hesket saiu correndo para o corredor. A essa altura, a Sra. Hesket, conseguindo se livrar da barreira frágil que Charles havia erguido, estava marchando para o corredor atrás do casal que partia. Assim, foi ela quem fez a primeira declaração.

— Então! — Ela explodiu da maneira usual. — Sua ingrata, o que você está fazendo aqui?

Sufocada pela visão de sua mãe avançando sobre ela, Hermione soltou um gemido.

— Eu sabia que você viria aqui! Oh, eu sabia!

— Tattenhoe! — Rugiu Delamere da porta do salão amarelo. — O que diabos todo o pessoal doméstico está fazendo no corredor? Livre-se deles, agora!

Após isso, houve uma dispersão geral, o resto dos funcionários envergonhados pastoreou de volta para o salão o mais rápido possível. A Sra. Hesket veio por último, levando a filha à sua frente com uma série de golpes em seu traseiro.

— Entre lá! Entre aí, minha garota, e cuide de sua reputação!

— Mãe, não! — Lamentou a garota, correndo na frente para escapar da mão fortemente vingadora.

Friday, escapando do aperto frouxo de Nick, foi para as grandes janelas francesas e a manteve de costas para a sala, dominada por um repreensível — e, ela admitiu, altamente inapropriado — ataque de risos. Atrás dela, a discussão continuou.

— Agora então, meu rapaz, olhe na cara da minha garota e me diga que você não fez nada para arruinar as chances dela?

— Pergunte à garota, é o que eu digo — veio de Charles. — Pergunte a ela!

— Hermione, o que você disse a ela?

— Eu vou te contar o que ela me contou.

— Mãe, fique quieta! É você quem está arruinando minhas chances. Estragou tudo vindo aqui, você estragou tudo!

— Oh, sim, não é? — Disse a Sra. Hesket ameaçadoramente. — Deixe-me dizer, minha menina, vim aqui em seu nome. Você deve se casar com um senhor e se comportar decentemente. Eu não vou deixar que você se comprometa.

Aquela palavra de novo, pensou Friday e sua risada foi apagada. Tão feia! Como se Nick fosse fazer isso, não importa o quanto a amasse. Ou não? Seu coração deu um salto e ela se pegou ouvindo atentamente a conversa que continuava. O que ela perdeu?

— ...devo pensar que sou uma idiota, mãe — Hermione estava dizendo. — Eu sei como fazer. Se você me deixar em paz.

— Hermione, você poderia informar sua mãe que eu sou inocente da acusação que ela está colocando na minha porta? — Nick exigiu irado. — Você pode brigar tanto quanto quiser com ela mais tarde, mas neste momento minha honra está em questão.

— Bem? — Dura e fria, veio a voz da Sra. Hesket.

Friday descobriu que estava prendendo a respiração, esperando pela resposta.

— Bem, bem, não. Quero dizer, sim, Nick é inocente.

A Sra. Hesket explodiu.

— Oh, ele é, não é? Então o que você quer dizer, sua vigarista com cara de bronze, dizendo que ele a traiu?

— Ele traiu! Ele traiu! — Lamentou Hermione. — Ele pretende me rejeitar apenas porque vai se casar.

Friday girou sobre isso, para ver a Srta. Hesket movendo-se para Nick, segurando as mãos para cima como uma suplicante.

— Nick, você não quis dizer isso, não é? Você realmente não quis dizer isso, eu sei que não, você não pode ter...

— Hermione — disse Nick, suspirando — você sabe perfeitamente bem que eu quis dizer cada palavra. Você prometeu

que voltaria para a cidade.

— Sim, e você vai vir me ver lá. Você disse então.

— Oh, não, ele não vai, — interveio a Sra. Hesket, agarrando a manga da filha e confrontando Nicolas. — Você vai sair sozinho, jovem Weare. Eu não confio em você um centímetro. Você pode ter se contido desta vez, mas não há como dizer o que pode acontecer se você a vir novamente. Então fique longe, entendeu?

Antes que Nick pudesse responder, Hermione virou-se contra sua mãe e começou a bater nela, seus punhos saltando para fora dos rolos de carne sem aparentemente ter qualquer efeito.

— Deixe-o em paz, você! Deixe-o em paz!

A Sra. Hesket deu-lhe um tapa, e ela parou de bater e se afastou, movendo-se para Nick.

— Não dê ouvidos a ela, Nick! Você pode me ver, você pode!

— Oh, ele pode, é? — Exigiu sua temível mãe, voltando para a briga. — E o que você acha que sua noiva terá a dizer sobre isso?

Os olhos de Hermione se moveram descontroladamente e encontraram Friday perto das janelas. Seu olhar parou e as lágrimas brotaram, suas feições se enrugando de forma lamentável.

Charles foi ouvido murmurando:

— Oh, senhor! — E Nicolas deu um passo em direção à garota, dizendo rapidamente em uma nota de aviso:

— Hermione!

Mas os lábios da Srta. Hesket tremeram ao falar.

— Você não vai me invejar por uma pequena visita? Apenas uma. Há — soluços vêm da moça antes que conclua — tanto a dizer. Por favor.

— Oh, isso é muito ultrajante — veio de Nicolas repentinamente ao se lembrar da maneira insensível com que Hermione havia falado sobre uma ligação entre eles, apesar dos possíveis sentimentos de Friday. Como ela poderia agora fazer um apelo tão patético? Ele podia ver o coração mole de Friday respondendo, e isso o enojou. Desesperado, ele se virou para a Sra. Hesket. — Senhora, se tiver alguma decência, vai sair daqui e levar Hermione consigo. Qualquer coisa que precise ser dita pode ser dita em algum momento futuro. Este não é um assunto adequado para os ouvidos de minha noiva. Certamente até a senhora deve ver isso?

— O que você quer dizer, até eu? — Perguntou a Sra. Hesket, uma carranca descendo em sua testa que havia começado a clarear na parte inicial deste discurso. Mesmo assim, ela avançou sobre a filha. — Calma lá, você!

Hermione deu um último suspiro trêmulo para Friday, e então se virou a pedido de sua mãe e, estendendo as mãos para Nicolas, proferiu de maneira entrecortada:

— Oh, Nick! — E explodiu em soluços ruidosos.

Delamere tapou os ouvidos, fazendo uma careta, e a enfurecida Sra. Hesket agarrou a filha com força por um braço e uma orelha e começou a arrastá-la em direção à porta, murmurando ameaças terríveis enquanto caminhava.

Friday, com o coração apertado, olhou rapidamente para o noivo.

— Nick, você não pode deixá-la tratar a pobre garota assim.

Mas, quando a Sra. Hesket abriu a porta, ficou claro, pelo som de passos dispersos, que os criados estavam se reunindo ao redor dela. Nick, que havia dado um ou dois passos à frente pensando em intervir, reconheceu o som e se virou. Gemendo, ele se sentou na cadeira coberta de palha mais próxima e colocou a cabeça entre as mãos.

Charles Delamere descobriu as orelhas e gritou novamente pelo mordomo.

— Tattenhoe! Escolte-as para fora, ouviu?

A Sra. Hesket podia ser ouvida alternadamente discutindo com o mordomo impassível e sua filha enquanto ela caminhava pelo corredor.

— Maravilhosamente divertido para você, hein? Você vê, sua pequena atrevida, o que você fez? Veja o que conseguiu! Cale a boca, garota, faça isso! Eu vou te dar um motivo para chorar, veja se eu não dou.

Os soluços e reclamações foram interrompidos abruptamente quando a porta da frente se fechou atrás deles. Friday ainda estava entorpecida, olhando estupidamente para Nick, onde ele estava sentado naquela pose abatida, quando sentiu uma mão em seu braço e ergueu os olhos para encontrar Charles ao lado dela.

— Melhor ir para casa, Friday. Eu vou acompanhá-la.

Ela piscou e balançou a cabeça um pouco como se quisesse se livrar das teias de aranha que pareciam estar nublando seu cérebro.

— Não há necessidade disso. Eu tenho Bruno... se ele não se afastou.

Permitindo que ele a puxasse para a porta, ela olhou para Nicolas novamente e o encontrou olhando para ela. Ele se levantou rapidamente.

— Friday, temos que conversar — disse ele preocupado.

Ela balançou a cabeça rapidamente. Agora não. Ela não poderia falar agora. Ela podia dizer algo de que se arrependeria.

— Amanhã, Nick. Venha me ver amanhã de manhã.

— Certo — aprovou Charles. — Acalme-se. Pense em tudo. Falaremos então.

O último vislumbre do rosto de Nick quase quebrou Friday, e ela foi obrigada a lutar contra um nó na garganta. Ele parecia tão pálido e incomodado, tão agudamente angustiado. Pobre Nick, que tempo terrível ele passou.

Ao sair de casa com Charles, ela percebeu uma leve retomada daquelas temidas vozes das Hesket e, olhando para cima, viu a carruagem aberta levando-as embora, os soluços de partir o coração da garota ecoando de volta para ela.



CARO CLEEVE PERCORREU toda a extensão da biblioteca de Edborough em Finchamstod, animando-se amargamente com as terríveis consequências do embate de ontem.

— Pensar que eu tive que sentar e ouvir aquelas mulheres, que não acreditaram em mim quando eu disse que era tudo um exagero sem sentido, não importa o quanto eu tente rir disso. Eu declaro, nunca estive mais furiosa com Nick na minha vida!

— Não foi culpa de Nick— repetiu Friday, cansada, de seu assento na janela pelo que pareceu ser a quinquagésima vez. — Ele fez o possível para evitar falatório, você sabe.

— Evitar falatório? Como ele poderia fazer isso quando, aparentemente, a Sra. Hesket estava gritando para o Green Man

que Nick havia seduzido sua maldita filha? E tudo isso na frente de nada menos que três camareiras, a senhoria, o criado e — se as que se dizem minhas amigas estão corretas — até mesmo um cavalariço ou dois!

Friday começou a pensar que Caro estava mais incomodada com o fato de ter sido obrigada a suportar a indignidade de não poder refutar satisfatoriamente a fofoca de seus inferiores sociais, pois as duas mulheres assim mencionadas — a esposa do reitor e uma jovem matrona gentis — eram suas amigas apenas localmente.

— E se isso não bastasse — respondeu Caroline zangada — alguns daqueles desgraçados em serviço em Delamere Place devem relatar todos os acontecimentos no salão amarelo, dizendo que você, Friday, lutou por Nick e venceu, expulsando as Heskets com Hermione tendo uma crise histérica.

— Bem, isso pelo menos é verdade, — comentou Friday com sentimento. — Ela não escondeu sua angústia, eu admito. Na verdade, posso sentir pena do pobre Nick se ele se casar com ela.

Caroline parou de caminhar e olhou freneticamente para ela.

— Casar com a Srta. Hesket? Oh, Friday, em que diabos você está agora? Você não pode... oh, você não pode querer abandoná-lo agora. Se alguma vez ele precisou de você, é neste momento.

Friday estremeceu.

— Eu sabia que você diria algo do tipo, mas você está errada, Caro. O que quer que ele precise, não é ficar noivo de mim. Isso só complicou as coisas.

— Friday, isso é um absurdo. É a melhor coisa que poderia ter acontecido com ele.

— Não. — Ela se levantou e foi até Caroline, segurando suas mãos em um aperto quente. — Você não consegue ver, Caro? Se ele permanecer prometido a mim, como poderá se sentir confiante de que é o certo para ele? Ele deve ter a liberdade de escolher. Não que eu suponha... — Ela se interrompeu, largando as mãos de Caro e se afastou.

Caroline franziu a testa.

— Você não acha que ele escolheria você, é isso? Declaro, Friday, basta você provar a paciência de um santo! Você o tem

agora. Por que diabos você deve arriscar sua felicidade deixando-o ir?

— Porque estou morrendo, Caro — interrompeu Friday, enquanto se virava, ciente de que não era mais dona de suas emoções, que sua angústia devia aparecer.

— Friday, não fale bobagem— disse Caroline rispidamente, mas havia dúvida em seu rosto.

— Não quero dizer literalmente. Na verdade, não se morre de amor. Mas sinto como se estivesse morrendo, centímetro a centímetro. Seja qual for o resultado, ele a ama. E ela a ele. — Um arrepio a sacudiu. — Pensei que poderia viver com isso, Caro, mas não posso, não posso.

Foi nesse momento inoportuno que alguém bateu na porta da biblioteca. Do lado de fora, uma voz falou.

— Friday? Posso entrar?

— Nick! — Disse Friday em um sussurro agitado. — Deus me dê força!

— Você não quer pensar nisso por um tempo, Friday? — Perguntou Caroline com urgência. — Não tome uma decisão precipitada.

Friday balançou a cabeça com firmeza, respirando para se acalmar.

— Não adianta, Caro, minha decisão está tomada.

Caroline deu um grito frustrado e, indo até a porta, abriu-a, encarando o rosto de seu irmão quando apareceu na abertura.

— Bem, você tem o que queria, Nicky. Espero que esteja satisfeito. Se papai pensará o mesmo, é outra questão.

Em seguida, ela passou por ele e marchou pelo corredor, chamando o lacaio, que a acompanhava sob as ordens de seu marido, para sua carruagem. Nick olhou para ela por um momento e depois entrou na biblioteca e olhou para onde Friday estava parada, de costas para ele, aparentemente olhando pela janela.

Nicolas fechou a porta silenciosamente, seus olhos em sua noiva prometida. Se ele leu Caroline corretamente, provavelmente não seria um termo correto em pouco tempo, ele pensou com tristeza. Bem, se essa era a intenção de Friday, ele dificilmente poderia culpá-la por isso.

Ele havia passado uma noite desconfortável. A aplicação generosa de um remédio esperado das adegas de Delamere não ajudou. Na verdade, o deixou totalmente sóbrio e profundamente infeliz. Por mais que ele se importasse com Hermione, o comportamento dela o desagradou muito. Já foi ruim o suficiente quando ele a visitou no Green Man, que ela o tivesse submetido a outra cena desgastante, extraindo precisamente as promessas que ele não queria fazer. Mas se aproximar de Friday! Chorar com ela daquela maneira mal-educada! Não o teria irritado tanto se Hermione já não tivesse deixado bem claro que ela não se importava com os sentimentos de Friday. É verdade que ela estava muito chateada e talvez nesse estado pudesse ser perdoada por não ser capaz de se colocar no lugar de outra pessoa. Mas quando ele a viu se movendo em direção a Friday, ele foi atacado pela sensação mais terrível. Ele queria literalmente matá-la. Ele não conseguia entender tal sentimento em si mesmo; e por Hermione, por quem ele se importava tanto.

Mais tarde, conversando sobre o assunto com Charles, houve uma pequena migalha de conforto, pois Delamere ofereceu uma explicação simples.

— É o seguinte. É uma coisa difícil, esse negócio de amor, minha mãe diz. Muito semelhante ao ódio para obter conforto. Ame um minuto, odeie o próximo, é o que ela diz.

Não parecia particularmente verdadeiro para Nick, mas ele supôs que poderia ser. Em qualquer caso, ocupou muito pouco de seus pensamentos. O que mais o incomodava era pensar no que faria Friday. Ele não conseguia se livrar da convicção de que ela tinha quase certeza de romper o noivado.

Há cerca de uma semana, nada o teria encantado mais. Por que, então, ele achava a ideia tão desagradável agora? Não era como se ele quisesse se casar com ela. Não era como se o noivado fosse feliz para qualquer um deles, pois eles haviam perdido a habilidade de falar livremente. Eles mal conseguiam se olhar nos rostos. Certamente, romper os separaria e permitiria que eles recuperassem a facilidade de sua antiga amizade? Então, por que diabos ele temia a ideia de Friday dizer a ele que tudo estava acabado?

Vê-la parada ali, deliberadamente sem olhar para ele — pois ela sabia que ele estava ali, que diabo — trouxe todo o seu medo à tona novamente. Era assim que ela pretendia puni-lo? Com frieza, um silêncio digno?

— Friday? — Disse ele hesitantemente.

Ela se virou devagar. Para seu espanto absoluto, havia um sorriso no rosto dela; um sorriso muito doce e gentil.

— Olá, Nick — disse ela, avançando e estendendo a mão para ele.

Hipnotizado por seus modos extraordinários, ele avançou, pegando a mão e levando-a inconscientemente aos lábios. Parecia fria ao toque, e ele pensou que um estremecimento perturbou seu semblante.

— Você está bem?

— Perfeitamente — disse ela, retirando gentilmente a mão de seu aperto. Ela sorriu novamente. — Venha, Nick, não faça cara feia. Eu estive pensando, você sabe, que todos nós deveríamos estar vivendo no Olimpo ontem. Não me lembrei de nada, tanto quanto das travessuras dos deuses gregos.

Uma risada curta o surpreendeu.

— Oh, é mesmo? E quem eu deveria ser? Zeus do olho sempre errante, ouso dizer?

— O que me faria Hera — disse Friday — a deusa ciumenta.

— Você, ciumenta? Você não precisa ser.

— Oh, acho que deveria ser — disse Friday levemente — se você se comportasse como Zeus.

Ela quis dizer não terminar, então? Ele se sentiu meio perdido, desorientado. Ela deveria estar com raiva, chateada. Em vez disso, ela estava tratando todo o caso como uma piada. Ou não estava? Ele examinou seu rosto. Os óculos escondiam dele a verdade de seus olhos, pois a luz atingia o vidro e os mantinha parcialmente obscurecidos. Havia tensão em sua boca? As sardas devem disfarçar qualquer semblante pálido de seu rosto. De repente, ele percebeu que, apesar de sua longa amizade, ele realmente não conhecia Friday.

Ela se afastou um pouco como se seu escrutínio minucioso a perturbasse. O mais fraco dos tremores soou em sua voz quando

ela falou novamente.

— Estava tentando pensar em qual das criaturas clássicas eu me lembrava por aquela terrível fêmea.

— Sra. Hesket? Oh, uma Górgona — disse ele instantaneamente.

Friday inclinou a cabeça para o lado.

— Medusa? Sim, ela pode transformar qualquer um em pedra, eu acho. — Ela deu uma risada. — E pobre Charles, tentando tanto ser um Perseus.

— E aí é melhor você parar — avisou Nicolas, fingindo ser severo — antes de começar a se imaginar como Andrômeda, e me sobrecarregar com alguma identidade igualmente estúpida escolhida de seu estoque infinito de personagens idiotas que nunca existiram fora da imaginação de seu fantasioso poeta grego.

Foi uma observação calculada para despertar a indignação de Friday. Ela realmente começou a responder da maneira usual.

— Eles podem não ser muito verdadeiros, mas sugerir que é tudo...

Sua voz morreu ao perceber como essa troca se tornara uma reminiscência de outros tempos. O tom de provocação estava de volta. Quanto tempo passara desde que ela tinha ouvido isso pela última vez.

— Oh, vamos, Friday, a palavra é “mito”. Você deve consultar o Dicionário do Dr. Johnson, eu acredito, pois você evidentemente não o entendeu corretamente.

Friday tirou rapidamente os óculos, pois as lágrimas ardiam em seus olhos. Mas ela deve tentar seguir isso.

— Acredite é precisamente... — Sua voz falhou e ela rapidamente se virou.

— Friday! — Disse Nick em um tom bem diferente. Ele deu um passo apressado em sua direção e, segurando-a pelos ombros, puxou-a para ficar de frente para ele, praguejando quando ela ergueu os olhos involuntariamente. — Maldição, eu sabia que você estava angustiada! Por que você está tentando esconder isso de mim?

Friday começou.

— Porque acho que já cansamos de cenas — disse ela com voz rouca. — Vamos, pelo amor de Deus, salvar o que pudermos dos destroços.

— Você quer mesmo acabar com isso — exclamou Nick, consciente de um estranho aperto no peito. Ele deu um passo para trás, olhando em seus olhos descobertos, a tensão ali visível. O que ele a fez passar? Ele estendeu a mão inconscientemente, e seu dedo acariciou levemente sua bochecha. — Pobre Friday. Eu nunca quis te machucar.

Lágrimas arderam em seus olhos, mas Friday piscou para longe, seus lábios tremendo um pouco enquanto ela tentava sorrir.

— Por favor, não se preocupe comigo. Você é quem está em apuros. Eu só queria ter libertado você antes, como prometi que queria fazer.

— Você queria? — Ele suspirou profundamente. — Bem, você tem todo o direito, não posso negar isso. Só lamento que tenha chegado a esse ponto.

Friday substituiu os óculos, dizendo em um tom mais firme:

— Isso precisava ter acontecido, Nick, dadas as circunstâncias. E tenho certeza de que você não lamentará o dia. Depois de superar todo esse constrangimento terrível, você será mais feliz com sua liberdade.

Por trás da segurança dos óculos, ela procurou o alívio em seu rosto. Não estava lá. Ele estava carrancudo para ela, as belas feições mais solenes do que ela se lembrava de ter visto.

— E você? — Perguntou ele, um tom duro em sua voz. — Você ficará mais feliz, Friday?

— Eu não sei — Ela conseguiu dizer, embora sentisse como se a dor crescente em seu peito fosse sufocá-la. — Acho que sim.

Algo brilhou em seus olhos e desapareceu novamente. Seu rosto se suavizou e ele se aproximou, pegando uma de suas mãos e segurando-a entre as suas.

— Perdoe-me, Friday, mas devo te perguntar isso. Não posso deixar de supor... quero dizer, seu pai deve ter pensado nos seus melhores interesses. Ele não teria... ele deve ter pensado que você poderia ser feliz comigo.

Friday desviou o olhar. Santo Deus, o que ela poderia dizer? Claro que papai havia pensado nisso. Mas ele não sabia — não podia saber — quão profundos eram os sentimentos dela. Ela respirou fundo e trouxe o olhar para seu rosto novamente.

— Papai estava errado. Pelo menos não... não exatamente isso, mas foi tudo um engano, Nick. Ele teve uma ideia em sua cabeça. Ele não disse nada para mim, ou eu teria... isso nunca deveria ter acontecido, e eu sinto muito por isso. — Ela retirou a mão de seu aperto e continuou com mais calma — Em qualquer caso, eu acredito que seu pai pode dificilmente culpar você pelo resultado.

Nick deu uma risada melancólica.

— Você não o conhece.

Preocupado, Friday olhou para o rosto dele.

— O que podemos fazer? Devo escrever para ele e explicar?

— Meu Deus, não, Friday! — Ele estremeceu. — Isso seria pior do que qualquer coisa. Oh, não tema por mim. — Ele sorriu brevemente. — Na pior das hipóteses, vou me apoiar em Caro e Richard. Ou Delamere. Além disso, embora eu ouse dizer que meu pai pode cumprir sua ameaça, não posso acreditar que ele não vai voltar no final. Ele só forçou a questão porque...

Ele se interrompeu, percebendo que Friday sabia de tudo, até o último detalhe. Como ele poderia ter feito isso com ela? O que poderia ser mais ofensivo do que saber que um homem foi oferecido por uma mulher com tudo menos uma pistola na cabeça?

— Oh, Deus, Friday, estou tão envergonhado — disse ele. — Como eu poderia... que você deveria ter sido submetido a tal...

— Nick, não. — ela implorou rapidamente. — Somos amigos há muito tempo. É natural que você tenha se voltado para mim.

— Sim, mas não me voltei para você. Se eu tivesse te contado tudo desde o início!

Friday balançou a cabeça.

— Você não poderia ter feito isso. Eu vejo claramente. Além disso — ela hesitou, prendendo a respiração —, não teria feito diferença. Talvez seja apenas parte do crescimento. Ou de crescer separados.

A quebra em sua voz apertou o coração de Nick. Ele observou os dedos dela subirem para remover os óculos e soube por isso o

quão perto ela estava das lágrimas. Ela imaginou que ele não poderia dizer por que ela sempre fazia isso? Ela não estava olhando para ele, mas não se virou. Ele queria abraçá-la, mas havia algo em sua pose que o fez parar: uma dignidade que o distanciava, mas o tocava ao mesmo tempo.

— Ouso dizer — ele começou, querendo oferecer algum conforto e compreensão, por menor que fosse, — que pode demorar um pouco antes de podermos retomar nosso relacionamento anterior.

A cabeça de Friday surgiu então, e as lágrimas corajosamente contidas escorreram de seus olhos, avermelhando seu nariz e lábios. Estranhamente, Nick não sentiu repulsa. Na verdade, ele ficou impressionado com o contraste absoluto entre a coragem de Friday e a conduta de Hermione em circunstâncias semelhantes. Suas palavras, portanto, pouco mais que um sussurro, caíram em seus ouvidos com um efeito impressionante.

— Sim, bem, esse é o motivo da minha angústia, sabe. Não vejo nenhuma possibilidade de retomar nosso relacionamento anterior.

Ele olhou, consciente de uma sensação de afundamento na boca do estômago. Uma leve pergunta entrou em sua voz quando ele respondeu:

— Não no futuro imediato, talvez, não.

Em uma nota de finalidade plana, ela respondeu a ele.

— Não, Nick, nunca.



Capítulo 6

Lorde Weare olhou para seu filho mais novo de uma forma intrigada. Ele derramou os frascos de sua ira sobre o menino, mas Nicolas se comportou de uma maneira pouco característica. Ele ficou parado sem nenhum vestígio de desafio em seu rosto, nem estremecendo com os martelos verbais lançados em seu caminho, nem tentando mitigar seu peso. Foi como se o dilúvio de palavras passasse por ele, sem tocá-lo em absoluto.

Correndo para baixo, Weare olhou para ele em um silêncio frustrado, irritado. Por fim, ele não aguentou mais.

— Bem, garoto, bem? Você tem uma língua na boca?

— Sim, senhor — disse Nick brevemente.

Nós esperamos. Quando nada mais foi dito, seus punhos bateram nos braços da cadeira.

— Então diga alguma coisa, maldição!

Nick encolheu os ombros.

— O que há mais a dizer? Eu disse o que aconteceu, senhor. Eu expressei meu pesar.

— Pesar? Ha! Não me diga.

— O senhor vai acreditar no que quiser, é claro — disse Nick uniformemente. —Eu aguardo seu julgamento, isso é tudo.

— Oh, você aguarda, hein? — Lorde Weare perguntou novamente, perplexo. O que diabos o menino quis dizer com essa aceitação mansa?

Sua senhoria teria ficado mais intrigado se soubesse que Nicolas não se importava mais. Ele mesmo não teria acreditado que

pudesse se sentir tão desolado. Ele não tinha ideia de que a amizade de Friday significava tanto para ele. Mas a aguda pontada de dor com que ela lidou com aquela simples palavra "nunca" permaneceu como uma dor surda que nunca se afastou.

Fora do protesto instantâneo que o consumiu, ele lançou uma acusação sem sentido para ela.

— Você está se vingando de mim, Friday?

Ela balançou a cabeça. Ele tinha visto a umidade acumulando-se sob seus olhos nas sombras azuis que haviam sido ocultadas por aqueles óculos infernais. Ele queria arrancá-los de suas mãos e esmagá-los sob seu calcanhar. Porque ele não sabia, mas havia se sentido bastante selvagem com as coisas.

— Não é vingança — ela disse baixinho, uma qualidade crua em sua voz que o feriu profundamente. — Eu não gostaria de machucar você, Nick. Você deve saber disso.

Mas ela o estava machucando. Só que ele não disse isso. Sem saber o que fazia, ele a segurou pelos ombros e soube por ela estremecer que seu aperto era muito forte. Mas ele o ignorou, querendo fazê-la sentir sua dor.

— Então, que motivo você poderia ter para dizer que nunca podemos ser do jeito que éramos juntos?

Um sorriso trêmulo o perfurou com alguma emoção sem nome, mas antes que ele pudesse identificá-la ela o jogou em uma situação pior.

— Uma razão muito egoísta — disse ela, e então o puxou para si e pressionou os lábios com fervor contra sua boca. Seus quadris acenderam e ele estremeceu em estado de choque.

No instante seguinte, Friday havia sumido de suas mãos e corrido para fora da biblioteca, deixando-o vítima de desânimo e uma confusão de ideias que ele ainda não conseguia resolver. Tudo o que sabia era que sua vida estava uma bagunça e não faria diferença para ele agora, o que quer que fizesse. Se seu pai o deserdasse, que fosse.

Mas Weare não parecia estar com disposição para rejeitar o filho.

— Suponho que não preciso culpar você pelas ações daquela mulher Hesket — ele resmungou a contragosto. — Contanto que

você esteja curado dessa tendência tola, será a menina mais inútil que já respirou.

Isso atraiu o fogo de Nick. Ele podia estar chateado com Friday, mas isso não significava que ele poderia tolerar as ofensas de seu pai sobre Hermione. Mas sua reprovação foi expressa em termos muito menos infantis do que antes.

— Como o senhor lida comigo é como deseja, mas lhe serei grato, senhor, se se abstiver de fazer comentários odiosos sobre a Srta. Hesket.

— Será grato, sim? — Grunhiu o pai. — E você acha que é minha intenção agradar você?

— Não, não acho — disse Nick friamente. — No entanto, mesmo um homem no cadafalso recebe um último pedido.

— Último pedido? Por quem você me toma, um maldito carrasco?

Os lábios de Nick se apertaram.

— Eu gostaria que acabasse com isso, senhor. Ou devo lhe poupar o trabalho e sair sozinho?

— Você irá quando eu disser e não antes! — Rugiu Weare. Suas mandíbulas trabalharam por um ou dois momentos. Então ele acenou com a mão impaciente. — Muito bem, basta. Mas lembre-se disso. Se você ousar tentar se casar com aquela garota, você pode se considerar sem um tostão e um pária.

— Palavras familiares, senhor — disse Nick com uma voz de aço —, que me lembro de ter ouvido antes por causa da Friday.

— Maldito seja seu atrevimento, — explodiu seu pai. — Um tempo atrás uma observação como essa que teria merecido uma surra.

— Estava na hora, senhor — retrucou Nick, com um lampejo de seus velhos modos, — você teria força suficiente para administrá-la.

— Há! — O latido surpreendeu Nicolas com um tom inconfundível de satisfação. — Isso é mais parecido com você. Começando a pensar que você perdeu seu aço, garoto.

Os olhos de Nick brilharam.

— Quer me dizer que esteve me incitando deliberadamente?

— Nada do tipo. Mas estou condenado se quero ver qualquer filho meu se curvar aos golpes do destino.

Por um ou dois momentos, Nick o olhou incrédulo. Então seus ombros relaxaram e um suspiro escapou dele. Ele foi até a janela do salão verde e olhou para o gramado. Sem se virar, ele falou de novo, um pouco cansado.

— Não sei, senhor, se tem prazer em se entregar a algum tipo de jogo comigo. Eu me pergunto se o senhor tem a menor ideia do mal que resultou desta confusão lamentável.

— Está me culpando agora, não é? — Veio a voz de Weare atrás dele com uma nota ligeiramente queixosa. — Minha culpa, atrevo-me a dizer, que você escolheu se apaixonar por algo barato... oh, muito bem — ele retrucou quando Nick voltou seus olhos reprovadores para ele. — Vou ficar calado sobre isso, já que você parece ter algum senso em sua cabeça. — Quando o olhar de seu filho voltou para a janela, ele explodiu irritado — Que mal, malditos sejam seus olhos?

Nick se virou. Não havia mais censura nos olhos verdes, mas Lorde Weare não pôde deixar de se comover, embora de má vontade, pelo olhar que viu ali.

— Você me forçou a usar Friday, senhor. Oh, eu não o culpo. Ouso dizer que você pensou que estava agindo da melhor maneira. Mas o resultado! Deus, mas eu daria tudo para desfazer isso!

— Pah! Absurdo. Ambos jovens. Logo superam isso.

— Superar isso? Você acha que alguém supera tão facilmente a perda de uma amizade valiosa? Comecei aproveitando o que Friday poderia me oferecer em termos de posição. Agora eu não tenho nem isso, o que eu não queria, deixe-me acrescentar, nem a companhia de uma mulher inteligente, estimulante e divertida, com o coração mais terno de qualquer pessoa que já conheci.

Lorde Weare o considerou, erguendo as sobrancelhas.

— Hum... o que você disse sobre sua preciosa Friday, quando ela foi proposta como esposa para você.

— Eu sei disso — disse Nick, estalando tudo de uma vez. — Fui pego de surpresa. Eu não a conhecia... não realmente.

Ele falava a verdade. Ele nunca tinha pensado nela à luz de qualquer coisa, apenas Friday, a companheira de sua juventude. Mas ele foi confrontado com uma mulher, uma criatura de

temperamentos rebeldes e emoções complexas, como todas as mulheres. Não, ele realmente não a conhecia.

— Em qualquer caso — disse ele rispidamente — não é como uma futura esposa que sinto falta dela. Ela era minha amiga, papai. Você não consegue entender isso?

Nós apenas grunhimos em resposta, mas seu olhar aguçado nunca deixou o rosto de seu filho.

Nick se virou novamente, mas sua mente mostrou-lhe uma imagem muito diferente dos gramados ondulantes apresentados à sua vista do lado de fora. Uma imagem de Friday como ela costumava ser: risonha sob os óculos de coruja, derramando seu calor sobre ele enquanto eles se sentavam em seu retiro no topo da colina. E nem uma vez passou por sua cabeça tirar a menor vantagem de sua liberdade não natural. Devida unicamente, como ele estava bem ciente, ao descuido de Sophia Edborough com relação a esses assuntos. Por direito, eles deveriam ter sido acompanhados desde que se conheceram. Ambos tinham idade suficiente para um envolvimento amoroso. Mas, com Deus por sua testemunha, até que ela o beijasse naquele último dia horrível, ele nunca teria sonhado que poderia ser despertado pela pequena Friday Edborough. Na verdade, ele não ficou realmente excitado. Ela o pegou de surpresa. Embora ela fosse uma mulher, ela não era sensual para ele. Ela era sua amiga. Tinha sido, ele lembrou a si mesmo desconsoladamente. Isso se foi agora, aparentemente para sempre.

— E quanto à garota Hesket, então? — Perguntou seu pai de repente. — Hermia, ou qualquer que seja o nome dela.

— Hermione — corrigiu Nick, voltando a si com um sobressalto. Ele não pensava em Hermione há horas.

— Eu te aviso — perseguiu Weare. —, não vou tolerar que você fuja com a prostituta, ou qualquer coisa romântica desse tipo.

Nick lançou-lhe um olhar quase desdenhoso.

— Não tenha medo, senhor, estou farto de escândalos, obrigado. Estou concentrado agora em apenas uma coisa.

— O que é isso, se me permite a ousadia de perguntar?

— Mostrar minha cara na cidade, senhor, para que meus conhecidos não tenham desculpa para me chamar de covarde.

Que essa revelação agradou a Lorde Weare ficou óbvio pela maneira como ele esfregou os punhos nos braços da cadeira. Mas isso não o impediu de emitir outro aviso.

— Bem, lembre-se de não mostrar seu rosto na posição errada.

Nick fez um movimento impaciente.

— Garanto-lhe, senhor, a Sra. Hesket se opõe tanto a uma união projetada entre mim e sua filha quanto você.

— Maldita imprudência! Não que eu me importe com seus desejos. O que importa, meu garoto, é se este par pernicioso pode ser impedido de causar mais conversa.

O que importava em sua opinião, Nick pensou com amargura, era que sem a amizade de Friday, mesmo a perspectiva de ver Hermione não poderia encantá-lo. Principalmente se ela pretendia recebê-lo com outro ataque histérico. Se a verdade fosse enfrentada, ele havia perdido as duas. Pois Hermione deixara claro que não se casaria com ele. Qualquer outra coisa era repugnante. Mesmo que isso não significasse trair Friday, ele não poderia violar os direitos de outro homem. Ele mesmo poderia tolerar? Uma mulher que era dele devia ser só dele. Como ele seria dela, visto que a amava.



FRIDAY ESTAVA CAMINHANDO, em um lugar encantadoramente secreto. Não parecia estranho a ela, apesar dos contornos enevoados nas árvores congeladas. A grama sob seus pés era flexível, de modo que a explosão de exuberância em seu seio aumentava, e ela se jogou no ar. Nick a segurou quando ela caiu novamente, e eles caíram juntos no chão macio, rolando e rindo.

Quando eles se acalmaram, ela estava embaixo dele, sua forma prendendo-a ao chão, seu semblante acima do dela aceso com um brilho que ecoava em seu próprio coração.

— Você sabe o quanto eu te amo? — ele perguntou suavemente.

Ela sorriu para ele, de alguma forma, livre dos óculos repugnantes, de alguma forma bonita... as sardas se foram, os

pobres traços transformados em um todo agradável que era digno da beleza espelhada em seus olhos.

— Não, me diga — ela implorou.

— Até aqui — disse Nick, e seus lábios desceram para reclamar sua boca em um beijo tão inflamado que ela o sentiu em toda a extensão de seu corpo.

O calor era intenso o suficiente para que ela despertasse e se movesse um pouco sob os lençóis, piscando na escuridão. Um choque de realidade.

— Oh, que Deus me ajude, de novo não! — ela gemeu em voz alta.

Ou pensou que fez isso. Mas ela não tinha certeza, pois o sono a reivindicou mais uma vez e lá estava ele — sentado do outro lado da mesa, jantando, seus olhos brincando com a colher, perverso à luz das velas.

— Você sabe o que eu gostaria de fazer com você?

Friday olhou rapidamente em volta procurando os criados, mas não havia nenhum. Eles estavam completamente sozinhos. Havia um dossel na outra extremidade do salão. Não parecia nada estranho que devessem estar comendo sua refeição juntos em um cantinho deste lugar.

— Mostre-me — disse Friday, e o viu se levantar da cadeira.

Ela não sabia como eles chegaram lá, mas no instante seguinte eles estavam deitados juntos na cama; uma cama enorme que poderia acomodar confortavelmente dez pessoas. Exceto pelo fato de que qualquer outra pessoa seria empurrada para fora pela atividade frenética do casal principal.

Friday suspirou e gemeu com a sensação das mãos de Nick em seus membros. Os lábios de Nick estavam procurando os dela, e alguma força desconhecida e sem nome bem no fundo de suas profundezas ocultas estava batendo com seu coração.

Ela acordou assustada, arrastando-se para cima, os olhos arregalados e olhando para a escuridão envolvente de sua própria cama protegida por cortinas. A ferida palpitante começou a doer quando seu pulso ecoou o sonho, atingindo sua respiração de modo que ela ofegou em pânico perplexo.

Então ela se lembrou. Um meio soluço escapou dela. Em uma angústia silenciosa, ela chorou desesperadamente, dobrando os joelhos e permitindo que sua cabeça tombasse enquanto a cobria com os braços protetores.

Todas as noites eram iguais. Os dias eram administráveis. Ela poderia forçar sua mente indisciplinada a canais mais seguros. Expulsá-lo de sua mente. Ler seus clássicos favoritos, estudar o latim, no qual ela não era tão proficiente quanto o grego. Qualquer coisa para se distrair. Mas, ah, essas noites! Ela tinha começado a temer sua vinda com força total. Pois então, fora de controle, seus pensamentos traiçoeiros se revelavam nesses insidiosos sonhos vívidos.

Sua respiração ficou presa em soluços quando a memória enviou um golpe de faca em seu peito. Santo Deus, esses sonhos! Sonhos doces, secretos e doloridos; sonhos tolos e impossíveis em que Nicolas a amava com tanto fervor, tanto quanto ela o amava; sonhos pelos quais ela amaldiçoou aqueles clássicos que lhe deram muito conhecimento. Pois as paixões dos deuses eram tão familiares que ela podia facilmente despertá-las em si mesma. Paixões das quais, como solteira, ela nada deveria saber.

Oh, mas ela sabia! Ela sabia como seria ter os braços dele em volta dela; como seus lábios acariciariam os dela. Ela sabia muito bem agora, pois os havia sentido tão fortemente naquele último e desesperado beijo. Ela se arrependeu em todos os aspectos. Ela não devia ter se entregado completamente. Seu coração rebelde saltou com o pensamento, mas seus olhos derramaram lágrimas mais salgadas pela vergonha que sentia.

Se isso fosse tudo! Antes, seus sonhos nunca a levaram a isso. Agora ela estava presa, apanhada nas garras de sua própria imaginação, pois havia tomado um gole de vinho e o achou doce. O gosto persistiu, enchendo-a de desejos que nunca poderiam ser satisfeitos. Oh, Nick! Por que ela terminou? Pelo menos se ela tivesse se casado com ele, esses anseios anormais poderiam ter sido apagados.

O bom senso dizia que esse era um raciocínio absurdo. Será que o desejo saciado compensaria uma vida inteira de emoções não correspondidas? Não, não compensaria. Mas o bom senso não

morava nas primeiras horas da noite, quando a verdade de Friday aparecia assombrando-a de seu coração rebelde. Ela amava Nicolas Weare e viver sem ele seria uma angústia.

Caindo de volta em seus travesseiros, Friday se enrolou em uma bola protetora, arrastando as costas da mão pela umidade de suas bochechas e olhando para a escuridão, com medo de adormecer novamente.

A manhã trouxe uma espécie de alívio. Ela tinha pouca ideia de sua aparência pálida, pois raramente se olhava no espelho, e então apenas com os óculos no nariz para que os piores estragos de suas noites agitadas fossem escondidos. Na biblioteca, depois do café da manhã, ela trabalhou em seu latim, esforçando-se para ler um livro de política que não acrescentava o menor átomo a seu sono agitado. Não, para ela agora aqueles contos favoritos de amor e paixão escritos pelos gregos pioravam as visões implacáveis que a atormentavam. Ao lado dela, Bruno cochilava, aparentemente em paz. Friday só poderia invejá-lo.

Seus pensamentos se desviaram da discussão sob suas mãos, na qual homens sábios debatiam se era desejável ou não ter um César. Ela parecia ter vivido nesse estado insatisfatório por meses, embora na realidade pudesse ter sido apenas uma questão de semanas. Nick, ela sabia por Caro, estava em Londres. Ela ficou feliz em pensar que Lorde Weare se absteve de cumprir sua ameaça — e profundamente magoada, se a verdade fosse dita, por ter sido feita para destruir sua paz, se ele não fosse sincero. Isso fez com que todo o episódio fosse inútil e seu atual estado de espírito uma imposição desnecessária da qual ela poderia ter sido poupada.

Ela não ouviu seu pai entrar na biblioteca, nem mesmo alertada pela cabeça erguida de Bruno. Ela não percebeu que estava sentada olhando sem ver as estantes de livros contra a parede oposta à escrivaninha em que trabalhava, os óculos segurados levemente nas mãos e o caminho de uma lágrima descuidada descendo por sua bochecha.

O Sr. Edborough estava na frente dela antes que ela o notasse.

— O que você está fazendo, Friday?

Ela piscou.

— Estudando latim, papai.

— Não, você não está. — disse ele severamente. — Você está deprimida.

Friday olhou para baixo, brincando com seus óculos.

— P-por que o senhor deveria pensar assim?

— Você acha que eu sou cego? — Retrucou o pai. Então seu tom se suavizou. — Venha, criança, não tente esconder isso de mim, eu imploro.

Lágrimas saltaram dos olhos de Friday novamente. Soltando os óculos, ela cobriu o rosto com as mãos.

— Oh, papai, estou tão infeliz.

Em um momento, seu pai contornou a mesa e a puxou para um abraço apertado. Ela chorou um pouco em seu peito, fez uso de seu lenço e logo se viu sentada em seu assento favorito na janela com o braço de seu pai ainda sobre ela, e sua voz gentil implorando para que ela falasse com ele.

— É... são apenas as noites, sabe... — ela disse a ele sem muita convicção. — ...não consigo dormir muito bem.

— Rolando em seus travesseiros, ouso dizer.

— Sim, e... sonhando. — Uma confissão hesitante e abafada.

O Sr. Edborough assentiu com simpatia.

— Pesadelos, hein? Eu mesmo sofri com eles nos tempos difíceis.

— Quem dera fossem! — Friday proferiu desprevenida.

Seu pai olhou para seu rosto.

— O que você quer dizer?

Friday mordeu o lábio e suspirou. Como ela poderia explicar? Dificilmente se poderia revelar o conteúdo de tais sonhos.

— Oh, é apenas... no passado, eu poderia facilmente sonhar acordada com... ele.

— Continue. — Havia uma severidade na voz de Edborough com a menção de Nick, mas ele se absteve de repetir os comentários adversos que saíram dele quando soube de sua filha sobre o noivado rompido e as razões para sua decisão.

Friday pegou o bilhete e, sem saber exatamente o que fazia, agarrou sua mão e apertou-a, olhando para ele.

— Papai, não culpe Nick. Não é culpa dele que eu sinta o que sinto.

Edborough suspirou profundamente.

— Eu nunca deveria ter feito isso. Eu deveria ter falado com você primeiro.

— Não se preocupe, papai. O senhor não poderia saber.

Na verdade, ela refletiu, ela mesma era ignorante. Assim como papai, ela não conhecia a profundidade de suas próprias emoções. Até que ela vislumbrou a terra prometida, desencadeando uma fornalha dentro de si que agora ela era incapaz de controlar, muito menos de apagar. Foi por isso que ela teve que evitar que Nick pensasse que eles poderiam facilmente retomar de onde pararam antes de tudo isso começar. Pois ela sabia que a tortura de vê-lo agora apenas como o amigo que fora seria insuportável. Ela se esforçou para colocar isso em palavras que seu pai pudesse entender, sem realmente dizer.

— Nunca houve esperança, sabe. Essa é a dificuldade agora. Quando era apenas um sonho que eu nunca esperava ver tornado realidade, eu poderia suportar. Mas agora, por ter tido a chance, mesmo que por um breve período de tempo que acreditei na possibilidade, e perdê-la novamente...

Sua voz falhou, e o braço do Sr. Edboroughs apertou com mais força sobre ela. Com uma voz de autocensura amarga, ele disse:

— Eu gostaria de não ter feito isso, Friday. Achei que isso te faria feliz. Achei que você gostasse do menino.

— Oh, eu gosto. Só que não era real antes. Agora é demais para sonhar. — A fala falhou por um ou dois momentos, mas ela respirou fundo para se firmar e conseguiu mentir valentemente. — Não é tão ruim, papai. Vai passar.

— Não se for algo parecido com o sentimento entre mim e sua mãe — profetizou o Sr. Edborough tristemente. — É a coisa mais extraordinária. Ela pode me irritar além da medida, mas a força da minha paixão por ela simplesmente não admite a menor derrota.

Friday nada poderia dizer sobre isso. No momento, ela queria acreditar que seus próprios sentimentos poderiam passar. Não que ela estivesse de alguma forma convencida.

— A parte mais estranha de tudo — perseguiu o pai dela, aparentemente recolhido em seus próprios pensamentos — é que

aconteceu tão rapidamente. Quando nos conhecemos, foi como um trovão. E lá estávamos nós.

— Só que foi mútuo — observou Friday calmamente. — Essa é a diferença.

O Sr. Edborough voltou-se, como se fosse dizer mais alguma coisa, mas uma batida na porta os interrompeu. Um lacaio entrou. Olhando em volta, ele notou o mestre sentado com o membro da família que ele procurava.

— Eu imploro seu perdão, senhor — disse ele se desculpando — mas a Sra. Cleeve deseja falar com a Srta. Friday.

O coração de Friday parou de bater. Caro! Isso só poderia significar notícias de Nick. Tudo saiu de sua cabeça. Toda a dor de cabeça das noites terríveis, todas as decisões sensatas que ela havia tomado, todas as admoestações severas que fizera a si mesma. Se havia algo para saber sobre Nick, então ela devia saber.

Mal parando para se desculpar com seu pai, ela deu um pulo, pegou os óculos de onde os havia deixado sobre a mesa e saiu correndo da biblioteca, captando na periferia de sua consciência o lacaio que acrescentou apressadamente:

— Bom dia... sala, Srta. Friday.

Caroline Cleeve andava impaciente sobre esse cenário rosado. Na última semana mais ou menos, sua barriga começou a se projetar repentinamente sob o vestido de musselina estampado e, como as damas tão sobrecarregadas, ela jogou de lado o manto de lã quente que usava para se proteger do frio de novembro, colocando as mãos em apoio na parte inferior das costas enquanto marchava para cima e para baixo. Ela parou quando a porta se abriu e fez uma pose inconsciente, sua condição mostrando orgulho enquanto ela se levantava, suas belas feições procurando ansiosamente pelo rosto que ela procurava.

— Friday, você nunca vai adivinhar — ela exclamou quase antes de sua anfitriã entrar na sala e fechar a porta atrás dela. — Estou ansiosa para te contar desde que ouvi.

Pela expressão de Caroline, Friday não sabia dizer se a notícia era boa ou ruim. Pouco importava. Seu coração saltou em sua garganta, sufocando-a. Pensamentos selvagens perseguiram um ao outro em volta de seu cérebro, visões que ela não poderia ter

identificado se quisesse, exceto que eles tinham Nicolas indelevelmente centrado em todos eles.

— O quê?

Caroline soltou suas costas e estendeu as mãos para dar ênfase.

— Hermione Hesket está noiva e vai se casar.

O golpe a atingiu com força. Friday ficou imóvel, um vazio em sua cabeça. Ela se sentia como se tivesse sido atingida no peito por uma bala. Ela sabia, em algum recesso vago, que ainda estava viva, porque estava respirando. Mas seus olhos não viam e seus ouvidos não ouviam.

A consciência voltou aos poucos. Uma irritação zumbida invadiu a visão e o som. Quando isso foi resolvido, ela reconheceu o rosto bonito e a voz estridente de Caro, mas as palavras que ela estava proferindo não causaram nenhuma impressão a princípio. Quando o fizeram, parecia incrível para ela que o que acabara de acontecer dentro dela aparentemente não tivesse sido registrado.

— É claro que eu mal conseguia acreditar, como você pode supor — Caroline estava dizendo —, mas lá estava em preto e branco, irrefutavelmente. Eu declaro que fiquei tão chocada que Dicky foi obrigado a notar, o que ele nunca faz, deixe-me dizer a você, porque ele diz que eu falo sobre nada e ele não suporta isso no café da manhã.

— Foi na Gazeta? — Para a própria surpresa de Friday, sua voz estava bastante firme, embora ela falasse automaticamente, ainda possuída por uma sensação de tontura, como se ela não estivesse realmente lá.

— Sim, eu não disse isso? Eu estava lendo os avisos, pois sempre leio. Especialmente nesta época do ano, quando a temporada está terminando e deve haver alguns anúncios interessantes.

Interessante? Era assim que ela via? Friday poderia ter dado risada, se o aparato necessário estivesse funcionando, o que não era o caso. Nada estava tão no estado estranho em que ela se encontrava. Ela não conseguia pensar além da necessidade imediata de falar.

— Quando é o casamento? — Perguntou ela. E imediatamente desejou que ela não tivesse. Ela não queria saber a resposta para isso.

— Antes do Natal, assim foi dito. — respondeu Caro. — Isso não me surpreende. Claro, Aymestrey deve querer tê-la o mais rápido possível, pois se sua velha mãe descobrir as origens da Sra. Hesket, ela pode muito bem sair da aposentadoria e tentar dar um basta nisso.

Friday piscou. A conversa de Caro não fazia mais sentido. Lutando com a fragmentação ainda presente de sua atenção, ela se forçou a se concentrar.

— O que você quer dizer, Caro?

Caroline acenou com as mãos impacientes.

— Mas eu já disse. Estou falando da viúva Lady Aymestrey, você sabe. Oh, claro que você não sabe. Eu sempre me esqueço do quão pouco familiarizada você é com o mundo, Friday. Bem, acredite em mim que ela não aprovaria, mesmo que nunca fosse seu segundo casamento. Embora ele já tenha um herdeiro. Na verdade, acredito que sejam dois meninos, pois sua primeira esposa morreu no parto e acho que era um homem.

Friday achou que ela fosse gritar. Ou Caro enlouqueceu ou ela, Friday, estava sonhando de novo. Um pesadelo desta vez, pois nada do que ela dizia fazia sentido algum.

— Caro, do que você está falando?

— Você não estava me ouvindo, Friday? Estou falando do noivado de Hermione Hesket, é claro.

Uma grande luz amanheceu na Friday de repente.

— Você quer dizer que ela está noiva deste Lorde Aymestrey?

— Sim. Eu não disse isso a você desde o início?

O alívio caiu sobre a Friday em uma onda, deixando-a tonta. Ela agarrou o ar para se apoiar e descobriu que seus dedos estavam presos.

— De novo, não — lamentou Caroline.

No momento seguinte, Friday foi empurrada para o sofá, onde se sentou, meio rindo, segurando o coração palpitante com as duas mãos. Sentada ao lado dela, a Sra. Cleeve exigia ansiosamente que lhe dissessem o que diabos estava acontecendo com ela.

— Eu achei que você quisesse dizer que ela estava noiva de N-Nick — disse Friday soluçando. Ela estava rindo e chorando ao mesmo tempo, o terrível vazio mental começando a diminuir.

— Noiva de Nick? Você perdeu os sentidos? Você acha que eu estaria tagarelando assim se fosse esse o caso? Eu deveria ter viajado imediatamente para Londres para protestar contra ele. Oh, Friday, sua idiota! Lá vim eu com tanto prazer, para lhe dizer que a maldita mulher está finalmente fora do nosso caminho, e o que você faz? Quase desmaia!

— Desculpe-me, Caro — disse Friday, finalmente recuperando o fôlego — mas se você soubesse o que eu passei...

Como se estivesse vendo Friday pela primeira vez, a Sra. Cleeve observou o estado vermelho de seu semblante. Ela franziu a testa terrivelmente, agarrando a amiga pelos ombros e puxando-a para encará-la.

— Friday, tire esses óculos horríveis e deixe-me olhar para você. — Adequando a ação à palavra, seus dedos arrancaram os óculos ofensivos e ela olhou para o rosto de Friday. — O que diabos você tem feito a si mesma? Você está horrível.

— Eu estou? — Friday tentou desviar o rosto. — Eu... eu não tenho dormido muito bem.

— Eu posso ver isso. E você tem chorado com todo o seu coração. Declaro, Friday, você é a pessoa mais frustrante de se lidar que já conheci! Por que você o mandou embora se o quer tanto? Não que eu tenha culpado você, nas circunstâncias. Mas pelo amor de Deus, deixe o passado no passado. Chame-o de volta e diga que mudou de ideia. Especialmente agora.

— Mas eu não mudei de ideia — Friday explodiu, se afastando e se levantando rapidamente. — Especialmente agora.

Caro permaneceu sentada, observando sua amiga começar a andar pela sala matinal, como ela mesma havia feito antes.

— Por que não? Você está obviamente terrivelmente infeliz, e...

— Sim, estou infeliz — confessou Friday, virando-se contra ela ferozmente — mas você acha que Nick está menos? Se estou me sentindo assim porque o perdi, como você imagina que ele está se sentindo por ter perdido Hermione?

— Aliviado, eu acho. — Caro afirmou sem rodeios. — Os homens odeiam o tipo de tumulto e confusão que ela provocou. Ouso dizer que ele está agradecendo às estrelas por sua libertação.

Friday balançou a cabeça.

— Ele pode ter ficado um pouco chateado na hora, mas deve ter esquecido logo quando a viu novamente na cidade estando livre. Eu estava no caminho, Caro, você não vê?

— Vejo que você é ainda mais cabeça dura do que meu irmão idiota — declarou Caroline irritada. — Mande buscá-lo, Friday. Pergunte a ele!

— Perguntar o quê? Se ele está feliz por se livrar dela?

— Sim, sim, sim!

Friday olhou para a mancha difusa no rosto de Caro, pois ela havia se esquecido de pegar seus óculos. Ela não conseguia ver sua expressão, mas a veemência do quase grito com que terminou ainda soava em seus ouvidos. Mandar buscar Nick e perguntar a ele sobre Hermione Hesket? Era absurdo. Era ultrajante. Ela não poderia fazer isso... poderia? Um suspiro escapou dela, e ela caiu de volta no sofá.

— Oh, Caro, por que você deve vir aqui com sua insistente falta de lógica e minar tudo que resolvi em minha mente? Se não fosse por você e suas convicções, eu nunca teria me envolvido em tudo isso, pois teria encerrado o assunto dias antes que aquela mulher chegasse perto daqui.

— É tarde demais para pensar nisso agora — disse Caro de forma prática. — A questão é que ela agora vai se casar. O que significa que...

— Não! — Friday disse rispidamente. — Não, Caro.

Quando ela se virou para a outra mulher, ela viu a forma familiar de seus óculos descansando no colo de Caroline e estendeu a mão para pegá-los, colocando-os firmemente de volta em seu rosto. Eles lhe davam confiança, pois imediatamente ela se sentiu mais como ela mesma.

— Você está tentando dizer que o campo está livre agora para meu casamento com Nick, eu entendo isso. É por isso que você veio com esta notícia.

— Claro que é, e...

— Caro, me escute. O noivado foi um erro do início ao fim. Se Nick está apaixonado por Hermione Hesket ou se ele está apenas apaixonado, não é realmente o problema. Ele não está apaixonado por *mim.*

— Mas você está apaixonada por ele — afirmou Caroline.

— Sim, é por isso que não posso me casar com ele. Se meus sentimentos fossem iguais aos dele — uma afeição por um amigo — então poderíamos ser felizes juntos. Muitos casamentos de sucesso são baseados em tal fundação.

— Bem, então...

— Caro, você é casada com Richard. Você está diariamente em sua companhia. É sabido que vocês são um dos casais mais queridos da vizinhança. — Ela sorriu um pouco quando Caroline corou e estendeu a mão para pegar a mão dela e apertá-la. — Pense um pouco. Não sei como vocês se comportam quando estão sozinhos, mas talvez eu possa adivinhar. E se você não pudesse ser natural com ele, por medo de importuná-lo com atenções indesejadas? E se você tivesse que colocar um freio em cada palavra, cada olhar, cada pequena observância natural que o seu amor dita a você? A vergonha por si só a manteria em silêncio e cautelosa, se não o medo de que ele pudesse ficar com raiva ao encontrá-la pendurado na manga.

Caro Cleeve ficou em silêncio, a consternação estampada em seu semblante.

— Eu nunca pensei nisso dessa forma.

— Não, porque você não tinha motivos para isso — disse Friday. — Mas eu tenho longos anos de ocultação atrás de mim, Caro. Eu poderia fazer isso na época, pois não pensava em nenhum futuro possível com Nick. Achei que ele se casaria algum dia e me preparei para aguentar. Eu poderia ter aguentado. Mas estar dia após dia em sua presença e esconder meu coração... não, mil vezes!

— Então o que deve ser feito? — Perguntou Caroline, fazendo beicinho.

— Nada — disse Friday, cansada.

— Você não vai vê-lo?

— Eu não posso.

— Não, porque você tem medo de ceder ao que realmente quer — Caro adivinhou astutamente.

— E se eu estiver, é para se admirar?

Caroline olhou para ela, pensando profundamente por um momento. Então ela se levantou de maneira determinada.

— Muito bem, então. Se você não mandar chamá-lo, eu farei.

Imediatamente o pulso começou a latejar nas veias de Friday. Ela também se levantou rapidamente e encarou a amiga.

— Caro, eu imploro, não me faça passar por isso. Eu conheço você. Você diz que vai mandar buscá-lo, e a próxima coisa é mandá-lo me ver.

— Seria muito estranho, de fato — disse Caroline de uma forma arejada — se Nick não tivesse te visitado enquanto estava na vizinhança.

— Caro!

— Você não vai me enganar, eu prometo. No mínimo, diminuirá a restrição entre vocês se o vir.

Friday começou a ficar doente.

— Caro, estou avisando, não estarei em casa para ele.

— Você não saberá quando ele virá — retrucou Caroline. Ela cedeu um pouco, pegando as mãos de Friday e segurando-as com força. — Não se preocupe, Friday. Eu vejo o que é. Você ficou em um estado tão absurdo com todo esse negócio que Nick se tornou um monstro que aterroriza você. E tudo por nada. Afinal, é apenas Nick. Você o conhece desde sempre. Eu declaro, qualquer um pensaria que ele era uma espécie de deus aos seus olhos.

— Por que me dou ao trabalho de explicar para você? — Exclamou Friday, exasperado. — Por favor, Caro, preste atenção em mim desta vez.

Mas Caroline foi inflexível.

— Você verá que estou certa, Friday. Se nada mais, isso lhe dará a oportunidade de descobrir por si mesma o verdadeiro estado de sua mente. Não vale a pena passar por apenas um pequeno incômodo de sentimento?

Incômodo? Quão pouco Caro sabia ou entendia! Mas ela não sabia nada dos sonhos à noite. Não pude perceber o constrangimento que a própria visão de Nick deve causar. Não tinha

a menor ideia das ondas de emoções flutuantes que deveriam atacá-la na hora anterior, antes que ele viesse. E se ele não quisesse vir? Caro não tinha pensado nisso. E ela, Friday, esperando apesar de si mesma, pois conhecia a determinação de Caro. Esperando e morrendo todos os dias. Uma morte lenta e dolorosa com a picada de apreensão misturada com a emoção inextinguível de antecipação.

No caso, Friday não foi chamada a sofrer as terríveis torturas de sua imaginação por muito tempo, pois em uma semana Caroline enviou uma nota para declarar que Nicolas tinha ido falar com seu pai no final da temporada e não era esperado em Hurley até depois do Natal.

Para sua própria irritação, o alívio não era a emoção predominante no peito de Friday. Apesar de tudo, ela desejava ver Nicolas. Uma admissão que a fez fechar o livro de latim com força e bater na mesa. Fechando as mãos em punhos, ela martelou um ritmo frustrado na mesa, soltando uma torrente de xingamentos gregos antigos.

— Isso não vai dar certo, Friday Edborough — ela disse a si mesma com raiva, e se levantou com determinação.

Bruno se levantou, olhando-a confuso — como costumava fazer atualmente, nunca sabendo bem o que esperar de uma dona que até recentemente fora felizmente previsível. Ele se mexeu de um lado para o outro, incerto, até que Friday o notou.

— Sim, Bruno, vamos sair.

Uma olhada pela janela confirmou que a queda de neve de ontem não havia se renovado esta manhã. Mas hoje estaria mais frio. Na verdade, ela foi obrigada a chamar o lacaio para aumentar o fogo da sala. No entanto, sua peliça pesada e um par de botas robustas serviriam.

O solo gelado rangeu sob os pés enquanto ela avançava, e ela sentiu um prazer perverso com a força destrutiva de sua passagem, que deixou um rastro de pegadas pesadas, com as marcas dos passos mais leves de Bruno ao lado. Suas bochechas arderam com a picada do vento de dezembro, e a ponta do nariz protestou. Os óculos onipresentes, embora mantivessem o pior do vento longe de

seus olhos, tendiam a embaçar um pouco enquanto seu hálito quente enviava nuvens de vapor para cima.

Mais de uma vez, Friday passou os dedos enluvados impacientes no vidro e teria removido as coisas se não estivesse caminhando pela floresta em direção ao seu refúgio no topo da colina. No inverno, as árvores nuas, com sua cintilante camada branca de geada, pareciam desconhecidas, e ela temia perder o caminho. A última coisa que ela queria era terminar em Delamere Place, especialmente depois da última ocasião. Embora Lady Delamere tenha ficado menos preocupada com o resultado do noivado abortado de Friday, do que irritada com o fato de que os rumores tinham vindo de sua própria casa.

O ritmo acelerado que Friday havia se estabelecido logo a trouxe para a clareira que ela sentia ser seu domínio pessoal. Ela se dirigiu ao pico e parou, ofegando pelo esforço. Com as árvores sem folhas, a vista neste dia de inverno era de tirar o fôlego. Uma medida de paz se instalou em seu coração e ela suspirou.

— Olhe para isso, Bruno! — Ela chamou em voz alta para o cachorro, seu olhar vagando sobre a paisagem ondulante que se estendia ao longe, pontuada aqui e ali por pequenas casas aglomeradas. — Não é magnífico? Eu desafio qualquer um a ficar triste em face de tal visão.

Pela primeira vez em muito tempo, ela pensou que talvez pudesse recuperar a tranquilidade de antes. Afinal, o que era ela, ante esse panorama de tantas vidas? Que direito ela tinha de esconder a cabeça e chorar e lamentar sua sorte?

Esticando as mãos e jogando a cabeça para trás, ela respirou fundo o ar gelado e começou a tossir um pouco. Naquele preciso momento, Bruno explodiu em latidos frenéticos.

Virando-se, Friday o viu voltando para a floresta congelada, e seu olhar percorreu sua borda. Ela percebeu, sob o barulho de Bruno, o barulho de pés com botas pesadas vindo na direção deles. Mal teve tempo de especular sobre um possível intruso, quando uma figura de chapéu e casaco grande apareceu, caminhando com agilidade por entre as árvores.

Friday ficou tensa automaticamente, observando os passos largos do homem, a bainha de seu sobretudo girando em torno de

suas botas. Ele estava vindo em sua direção. Seu coração deu uma cambalhota dupla e ela começou a tremer.

Não precisou levantar o chapéu para revelar os belos cachos de Nicolas Weare quando ele saiu da floresta e se retirou no topo da colina. Os sentidos trêmulos de Friday já sabiam que era ele.



O sorriso de Nick foi hesitante quando ele se aproximou, como se não tivesse certeza de que seria bem-vindo. Ele gesticulou em direção à floresta.

— Eu segui suas pegadas.

Friday respirou contra a pulsação incontrolável de seu coração. Tudo o que ela conseguia pensar era o quão bonito ele parecia. Nem um pouco abatido como ela. Nenhuma evidência de qualquer angústia de espírito. As visões das horas da noite vieram girando em sua mente, e ela sentiu-se ficar quente. Uma sombra cruzou seu rosto enquanto ela continuava em silêncio.

— Você se opõe à minha vinda? — Ele perguntou hesitante. — Devo ir?

— Não! — Veio imediatamente, sem ser convidado, de seus lábios. Ela tentou controlar seu tremor — Eu pensei... Caro disse que você tinha ido para casa.

Nick concordou.

— Estou indo para lá. Pelo menos eu estava. — Ele desviou o olhar. — Eu me virei e voltei.

— Para me ver? — Friday perguntou incrédula antes que ela pudesse se conter.

Uma meia risada escapou dele.

— É tão estranho? Eu tenho desejado te ver. Eu só não sabia se... — ele parou, tirando o chapéu e jogando-o impacientemente contra o corpo. — Maldição, Friday, isso é um absurdo!

Ela mordeu o lábio, sem perceber que estava apertando os dedos com força.

— É mesmo?

— Sim! Ninguém poderia imaginar que éramos amigos há anos e anos. Sinto como se tudo que eu digo a você fosse suspeito.

Friday não conseguia olhar para ele.

— Eu disse que não ia funcionar.

— Deve funcionar, Friday, deve. — Ele deu um passo em direção a ela, mas Friday recuou rapidamente. O rosto de Nick mudou. Amargamente, ele exigiu: — Isso é ruim, não é?

Ela engoliu em seco.

— Pior.

Houve o silêncio mais terrível, assustador aqui fora no ainda dia de inverno, a geada branca envolvente silenciando o mundo. Essa constrição atacou Friday sobre o peito de tal maneira que ela pensou que seus pulmões poderiam explodir. Como ela poderia ter falado de uma maneira tão dolorosa? Por que ele não disse algo? O que ele estava pensando? Por fim, ela se atreveu a erguer o olhar para o rosto dele. Através dos óculos, ela viu que seus olhos brilhavam e se maravilhavam com isso.

Ao seu olhar, ele se virou instantaneamente, empurrando o chapéu para trás na cabeça, e ela o viu levar a mão brevemente ao rosto. De repente ela entendeu. Seu coração derreteu.

— Nick! — ela gritou, e estendeu as mãos para ele.

No instante seguinte, ele se voltou para ela, agarrando suas mãos enluvadas. Então ele as soltou, e ela se viu arrastada contra seu peito, seus braços apertados ao redor dela, assim como tinham sido em seus sonhos.

Só que não era como seus sonhos. Não havia sensualidade neste abraço feroz que abafou seu rosto nas dobras das muitas capas que adornavam seu sobretudo. Em vez disso, havia desespero, pânico, como o de uma criança pequena cuja mãe fora considerada perdida. A impressão foi reforçada pelas palavras que saíram roucamente de sua garganta.

— Eu preciso de você, Friday! Não se volte contra mim! Eu não posso suportar sua inimizade!

Friday não podia falar pela emoção que instantaneamente a sufocou. Ele não a amava, não. Mas havia um bálsamo em tais palavras. Ela era importante para ele. Ela queria dizer algo.

Uma dor aguda e persistente a fez perceber que seus óculos estavam presos com tanta força contra seu rosto que estavam cravando em sua pele. Ela lutou um pouco e sentiu o aperto se soltar. De repente ela estava falando, muito naturalmente, em um protesto sorridente:

— Olhe só o que você fez com meus óculos.

O rosto de Nick se rachou em um sorriso quando viu que eles estavam sentados de forma desequilibrada em seu rosto, quase caindo de seu nariz.

— Eles estão todos embaçados também. Aqui, deixe-me.

Tirando rapidamente uma de suas luvas de couro, ele vasculhou o bolso do sobretudo em busca de um lenço e habilmente executou a operação de limpar as lentes para ela. Então ele os colocou cuidadosamente de volta no lugar, ainda sorrindo.

— Pronto, assim está melhor. Você parecia mais louca do que o normal.

— Muito obrigada, Nicolas Weare.

— Sempre penso em você parecendo uma coruja louca, de fato. Eu nunca disse isso?

— Sob pena de morte, eu duvido.

Nick riu.

— Sob pena de expulsão, mais provavelmente. — Isso era tão apropriado para a situação atual que seu sorriso sumiu. Ele franziu a testa e praguejou baixinho. Então ele disse apressadamente: — Sim, começo a ver para onde seus pensamentos foram. Nada pode ser dito sem um duplo sentido?

Friday não respondeu a isso. A retomada do constrangimento a magoou, junto com as implicações inerentes ao seu entendimento. Pois isso devia significar separação... de novo. Eles não podiam ser amigos. Ela estremeceu e imediatamente se colocou em movimento.

— Está frio. Vamos caminhar um pouco.

Eles se viraram juntos e começaram a andar para cima e para baixo, como se por mútuo consentimento não pisassem na floresta.

Pois ambos estavam relutantes em encerrar aquele encontro, por mais doloroso que fosse. Por que ele veio? Friday pensou muito. Isso a fez pensar no conselho idiota de Caroline, e ela imediatamente decidiu não perguntar a Nicolas sobre Hermione Hesket. A decisão a deixou sem palavras, pois, naturalmente, uma vez que ela pensou na garota, nenhum outro assunto se apresentou para discussão.

Em um momento, ficou claro que os próprios pensamentos de Nick estavam correndo na mesma direção, pois ele pigarreou e começou:

— Ouso dizer que Caro pode ter lhe contado sobre a Srta. Hesket.

Friday parou em seu caminho. De onde veio ela não saberia dizer, mas de repente sentiu-se aborrecida. Inevitável que ele pensasse nela, mas por que diabos ele deveria trazer isso à tona agora? Foi por isso que ele disse que precisava dela? Porque ele queria falar sobre a Srta. Hesket? Mesmo assim, ela não conseguia repudiá-lo, dizer-lhe que não queria ouvir absolutamente nada sobre o assunto.

— Como é Lord Aymestrey? — Perguntou ela, encontrando, como pensava, a pergunta menos provocativa.

Nick bufou.

— Ele tem mais do que o dobro da idade dela. Todo o caso é nada menos do que uma farsa. Eu te digo, Friday, estou enojado com esse negócio.

— Sério? — Disse ela, reprimindo a réplica natural que queria fazer. Ele ficou enojado? Como ele imaginou que ela se sentiu quando Hermione a abordou naquele dia?

— Era uma peça com todo o resto, no entanto — continuou ele, aparentemente à vontade o suficiente para falar sobre isso. — Como uma traição a tudo em que eu acreditava. Como pude ser tão cego, não sei.

Friday se virou para olhar para ele, carrancuda.

— Não acho que entendo você.

Nick ergueu as mãos.

— Por que você deveria? *Eu* não me entendo. Você pode imaginar o que é estar tão completamente desiludido com alguém,

ao descobrir que você estava errado em seu julgamento sobre essa pessoa em todos os detalhes? Não é nada agradável, Friday, asseguro-lhe, pois sou forçado a admitir minha própria estupidez e reconhecer que estava errado e todos os outros estavam certos.

— Como? — Friday se pegou perguntando. — Como eles estavam certos? — Pareceu-lhe ser extremamente importante saber o que ele havia reconhecido.

— Ao me alertar sobre ela — disse Nick sem hesitar. — Ela provou ser tão mercenária, tão devassa, maldita como sua mãe.

A violência de sua linguagem, pela qual ele não se desculpou — por que deveria? Ela era apenas Friday, diante da qual ele não estava acostumado a se importar com seu discurso — a convenceu de que um verdadeiro vulcão de emoção fervilhava dentro dele. Argumentava um sentimento tão forte pela mulher — caso contrário, ele não se importava tão profundamente — que Friday foi obrigada a testá-lo ainda mais.

— Ouso dizer que você se sentiu traído pelo noivado dela?

— Por isso e tudo mais — Nick riu, lembrando-se da maneira como Hermione lhe fizera propostas quando ele ainda estava noivo na Friday.

Isso tinha sido ruim o suficiente. Mas ele estava pronto para perdoar e esquecer quando voltou para Londres. Porque ele havia cumprido a promessa de se encontrar com ela, apenas com a intenção de se despedir. Mas a atitude de Hermione com o noivado rompido o enojou. Ela não só demonstrou intensa satisfação e uma despreocupação insensível sobre a angústia dele pela perda de uma amizade valiosa, mas teve a ousadia de renovar suas convicções, em termos muito menos velados que trouxeram um rubor à sua bochecha, que eles deveriam se tornar amantes quando ela estivesse casada em segurança. Quando ele descobriu que ela estava voltada para um viúvo de meia-idade, Nicolas se atreveu a protestar.

— Mas por que, Nick? — Hermione exigiu da maneira mais inocente. — Ele é muito rico, você sabe. Minha mãe está convencida de que podemos colocá-lo em risco. — Ela riu com a risada que antes parecia tão deliciosa para Nick, mas agora cerrou os dentes. — Mamãe sabe exatamente como fazer. Ele está louco

por mim, veja, e ela me ensinou como induzi-lo a supor que ele pode ter sucesso, e então, quando ele pensa que eu estou prestes a sucumbir, eu simplesmente o nego e exijo um anel no meu dedo. E, deixe-me dizer, já está começando a funcionar.

Sua satisfação presunçosa selou a desilusão de Nick. Agir como uma prostituta já era ruim o suficiente, lucrando com o desejo de algum pobre coitado. Mas se gabar disso para o homem que ela sabia que estava apaixonado por ela? Isso o enojou tanto que, com apenas uma palavra de despedida, ele deixou o apartamento dela.

Infelizmente, a persistência da Srta. Hesket não permitiria que ele a esquecesse. Ela parecia determinada a reconquistar seu favor. Ela lhe mandou bilhetes suplicantes, pôs-se em seu caminho para agitar aqueles cílios falsamente umedecidos para ele e, em geral, comportou-se de uma maneira tão malcriada que, quando seu noivado foi anunciado, ele estava profundamente farto de vê-la. Mas sua raiva mais amarga era dirigida a si mesmo, por ter permitido que algo tão valioso fosse destruído por alguém tão inútil.

Assombrado por aquela última entrevista com Friday, ele lutou consigo mesmo diariamente. Por mais que quisesse vê-la, para tentar consertar a fenda que havia surgido, ele se sentia tão mal em relação ao resultado que parecia que deveria respeitar os desejos dela. Ela não queria que ele tentasse renovar sua amizade. Quando Caro tentou persuadi-lo a visitar Friday, antes que ele partisse para as propriedades da família em Morton, ele foi inflexível. Na verdade, ele ficou ao lado dela enquanto ela escrevia aquele bilhete e ele mesmo instruiu o servo a levá-lo para Finchamstod.

Mas quando ele partiu para Morton, ele foi repentinamente tomado pelo desejo de ver Friday tão urgente, tão envolvente, que ele virou sua carruagem e dirigiu diretamente para a casa dela. Quando ele descobriu que ela não estava na biblioteca, ele imediatamente veio para cá, estimulado pela visão daqueles dois conjuntos de gravuras que diziam a ele, em seu conhecimento íntimo de seus hábitos, onde ela estaria.

Ele ansiava pelo sorriso dela, pelo calor de sua voz. Inevitavelmente, a recepção que teve dela imediatamente o distanciou. O ressentimento contra Hermione — o instrumento involuntário desse distanciamento hediondo — acendeu-se nele, e

assim ele se viu derramando toda a amargura que sentia sobre a única pessoa diante da qual ele deveria ter se calado.

— Você gostaria — disse Friday um pouco melancólica — que não fosse Lorde Aymestrey, mas você?

— Meu Deus, não! — exclamou Nicolas, lançando um olhar feroz para ela.

Em sua mente, a raiva era direcionada a Hermione, mas Friday não sabia disso. Ela moveu-se, afastando-se um pouco dele. Como ele devia estar desesperado. Que infeliz. Por que ele veio aqui, quando a visão de suas feições simples deve provocar um contraste tão forte com o que ele havia perdido? Sem pensar, ela seguiu esse pensamento em voz alta.

— Ela é tão linda. Vejo que você deve invejar Aymestrey.

— Invejá-lo? Nada disso — declarou Nick, revoltado. — Oh, sim, ela é linda. Ela me surpreendeu com aquele rosto adorável e aquela voz atraente. Eu admito isso livremente. Mas não há nada sob sua beleza, exceto egoísmo e alma de uma cortesã cavadora de ouro. Aymestrey combina com a ela.

A amargura predominava sua voz. Sua dor era muito profunda, pensou Friday. Tão profunda que ele não conseguia deixar de falar o que pensava, não importava que suas palavras fossem dirigidas a ela. Ele não sabia, não percebia, o que ela havia sofrido. Mas ele deveria ter feito isso, sussurrou uma vozinha em sua cabeça. Se não aquele beijo — do qual ela tanto se arrependia, mas que agora parecia ter gritado o estado de seu coração em voz alta para ele — suas lágrimas deviam tê-lo revelado. Ele não hesitou em expressar seus sentimentos, independentemente de como suas palavras pudessem afetá-la. Ele não pensava em ninguém além de si mesmo?

Só então Nick se virou para ela, falando rapidamente, em voz baixa.

— Friday, devo dizer isso agora, ou nunca direi. Se nada mais, este caso me ensinou o quanto eu valorizo você. Você disse que não podemos ser amigos e acredito que tem razão. Fomos além da amizade. Sei que não pensei nisso na época, mas há mérito em uma união entre nós. Você não acha que faríamos bem em nos casarmos, afinal?

Friday olhou para ele. Algo faiscou dentro dela, acendendo uma chama jorrando de raiva que pegou e queimou. Seus ouvidos não a enganaram, certo? O que, ela tinha direito a tão pouca consideração quanto um cachorro? Ele realmente se atreveu a ir até ela com a boca cheia de reclamações sobre outra mulher e, em seguida, jogar-lhe um osso? Era assim que ele pensava nela? Casar “afinal”? Ela era o bálsamo para amenizar sua amargura? O céu a ajudasse, mas ele precisava insultá-la uma segunda vez?

A explosão se deu, queimando através dela em um caminho de calor gritante que ameaçou separá-la em duas. A emoção era estranha, mas muito familiar, refletindo em sua paixão a força das agonias que a perseguiram por tantas semanas dolorosas.

Um tremor começou dentro dela, parecendo ultrapassar seus próprios ossos. O rosto dela ficou borrado enquanto as lágrimas quentes brotavam de seus óculos, mas a raiva era tão grande que ela não pensou em levantar os dedos para removê-las.

— Oh, não, Nick — ela proferiu com uma voz gutural que tremia de emoção. — Oh, não, eu conheço o seu cavalo de Tróia pelo que ele é.

Ela só podia ver a mudança que varreu seu rosto. Ela reconheceu a perplexidade e só aumentou o poder de suas emoções.

— O que diabos... — Ele começou.

Mas Friday não o ouviu, pois sua língua estava solta agora, e ela tinha que soltar.

— Você veio como os traiçoeiros gregos até um inimigo desarmado. Você me ofereceu um presente do paraíso e eu aceitei. Eu aceitei. Mas não era um presente. — Sua voz começou a falhar, sua respiração falhando lamentavelmente. — Era uma farsa oca que representava dor, profanação... e desgosto.

— Friday, o que você está dizendo? Eu não entendo! — Ele começou a avançar quando Friday começou a ofegar dolorosamente com os soluços crescentes. — Friday!

Friday viu suas mãos virem para ela e as afastou.

— Não me toque!

Ela correu dele, de volta para a floresta, mal ciente de Bruno latindo loucamente ao lado dela, do barulho pesado de passos

atrás.

— Friday, espere! Friday, não fuja de mim! Qual é o problema? O que eu disse?

Ela o sentiu agarrá-la e, virando-se, bateu nele com os punhos, grasnando:

— Sai de perto de mim! Vá embora! Eu nunca quero ver você de novo!

Tropeçando, ela se lançou para frente. Ela viu a sombra surgir e abriu os braços. O impacto foi severo, privando-a momentaneamente de ar e arrancando os óculos de seu nariz. Mais por instinto do que pela razão, ela percebeu que havia tropeçado em uma árvore. Seus braços se fecharam sobre ele, e ela ficou pendurada ali enquanto sua respiração trêmula começou a levar o ar de volta para seus pulmões.

— Friday, você ficou louca? — Veio a voz de Nick, ansiedade galopante em seu tom. — Você está machucada? Deixe-me ajudá-la!

A cabeça de Friday sacudiu em protesto como se ela fosse afastar o toque em seu ombro. Mas seu grito era um apelo agora, a chama da raiva extinguida por um dilúvio de dor que ela controlou todo esse tempo.

— Vá embora, Nick! Por favor, vá, pois eu não aguento mais!

Nicolas hesitou, afastando-se um pouco, suas emoções compostas de perplexidade e preocupação. Seus dedos enluvados brincavam com os óculos que pegara e ele, distraidamente, empurrou com a perna o cão, que o cutucava entre grunhidos ofegantes e gemidos de protesto.

Como Bruno, ele sabia que era o culpado, mas não sabia o que tinha feito. Ele nunca tinha visto Friday assim. Ele se sentiu péssimo, seu coração se apertou de compaixão com os soluços ásperos, mas ele não ousou tocá-la por medo de provocar outra explosão terrível dela.

— Friday? — Disse ele hesitantemente, quando ela se acalmou um pouco.

Seus olhos se abriram. Eles estavam vermelhos e inchados, seus traços devastados, mas ela o olhou diretamente no rosto, as palavras ásperas em sua respiração.

— Não volte mais.

Então sua bochecha fechou-se no tronco da árvore mais uma vez, sua superfície gelada abençoadamente fria no momento. Uma mão acenou para Nick se afastar, e então ela ficou imóvel, seu peito arfando a única evidência da explosão recente.

Não havia nada que Nick pudesse fazer a não ser ir embora. Com cuidado, ele deslizou os óculos na curva dos dedos que tinham acenado e agora estavam relaxados contra a árvore. Ele não achou que Friday notou, pois seus olhos estavam fechados e ela não se mexeu. Ele odiava deixá-la assim, mas o que ele poderia fazer? Ele não saberia como confortá-la, mesmo que tivesse ficado como queria. Pegando seu chapéu, que havia caído na batalha recente com a árvore enquanto ele tentava ajudar, ele começou a ir.

Mesmo assim, seus passos se atrasaram e ele olhou para trás várias vezes. Na última vez, quando Friday ainda não havia se movido, ele se virou totalmente e olhou para a figura agora distante dela. Ela estava apenas visível através dos troncos nus, um pequeno amontoado contra sua árvore, o cachorro sentado sobre as patas traseiras como se a protegesse, seu olhar ainda no inimigo em retirada.

Nick se sentiu como se tivesse acabado de viver um pesadelo, mas a imagem final permaneceu em sua mente, uma reprovação constante por um pecado desconhecido e um novo estímulo para a dor persistente que o acompanhava por toda parte.



INCLINANDO-SE PERTO DO ESPELHO, Friday examinou os resultados dos cuidados da severa Abigail. O cabelo, ela tinha que admitir, certamente foi um sucesso. Ela não sabia como Murdishaw tinha feito isso, mas o halo fofo que geralmente se espalhava ao redor de seu rosto havia sido domesticado em cachos de pequeno porte que cresciam em sua testa. Um topete alto, amarrado com uma fita, terminava em mais cachos na coroa.

De alguma forma, ela havia encontrado uma maneira de reduzir o impacto das sardas, Friday viu, olhando surpresa. Mas,

naturalmente, havia pouco que a criada pudesse fazer com o resto de suas feições indefinidas. E nada que ela pudesse fazer sobre o olhar magro em suas bochechas, as sombras profundas sob seus olhos.

Friday suspirou. Foi realmente apenas uma questão de três curtos meses desde aquele dia terrível? Parecia uma vida inteira, uma era de dúvidas e agonias, durante a qual ela havia sido dividida em duas por emoções sem precedentes.

Quanto tempo ela permaneceu agarrada àquela árvore, ela não tinha noção. Ela sabia apenas que havia chegado um momento em que o frio se intrometeu em sua consciência. As mangas de sua peliça estavam encharcadas de gelo, assim como o corpo da longa roupa, até a cintura. Seus braços estavam rígidos e entorpecidos de frio, e suas pernas arrastavam seu peso como os troncos das árvores sem folhas por onde ela caminhara cansada de volta para casa.

Ela se trocou e dormiu um longo tempo, sem sonhos pela primeira vez. Mas foi o pesadelo acordado que a torturou mais. Quando ela percebeu o que tinha feito, como ela se conduziu em direção a Nick — oh, que vergonha! — No entanto, uma bolha de raiva caiu sobre ela, e ela não conseguiu se livrar dela. Ela desejou um momento apenas para ver Nick para que ela pudesse se desculpar e pedir seu perdão. No próximo ela queria arranhar seu rosto bonito com unhas vingativas, uivando por seu sangue.

Ela ouviu dentro de si a loucura estridente das Fúrias, o chamado de Atenas às armas. Mas ainda assim, o terno calor de Afrodite acalmou seu coração em relação a ele. Pior, como Phaedra, seus quadris ainda ecoavam o anseio de seu seio, buscando o inatingível. Mas o sonho havia parado. Não havia mais doçura, mesmo nos recessos de sua alma, para provocá-la com aquelas torturas dolorosas. Em vez disso, lágrimas quentes de fúria e frustração encharcaram seus travesseiros quando ela deveria estar dormindo.

Essas emoções não podiam durar com a mesma intensidade. Elas entorpeceram com o tempo, deixando Friday com uma enorme falta de propósito que fazia os atos da vida cotidiana parecerem um fardo. O Natal veio e se foi em uma névoa de nada, a necessidade

de parecer alegre por causa de seus pais parecia exigir um esforço sobre-humano. Depois, ela se retirou dia após dia com Bruno para seu refúgio na biblioteca, mas não para estudar. Ela suspirou sobre seus tomos em latim, lendo estupidamente sem captar o conteúdo do que se passava diante de seus olhos por trás dos óculos.

Quando Caroline a visitou nas primeiras semanas de janeiro, ela não tinha outro pensamento em sua cabeça, nenhum outro desejo em seu coração entorpecido a não ser esquecer Nicolas Weare.

Caroline a vira pela última vez apenas alguns dias após a visita desastrosa de Nick, quando Friday estava em chamas com todos os tipos de paixões. Agora ela se expressou como estando chocada com a alteração da aparência de Friday, e disse que podia ver que sua proposta viria logo.

— Que proposta? — Friday perguntou apaticamente.

— Lady Delamere não lhe contou?

— Eu não vi Lady Delamere.

— Você não viu? Eu declaro, pensei que ela devia ter lhe contado isso. Mas se ela não fez isso, não importa. — A Sra. Cleeve agarrou a mão de Friday e a arrastou para se sentar no sofá da sala matinal. — Agora, Friday, vamos. Você não vai conseguir nada se lamentando aqui. Estou muito contente de ter tido essa ideia, porque é óbvio para mim que descobri exatamente o que poderia fazer para tirá-la deste terrível declínio de desânimo em que você se permitiu afundar.

A mão de Friday estava frouxa na que a segurava, mas ela suspirou e tentou se afastar.

— Por favor, me deixe em paz, Caro.

Seus dedos foram agarrados com mais firmeza.

— Isso eu certamente não farei. Eu tenho todo o assunto planejado. Lady Delamere vai acompanhá-la, pois naturalmente não posso lidar com isso em meu estado — lançando um olhar para a protuberância que havia aumentado enormemente de tamanho, de modo que agora não havia dúvida de sua importância — embora, naturalmente, eu não devesse sonhar em me ausentar. Eu mesma. Portanto, você não precisa sentir que não estarei lá para apoiá-la.

Os sentidos de Friday não estavam tão embotados a ponto de ela não entender o rumo da conversa de Caroline. O cansaço tomou

conta dela. Parecia que tudo combinava com o resto de sua vida opressiva que Caro viesse e tentasse levá-la a uma atividade para a qual se sabia que ela tinha pouco gosto.

— Isto é para a temporada, suponho?

— Exatamente — concordou a Sra. Cleeve com entusiasmo. — Agora, Friday, eu sei que você vai dizer não, mas apenas pense. Você não pode continuar desta forma, e o que mais você pode fazer para abranger uma mudança?

— Por que eu preciso de uma mudança?

— Ora, porque não há nada tão eficaz, garanto-lhe. Você está azul como azeviche, não me diga. E eu me recuso totalmente a deixar você continuar assim.

— Oh, Caro, por favor, não — Friday implorou. — Ser arrastada para a cidade e ter que enfrentar todas aquelas pessoas. Eu não poderia...

— Sim, você poderia, e você pode.

Friday gemeu. Se Caroline tivesse se decidido, ela poderia visualizar todo um panorama de discussões cansativas à sua frente. Uma sensação de exaustão iminente a fez recostar-se no sofá, arrastando sua mente para convocar todas as defesas de que precisava. E então Caro tocou no assunto de seu irmão mais novo.

— De minha parte, acredito que nada poderia servir melhor para trazer Nick à razão.

Algo mexeu com as emoções até então congeladas de Friday. Trazer Nick à razão? Do que diabos Caro estava falando? O que ela tinha a ver com Nick agora, de qualquer maneira? Além do mais, se Caro imaginava que ela tinha algum desejo de ver Nick depois da maneira odiosa de sua última separação, ela estava mais enganada.

A apatia que a possuía desapareceu abruptamente. Ela se sentou e despejou um discurso que emanava a fúria que ela supôs ter enterrado e irrompeu de sua boca sem nenhum aviso prévio ou pensamento.

— Não quero falar de Nick, obrigada, Caro. Não quero falar dele, nem pensar nele, nem ouvir falar dele. Ele pode ser seu irmão, mas por favor não mencione o nome dele para mim novamente. Tudo o que quero fazer é esquecer Nick. Você entende?

Caroline olhou para ela por um momento, as sobrancelhas levantadas. Para espanto absoluto de Friday, ela disse apenas:

— Certamente, Friday. Não vou mencionar seu nome novamente. Mas isso não significa que abandonarei meu propósito. Você está indo para a cidade. Nisso você pode confiar, pois estou bastante determinada.

A Sra. Cleeve havia se mostrado fiel a ambas as promessas. Ela visitou Friday novamente em um ou dois dias, e novamente até Friday finalmente ceder. Ela não mencionou o nome de Nick, mas, mesmo assim, planejou trazê-lo para a conversa, lembrou-se Friday, indignada. E Caroline aceitou, pois aqui estava ela, instalada na casa de Lady Delamere em Berkeley Square, à mercê dos cuidados da própria Abigail, uma dama altamente experiente— que poderia ter sido uma governanta, tão rígida era — e prestes a fazer seu debut na festa na casa de Lady Holt.

Friday se afastou do espelho com outro suspiro. Ela não queria olhar para seu rosto magro. Graças a Deus ela não conseguia ver mais do que um borrão branco a esta pequena distância do vidro. O vestido, entretanto, era outro assunto. Sem pensar, ela recolocou os óculos para examinar a criação de cintura alta em uma fina musselina amarela. Era bastante simples, com apenas uma borda de fita cor de palha para combinar com a de seu cabelo.

Sim, era lindo. Sua única objeção era que ela sentia que, sem dúvida, devia congelar até a morte esta noite. Mesmo com o fogo na lareira do quarto que estava usando na elegante casa de Delamare, ela estava ciente do frio de fevereiro. Murdishaw havia permitido — achava-se que ela permitia, ela era uma mulher tão superior — o uso de um xale fino, mas como era estreito e projetado para se estender sobre os braços na altura do cotovelo, na visão de Friday, era menos que inútil em qualquer caso, se ela não morresse de frio, poderia muito bem morrer de puro nervosismo.

Por que diabos ela permitiu que Caro a convencesse a vir para a cidade? Exceto que ela sabia a resposta para isso. Ela tinha que superar Nicolas Weare se quisesse recuperar qualquer paz de espírito. E essa era a única forma de fazê-lo que ainda se apresentava. Certamente não o faria em Finchamstod, onde cada

lugar era percorrido pelos fantasmas do passado. Fantasmas que cortaram sua paz, invadiram seus sonhos e destruíram seu futuro.

Que futuro? Essa pergunta a levou no final a sucumbir às persuasões de Caroline. Embora essa persuasão em particular, a que Caro tentara usar como isca, não tivesse nada a ver com sua decisão, ela disse a si mesma — como fizera mil vezes desde então.

— O que você precisa, Friday, é uma mudança de imagem — afirmou Caro positivamente em uma ocasião. — Eu tenho dito a você desde sempre que seu guarda-roupa não vai servir. Agora talvez você me atenda. Pois deixe-me dizer-lhe, meu amor, não há nada que faça tanto bem para uma mulher quanto rejeitar o velho... estou falando de roupas, entende? Não posso dizer quantas vezes me tornei uma nova mulher, tudo por causa de um novo penteado ou um novo vestido. E o impacto sobre o sexo masculino, minha querida, só pode ser classificado como devastador.

— Eu francamente duvido da minha capacidade de devastar qualquer pessoa — disse Friday com franqueza — quanto mais...

Ela mordeu a língua com o nome que quase escapou de seus lábios. Supor que Nick pudesse ser induzido a se apaixonar por ela apenas porque ela havia alterado sua aparência era um absurdo que ela era inteligente demais para se permitir pensar. Ou ela esperava que fosse. Não, ela sabia que era. Só porque as palavras de Caro operaram poderosamente sobre ela, não significava que ela era tola o suficiente para se permitir ser influenciada por elas.

— Você não é exatamente um antídoto — disse Caro, rindo. — Tenho certeza de que haverá muitos cavalheiros que cairão a seus pés. E isso — ela acrescentou com um olhar significativo — será muito bom. Ciúme, meu amor. Acho que já mencionei a eficácia do ciúme antes.

— Caro, não pense que não sei onde você está, porque não sou estúpida — disse Friday, irritada. — Eu parei de ansiar por seu abominável irmão.

— Não tenho noção do seu desejo ardente por ele. Na verdade, eu ficaria furiosa com você se o fizesse. Não há dúvida de nada disso. Você, Friday, deve demonstrar a maior indiferença para com ele. Nada poderia ser melhor.

Friday gemeu.

— Caro, não estou caindo nessa sua trama estúpida. Se... repito, se eu for a Londres, só o farei para ser ajudada por ela a esquecer Nick. Mas deve haver outros homens pelos quais eu poderia desenvolver um interesse. E eu tenho que supor — ela acrescentou cinicamente — que os acessórios que vão comigo atraem um ou dois pretendentes.

— Eles vão latir atrás de você como cães de caça — disse Caroline confortavelmente. — Eu vou cuidar disso.

Papai ficou encantado com toda a proposta, encorajando entusiasticamente sua filha a aceitar o convite de Lady Delamere desta vez. Sua esperança expressa melancolicamente de que o projeto pudesse aliviar a angústia causada por seu erro de julgamento fez com que Friday vacilasse. Até a mamãe acrescentou uma palavra de encorajamento, observando com a maior franqueza que Frideswid poderia estar tão infeliz em Londres quanto em Finchamstod, se ela quisesse. Talvez tenha sido a outra observação sábia de mamãe que pesou sobre ela. Pois Sophia Edborough havia apontado que, se a perspectiva tivesse feito tanto para animar sua filha, ela pensou que a ideia de Caroline Cleeve poderia muito bem alcançar uma vitória maior ao restaurá-la ao seu estado normal.

Friday foi obrigada a perceber que seu ânimo havia melhorado, pelo menos para discutir com Caro. Em qualquer caso, ela finalmente cedeu, embora ela insistisse para si mesma freneticamente, às sutilezas de Caro.

Mas agora que ela estava aqui, e o dia terrível de sua aparição na sociedade havia chegado, ela começou a se sentir mal de pavor. Ela odiava festas. Ela era tão estúpida em uma ótima companhia. Ninguém iria falar com ela. Pior de tudo, todos que a conheceram se lembrariam imediatamente do noivado abortado e do envolvimento escandaloso das Heskets, e começariam a sussurrar sobre ela por trás de seus pretendentes. Seu pavor, naturalmente, não tinha nada a ver com a vaga possibilidade de encontrar Nicolas Weare. Ela não ia se incomodar com esse pensamento.

Coragem, Friday! Não havia nada a fazer a não ser respirar fundo e agradecer à Abigail de Lady Delamere por sua ajuda inestimável. A aceitação sombria da Srta. Murdishaw a persuadiu de

que até mesmo esse gênio sentia que ela havia falhado com um assunto tão pobre. Até que ela desceu para encontrar Caroline esperando por ela com Lady Delamere, e não teve dúvidas sobre o verdadeiro motivo da desaprovação evidente da Abigail.

— Friday! — Gritou Caro após uma olhada em seu rosto. — Eu sabia. Você está usando esses óculos horríveis. Eu declaro, estou surpresa que Murdishaw tenha permitido que você saísse de seu quarto. O surpreendente é que ela não os arrancou de seu rosto.

Ela veio até Friday e tentou agarrar os óculos ela mesma. Mas Friday levantou as mãos e segurou as coisas firmemente no lugar.

— Caro, não consigo ver sem eles. Serei uma companhia inútil.

— Isso, Caroline, é perfeitamente verdade — julgou Lady Delamere. — Não adianta se a pobre garota não consegue identificar uma alma.

Caroline acenou com as mãos impacientes e mergulhou para a capa que ela havia jogado sobre uma cadeira.

— Já pensei em tudo isso, não tema. — Vasculhando, ela tirou algo do bolso da capa e acenou com o troféu no ar, exclamando triunfantemente: — Está vendo?

Lady Delamere e Friday se aproximaram para ver o que Caroline estava segurando. Era um monóculo em uma alça, amarrado em uma longa fita. Ela o estendeu.

— Pronto. Você pode usá-lo no pescoço e usar o monóculo quando precisar. Isso vai fazer você parecer desafiadora, ouso dizer, mas qualquer coisa é melhor do que esses óculos atrozes.

Lady Delamere estava surpreendentemente entusiasmada. Ela era uma criatura bonita, seu cabelo escuro intocado por grisalhos, não alta, mas com uma personalidade forte que combinava com a saliência de seu nariz, uma característica que ela não deixara para seu filho. Como Friday agora percebia, ela devia em algum grau sua aparência extremamente elegante à perícia de Abigail, mas seu gosto para se vestir, que ela colocava à disposição de sua jovem pupila, era excelente.

Cedendo a duas fortes vontades, Friday se permitiu ser persuadida a desistir de seus óculos, que sua anfitriã pousou sobre a lareira por um momento, e experimentar o único com fitas. De fato,

era estranho espiar por uma lente e Friday a princípio teve tendência a fechar o outro olho.

— Você parece mesmo desafiadora — disse Caroline em desespero. — Oh, querida, o que deve ser feito?

— Não se preocupe, Caroline — acalmou Lady Delamere, — pois acredito que vai funcionar. É tão raro ver uma jovem usando um que ouso dizer que vai chamar muita atenção. Não há nada que as pessoas gostem mais do que de ter uma esquisitice para ficar boquiaberta.

— Agradeço-lhe, Lady Delamere — disse Friday secamente —, mas, nesse caso, por que não posso ser estranha de óculos?

— Porque os óculos são para mulheres idosas, Frideswid — declarou sua senhoria com firmeza. — Isso será algo fora do comum.

— Sim, e estarei vendo de maneira bastante diferente do comum — protestou Friday. — Não é nada satisfatório, sabe.

— Minha querida Friday — Caroline disse a ela com firmeza — no mundo da moda, os sacrifícios são uma necessidade. Além disso, embora eu não tenha pensado nisso antes, acredito que Lady Delamere está certa. As pessoas adoram coisas estranhas. Pode fazer muito bem a você.

Friday não era páreo para a determinação de suas duas gentis benfeitoras, e dessa forma, foi um alívio que ela não conseguisse ver o rosto de ninguém. Rostos específicos podiam então passar despercebidos por ela. Ela tinha certeza de que, se tivesse que levantar a maldita lente até o olho toda vez que quisesse ter uma visão adequada, logo se cansaria de usá-lo.

Este provou ser o caso na derrota de Lady Holt, certamente, pois na casa em Grosvenor Square eles se depararam com uma multidão de pessoas que a cercaram em um verdadeiro mar de rostos embaçados, e as apresentações vieram tão rápidas que ela rapidamente abandonou qualquer tentativa de colocar nomes neles.

Títulos flutuavam em seus ouvidos e, aqui e ali, um nome de que ela ouvira falar chamava sua atenção. Mas ela rapidamente ficou mais preocupada em manter o equilíbrio enquanto era empurrada de um lado para outro, do que em lembrar das pessoas a quem era apresentada. Também estava extremamente quente e ela entendeu

agora a sabedoria da escolha do vestido de Murdishaw. Ela nunca havia se sentido tão desconfortável e foi com intenso alívio que reconheceu a voz de sua amiga mais antiga.

— Tudo organizado, então, Friday? — Perguntou Delamere.

— Charles! — Gritou Friday, procurando os óculos e levantando-o para olhar para ele — Sua senhoria me disse que não esperava você de volta de Leicestershire até amanhã.

— Cheguei logo depois que você saiu para a festa. Troquei minhas roupas na Berkeley Square e vim o mais rápido que pude.

Friday sorriu.

— Isso foi gentil da sua parte. Sua mãe e Caro estão cuidando muito bem de mim, no entanto.

— Não é isso — Charles disse, baixando a voz e se inclinando para perto. — Pensei que deveria avisar você. Descemos juntos, você vê, vim com...

— Comigo — interrompeu uma nova voz acidamente. — Agradeço, Delamere. Teria sido mais gentil da sua parte me avisar.

O estômago de Friday ficou vazio. Através de um olho grotescamente ampliado pela única lente ridícula, ela viu seu semblante sério, os olhos verdes acusadores.



Capítulo 8

O monóculo caiu dos dedos nervosos de Friday, e as feições diante dela felizmente ficaram borradas. Sem fôlego devido aos horríveis giros de seu pulso, ela conseguiu apenas uma resposta murmurada; uma completamente fútil.

— Como vai você, Nick?

Ele não respondeu. Incapaz de ver a tensão dos músculos de seu rosto, Friday ainda sentiu o impacto de sua hostilidade. A memória de seu último encontro voltou, e ela engoliu em seco. Ela ouviu Charles tossir e voltou seu olhar para suas feições confusas.

— Não se preocupe — disse ela em uma tentativa de aliviar seu constrangimento. — Estava prestes a acontecer mais cedo ou mais tarde.

— Sem dúvida você teria preferido que fosse mais tarde — veio o tom frio de Nick. — Não tenha medo. Vou remover minha presença indesejada imediatamente.

Ele se virou bruscamente e se afastou, mal percebendo as pessoas que estavam em seu caminho. Ainda cambaleando com o choque, ele murmurou desculpas automáticas, abrindo caminho através da multidão em um esforço para ficar o mais longe que pudesse do objeto de seus pensamentos.

Friday aqui? Por que ela veio? O que isso significa? Por que ninguém pensou em contar a ele? Caro! Como ela poderia deixá-lo descobrir assim? Ela devia saber. Saber? Meu Deus, ele estava louco? Ela deve ter sido fundamental nisso. Era impossível que a

própria Friday tivesse decidido — do nada, dessa maneira extraordinária — vir a Londres para a temporada.

Maldição, o que sua irmã estava planejando? Depois do que havia acontecido entre eles no Natal também! Ele não disse a ela sua preocupação com o bem-estar de Friday? Sim, ele disse. Mas Caro, obviamente, tinha ficado do lado de Friday contra ele, lembrou-se, embora ela devesse ter reconhecido sua intensa angústia. Ela o fizera, pois falara a respeito, dando a entender que o pai mencionara o assunto a ela durante as curtas férias que ela e Richard haviam passado em Morton.

Nicolas sabia que seu pai adorara uma visita que lhe proporcionou uma rara visão de seu primeiro neto. Ele mesmo estava ciente — e dificilmente poderia não estar, pois seu irmão Tony não hesitou em mencioná-lo em todas as ocasiões possíveis — que sua própria falta de ânimo havia prejudicado a empresa. Ele havia feito o possível para ter bom ânimo, mas era muito difícil quando sua mente estava tão cheia de acontecimentos recentes.

A chegada de Caro e seu marido, no entanto, ofereceu um grão de esperança que ele esperou por uma oportunidade para satisfazer. Mas a princípio foi quase impossível pegar Caro sozinha. No jantar do dia seguinte ao Natal, sua paciência se esgotou. Depois de um único copo de porto, ele pediu licença aos cavalheiros e foi atrás de sua irmã.

Caroline foi encontrada descansando, com os pés para cima, na chaise-longue do pouco usado saloon da família, um apartamento miserável, com cortinas de brocado desbotadas e manchada e arranhada, mobília antiquada e feia que não tinha nenhuma da elegância que prevalecia nos outros ambientes. Com as marcas do mau uso da juventude, ainda parecia um lar e confortável, e as crianças da casa invariavelmente voltavam para lá quando podiam.

Com as mãos relaxadas circundando a protuberância em sua frente, Caro parecia bastante maternal, e Nick havia dito isso, como forma de iniciar a conversa.

— Eu me sinto maternal — Caroline respondeu alegremente, mas Nicolas achou que seus olhos brilhantes estavam vigilantes. Seu pai havia falado com ela sobre seu mau humor? Ele hesitou. Como ele devia abordar o assunto? Ele brincou com um conjunto de

ornamentos antiquados sobre a lareira, até que sua irmã implorou acidamente para que não a protegesse do calor do fogo.

— Desculpe-me — disse Nick distraidamente, e foi se sentar em uma cadeira em frente ao sofá. Ele ainda não conseguia pensar em como começar. Mas se ele não se apressasse, Richard e seu irmão logo se juntariam a eles e o momento estaria perdido. Havia apenas uma coisa a fazer. Ir direto ao cerne da questão. Ele respirou fundo.

— Caro, você viu Friday recentemente?

Os olhos de Caroline se arregalaram.

— Por quê?

Nick franziu a testa. Ela devia perguntar isso?

— Eu só quero saber como ela está.

— Por quê? — Repetiu sua irmã, seu tom mais agudo.

A frustração explodiu nele.

— Maldição, Caro, que tipo de pergunta é essa?

— A última vez que te vi — Caroline afirmou, soando como alguém repetindo seus atos para uma criança —, você se recusou a ir ver Friday quando eu pedi que o fizesse.

— Eu sei disso. Mas agora...

— Agora, de uma vez, você quer saber como ela está. Por que você não a visita e descobre por si mesmo?

Depois da última vez? Meu Deus, não. Ele desviou o olhar, proferindo asperamente:

— Não posso.

— Oh, é mesmo?

Havia um tom áspero na voz de Caroline, e os olhos de Nick voltaram para ela, uma carranca neles. O que isso significava? Santo Deus, ela o estava provocando. Ela já sabia.

— Você a viu, não é?

Sua irmã evitou a pergunta.

— Certamente não esperava ouvir você perguntando por ela. Afinal, você deixou bem claro que não quer vê-la...

— A situação agora é oposta — interrompeu ele, lembrando-se das palavras dolorosas de Friday.

— É isso? Como você descobriu, já que você não a via desde não sei quando? E você não pode ter escrito, porque você não estaria me perguntando...

— Muito bem, eu fui vê-la — Nick retrucou, levantando-se bruscamente. Típico de Caro arrancar isso dele. Ele se afastou. — Você está satisfeita?

— Não, eu não estou satisfeita — disse Caroline irritada — e eu me pergunto se você deveria se atrever a me perguntar se eu estou, depois da maneira terrível como você tratou a pobre Friday.

Nick se virou.

— Mas eu não fiz isso. Estávamos conversando de forma perfeitamente agradável e, de repente, ela explodiu como um barril de pólvora. — Ele enrijeceu, olhando para ela. — Ela contou o que aconteceu?

— Céus, Nicky, você deve conhecer Friday melhor do que isso. Eu tive que arrancar isso dela positivamente, e então não consegui entender nada.

— O que ela te disse?

— Não muito — disse Caroline, e ele estava consciente de algum vestígio de alívio. Foi de curta duração, pois ela continuou: — Só que você tinha ido vê-la, e que ela descobriu que estava errada em seu caráter, e que a descoberta a aborreceu tanto que ela perdeu a paciência com você. Pelo que ela se desculpou estupidamente, mas logo nos entendemos.

— Eu não acredito nisso. — disse Nick com raiva repentina. Como Friday pôde dizer uma coisa dessas dele? — Ela enganou-se sobre meu caráter? Inacreditável! Simplesmente porque pedi sua mão uma segunda vez.

— Oh, isso é tudo? — Caro proferiu em uma voz que cheirava a sarcasmo aos ouvidos sensíveis de Nick. — Pelo meu entendimento, você deu a ela a impressão de que se casar com ela seria um consolo.

— Não disse nada disso — objetou Nicolas indignado. Então, lembrando-se dos termos em que fizera sua proposta e das emoções sob as quais estivera trabalhando naquele momento, enrubesceu sombriamente. — Pelo menos... bem, eu nunca quis dizer... acho que pode ter soado como se... Oh, meu Deus!

Caindo para trás na cadeira, ele afundou a cabeça nas mãos, correndo os dedos desordenados por seus cachos de ouro pálido. O

que ele fez? Claro que Friday o rejeitou. Ele dificilmente fez soar como se quisesse se casar com ela.

O tom estimulante de Caroline interrompeu seus pensamentos.

— Nick, pelo amor de Deus, não se desespere novamente. Que diabos está acontecendo com você? Não me diga que tudo isso tem a ver com sua briga com Friday?

— Não houve discussão — Nick gemeu sob suas mãos. — Eu queria apenas consertar as coisas e me coloquei em uma situação em que não consigo nem me aproximar dela.

— Nick, me escute — disse Caro em um tom mais amável que o fez olhar para ela, tirando as mãos do rosto. Ela estava sentada e inclinada em direção a ele, o cuidado fraternal em seu rosto pela primeira vez nesta conversa. — Você realmente deve começar a pensar na Friday, sabe.

Nick ficou olhando. Suas frustrações vieram à tona.

— Pensar nela? O que você acha que tenho feito nessas semanas? Não consigo pensar em mais nada! Se não for aquela memória horrível de como ela estava quando... — ele interrompeu com um suspiro pesado ao ver a imagem instantaneamente em sua mente de Friday agarrando aquela árvore, e então começou dolorosamente a subir novamente. — Se não for isso, então é alguma lembrança estúpida das coisas que ela me dizia para me fazer rir. Ela sempre teve um humor pronto. — Sentiu um aperto no peito quando uma risadinha escapou dele, sem alegria, no entanto.

— Quando estou conversando, me pego pensando nas coisas que provavelmente Friday diria. Coisas bobas sobre os deuses e os heróis da Grécia Antiga. — A memória o atingiu novamente, obscurecendo seus pensamentos. — Ela até usou essa analogia contra mim. Meu Cavalo de Troia! Como se eu tivesse planejado angustiá-la por algum motivo odioso meu.

Ele quase se esqueceu da presença de Caroline. Quando ela falou, isso o pegou de surpresa. E suas palavras eram positivamente vazias.

— Bem, Nick, é minha opinião que já passou da hora de você examinar seus próprios sentimentos.

De que diabos ela estava falando? Como se ele não tivesse feito isso muitas vezes. Ele mal podia ignorar seus sentimentos, eles

floresciam tão fortemente. Ele se levantou abruptamente.

— Não sei do que você está falando, Caro, e duvido que você também. Não preciso examinar meus sentimentos. Eu conheço meus sentimentos. Eu perdi uma amiga muito querida. Não é o suficiente?

As sobrancelhas de Caroline se ergueram.

— Você não parecia saber o que sentia por Hermione Hesket.

— Isso foi diferente. — Nick protestou instantaneamente.

— Completamente diferente — concordou Caro de uma forma significativa.

O que a possuiu para trazer isso à tona? E o que diabos ele deveria fazer com aquele olhar de conhecedor? Ele se dirigiu para a porta.

— Eu não aguento isso. Eu gostaria de não ter aberto minha boca.

Ele não tinha falado sobre o assunto com sua irmã novamente. Na verdade, ele havia feito o possível para evitar qualquer confronto desse tipo. Evidentemente, ele havia dito o suficiente para colocar uma de suas ideias idiotas em sua cabeça — embora o que exatamente poderia ter sido ele não tivesse a mais remota suposição — pois ele não tinha nenhuma dúvida de que foi ela quem persuadiu Friday a vir aqui para Londres para a temporada. E se não havia algum propósito por trás dela se recusar a informá-lo do fato, ele não conhecia sua própria irmã.

Ele descobriu que tinha vagado, quase sem saber, em uma alcova onde poderia pairar despercebido. Seus olhos, ao se voltar para a sala novamente, procuraram distraidamente a multidão. Ele estava consciente de se sentir estúpido. Não havia necessidade de ele ter saído correndo assim. Ele teria feito melhor se tivesse ficado. Afinal, Friday devia ser forçada a falar com ele com civilidade em uma companhia como esta.

Seus traços escureceram em um rubor quando ele percebeu que qualquer incivilidade estava inteiramente do seu lado. Ela o cumprimentou educadamente, e o que ele fez em troca? Explodiu com ela e foi embora. Deus, como ele poderia ter se comportado assim? Onde ela estava? Havia tanta gente aqui que ele talvez nunca mais a visse esta noite.

De repente ele a viu. Ela estava na companhia de Caroline — ele não sabia que sua irmã desgraçada estava envolvida nisso? — abrindo caminho propositalmente no meio da multidão. Era Caro na liderança, não era? Claro que era. Seu olhar vagou, e ele avistou seu irmão parado ao lado do grande salão com Griselda Mapperley. Então era isso. Caro estava decidida a fazer outra de suas interferências infernais. Arrastando Friday também.

Seus olhos permaneceram em Friday, no entanto, e ele perdeu o interesse nas intenções de sua irmã. Só agora ele percebeu como ela parecia muito diferente em todas as suas roupas elegantes e aquele penteado atraente. Nem um pouco parecida com a Friday que ele conheceu. A compreensão o privou momentaneamente de todo poder de pensamento.

Friday, entretanto, estava se movendo na esteira de Caroline com os passos de um autômato, com tão pouca atenção sobre o que estava fazendo, ela apenas sabia disso, quanto Nick. Sua reação inicial foi o ressurgimento daquela sensação terrível doentia que parecia sempre atacá-la agora na presença de Nick. A aparência dele era exatamente o que ela temia, e era tão ruim quanto ela previra.

— É melhor ir atrás dele — murmurou Delamere preocupado. — Não diga o que ele pode fazer, um humor tão diabólico como ele tem estado nessas semanas. Vejo você mais tarde, Friday.

Friday foi deixada sozinha por um momento, seu coração traiçoeiro aproveitando instantaneamente as possibilidades inerentes ao "humor diabólico" de Nick. O que isso significava? Não foi preciso muita imaginação para responder a isso. O que deveria significar, além de que ele ainda estava sofrendo miseravelmente por Hermione Hesket? Se ela não podia ignorar a pontada instantânea de dor que acompanhava esse pensamento, ela foi capaz de pelo menos amaldiçoá-lo. Ela não iria ceder a tais emoções novamente.

Felizmente, talvez, Caroline Cleeve tivesse escolhido este momento para abordá-la, mas suas primeiras palavras pouco fizeram para acalmar a mente inquieta de Friday.

— Aquele foi Nick que eu vi com você há pouco? O que ele tem a dizer sobre si mesmo?

— Absolutamente nada — respondeu Friday com sinceridade.

— Bom — disse Caroline, inexplicavelmente satisfeita. Mas ela não insistiu no assunto. — Agora, Friday, devo implorar que me faça uma grande gentileza, por favor.

— Certamente, se eu puder, Caro — disse Friday imediatamente, embora ela esperasse que não envolvesse muita concentração. A mente dela não abdicaria prontamente da imagem dos olhos acusadores de Nick, que ela vira tão repentinamente através do monóculo, e ela teve dificuldade para formular qualquer outro pensamento. Mas ela estava, ela se lembrou, em dívida com Caroline de muitas maneiras, mesmo que os métodos que ela empregava nem sempre fossem do gosto de Friday.

— Tenho que tirar Griselda Mapperley de Tony e trazer Julia para sua companhia novamente — sussurrou a Sra. Cleeve em seu ouvido. — Se você, Friday, fizer com que ele continue falando, posso fazer a troca.

Friday suspirou. Ela estava de volta.

— Você não aprendeu nada com suas experiências comigo e com Nick?

— Calma! — Implorou Caroline, acrescentando em voz alta: — Declaro, Friday, qualquer um pensaria que você não conhecia meu outro irmão. Ouso dizer que as pessoas não sabem que todos nós somos amigos. Nós três, junto com você e Charles Delamere, quero dizer — por anos e anos.

Olhando rapidamente em volta, Friday lembrou-se de que estava sem óculos e tateou o seio em busca daquele irritante monóculo preso a uma fita. Era essa a maneira de Caro silenciar o interesse público? Isso significava que as pessoas estavam falando? Devia ser, pois Caroline não se daria ao trabalho de se expressar nesses termos, deliberadamente para ser ouvida, se não houvesse razão para fazê-lo. Ela esperava muito que Nick estivesse fora do alcance da voz. Talvez, ela pensou com o coração apertado, ele já tivesse saído da festa, zangado demais para ficar.

No momento em que ela levantou o monóculo para o rosto, qualquer rosto interessado já havia sido rejeitado, ela adivinhou. Ela não conseguia ver nenhum olhar perscrutador nas proximidades.

Nenhum Nick também. Em vez disso, ela se viu cara a cara com o Honorável Anthony Weare, a quem ela não via há muito tempo.

Sua semelhança com o irmão mais novo era mínima, pois eram ele e sua irmã que se pareciam. Tinha um semblante bem-humorado, com um sorriso fácil e um par de olhos amigáveis sob o cabelo ruivo como o do pai, mas tosado até a altura de Bedford. Friday gostava muito dele — ninguém poderia fazer de outra forma com uma personalidade tão amigável — mas, naquele momento, ela se sentiu um pouco desconfiada. Nem sempre se podia confiar em Tony quanto ao tato.

— Friday, você está aqui? — Disse ele agradavelmente, sem um traço de consciência sobre os eventos anteriores.

— Pelo amor de Deus, Tony — disse Caroline impacientemente, pois, ao contrário da maioria de seus conhecidos, sua irmã achou sua despreocupação exasperante — Eu disse que ela estava vindo.

— É verdade — respondeu seu irmão, bastante imperturbável. — Eu esqueci. — Ele se virou para sua companheira, uma garota bonita com um sorriso tímido. — Grissy, esta é Friday Edborough, se você ainda não foi apresentada. Velha amiga nossa, você sabe. Ela foi noiva de Nick por um tempo.

— Tony, fique quieto — retrucou Caroline irritada, batendo em seu braço.

— Eh? — Exigiu seu irmão, assustado.

Como esperado, pensou Friday. Embora, se não fosse por aquele encontro terrível com Nick alguns momentos atrás, ela poderia ter ficado mais divertida do que envergonhada. Como estava, ela olhou involuntariamente ao redor, meio com medo de que Nicolas pudesse estar espreitando por perto, pronto para atacá-la novamente.

A jovem ao lado de Tony estendeu a mão para Friday, dizendo em voz baixa:

— Não dê ouvidos a ele, por favor. Eu tinha ouvido falar disso. Eu sinto muito. Como vai? Eu sou Griselda Mapperley. — Ela deu uma risadinha, lançando um olhar para o Sr. Weare que era inconfundível em sua mensagem. — Perdoe-me, mas não adianta esperar que Tony lhe dê meu nome.

— Eu imploro seu perdão, Grissy — disse o soando culpado — eu esqueci.

Aquecendo-se com a bondade no rosto e na voz, Friday desconsiderou seu desconforto e pegou a mão estendida para ela.

— Não importa. Estou muito feliz em conhecê-la.

— Griselda! — Interrompeu Caroline. — Venha comigo um momento. Eu simplesmente devo te contar algo terrivelmente interessante.

Friday observou uma rápida troca de olhares entre Griselda Mapperley e Tony Weare. Uma sobrancelha levantada da garota, que Friday poderia ter jurado que era um sinal de diversão, e um breve olhar de Tony para o céu demonstraram claramente que ambos estavam bem cientes do propósito das táticas de Caroline. Era evidente que a Sra. Cleeve estava perdendo tempo. Com uma pontada, Friday reconheceu que essas duas pessoas estavam muito apaixonadas uma pela outra. Era igualmente óbvio que eles sentiram que era prudente naquele momento agradar a irmã tutora do cavalheiro, pois Griselda imediatamente avançou.

— Certamente, Caroline — disse ela baixinho, e lançou um olhar interrogativo para Friday. — Ouso dizer que você não se oporá a fazer companhia a Tony por um tempo? Até que outra companhia apareça.

As palavras, dadas em um tom agradável que argumentava inocência, foram, no entanto, farpadas o suficiente para a inteligência de Friday. Ela quis dizer Nick? Certamente não. Deve ser a mulher que Caro mencionou como sua própria escolha para seu irmão.

— Teremos Julia Kilmartin aqui em um momento — Tony comentou assim que sua irmã estava fora do alcance da voz, confirmando o palpite de Friday.

Ela olhou para ele.

— Por que você deixa Caro continuar assim se você pretende se casar com Griselda de qualquer forma?

Tony riu, aparentemente nada abalado por uma discussão sobre seus assuntos pessoais.

— Ela não vai me ouvir. Teimosa como uma mula, é Caro. Estou apenas esperando por um momento propício para colocar a ideia

para meu pai.

— E você tem se atrasado por causa desse assunto terrível com Nick e eu, sem dúvida — disse Friday sabiamente, um pequeno calafrio a atacou enquanto ela dava outro olhar involuntário ao redor — totalmente inútil, pois ela não conseguia ver nada além de trinta centímetros de distância. Mas ela tinha consciência de uma estranha convicção de que Nicolas a mantinha sob observação.

— Exatamente — concordou Tony, sorrindo. — Não é o momento de atacá-lo. Grissy e eu discutimos o assunto e decidimos que era melhor esperar.

— Então você já a pediu em casamento — observou Friday, tentando ignorar o formigamento na nuca.

Tony riu.

— Eu não precisei. Nós dois sabíamos que a coisa era certa cerca de cinco minutos depois de nos conhecermos. Não olhei para mais ninguém desde então, nenhum de nós.

Uma pontada de angústia atingiu Friday e ela foi obrigada a fechar os olhos por um momento. E Nick estava perto. Ela quase podia senti-lo. Ela estava louca de vir para a cidade. Como ela gostaria de não ter cedido às persuasões de Caro, de se abrir mais uma vez para tanta dor. Papai havia dito isso sobre ele e mamãe. Tony e Griselda Mapperley tinham alguma noção de quão afortunados os dois eram? Sem anseios secretos, sem sonhos doloridos. Apenas uma compreensão simples e um acordo instantâneo.

— Você está bem, Friday? — Veio o tom preocupado de Anthony Weare acima dela. — Você parece um pouco cansada.

Friday se recompôs, forçando um sorriso.

— Estou perfeitamente bem, obrigada, Tony.

— Uh-oh, — disse ele de repente. — Aí vem o inimigo.

Apreensão instantânea correu através de Friday, e ela rapidamente ergueu a lente. Mas não era Nick, como ela imediatamente temeu. Caroline estava voltando, com uma mulher alta e graciosa a reboque.

— Lady Julia Kilmartin — sussurrou Tony. — Menina bonita, mas ela não tem um dízimo do conforto de Grissy.

Isso foi suficientemente perturbador para chamar a atenção de Friday sobre a mulher que se aproximava. Virando-se, ela ergueu a lente e olhou através dela.

A alguns metros de distância, Nick soltou um bufo de desgosto.

— O que fazer? — Exigiu a voz de seu amigo.

Nick olhou em volta brevemente, percebendo sem comentários que Delamere havia se materializado ao seu lado.

— O que diabos ela acha que parece com aquela coisa presa no olho? Nunca vi nada tão ridículo.

— O quê, o monóculo? Mais na moda do que óculos, no entanto, — observou Charles no tom do conhecedor do mundo. — Ouso dizer que sua irmã recomendou. Ou minha mãe.

— Caro! Claro que foi ela — disse Nick rispidamente. — Ela teve a ousadia de dizer a Friday para ficar mais esperta quando estivéssemos noivos.

— Sim, mas ela estava certa. Devo admitir, olhando para a garota agora. Muito mais do que isso.

— Não com aquele monóculo idiota, — insistiu Nick com raiva, sua frustração inexplicavelmente aumentada ao vê-lo. — E agora olhe! Se essa é a maneira que Caro pretende permitir que ela se conduza, eu não sei qual será o fim disso.

Delamere olhou para ele com espanto aberto.

— O que está corroendo você, meu velho? Apenas conversando com seu irmão e Lady Julia. Não há nada de errado nisso.

— Você é cego? Ela está cercada pelos mais inveterados malfeitores da cidade!

Seu amigo não precisava de mais elucidação. Havia apenas um trio que se encaixava nessa descrição. Seus olhos voltaram para a visão ligeiramente obscurecida de Friday, e ele resmungou, balançando a cabeça ao ver quem se aproximara dela.

— Os Três Bruxos, nada menos.

— Sim. E Tony está aproveitando a oportunidade para se desviar, maldito seja.

Friday mal percebeu a partida do Honorável Anthony Weare. Ela não conseguira encontrar nada na conversa de Lady Julia Kilmartin — pois não se poderia dizer que Tony tinha participado da conversa aleatória — para manter sua mente longe do possível paradeiro de

Nick. Mas ela foi imediatamente desviada quando foi abordada por uma mulher de meia-idade, acompanhada por dois cavalheiros da mesma idade.

— Perdoe-me, Julia, minha querida — disse a senhora — mas esta, pelo que me disseram, é a filha de Sophia Edborough. Uma mulher incrível, Sophia. Eu simplesmente devo conhecer sua filha. Apresente-me.

Era uma ordem, e Lady Julia fez as apresentações necessárias de má vontade. A recém-chegada, uma Lady Dalmeny, estava vestida de maneira muito elegante, Friday viu enquanto levantava a lente para inspecioná-la melhor. Uma meia túnica de sarcenete azul, enfeitada com renda dourada, era usada sobre um vestido redondo de musselina branca. Um turbante confinava a maior parte de seu cabelo escuro sobre um rosto de traços fortes com um nariz proeminente que devia, sentiu Friday, intimidar todos que entravam em contato com ela.

— Minha querida Srta. Edborough, — ela começou docemente — Estou muito feliz em conhecê-la. É tão raro hoje em dia descobrir uma moça com qualquer coisa na cabeça que não seja algodão. Mas você, eu entendo, é uma estudiosa e tanto.

— Dificilmente — respondeu Friday, com um flash de seu antigo eu. — Meu latim é abominável. Sou muito melhor em grego.

— Como quem não poderia ser? — Comentou um de seus companheiros. Ele fez uma reverência quando Friday se virou para ele. — Victor St. Abbs, senhorita. Tão grosseiros, os romanos; tão culto, os gregos. Não pode haver comparação. — Ele deu um sorriso de lábios finos que não alcançou seus olhos. — Tenho certeza que você concorda, Srta. Edborough.

Uma estranha tendência percorreu sua voz, e Friday se sentiu um pouco ameaçada. Mas antes que ela pudesse responder, o terceiro interveio.

— Tão romântico, para os gregos, é mais parecido — corrigiu ele, e se curvou por sua vez. — Eu sou Percival Luss, Srta. Edborough. Eu não posso pensar que tal jovem foi levada aos gregos pela cultura.

Friday hesitou brevemente, sem saber como responder a tal brincadeira. Ela supôs que era brincadeira? Ela ainda estava

segurando o copo e, inconsciente da maneira como seu olho estava ampliado, ela estudou os dois. Eles estavam vestidos igualmente na moda, ambos em ternos de seda de uma cor, com golas altas nos casacos e botões de aço brilhantes. St. Abbs era esguio e de feições nítidas, com brilhantes orbes negras, enquanto Luss era corpulento, com sobrancelhas que pareciam estar permanentemente levantadas em uma expressão de surpresa sobre olhos brilhantes e divertidos.

— Na verdade — disse ela lentamente, permitindo que a lente caísse — foram os mitos dos deuses que me atraíram, e eles prevaleciam em Roma. Acho que o grego é uma língua mais lírica, talvez.

— Pronto, agora — exclamou Lady Dalmeny, dando uma risada estridente que era inadequadamente feminina. — Isso colocou vocês dois em seus lugares. Muito bem, Srta. Edborough.

— Eu devo voltar — prometeu Luss, sorrindo.

— Não se você pretende colocar esta mulher de inteligência superior no mesmo nível de outras de sua idade — comentou o outro homem cortante.

— Fique quieto, Stabbs — ordenou a senhora alegremente. Ela se desculpou com Friday. — Nós o chamamos assim, você sabe, porque ele está entre nós com uma faca pronta para atacar.

— Isso vai servir, Lavinia — disse sua vítima. Avançando para pegar a mão de Friday, ele a levou momentaneamente aos lábios. Friday sentiu que o gesto foi executado de forma irônica, assim como as palavras que o acompanharam. — Eu adoro mulheres superiores.

— Oh, ho, ho, Stabbs, o galante! — Zombou Percival Luss. Ele sorriu na Friday. — Pela minha parte, é o monóculo que encanta. Eu amo isso, senhora. E você o usa tão bem. Um toque excelente.

Friday foi obrigada a rir.

— De fato? Não posso dizer que me encante. E Caroline Cleeve me disse que isso me faz parecer questionadora.

— É, sim — assegurou-lhe o Sr. Luss. — Mas gostamos muito de questionadores.

Um breve suspiro escapou de Friday.

— Para dizer a verdade, eu preferia muito mais usar meus óculos.

O Sr. St Abbs franziu os lábios.

— Quer dizer que não é uma afetação?

— Santo Deus, não, não consigo ver nada sem ele — disse Friday com franqueza.

Todos os três caíram na gargalhada e Lady Dalmeny colocou a mão brevemente no pulso de Friday.

— Estamos bastante confusos, minha querida. Aqui, pensávamos que estávamos socialmente inferiores.

— Hierarquicamente inferiores — acrescentou o Sr. Luss levantando as sobrancelhas.

— Intelectualmente inferiores — disse St Abbs incisivamente.

— E em vez disso — continuou Lady Dalmeny, sem explicar essas interrupções, — descobrimos que você é genuína. É muito ruim.

Friday piscou.

— Não tenho a menor ideia do que vocês querem dizer.

— Nós sabemos — disse St Abbs com um sorriso de satisfação. — Isso é o que torna todo o caso particularmente agradável.

Um tanto perplexa, Friday olhou para Tony Weare em busca de esclarecimento, apenas para descobrir sua ausência. Lady Julia também havia escapado e de repente se sentiu à deriva em um mundo estranho. Quem eram essas pessoas? O que eles queriam com ela? E o que diabos eles queriam dizer com toda essa bobagem sobre os óculos? Ela não conseguia acreditar que realmente existiam pessoas que usavam essas coisas apenas para se exibir. A coisa era muito desconfortável de usar e praticamente inútil, a menos que alguém a segurasse no lugar o tempo todo.

Apesar de sua falta de clareza de visão, ela notou que o homem St Abbs se inclinou para Lady Dalmeny e sussurrou em seu ouvido. Por instinto, ela ergueu a lente mais uma vez e foi bem a tempo de interceptar um olhar conspiratório entre o trio, que estava olhando para longe dela, para algum objeto a uma distância muito grande para que ela pudesse identificá-lo. Antes que ela pudesse fazer qualquer coisa com isso, Lady Dalmeny aproximou-se dela e embalou seu braço.

— Você não sente calor, Srta. Edborough? Por que não saímos desta terrível pressão de pessoas?

Friday gostaria de sair, certamente. Para longe dessas pessoas! Em vez disso, ela se viu pressionada por eles e em um momento ficou cara a cara com Charles Delamere.

— Ah, Friday — disse ele, abrindo caminho entre St Abbs e Luss, que estava liderando. — Tenho procurado por você o tempo todo.

— Oh, por quê? — Perguntou Friday, assaltada de repente pela memória do rosto de Nick. Ele estava perto? Charles disse que iria atrás dele.

— Minha mãe quer vê-la. — disse Delamere fluentemente e segurou-a pelo braço com firmeza, expulsando Lady Dalmeny.

Conforme ele mudou de posição, Friday viu um pouco atrás dele o contorno familiar de Nick. Suas características. Seu coração pulou uma batida. Ela não o sentiu por perto? Ela não teve tempo de dizer ou fazer nada, entretanto, pois Charles estava em movimento. Ela foi com ele, forçosamente, esquecendo-se no choque instantâneo de seus sentidos ao ver Nick novamente para se desculpar com o trio com quem ela estivera conversando.

— Você não quer se misturar com aqueles três — Delamere murmurou em seu ouvido assim que eles estavam fora do alcance da voz.

Friday olhou rapidamente para ele, percebendo sua expressão de preocupação enquanto olhava seu rosto. Involuntariamente, ela expressou seu pensamento instantâneo.

— Desde quando você se preocupa com meu bem-estar, Charles?

— Não eu — disse ele francamente. — Nick me pediu para afastar você deles.

— O quê? — Exclamou Friday, um surto de irritação crescendo. — O que interessa a Nick com quem eu falo?

— Não suba nas cordas — recomendou Charles. — Você deveria ser grata a ele. Letais, eles são. Provavelmente Dalmeny e a pior de todos.

A curiosidade superou seu aborrecimento com a aparente interferência de Nick.

— O que você quer dizer? Eu admito que não me senti muito confortável na companhia deles, mas...

— Não deveria pensar que alguém iria. Todos os chamam de os Três Bruxos. Depois daquela peça do sujeito Tudor — qual é o nome dele?

— Shakespeare; você quer dizer Macbeth?

— É esse mesmo. Venenosos é o que eles são, e isso é um fato. E com toda a conversa sobre seu noivado...

— Oh, entendo — disse Friday categoricamente. — Nick só tem medo de que haja mais escândalos, é isso? Por um momento, fui estúpida o suficiente para imaginar que ele tinha meus interesses no coração.

— Não se irrite comigo, Friday, pois não vou aguentar — avisou Delamere. — Minhas mãos já estão cheias com Nick e seus humores sombrios, obrigado.

O coração traiçoeiro de Friday instantaneamente amadureceu em ternura novamente. E — o que era muito pior — esperança. Ela ansiava por perguntar mais sobre esses "humores sombrios". O que os causou? Se Charles soubesse, o que ela não ousava supor era o caso. Além disso, ela não queria ouvir o que já tinha certeza — que Hermione era a causa de sua depressão. Como poderia ser diferente?

Ainda assim, ela não havia barganhado o efeito de se encontrar com ele novamente. Só vê-lo — pois ela não poderia ter falado com ele — trouxe tudo de volta. Tão fortemente que ela sentiu como se não tivesse progredido nem um pouco em direção ao seu objetivo. Sua consciência dele era intensa — pois depois do que Charles havia dito não havia dúvida de que ele a estivera observando — embora ela não pudesse vê-lo. E se sua memória daquele breve vislumbre dele através do monóculo fosse confiável, ele parecia abatido, ela percebeu agora. Ele estava lindo como sempre, nada poderia mudar isso. Mas a tensão que ela mesma havia vivido estava refletida em seu rosto. Seu sentimento por ele era muito agudo para permitir que ela não percebesse. Como ela sofreu, ele também. Pior, na verdade, pois a dor de Nick devia ser agravada pela desilusão que ele experimentou na mulher que amava tanto. Por que, oh, por que ambos amaram onde seu amor não era

correspondido? Por que eles não podiam ser como Tony e Griselda — tão seguros, tão claros, tão juntos?

Idiota! Ela estava uivando para a lua novamente. As coisas estavam como estavam e nada poderia mudá-las. O melhor que podia esperar, enquanto permanecesse na cidade, era que Nicolas a evitasse.

Ela ficou feliz por ser devolvida aos cuidados de Lady Delamere, e mais feliz quando Caroline declarou que o toque de recolher imposto por seu marido havia chegado. As três viajaram para casa na carruagem de Delamere, deixando Caro em sua própria casa na cidade na esquina da Bruton Street. Mas Friday dormiu mal.

Ela se juntou a Lady Delamere após o café da manhã no salão azul, decorado com o mesmo gosto requintado que caracterizava Delamere Place, aqui a estampa graciosa do Sheraton estava por toda parte, tendo sido convocada para lá na expectativa dos visitantes matinais, que poderiam, como sua senhoria insistiu, provar ser úteis para promover as perspectivas de Friday. A primeira pessoa que chegou foi, sem surpresa, Caroline Cleeve, que veio conferenciar com Lady Delamere sobre quais convites ela propunha aceitar em nome de Friday. Ela pareceu, pela primeira vez, não notar que Friday havia voltado para seus óculos esta manhã. Para o alívio de Friday, seus olhos estavam suspeitamente inchados, e ela não queria ter que explicar isso.

— Eu confio que você a levará aos bailes, Lady Delamere — Caroline disse agitada de seu assento perto do fogo —, pois Dicky insiste que eu não posso ir a nada mais extenuante do que um *soirée.* Prometi a ele que descansarei todas as tardes, mas ele é inflexível. E você conhece Dicky. Ele mesmo me buscará e trará para casa se eu me atrever a ir contra sua vontade.

— Eu espero — declarou sua senhoria severamente. — Você é muito descuidada, Caroline. Quando fiquei grávida, fiquei em casa o tempo todo.

— Sim, mas pense apenas, Lady Delamere. Na família de Dicky, todas as mulheres têm bebês infinitos, e se eu ficar confinada ano após ano, nunca irei à cidade.

Lady Dela meramente bufou.

— Bobagem! Não tenho paciência com esses homens que mantém suas esposas permanentemente em condição de expectativa. É totalmente desnecessário e muito egoísta. E assim informarei Richard na próxima vez que o vir. Deixe-me dizer a você, eu instruí Delamere muito estritamente nesses assuntos, quando se trata de sua vez. Ele devia conseguir uma amante em vez de incomodar sua esposa até a morte prematura.

Caroline exclamou contra a sugestão implícita de que seu marido deveria fazer o mesmo, implorando à senhora que não o encorajasse dessa maneira. De sua parte, Friday se dissolveu em risos incontroláveis, divertida, apesar de seu coração pesado, com as opiniões francas de Lady Delamere. Ela ainda estava soluçando de tanto rir — indignada e repreendida por Caroline — quando o mordomo entrou para anunciar outro visitante.

— O Honorável Anthony Weare, senhora — disse ele.

Tony entrou correndo, meio ofegante pelo esforço.

— Eu vim de uma vez. Achei que você gostaria de saber, Friday. Nick está a caminho.

— Nicky está vindo aqui? — Gritou Caroline.

— Isso foi o que ele disse. Ele ficou reclamando durante todo o café da manhã que ninguém disse que ela estava vindo para a cidade.

— Claro que não contamos a ele — disse Lady Delamere bruscamente. — Isso teria arruinado tudo.

Friday olhou para ela. Sob o batimento incontrolável de seu pulso, ela experimentou, pela primeira vez, a sensação de que estava sendo deliberadamente manipulada. Ela e Nicolas. Olhando para Caroline, ela chegou bem a tempo de ver a rápida sacudida de sua cabeça dirigida a Lady Delamere. O céu a ajudasse, mas eles estavam nisso juntos! Por que eles não podiam deixá-la sozinha? Nick não a queria. Quando eles perceberiam isso?

Ela mal podia expressar seus sentimentos com Tony na sala, mas antes que pudesse dizer qualquer coisa, eles ouviram uma batida na porta da frente abaixo. Em poucos instantes, o mordomo anunciou Nick, que marchou para dentro da sala, viu seu irmão e parou imediatamente.

— O que diabos você está fazendo aqui? — Ele exigiu desconfiado.

— Por que eu não deveria estar aqui? — Rebateu seu irmão.

— Bom dia, Nicolas — disse Lady Delamere com uma voz fria de reprovação.

Nick se virou rapidamente.

— Eu imploro seu perdão, Lady Delamere. — Ele se curvou brevemente. — Como vai a senhora? — Seu olhar viajou para sua irmã e ele assentiu. — Caroline. — Então ele encontrou o rosto de Friday e olhou para ela. — Como vai você, Srta. Edborough?

— Oh, não seja tão estúpido, Nicky — exclamou Caroline zangada. — Se essa é a maneira como você pretende se comportar, é melhor você ir embora imediatamente.

Lady Delamere levantou-se do sofá com a ponta enrolada.

— Por favor, lembre-se de suas maneiras, Nicolas. Não tenho escrúpulos em falar assim com você, pois o conheço desde seus primeiros anos e há muito tempo me considero como uma tia. — Ela olhou para Caro enquanto Tony se adiantou para abrir a porta para ela. — Voltarei em breve, Caroline. Tente sugerir a seu irmão um modo de conduta adequado, por favor.

Nick ficou vermelho quando sua senhoria saiu do salão azul, e Friday, tendo-se ofendido com seus modos formais, imediatamente sentiu compaixão por ele. Eles não precisavam tratá-lo como uma criança. Afinal, ele estava sofrendo de fortes emoções; embora não pudesse imaginar por que ele estava sendo tão horrível com ela.

— Nick — disse ela, um pouco sem fôlego apesar de toda a sua determinação em permanecer calma.

Ele se virou para ela, mas não falou. Seus lábios estavam comprimidos, seus olhos sombrios, mas o rubor estava diminuindo. Deus sabia que ele não pretendia se comportar tão mal. Mas a simples visão de Friday parecendo tão — tão *urbana*, maldição! — o colocou instantaneamente na defensiva, por algum motivo que ele não conseguia entender.

— Nick — Friday começou novamente — vamos pelo menos ser civilizados.

— Civilizados? — Ele repetiu, a dor mais uma vez se fazendo sentir. — Foi civilizado de todos me manter na ignorância de sua

presença na cidade? Você não tem ideia de como foi um choque para mim, vê-la na casa de Lady Holt ontem à noite.

Inesperadamente, foi seu irmão quem respondeu a isso.

— Sim, mas por que alguém deveria te contar, Nick? Não é como se você tivesse algo a ver com isso.

— Eu sei disso — Nick retrucou. — Mas depois, quero dizer, Caro sabia, inferno, eu tenho o direito de saber!

— Olhe os modos, meu rapaz, modos — Tony o advertiu.

— Não o repreenda, Tony — implorou Friday. — Isso não importa para mim.

— Não há necessidade de nos dizer isso — interrompeu Nick em um tom amargo antes que pudesse se conter.

As sobrancelhas de Friday se juntaram. Através dos óculos, seus olhos brilharam para ele.

— O que isto quer dizer?

— Eu deveria ter pensado que era óbvio.

— Deveria mesmo? Bem, já que você está obviamente enganado, talvez queira se explicar.

— Não seja sarcástica, Friday, não combina com você.

— O que você se importa com o que me convém?

— Ei! Ei! — Gritou Tony, entrando no meio deles. — Não há necessidade para esse tipo de coisa.

— Foi Nick quem começou — disse Caroline irritada. — Eu nunca soube que você era tão horrível, Nick. O que diabos está acontecendo com você?

Nicolas se voltou contra ela. Afinal, era culpa dela.

— Eu já te disse, Caro. Acho que foi totalmente descuidado de sua parte não me informar que Friday tinha a intenção de vir à cidade. Posso entender que ela mesma não gostaria de me contar, mas você? Como você pôde me deixar descobrir dessa forma?

Tony o olhou carrancudo.

— Parece-me, meu velho, que você se opõe à vinda da pobre Friday à cidade.

— Claro que não me oponho a isso. Por que eu deveria? O que me oponho é que ninguém achou por bem me contar sobre isso.

— Bem, você sabe agora — Caroline disse a ele categoricamente.

Houve um silêncio. Friday, envergonhada de sua conduta, decidida a não dizer mais nada. Ela ainda estava muito irritada com a atitude de Nick para confiar em si mesma para não o criticar novamente. Foi como se ele considerasse sua chegada sem aviso uma afronta pessoal.

A porta se abriu, e na pausa desconfortável entrou Charles Delamere. Vendo Nick, ele o olhou de boca aberta. Nicolas imediatamente se ofendeu novamente.

— Não comece!

Mas Delamere imediatamente fez a pergunta óbvia.

— O que você está fazendo aqui, meu velho?

— Eu vim ver Friday — anunciou Nicolas. Ele encarou todos na sala — Pronto. Todos vocês estão satisfeitos?

— Não — disse Friday irritada, ressentimento queimando novamente. — Não estou nem um pouco satisfeita, se você deseja saber, Nicolas Weare. Você não veio para me ver, mas para rosnar para mim, assim como fez na noite passada.

— Eu não “rosnei” — objetou Nick irado. — Só porque fiquei chocado...

— Chocado? Oh, sim, e atrevo-me a dizer que você ficou "chocado" por me ver na companhia de Lady Dalmeny e seus amigos...

— O quê? — Gritou Caroline.

— Já que que você se encarregou de enviar Charles para me arrastar para longe — terminou Friday, desatento.

— Friday, você nunca disse uma palavra sobre isso — gritou Caro, horrorizada.

— Não tive necessidade, já que Nick achou por bem intervir.

— Você deveria estar me agradecendo por isso.

— Sim, realmente deveria, Friday — disse a Sra. Cleeve com seriedade. — Você não tem ideia de como é terrível...

— Sim, pois Charles me disse isso, mas não sou um bebê, Caro. — Ela olhou para Nick. — Eu tenho alguma inteligência, deixe-me dizer a você. Eu poderia muito bem ver por mim mesmo que tipo de criaturas eles eram.

— Então, estou surpreso que você não tenha tido a inteligência de se retirar de sua vizinhança — zombou Nick.

— Bem, certamente tenho o suficiente para me afastar da sua — retrucou Friday, indo em direção à porta.

— Parem com isso, vocês dois! — Gritou Delamere antes que Nick pudesse responder a isso. Sua mão parou na Friday em seu caminho. — Alguém está vindo!

— Visitantes — disse Caroline em desespero. Seus olhos, disparando da porta de volta para Friday, se arregalaram de repente, e ela sibilou freneticamente — Friday, seus óculos!

Ainda fervendo de raiva, Friday arrebatou-os sem pensar enquanto se afastava da porta e, virando-se, os segurava nas mãos atrás de si. Piscando, ela viu o contorno da porta aberta e a forma borrada do mordomo.

Ele entrou em uma cena de silêncio absoluto, com cinco rostos questionadores voltados para ele. Ele se curvou calmamente.

— Lady Dalmeny, Sr. St Abbs e Sr. Luss.



Capítulo 9

Por um ou dois momentos, toda a sala permaneceu congelada. Sem seus óculos, Friday teve dificuldade em reconhecer os rostos dos visitantes provavelmente menos bem-vindos do mundo, mas ela se lembrava dos nomes com bastante facilidade.

Caroline, sempre em casa na sociedade, foi a primeira a se recuperar. Dando boas-vindas espúrias, como se ela própria fosse a anfitriã, ela avançou. Charles, reconhecendo sua deixa como dono da casa, seguiu o exemplo.

Enquanto as saudações eram trocadas por todos, Friday sentiu que ela, a menos experiente nesse tipo de coisa, era provavelmente a última a recuperar o autocontrole. Embora ninguém pudesse entrar aqui sem sentir a tensão quase tangível. Ela não podia pensar no que tinha acontecido com ela, ser arrastada para uma batalha estúpida com Nicolas — por nada. O céu a ajudasse, mas este era o homem que ela amava! Qual era o problema com ela para brigar e gritar com cada declaração dele?

Em um momento, Lady Dalmeny estava em cima dela, forçando-a a sair desses pensamentos e a apresentar alguma aparência de resposta cortês quando lhe disseram que a senhora viera convidá-la para uma festa em sua casa na noite seguinte.

— Espero que você perdoe o curto prazo, mas não poderia tê-la convidado antes, não é? — disse Lady Dalmeny com aquela risada de menina, arrastando Friday para sentar-se com ela no sofá recentemente desocupado pela senhora do casa.

— É muito gentil da sua parte, senhora — disse Friday educadamente — mas primeiro devo consultar Lady Delamere.

— Mas Lydia já está prometida — disse a outra alegremente, segurando a mão de Friday. — Onde ela está? Eu me certifiquei de que ela estaria aqui e poderia persuadi-la a trazer você.

— Acho que ela saiu — mentiu Friday, escondendo os óculos com a mão livre. Ela estava grata por Lady Delamere ter escolhido deixar a sala, e esperava muito que essas pessoas tivessem partido antes que ela voltasse. Ela poderia então ter a chance de rejeitar um convite que não desejava aceitar.

— Não importa. Eu sempre posso persuadir a Sra. Cleeve a vir em seu lugar — proferiu Lady Dalmeny, colocando Friday em alívio.

Ela não conseguia acreditar, depois da explosão de Caroline, que concordaria com isso. Enquanto Lady Dalmeny falava, o olhar embaçado de Friday viajou ansiosamente pela sala para encontrar Caro, e viu que ela puxou o que devia ser St Abbs para uma conversa. Esperando, supôs Friday, mantê-la longe dele. E aquele Luss estava falando com Charles? Tony, ela reconheceu, estava pairando perto da porta, obviamente esperando seu momento de se retirar. Parado entre Caroline e Delamere, Nick não prestava atenção em nenhum dos dois. Friday sentiu seus olhos nela e olhou brevemente em sua direção. Ela podia não ser capaz de ver, mas ela sabia que ele estava olhando para ela.

— Nicolas! — Lady Dalmeny aparentemente notou a direção do olhar de Friday. Ela soltou a mão que segurava e Friday felizmente se afastou um pouco. — Venha e me diga como está seu pai.

— Ele está tão bem quanto se poderia esperar — disse Nick brevemente, dando alguns passos em direção ao sofá.

Era a resposta padrão a todas essas perguntas, pois as crianças Weare sabiam muito bem que a maioria das pessoas só perguntava por educação e não gostaria de relatar os sofrimentos de Lord Weare. Ele, no entanto, mal prestava atenção ao que dizia. O reaparecimento dos Três Bruxos, logo após sua captura a Friday à noite, não era um bom augúrio para suas intenções. Se Dalmeny pensasse em tentar seus truques com Friday, ela e seus associados infernais teriam que lidar com ele.

Mas Lady Dalmeny era toda doçura.

— Querido menino, mande lembranças na próxima vez que o vir. Todos nós sentimos muito a falta dele.— Ela voltou-se para Friday — Você sabia que esse menino é a imagem de sua mãe?

— Foi o que me disseram— concordou Friday, seus olhos vagando pelas feições encantadoras de Nick. Eles não estavam totalmente focados, mas ela os conhecia tão bem que sua imaginação compensou as deficiências de sua visão.

— Uma mulher excepcionalmente bonita, sua mãe — continuou a senhora suavemente.

— Sim, deve ter sido — disse Friday quase distraidamente, pois o olhar de Nick, quando ele se aproximou, pegou o dela e, de alguma forma, ela não conseguiu desviar o olhar.

Nicolas mal ouvia a mulher. O instinto o levou para o lado de Friday. Então ela olhou para o rosto dele e aqueles olhos nus — raramente vistos, mas tão hipnotizantes — encontraram os dele. Todos os pensamentos saíram de sua cabeça. Ele estava consciente apenas de espalhar calor em seu peito e um sentimento de necessidade intensa.

— Lembro-me de ter pensado na temporada passada — veio o tom ronronante de Lady Dalmeny — que ver você e a pequena Hesket juntos simplesmente tirava o fôlego.

A cabeça de Nick girou.

— Eu não entendi.

As sobrancelhas de Lady Dalmeny se ergueram delicadamente.

— Você não sabia? Ora, todos estavam em êxtase por vocês dois. Alguém achou que Botticelli deveria se levantar da sepultura e pintar vocês dois.

O coração traidor de Friday gelou dentro ela. Ela não conseguia ver o rosto da mulher com clareza, mas viu o suficiente para saber que os olhos de Lady Dalmeny estavam sobre ela e que um sorriso brincava em sua boca. Isso foi intencional. Que tipo de mulher era essa, para infligir tal tortura apenas por diversão? Ela vagamente ouviu a voz de Lady Dalmeny continuar, e viu a mulher se levantar e se afastar.

— Stabbs, querido, positivamente devemos ir. Eu tenho a promessa da Srta. Edborough de vir amanhã esta noite, então podemos nos retirar com segurança.

Os números se tornaram um borrão do outro lado da sala, com Caroline aparentemente conduzindo a festa para fora. Então Nick estava falando perto de seu ouvido, e sua voz tranquilizadora foi pela primeira vez o som mais bem-vindo do mundo.

— Não dê atenção, Friday, eu imploro. Ela não é nada além de um gato malicioso.

Friday se virou para descobrir que ele havia se sentado ao lado dela. Ela deu uma risadinha.

— Sim, mas ela apenas falou a verdade. — Sua respiração parou quando sua própria memória da imagem de Nick e a garota Hermione juntos passou por sua mente. Ela mal sabia que falou em voz alta o pensamento que imediatamente se seguiu. — Era muito mais Páris e Helena do que você e eu jamais poderíamos ter sido.

— Friday, não faça isso — veio o tom angustiado de Nick. — Eu não posso suportar isso.

— Não, me desculpe — disse Friday em rápido remorso. — Deve ser doloroso para você falar sobre isso.

— É doloroso para mim ouvir você fazer comparações tão idiotas — replicou Nick com força. — Além disso, não desejo lembrar de Hermione. Você deve acreditar em mim quando digo que tudo isso acabou.

Sem intenção consciente, Friday trouxe os óculos e os colocou para examinar melhor o rosto dele. Ele parecia tão sincero que ela quase acreditou nele.

— É mesmo?

— O episódio inteiro está morto e enterrado.

Fácil de dizer. Ela poderia ter dito o mesmo. Ela o fez, tentando convencer a si mesma e a Caroline. E se fosse verdade, o que aconteceria? O que ele queria? Que ela se casasse com ele “afinal”? Deus sabia que ela havia superado essa impossibilidade centenas de vezes. Ela conseguiu sorrir.

— Possivelmente. Mas veja, não faz nenhuma diferença.

Seu rosto mudou, enrijecendo. Os meus olhos se estreitaram em pedaços de mármore, duros e frios.

— Eu entendo.

A transição doeu tanto em Friday que ela gritou involuntariamente:

— Não, não entende. Como você pode entender? Você é mais cego do que eu.

— Oh, estou cego? É de se admirar, já que você insiste em me manter a tal distância? — Ele se levantou de um salto. — Bem, não tenha medo, senhora. No futuro, evitarei chegar perto de você.

Ignorando o espanto boquiaberto de Caroline, ele caminhou até a porta, Delamere e Tony cedendo quando ele a alcançou, sem ter a menor noção de como lidar com essa cena carregada de emoção. A voz de Friday o parou quando ele colocou os dedos na maçaneta da porta.

— Espere, Nick!

Nicolas se virou com a luz da batalha forte nele enquanto seus olhos foram diretamente para o rosto de Friday. Ela havia se levantado e ele percebeu que seus dedos estavam curvados de tensão, seu rostinho engraçado estava tenso. Instantaneamente, ele se lembrou da visão estressante que ela apresentara no topo da colina naquele dia. O que o fez falar com ela dessa maneira? Ela estava tão vulnerável. Seu coração amoleceu ao ver o quão indomável ela era enquanto ela estava lá agora, os óculos de coruja como seu escudo contra o mundo.

— É bastante ridículo para nós continuarmos assim — disse Friday em uma tentativa de um tom prático que não enganou Nick nem um pouco. Ele conhecia aquele tremor. — Estamos fadados a nos encontrar, afinal.

— Sim — conseguiu dizer Nick, ciente de que sua voz estava contraída.

Friday mal sabia como continuar. Ela pensou que queria esquecê-lo. Mas quando chegou ao ponto, quando parecia que a briga idiota o havia levado à distração, ela teve que impedi-lo de sair de sua vida. Lutando para controlar as lágrimas ameaçadoras, ela procurou o rosto de Caroline.

— Caro! — Ela implorou impotente.

A Sra. Cleeve não a decepcionou.

— Sim, é verdade, Friday, eu concordo. Vocês não podem evitar um ao outro. Vocês só vão se tornar motivo de chacota e incitar mais fofoca.

— Isso é verdade. — colocou Delamere. — Não é como se todo mundo já não soubesse a soma total disso.

— Você quer dizer que eles estão conversando de novo? — Perguntou Nick rapidamente.

— O que você acha? — Retornou Charles com ar fulminante. — Agora que Dalmeny colocou suas garras em Friday...

— Oh, Caro, o que diabos eu devo fazer? — Friday irrompeu de repente, a urgência de seu pensamento matando todo o desejo de chorar. — Eu disse a Lady Dalmeny que deveria consultar Lady Delamere antes de aceitar seu convite. Mas ela diz que Lady Delamere está prometida.

— Bobagem! Lady Delamere não colocaria os pés em sua casa.

— Posso garantir isso — concordou Charles. — Minha mãe não pode suportar a mulher.

— Muito poucas mulheres distintas o fazem — disse Tony — mas as festas dela são sempre divertidas.

— Isso não vem ao caso — afirmou Caroline. — Não estamos preocupados com diversão, mas com a posição de Friday. Se ela não for, Lady Dalmeny terá triunfado.

— Não vejo como — objetou Nick, de repente entrando nas listas. — Por que diabos Friday deveria ir a qualquer lugar perto dela, já que sabemos que aquela mulher a está mirando?

— Só por causa disso — disse sua irmã — para não dar àquelas criaturas perversas a satisfação de saber que eles conseguiram intimidar Friday. Sério, Nick, você não tem noção de como lançar um contra-ataque.

— Por mais detestável que seja concordar com Nick... — Friday começou e foi interrompida por Tony Weare.

— Não comece tudo de novo!

— Mas eu não desejo lançar um contra-ataque.

— Você não tem escolha, Friday — disse Caroline com firmeza, afundando-se em sua cadeira perto do fogo. — Você foi escolhida e deve demonstrar que não tem medo do que eles podem fazer. Você deve ser vista em todos os lugares. Você e Nick.

— O quê, juntos? — Exigiu Nick.

— Às vezes, sim. Mas não em particular, você entende.

— Graças a Deus por isso!

— Seus sentimentos são totalmente correspondidos — disse Friday com rispidez.

— Bem, você pode me excluir — disse Delamere. — Eu não vou para Dalmeny para começar. E se você acha que posso suportar ouvir esses dois importunando um ao outro, pode esquecer.

— Mas Charles — implorou Caroline —, se quisermos confundir aqueles bruxos horríveis, devemos todos ficar juntos.

— É assim — disse Tony encorajadoramente, movendo-se para a cadeira de sua irmã, como se para prometer seu apoio. — Se Nick e Friday forem vistos pelo menos... — ele hesitou sobre a palavra — agindo de maneira amigável — e substituiu por algo menos perigoso — ou em termos normais de agora em diante, não os vejo colocando as garras nisso novamente.

Nicolas respirou fundo. Ele não olhou para Friday, mas estava ciente da futilidade da maneira como os dois se comportaram. Ele estava magoado, sim, mas isso não era desculpa para maus modos.

— Não sei se “normal” é possível. Mas estou disposto a fazer o que for... o que Friday quiser, se isso acalmar mais algum escândalo.

— Não é apenas o que Friday deseja — objetou Caroline. — Isso afeta a todos nós. Não há nada a fazer. Devemos todos os cinco parecer tão amigáveis quanto possível, como se nada nunca tivesse acontecido entre vocês dois.

— Isso é não é possível — disse Friday involuntariamente.

— Bem, se você quer ficar na cidade, você deve fazer isso — disse Nick, estalando novamente.

— Pelo amor de Deus! — Exclamou Charles, exasperado.

Tony ergueu os olhos.

— Não vai funcionar, Caro. Basta ouvir os dois.

Friday e Nicolas o ignoraram, mas Caroline gemeu quando as faíscas começaram a voar novamente entre eles.

— Você está sugerindo que eu deveria sair da cidade? — Exigiu Friday.

— Eu nunca disse nada do tipo. No entanto, não desejo ser exposto a mais escândalos, se você quiser.

— Então por que você não sai da cidade?

— Por que diabos eu deveria, só porque você não consegue falar comigo?

— O que estou fazendo agora, gostaria de saber?

— Fiquem quietos! — Gritou Caroline, superando os dois.

Como um, Nick e Friday se afastaram um do outro, Nick movendo-se para fitar o fogo na lareira, enquanto Friday se jogou em uma elegante cadeira Sheraton do outro lado da sala.

Caroline lançou um olhar de desespero para Tony, que apenas deu de ombros e fez uma careta. Mas Delamere franziu a testa terrivelmente e pigarreou, movendo-se para manter ambas as partes no debate sob observação.

— Devo dizer que Caro está certa. Tudo bem para vocês dois arrancarem o nariz um do outro a cada cinco minutos, mas não é muito confortável para o resto de nós.

— Eu imploro seu perdão, Charles — disse Friday em um tom contrito, sem olhar para cima.

— Aceite minhas desculpas — disse Nick rigidamente, para não ficar atrás.

— Não tem uso para mim — disse Charles, exasperado. — O que vocês deveriam fazer é pedir desculpas um ao outro e acabar com isso.

Nenhum dos diretores tinha nada a dizer sobre isso. Nick lançou um olhar carrancudo na direção de Friday, mas ela propositalmente virou o rosto na outra direção. Delamere suspirou.

— Fiz o meu melhor, Caro.

Caroline balançou a cabeça.

— Não adianta, Charles. Eu declaro, começo a desejar nunca ter pensado nesse esquema.

— Você não está sozinha nisso. — disse Friday sem rodeios.

Nick se virou.

— Eu sabia. Deve ter sido tudo ideia sua, não foi, Caro? Por que todos devem interferir?

— Porque se eles não o fizessem, você teria se casado com aquela mulher idiota... — começou Caroline irritada.

— Em vez disso, felizmente ainda estou solteiro. Agradeço-lhe, Caro, não tinha percebido o quanto tinha que agradecer a você e a meu pai.

Friday estava de pé.

— Não há necessidade de insultar mais uma vez! Você não disse o suficiente sobre isso?

Nick deu um ou dois passos em direção a ela, com tanta mágoa em seus olhos que perfurou seu coração.

— Se eu a insultei, Friday, então considere-se maravilhosamente vingada por me tratar. O que quer que eu tenha feito, nunca fui deliberadamente cruel.



Os APOSENTOS de Lady Dalmeny pareciam lamentavelmente escassos. O que não era verdade, tendo em vista os sentimentos expressos por Lady Delamere

— Sinto muito, Frideswid, mas cavalos selvagens não me arrastariam através da soleira daquela ulher! — muito surpreendente para qualquer uma das duas jovens enquanto elas negociaram a longa escada para onde sua anfitriã os esperava.

Caroline havia profetizado que esse seria o caso, pois ninguém, exceto a sociedade de Londres estava geralmente presente na casa da Curzon Street. Friday, porém, tendo sido instada a acompanhar a amiga, pouco se interessou pela identidade dos convidados e menos pela sua possível qualidade.

Ela estava com um humor incerto. Desde a partida abrupta de Nick na manhã anterior — pois depois que ele disse aquela coisa terrível, ele marchou direto para fora do salão — ela foi atacada por emoções violentas e totalmente opostas. Em um instante, a fúria prevaleceria. No próximo, ela foi derrubada pelo remorso. A própria palavra a assombrava... cruel.

Como ele se atreveu a chamá-la assim? Se ela era cruel, o que então ele era? Ela havia cometido um dízimo dos atos que ele havia cometido contra ele? Ela tentou ser justa; ser gentil; ser compreensiva. Mas havia apenas um limite para o que alguém poderia suportar. Ele parecia incapaz de reconhecer sua dor, mas ela era cruel.

Mas isso não era estritamente justo. Ele tinha visto um pouco. Houve momentos de ternura durante aquele noivado abortado que ela acolheu, mesmo que não tivessem significado o que seu coração ansiava que significassem. Talvez ela tenha sido egoísta. De que valia o amor dela, se ela não podia oferecer a ele outra coisa senão o mau humor rosnado que ela tinha demonstrado até agora? Oh, ele estava certo. Ela tinha sido singularmente rude, se não muito cruel.

Ela ficou perdida em primeiro lugar para entender por que ele jogou a palavra para ela daquele jeito. Até que ela se lembrou da mudança em seu rosto quando ela lhe contou — o que foi que ela disse? Sim, que não fazia diferença que tudo tivesse acabado, como ele havia declarado, entre ele e Hermione. Mas isso não era nada além da verdade. Foi cruel dizer isso? Se fosse, então ela tinha sido tão involuntariamente.

Mas, de fato, o que ele tinha sido, exceto maravilhosamente mal-humorado desde o momento em que a viu na cidade? Oh, mas o que ela deveria sentir? Exceto que ela não podia ditar seu humor — não mais do que o pobre Nick poderia ditar o seu. Mas ele devia ser levado a entender que não havia como voltar no tempo. O que foi feito, foi feito. Ambos deveriam aprender a viver com um novo tipo de relacionamento, se isso fosse possível. Ele não tinha direitos sobre ela, nem ela sobre ele; nem de amizade, nem de amor. Ela tinha aceitado isso. Nick também deve aprender a fazer isso. E ele não aprenderia jogando palavras emotivas para ela.

Quanto menos eles se encontrassem, melhor para os dois. No entanto, no instante em que ela entrou em uma das salas de estar de Lady Dalmeny, que tinha sido aberta em toda a galeria para acomodar os convidados, o único e onipresente monóculo foi usado, examinando a empresa em busca de uma visão das feições de Nick.

Ele não estava ali. A decepção tomou conta dela em uma onda e ela deixou cair os óculos, feliz por sua incapacidade de ver os rostos. Ela estava vagamente consciente das saudações feitas a ela por St Abbs e Luss, e não se lembrava dos perigos de sua possível incursão em seus assuntos particulares. Ela foi forçada, no entanto, a dar atenção a Caroline, cujos tons agudos zumbiam em seu ouvido.

— O que você disse, Caro?

— Só olhe para essas pessoas — murmurou Caroline em um tom baixo de censura. — Eu declaro, eu ficaria surpresa em saber que havia mais do que um punhado da pequena nobreza, quanto mais alguém da mais alta sociedade.

— Bem, você ficaria — disse Friday antipática. — Vou dizer uma coisa sobre isso, no entanto. Pelo menos é possível se mover.

— E graças a Deus por isso. Ser empurrada por um bando de comerciantes. — Ela estremeceu eloquentemente. — Não que eu me importasse de encontrar meus cômodos tão terrivelmente vazios.

Friday ergueu os óculos e olhou ao redor com leve interesse.

— Eles são comerciantes?

— Eu não deveria estar surpresa — disse Caro. Então ela deu um grito abafado. — Céus, você acredita? Tony está aqui.

Olhando em vão ao redor, pois a lente dava a ela uma espécie de túnel de visão que confundia as bordas, Friday protestou:

— Mas você disse a ele para vir, Caro.

— Não com Griselda. Ouso dizer que ele esperava que eu não a notasse nesta coleção heterogênea, e que a impropriedade de traze-la sem uma acompanhante passasse sem comentários. Friday, terei que deixar você por um tempo.

Ela estava falando sério, disparando para onde Friday pudesse ver através de seus óculos o Honorável Anthony Weare parado perto de uma porta de um dos salões que davam para a galeria. Ao seu lado estava uma forma feminina que devia ser Griselda, decidiu Friday. Enquanto ela observava, ela o viu começar, agarrar a garota e desaparecer pela porta. Sua risada foi interrompida.

— Senhorita Edborough, não é? — Disse uma voz agradável. — Como vai?

Olhando em volta, Friday focalizou a lente em um rosto masculino desconhecido, um pouco avançado nos anos, pois sua pele era pastosa. Ela murmurou uma saudação educada, suspirando interiormente com a necessidade de conversar. Mas o cavalheiro captou seu interesse imediatamente.

— Não pude deixar de ouvir a Sra. Cleeve um momento desde então. Permita-me esclarecê-la, Srta. Edborough. Não estamos

todos aqui envolvidos no comércio.

— Oh? — Friday disse, deixando cair os óculos.

— Não, não. Não se pensa em advogados e médicos — mesmo os teatrais entre nós — como estando no comércio. Estas são profissões, senhora, que alguns de nossos nobres não têm alternativa a não ser se engajar.

— Isso é verdade — concordou Friday, lembrando com uma sensação de culpa a profissão política que Nick odiava tanto, da qual ela tinha o poder de salvá-lo. Afastando o pensamento, ela perguntou:

— O senhor tem uma profissão, Sr... eu não sei o seu nome...

— Mashbury — disse o cavalheiro, curvando-se. — Se você chamaria isso de profissão, precisamente, não tenho certeza. Alguns podem.

— Bem, então o que é que você faz?

— Eu jogo, Srta. Edborough — confessou ele francamente.

Ela podia ouvir a risada na voz e se perguntou se ela estava sendo provocada.

— Não para viver, eu imagino?

— Infelizmente, sim — suspirou Mashbury. — E assim eu imediatamente perco sua estima.

— Não existe isso — respondeu Friday indignada. — Não sou tão crítica, garanto-lhe. — Ela sorriu um pouco. — Eu sou uma estudiosa clássica, o senhor deve saber, e, portanto, talvez mais liberal do que uma jovem senhora comum.

— Ah, uma familiaridade imediata com o vício. Que feliz por mim.

— Dificilmente — disse ela, chocada.

— Eu quis dizer, quase não preciso dizer, em mente, não de fato.

De repente, Friday sentiu seu cotovelo ser agarrado com força. Ela virou a cabeça, esperando Caroline. Em vez disso, ela encontrou os traços borrados de Nick.

— Seu servo, Mashbury — disse ele secamente, e acrescentou em uma voz severa para Friday — eu preciso falar com você.

Friday não teve tempo de se despedir educadamente do cavalheiro, pois deu por si a dar meia volta e a marchar rapidamente para um destino desconhecido.

— O que você pensa que está fazendo, Nick?

— Posso fazer a mesma pergunta. Mashbury, de todas as pessoas!

Friday encontrou-se em um pequeno recesso, longe do corpo principal da festa, no qual seu olhar rápido recuou sob o borrão usual, um conjunto de cortinas em forma de arco. No fundo de sua mente, ela percebeu que Nicolas a havia trazido para uma alcova de janela, mas ela estava muito zangada para prestar atenção ao seu redor.

— Como você se atreve a me arrastar assim? Que direito você tem de interromper minha conversa? E o que você quer dizer com “Mashbury, de todas as pessoas”?

— Vou lhe dizer o que quero dizer — disse ele em um tom irado. — O homem pertence à pior companhia. Ele é um jogador inveterado e...

— Sim, ele me informou. O que isso quer dizer com alguma coisa?

A voz de Nick ficou mais aguda.

— Ele também informou que é um caçador de fortunas inveterado? Talvez ele tenha se esquecido de mencionar isso.

Friday ficou em silêncio. Ela olhou para o rosto dele, frustrada ao mesmo tempo por sua incapacidade de vê-lo claramente. Esquecendo o monóculo em uma fita em volta do pescoço, ela empurrou mais perto para que ele ficasse mais claro. A tempestade em seu rosto não fez nada para amenizar sua irritação. Em vez disso, transformou-o em uma chama.

— E se ele estiver — ela quase cuspiu nele — o que é isso tem a ver com você, Nicolas Weare?

— Você acha que eu ficarei parado e permitirei que você se relacione com companhias desse tipo?

— Permitir-me? Como você ousa?

— Não há dúvida de que ousaria. Qualquer cavalheiro digno de ser chamado assim sentiria que cabia a ele afastar uma mulher inocente de tais importunações. Não consigo imaginar o que Caro pretende ao deixar você sozinha em uma festa assim.

— Oh, é mesmo? No entanto, não me lembro de você ter anunciado sua intenção de nos acompanhar. Sem dúvida, como Charles, você consultou apenas seu próprio prazer.

— Você acha que é algum prazer para mim estar aqui? A única razão pela qual coloquei os pés no local foi para ficar de olho em você, se quer saber.

O queixo de Friday caiu. Indignada, ela simplesmente o encarou por um instante.

— O quê? — Ela resmungou por fim, inconscientemente procurando seus óculos. Ela o trouxe ao rosto e, através dele, viu a mandíbula de Nick apertar.

— Isso — disse ele acidamente — é a coisa mais estúpida que eu já vi. Onde em Hades estão seus óculos? Ou você os ignora precisamente porque deseja atrair gente como Mashbury?

A lente caiu. A mão de Friday apareceu, atingindo-o na bochecha. Nick se encolheu, mas seus dedos agarraram seu pulso, segurando-o com tanta força que ela estremeceu.

— Solte!

Nick não fez nada parecido. Ele estava respirando pesadamente, consciente de um desejo de machucá-la de volta — de alguma forma. Mas, enquanto ele estava ali, de repente, ele percebeu o que havia dito. Como ele poderia ter falado com ela assim? Meu Deus, o que estava acontecendo com ele? Ele mal podia vê-la sem experimentar as emoções mais paralisantes que pareciam deixá-lo louco.

— Friday! — Disse ele, angustiado. — Friday, o que estamos fazendo?

— Nós! — Disse ela em um tom fulminante. — O que você quer de mim, Nick?

Nicolas soltou seu pulso abruptamente e, em vez disso, agarrou seus ombros.

— Friday, não entendo o que está acontecendo: com você; comigo. Isso não está certo!

— O que não está certo? Eu não te entendo. Por que você não pode me deixar em paz?

Ele a sacudiu um pouco.

— Ouça-me, Friday! Não podemos continuar desta forma.

— Exatamente o que venho tentando dizer a você o tempo todo.

— Não, não é. Você está tentando negar seu passado. Nosso passado. Tivemos tanto.

A raiva de Friday diminuiu imediatamente. Tiveram, sim. Essa era a verdade.

— Por favor, me liberte, Nick — disse ela, cansada. — Não adianta. Não podemos voltar, você não vê?

Lentamente, seu aperto relaxou e suas mãos caíram.

— Isso é o que você estava dizendo outro dia. Quer dizer que você acredita que não há mais nada para nós?

Friday baixou os olhos para que não visse o jato instantâneo de lágrimas que os atingiu. Sua voz estava rouca.

— Nada.

Por um momento, Nick não respondeu. Ele não tentou tocá-la novamente. Ela imaginou que ele não podia ver sua angústia? Isso por si só mostrava que seus sentidos não o enganavam. Ela estava mentindo. Por fim, ele falou, tentando uma maneira calma que estava longe de sentir, mas incapaz de manter a pulsação de paixão fora de sua voz.

— Não acredito em você, Friday. Nós tínhamos algo precioso juntos, você e eu. Ainda existe. Eu sinto que sim, e você também. Por mais que você negue, isso não pode ser destruído. — Ele fez uma pausa e respirou fundo, acrescentando deliberadamente: — A menos que você mesmo o destrua.

Com isso, sua cabeça apareceu.

— E você, Nick? Você não participou dessa destruição?

— Eu terei — ele ralhou, cedendo de repente à inexplicável agitação em seu peito, — se eu pegar você flertando com uma criatura tão inútil novamente.

— Oh, isso é insuportável! — Exclamou Friday. — Vá embora, Nick, pelo amor de Deus! Te odeio!

— Só precisava disso! — Declarou Nick sem rodeios e, virando-se abruptamente, marchou propositalmente em direção à porta principal.

Friday ficou olhando para ele, dividida entre a fúria natural e a onda de desespero frustrado. O que diabos estava acontecendo com o homem? Como ele se atrevia a censurar a companhia dela? E sugerir que ela estava flertando! Ela não sabia flertar. Ele deveria saber disso.

Ela permaneceu inconsciente, por causa de sua visão intelectual, como as pessoas estavam olhando primeiro para ela, depois para a figura de Nick em retirada. O fato de haver apenas muitas poucas pessoas naquele salão em particular não fazia diferença alguma, pois línguas mexericas viajavam com facilidade e a uma velocidade considerável.

Friday encontrou uma cadeira na alcova e afundou-se nela, feliz com a oportunidade para uma pequena reflexão silenciosa. Não que seu cérebro estivesse minimamente quieto enquanto os pensamentos empurravam uns aos outros com o acompanhamento da pulsação irregular do sangue em suas veias.

Era como se Nick tivesse decidido descontar toda a sua infelicidade nela. Talvez ele a culpasse pela triste traição de seu amor por Hermione Hesket? Pois ela foi, sem querer, de alguma forma responsável pelo rompimento de seu relacionamento. Parecia incrível que ainda ontem ele tivesse tentado convencê-la de que nada restava com ele daquele caso, e ainda hoje ele estivesse exibindo precisamente aquelas emoções que contestavam suas palavras. Deus a ajudasse, ela mesma não estava sujeita a essas paixões implacáveis e difíceis por causa de seus sentimentos por ele? O que isso significava então, senão que sua conduta provava que ele ainda se sentia muito frustrado no amor?

Ela estava tão absorta em seus próprios pensamentos — talvez um resíduo de sua capacidade de se divorciar totalmente do mundo sempre que lia — que não ouviu a aproximação de vestidos farfalhantes. Somente quando uma voz estrondosa vagamente familiar ecoou em sua vizinhança imediata, ela percebeu o que estava ao seu redor.

— Ah, então você mostrou seu rosto, não é? Não antes do tempo, se você me perguntar.

Friday saltou, olhando para cima em estado de choque. Uma mulher de proporções gigantescas estava diante dela, e não precisava da ajuda da lente pendurada em seu pescoço para permitir que ela identificasse a criatura monstruosa.

— Sra. Hesket! — Ela pronunciou fracamente, incapaz de pensar como ou por que diabos ela estava sendo abordada dessa forma.

— Sim — corroborou a mulher — e estou muito contente de ver você, jovem Monday.

— Friday — corrigiu a voz ronronante do Sr. St Abbs. — Frideswid, você sabe.

— Muito bem, Friday, então. — admitiu a Sra. Hesket impaciente. — Eu sabia que era algo estranho.

Uma gargalhada estridente se fez ouvir e Friday tateou em busca do monóculo, percebendo que estava sendo rapidamente cercada por um grupo que incluía Lady Dalmeny. Por sua mente, surgiu a conclusão lógica, confirmada ao reconhecer St Abbs. Eles haviam trazido para ela a mulher Hesket; provavelmente a convidaram para esse propósito expresso.

— Minha querida criança — disse Lady Dalmeny, toda doçura —, mal Nancy aqui entrou em casa quando o jovem Nicolas passou correndo por nós duas.

— As pessoas estão dizendo quando você bateu na cara dele — disse a Sra. Hesket, interrompendo.

— O quê? — Ofegou Friday, repentina e dolorosamente ciente da natureza terrivelmente pública de seu confronto com Nick. Seus dedos começaram a tremer, e a lente caiu, felizmente a aliviando da visão dos sorrisos nos rostos que formavam um círculo ao redor dela. O que ela devia fazer? Onde no mundo estava Caro?

— Não que eu te culpe por isso, — continuou a mulher em sua voz muito alta. — Eu queria fazer isso, não me importo de dizer a você. Mas não vai funcionar, senhorita, e isso é um fato. A última coisa que preciso é que ele venha atrás da minha garota novamente. E se você está decidida a mandá-lo embora, é exatamente isso que ele fará, marque minhas palavras.

Os risos que saudaram essa profecia fizeram Friday agradecer a Deus por sua visão ruim. Encolhendo-se por dentro, foi obrigada a reunir toda a sua coragem para não pular e fugir ignominiosamente. Se ela fizesse isso, Lady Dalmeny teria vencido. Respirando fundo, ela se preparou para responder com uma racionalidade fria que estava longe de sentir.

— É uma pena, querida Nancy — veio de sua senhoria, entrando antes de Friday ter a chance de abrir a boca —, que sua filha

encantadora escolheu se casar com Aymestrey, afinal. Eu estava dizendo para Weare ontem...

— Não, não é — interrompeu a Sra. Hesket vigorosamente. — Qual teria sido a utilidade dela se casar com Weare, eu gostaria de saber? O que ele tem a oferecer além de seu rosto bonito? Eu vou lhe dizer, minha senhora: nada, é isso.

— Mas pense que privação para nós, amantes da estética — disse St Abbs com tristeza.

— Não sei nada sobre isso — admitiu a Sra. Hesket —, mas conheço amantes e não terei...

— Nancy, Nancy — interveio Lady Dalmeny em protesto simulado. — Essa sugestão. Na frente da Srta. Edborough...

— Não se preocupe com ela. Ela não se importa. Não se abalou nada quando confrontei o jovem Weare por ter comprometido minha garota inocente — encobrindo suas intenções com este noivado fingido, também.

Friday levantou-se rapidamente, uma explosão de raiva repentina tornando-a corajosa.

— Não, não me importo, Sra. Hesket, e a menos que pretenda tornar o mundo um presente para os casos de Nick, por favor, atenha-se à verdade, que ele não seduziu sua filha enquanto estava noivo de mim.

— Sim, mas ele não está noivo de você agora — argumentou a Sra. Hesket, nem um pouco envergonhada. — É disso que eu reclamo. E se você pretende tratá-lo da maneira que tratou esta noite, é tão certo como ovos são ovos que ele não ficará noivo de você. E então o que devo esperar?

Friday mal ouviu as risadas abafadas que vieram de todos ao seu redor. Ela não sabia que suas feições registravam o desprezo que sentia.

— Como vou saber, Sra. Hesket? O assunto não tem nada a ver comigo. Francamente, em seu lugar, estaria me dirigindo à senhora do caso. Afinal, ela é casada. Você está esperando que ela traia seus votos?

— Bravo! — Chamou uma voz bem conhecida de algum lugar atrás do círculo. — Bravo, Friday!

Friday olhou rapidamente em volta, gritando:

— Tony! Oh! Graças a Deus! Por favor, me tire daqui.

Com isso, o Honorável Anthony Weare avançou e agarrou o braço de Friday, arrastando-a sem cerimônia para um coro de risos e palmas.

— Rapidamente, Srta. Edborough — veio a voz suave de Griselda Mapperley, e Friday se viu protegida entre os dois enquanto elas corriam para fora do salão fatal. Quando o trio saiu, eles encontraram Caroline.

— Friday! — Ela gritou em tons agitados. — Estive caçando você por toda parte. O que está acontecendo no mundo? Já me contaram a história mais horrível.

— Deixe-a em paz, Caro, — instruiu seu irmão mais velho, mantendo-se em movimento e indo direto para a longa escada. — Foi o momento mais chocante, pobre garota. Ela não precisa de você aos gritos histéricos também.

— Como se atreve, Tony? — Disse a Sra. Cleeve com tristeza, correndo para acompanhar o passo dos três. — Eu gostaria que você parasse por um momento.

— Espere, Tony— implorou Griselda com urgência. — É totalmente desnecessário sairmos correndo como um grupo de loucos. A pobre Srta. Edborough vai ficar sem fôlego.

Tocado por isso, Tony parou no topo da escada, olhando ansiosamente para o rosto de Friday.

— Tudo bem, Friday?

Um pouco perplexa com a rápida reviravolta dos acontecimentos, Friday piscou para ele, assentindo.

— Sim. Muito obrigada a vocês dois.

— Mas o que aconteceu? — Perguntou Caroline suplicante. — Diga-me, um de vocês.

— Essas criaturas miseráveis estão fazendo seus truques novamente, isso é tudo, — explicou a Srta. Mapperley calmamente. — Eles trouxeram a Sra. Hesket até Friday.

— Oh, Friday, não — lamentou Caroline. — E você teve apenas a estupidez de bater em Nick em público. Agora vai estar por toda a cidade.

Disto não poderia haver nenhuma dúvida. Mesmo enquanto os três resgatadores corriam com Friday escada abaixo para aguardar

a chegada da carruagem do Sr. Cleeve para levá-la para casa com Caroline, o apontamento e o sussurro podiam ser vistos em toda a galeria acima. O futuro parecia decididamente triste.

Naquela noite, os sonhos voltaram com força total. Friday acordou de madrugada, debulhando e se virando, cheia de tanto desejo que teve vontade de morrer. Por que agora? Por que ela precisava sonhar assim agora? Seu relacionamento com Nick estava em um ponto mais baixo do que qualquer um que eles houvessem experimentado. Deus a ajudasse, ela havia dito que o odiava!

Mas apenas no calor do momento, implorou a seu coração. Odiá-lo? Como se ela pudesse. E agora, com aqueles sussurros imaginários ainda trazendo as visões do sonho que permaneciam em sua mente, ela sabia que nunca faria isso. Pois quando a imagem sonhada murmurou que a amava, seus lábios cobrindo os dela em um beijo cuja doçura ainda doía nos recessos ocultos que envolviam seu desejo, seu coração havia respondido com todo o fogo que ela estivera desesperadamente sufocando nessas muitas semanas.

E ele sabia! Ele disse que não acreditava nela. Ele sabia, ele sabia. Ela se sentiu de repente como se todo o seu coração tivesse sido exposto a ele todo esse tempo, por mais que ela tentasse disfarçar. Oh, Senhor do céu, como ela poderia enfrentá-lo novamente?



Capítulo 10

Um entretenimento incomum foi planejado pela Sra. Mapperley, o primeiro em que Friday sentiu que poderia realmente desfrutar. Os convidados dirigiram-se para sua grande casa em Richmond pela manhã, onde receberam uma coleção substancial de iguarias servidas na sala de jantar, para as quais poderiam retornar quando a fome os levasse até lá. Qualquer um que se julgasse um Garrick ou Siddons era convidado a se juntar aos que montavam um jogo de charadas no andar de cima, onde máscaras e fantasias eram fornecidas em dois dos cômodos.

Todos os cômodos da casa pareciam ter sido abertos, incluindo o salão de baile onde os jogadores de charada se apresentariam no final da tarde. Para os que não tinham ambições teatrais, havia uma sala reservada para os jogadores contumazes de cartas, uma sala de música com piano e harpa, biblioteca ou salas de estar onde as pessoas se reuniam para conversar. O terreno, para os corajosos o suficiente para se aventurar em um dia ventoso de março, era extenso, com jardins lindamente planejados, um pequeno riacho e um labirinto que proporcionava aos hóspedes mais jovens muita diversão.

Foi geralmente aceito que a Sra. Mapperley havia encontrado a solução perfeita para a mesmice intolerável que as perambulações noturnas da sociedade já haviam começado, mesmo no início da temporada. Friday, aliviada por se encontrar em uma situação em que era muito fácil escapar dos olhos dos curiosos — pois mesmo com sua visão ruim ela era capaz de distinguir os leques erguidos,

as cabeças que acenavam em sua direção — deixou Lady Delamere com seus comparsas e Caroline para manter seu olho de águia no tráfico de seu irmão Tony com Griselda, e procurou a biblioteca.

Este provou ser um cômodo muito mais suntuoso do que sua própria casa em Finchamstod, embora menos bem abastecido com o tipo de livros que ela preferia. Havia duas escrivaninhas, vários assentos de janela e várias cadeiras espalhadas com bom gosto. Além de uma senhora idosa, balançando a cabeça sobre um volume aberto em uma poltrona perto da janela, Friday estava felizmente sozinha.

Colocando os óculos que, abandonando o monóculo, ela mais uma vez começou a carregar — escondida do olhar penetrante de Caro no bolso de seu vestido — ela vagou lentamente ao longo das prateleiras que alinhavam as paredes entre as janelas e portas que lançavam luz e ar na grande sala. A Sra. Mapperley parecia ter comprado todos os romances já escritos. Da sagacidade de Henry Fielding, a sátira de Jonathan Swift, ao mais recente romance de Fanny Burney, eles estavam todos lá.

Ela tinha acabado de tirar o primeiro volume de Tristram Shandy de Laurence Sterne — pois ela se lembrou de que papai havia garantido que ela iria gostar de suas alusões clássicas divertidas — quando um movimento na periferia de sua visão a fez se virar para a porta menor ao lado de uma janela.

O coração dela saltou e começou a bater violentamente. Nicolas estava parado ali. Friday não o via há vários dias. Não desde aquela briga terrível na casa de Lady Dalmeny. Mas ela tinha sonhado com ele todas as noites. A vergonha a inundou e ela não conseguiu falar.

Nick olhou para a senhora idosa. Friday acompanhou seu olhar e viu, com alívio, que a senhora parecia dormir em paz. Então Nick estava vindo em sua direção, um dedo nos lábios para mantê-la em silêncio. Como se ela pudesse proferir uma palavra, em qualquer caso.

— Eu sabia que deveria encontrar você aqui — disse ele em um tom baixo enquanto se aproximava. Um sorriso cintilou em seus lábios. — O lugar certo para uma coruja.

Ela não falou. O livro em suas mãos estava esmagado contra seu peito, como se sua dureza pudesse acalmar o frenesi de seu peito.

O sorriso de Nick morreu e seus olhos ficaram sombrios.

— Você não me perdoou, não é? Pela outra noite, quero dizer.

— Sim. — Saiu automaticamente, sem o benefício de pensamento ou decisão.

A carranca no rosto de Nick se aprofundou.

— O que foi, Friday? Você tem medo da fofoca? Caro me disse que estamos sendo vigiados. E ouvi de Tony tudo sobre o ataque da Górgona contra você.

Friday respirou fundo. Isso não funcionaria. Ela precisava se recompor. Afinal, ele não conseguia ver seus pensamentos e se encontrar refletido na memória de seus sonhos. Ela estava feliz por estar com os óculos. Eles lhe davam confiança e escondiam seus olhos.

— Você não deveria ter entrado aqui, Nick. Não devemos ser vistos juntos.

— Para o diabo com isso — ele respondeu em um sussurro repentinamente feroz. — Você acha que me importo com o que as pessoas podem dizer? Não serei coagido a desistir de minhas amizades. Todo esse problema entre nós surgiu apenas porque me permiti ser manipulado como uma marionete. Bem, não o farei mais. E também não vou permitir que você se prostre diante dos intrometidos.

— Mas é tudo tão desnecessário — protestou Friday. — O que você está tentando provar, Nick?

— Nada, eu não sei. Eu tive o momento mais diabólico disso, Friday, e não tenho certeza se esses últimos dias não foram os piores de todos.

— Porque somos o assunto da conversa, ouso dizer.

— Porque eu estive longe de você e porque você me odeia... ou disse que odiava.

— Eu não odeio — disse Friday em voz baixa.

— Espero que seja verdade. Se não, sei que você tem motivos suficientes.

— Talvez você tenha motivos para me odiar. Você disse que eu era cruel.

— Eu estava tentando machucar você, Friday. Você foi muito contra mim. Eu não sei o que devo ter feito. Tudo o que sei — disse ele hesitantemente, em voz baixa — é que quero você de volta.

Friday se afastou dele.

— Não sou eu que você quer, Nick. Eu sou apenas um símbolo para você, de algo que você perdeu.

— Você está errada. — Pegando o braço dela, ele a puxou de volta para encará-lo. Havia verdadeira contrição em seus olhos. — Friday, sinto muito por tudo o que aconteceu. Pela dor que eu causei a você. Oh, sim, estou ciente disso. As coisas que eu disse, não foi de propósito

Um sorriso oscilou nos lábios de Friday.

— Nem eu. Nós dois temos sido vítimas, talvez, das manobras de outros, como você disse. — Ela sentiu a dor crescendo novamente, e sua voz começou a tremer. — Você diz que me quer de volta, mas algo se passou, Nick. Havia uma inocência em nossa... nossa amizade, você não vê? Agora não é mais... eu não posso mais...

Sua voz falhou e ela se moveu um pouco, como se pudesse escapar dele. Mas Nicolas estava mais ou menos confuso diante da estante de livros, e qualquer movimento que ela fizesse para fugir devia revelar a ele seu estado de espírito.

— Friday, fique quieta — disse Nick suavemente.

Uma mão agarrou seu ombro enquanto a outra tirou seus óculos, expondo a luminosidade de seu olhar. A mão deixou seu ombro e acariciou sua bochecha, e havia uma espécie de ternura em seu rosto que Friday não reconheceu.

— Você não sabe o que me faz ver você chorar — murmurou ele um pouco acima de um sussurro. — Tudo que eu quero fazer é pegar você em meus braços e...

Sua expressão mudou. A surpresa varreu tudo, como se um pensamento de proporções agitadas tivesse entrado em sua cabeça.

— Friday! — Ele exclamou com a voz mais estranha que ela já o ouviu usar. — Meu Deus, Friday!

Seu dedo empurrou seu queixo e seu rosto desceu. Ele ia beijá-la! O choque puro a manteve congelada. Então, de repente, ela percebeu o som de vozes se aproximando do lado de fora das portas duplas abertas que conduziam ao corredor.

— Alguém está vindo! — Ela se afastou, arrancando os óculos da mão dele e colocando-os no nariz.

Nick a soltou e se virou rapidamente. No instante seguinte, um punhado de pessoas se aglomerou na porta, no centro da qual estava o rosto que Friday pensava ser Helena de Tróia: Hermione Hesket. Exceto que a criatura não era mais Hesket, como Victor St Abbs lembrou Friday no instante seguinte.

— Pronto, Lady Aymestrey — ronronou o cavalheiro em um tom satisfeito. — O que eu lhe disse?

— Nick! — Proferiu a voz ofegante alegremente.

— Oh, meu Deus... — gemeu Nick.

Enquanto Hermione avançava em sua direção, ele bateu em retirada apressada, correndo de volta para a porta por onde havia entrado e batendo-a atrás de si, de modo que a velha senhora na poltrona acordou assustada, deixando cair o livro.

Lady Aymestrey parou, seus grandes olhos azuis voltando-se para onde Friday estava parada, fixos no local, olhando com desânimo para a visão de beleza. Ela não percebeu que Nick tinha saído, nem por enquanto identificou a escolta que acompanhava a garota. Toda a sua mente estava concentrada em simplesmente absorver sua presença.

— Você não precisa de introdução, eu acredito — veio o tom de seda de Lady Dalmeny.

— Oh, não, nós já fomos apresentadas — disse Hermione, sorrindo com falsa alegria para Friday.

— Em Reading, não foi? — Perguntou o Sr. Percival Luss, aproximando-se dela e pegando-a pelo braço enquanto ela se movia até Friday.

Acordando com o fato de que os Três Bruxos eram as responsáveis por isso, Friday olhou de uma para a outra e de volta para Hermione. Ela estava tremendo por dentro, mas Nick estava certo. Ela não devia se prostrar diante das maquinações dessas

pessoas verdadeiramente más. Como sempre, ela tirou força inconsciente de sua capacidade de ver corretamente.

— Em Reading, e novamente em Delamere Place — disse ela categoricamente, tirando o vento de suas velas. — E sim, foi devido a esse último encontro que rompi meu noivado com Nick. Agora vocês não precisam quebrar a cabeça para lembrar cada último detalhe e jogá-lo na minha cara.

— Ela tem força, você deve dar isso a ela — riu Luss.

— Ao contrário do sujeito no negócio — disse St Abbs desagradavelmente. — Quem teria suspeitado que ele daria meia-volta e fugiria, deixando as mulheres brigarem entre elas?

Para seu espanto, foi Lady Aymestrey quem se voltou para ele, quase cuspindo chamas.

— Cale sua boca! Como você ousa falar assim sobre Nick? Saiam daqui todos vocês! Vão! Vocês não vão tirar o melhor de mim, eu posso jurar.

— Bem, bem — comentou Lady Dalmeny. — A criatura está mostrando suas origens.

Em total espanto, Friday viu Hermione erguer o punho para ameaçar a senhora mais velha. Rindo, os Três Bruxos retiraram-se porta afora, prometendo passar as boas novas de uma briga de mulheres na biblioteca.

— Vou mostrar a eles a luta de mulheres — ameaçou Lady Aymestrey.

Uma figura correndo atrás dos outros mostrou que a velha senhora que estava cochilando ali se assustou.

— Boa viagem — disse Hermione, e, fechando as portas atrás de todos eles, ela se virou para enfrentar Friday. — Agora então, Srta. Edborough, vamos resolver isso sozinhas.

A confiança de Friday havia crescido e ela enfrentou a garota com ousadia.

— Não há nada para resolver, Lady Aymestrey; pelo menos não entre você e eu.

— Oh, sim, existe. Pelo que minha mãe diz, tenho motivos suficientes para me preocupar. O que está acontecendo entre você e Nick? Diga-me de uma vez.

Antes de hoje, Friday teria respondido que não estava acontecendo nada. Mas a memória da conduta extraordinária de Nick voltou e ela se sentiu corar. Ele realmente estivera prestes a beijá-la? Ou era sua imaginação lhe pregando peças novamente? Quanto a esta mulher, ela não lhe daria a satisfação de acreditar que a compreendia.

— Perdão, o que disse?

— Você me ouviu, — disse a garota beligerantemente. — O que está acontecendo? Está tentando trazê-lo de volta?

— Eu posso fazer a mesma pergunta — Friday voltou friamente. Essa dificilmente era a criatura patética e desolada que ela vira em Delamere Place. Tudo tinha sido uma atuação, então? Essa era a verdadeira Hermione? Sem pensar, ela falou o pensamento em sua mente. — Eu começo a me perguntar se ele não deve ser parabenizado, afinal.

— Não venha com isso, bela senhorita, porque não vai funcionar. — retrucou a outra.

— Não sou uma bela senhorita, senhora, mas não sou estúpida — disse Friday com um tom de voz áspero. — Por que você não está se divertindo com os aspirantes a atores lá em cima? Tenho certeza de que você se sentiria em casa muito bem.

Lady Aymestrey deu sua risada tilintante.

— Você não acha que vou desperdiçar meus esforços com você, acha?

— Você certamente vai desperdiçá-los se experimentá-los com Nick — disse Friday sem rodeios. — Ele disse que estava desiludido, e agora eu acredito nele.

— O que diabos você quer dizer? — Perguntou a garota com os olhos arregalados.

Friday olhou para ela.

— Você não tem a menor noção de como o machucou, não é? Não é nada para você que ele sofra tanto?

Hermione sorriu, e Friday achou que quase podia ouvir seu ronronar.

— Ele sofreu mesmo? Essa é uma excelente notícia! Isso tornará tudo muito mais fácil.

Algo esfaqueou o peito de Friday.

— Você quer atraí-lo novamente. Oh, pobre Nick!

— Eu nunca quis deixá-lo ir — disse Lady Aymestrey alegremente. Seu tom mudou de repente, e os olhos azuis acenderam um aviso. — E você não vai ficar no meu caminho, viu!

Com isso, ela caminhou até a porta pela qual Nick havia saído e, abrindo-a, marchou, deixando-a bem para trás. Quase no mesmo momento, as portas duplas se abriram e Charles Delamere e Tony Weare entraram na sala.

— Friday, você está bem?

— Nick disse que aquela mulher miserável estava aqui.

— Enviou-nos para resgatá-la — disse Charles, aproximando-se dela. — Achei melhor ele sumir, considerando toda a conversa.

— Onde ele está? — Friday perguntou a eles rapidamente. — Ela acabou de ir atrás dele por lá.

— Ela não vai encontrá-lo — disse Delamere com confiança. — E se ela o fizer, ela será ignorada, posso te dizer isso.

— Onde estão os Três Bruxos? — Perguntou Tony. — Nick disse que trouxeram Hesket... não, ela é Aymestrey agora, não é?

— Oh, Tony, ela é a garota mais terrível. Ela acha que estou tentando tirar Nick dela e está positivamente feliz por ele ter sofrido com seu casamento.

Charles concordou.

— Hermione completamente, quero dizer. Deveria ter sido uma atriz de teatro.

— Foi exatamente o que pensei — concordou Friday — Parece que ela agiu o tempo todo para ganhar o favor de Nick.

— Nada além de uma harpia — comentou Tony com desgosto. — Vendeu-se para Aymestrey em busca de vantagem, mas não largou o sujeito que ela queria.

— Ela está latindo para a árvore errada. — Charles acrescentou. — Não vai chegar a lugar nenhum com Nick. Ele não pode sustentá-la agora.

Friday olhou para ele sem expressão. Sua respiração ficou presa e ela sentiu o ritmo de seu pulso distorcer.

— Você deve estar enganado, Charles.

— Não, não estou.

— Mas ele está se comportando precisamente como se estivesse sofrendo por amor.

— Eu não disse que ele não estava sofrendo por amor.

Como se procurasse esclarecimento, Friday olhou para Tony e surpreendeu com um sorriso no rosto.

— O que no mundo é tão engraçado?

O Honorável Anthony Weare riu dela.

— Você, Friday. — Ele colocou um braço em volta dela e deu-lhe um abraço rápido. — Não importa. Se você estiver bem, vou fazer outro resgate valente. A última vez que vi Grissy, Caro a estava protegendo como um cachorro com um osso. A pobre garota vai ficar louca se eu não levar minha irmã embora.

— Oh, sim, por favor, vá — Friday disse rapidamente — Estou perfeitamente bem.

Ela teria ficado feliz com um período sozinha para organizar seus pensamentos, e desejou muito que Charles — que tinha colocado sua mente indisciplinada em pensamentos e visões estúpidas com seus comentários enigmáticos — seguisse o exemplo de Tony. Mas Delamere sugeriu um pequeno refresco.

— Vamos, vai te fazer bem. Parece que você precisa de alimentação.

A última coisa que Friday queria no momento era comida, mas quando encontraram Caroline no caminho, ela foi rapidamente induzida a ceder à sugestão de Delamere. Pois Tony astuciosamente desviou a atenção de sua irmã de Griselda, contando a ela sobre o encontro de Friday com Lady Aymestrey. Assim, Friday foi obrigada a suportar um catecismo sobre o que havia sido dito, que culminou estranhamente em uma reclamação inconsequente sobre seus óculos.

— Não diga que você foi vista usando essas coisas — proferiu a Sra. Cleeve desesperadamente. — É tudo igual, Friday. Você não torna minha tarefa mais fácil.

— Bem, eu não pedi para vir à cidade — disse Friday, retirando os óculos ofensivos e colocando-os no bolso. — Você insistiu nisso. Para falar a verdade, ficaria muito feliz em voltar para casa amanhã.

— O quê, e deixar o campo para aquela criatura? Você não fará tal coisa.

— Então por favor não me critique, Caro — implorou Friday. Na verdade, comer seria preferível a isso. — Ela olhou para Delamere. — Além disso, Charles quer me engordar. Por que você não se junta a nós para um refresco?

Mas parecia que Caro já havia comido e estava prestes a tirar seu cochilo obrigatório. Para o alívio de Friday, ela os deixou ir encontrar a Sra. Mapperley, e eles continuaram seu caminho para a área de refrescos, que começava a encher-se de hóspedes famintos em busca de sustento.

Friday brincou de forma desconexa com algumas das iguarias, mas logo, enquanto Charles estava envolvido com conhecidos, encontrou uma oportunidade de escapar sem ser vista. Ela se dirigiu para a sala da frente, na qual um par de janelas francesas ficavam abertas para os jardins para a conveniência dos foliões reunidos.

Não estava tão frio, ela insistiu para si mesma, saindo e colocando os óculos de volta para ver seu caminho. Embora estremecesse um pouco em seu vestido de musselina, ela se consolou com um lembrete de suas mangas compridas e a sobrecasaca verde-claro — o que também poderia ajudá-la a se perder na folhagem. Devia haver um local, talvez ao redor da casa, onde ela pudesse ficar um pouco sozinha.

O encontro com a garota Hermione a deixou confusa, e ela queria mais do que qualquer outra coisa no mundo pensar sobre aquelas observações enigmáticas feitas por Charles e Tony que haviam feito seus pensamentos vagarem por um caminho tão perigoso. Principalmente agora que ela pensava que Nick iria beijá-la naquele momento na biblioteca, pouco antes da criatura entrar.

A ideia de que ela pudesse ter se enganado quanto aos sentimentos de Nick não podia deixar de se intrometer em sua mente. Ela mal ousava imaginar quais seriam esses sentimentos diferentes. Supondo que ele não estivesse com o coração tão partido por aquela garota como ela pensava, o que então denotava sua conduta excessivamente emocional? E para si mesma. Não podia ser, não é, que ele pensasse nela como mais do que uma amiga? Como ela ousava pensar isso? Ser alguém que ele pudesse amar?

A própria palavra em tal conexão fez seu coração apertar dentro de seu peito com o desespero de sua esperança. Então é isso, Friday Edborough! Ela estava esperando. Todo esse tempo, quando ela vinha se assegurando de sua determinação de esquecê-lo, qual era a verdade? Tola que ela era: desesperada e estupidamente sonhando com o impossível!

Ela cruzou a frente da casa e, passando pela porta da frente, jogou a cabeça para trás em frustração ao pensar em seu próprio desamparo, enredada nas correntes invisíveis de seu amor por Nicolas. Sua cabeça se virou e uma imagem além das janelas francesas de outra pequena sala chamou sua atenção. Ela parou abruptamente, observando as identidades dos ocupantes em um flash. Nick e Hermione — presos nos braços um do outro.



TENDO TOMADO a decisão instantânea de evitar uma cena pública — pois ele conhecia as capacidades de Hermione nessa direção — Nick deixou a biblioteca rapidamente. Mas quase imediatamente foi assaltado por temores de Friday, deixada sozinho para se virar sem ele. Localizando rapidamente seu irmão e Charles, ele os despachou para resgatar Friday e deu um suspiro de alívio. Em seguida, ele procurou algum local privado onde pudesse contemplar em paz a bomba que explodira em seu cérebro.

Do outro lado do amplo corredor da sala de visitas que levava aos jardins, ele localizou uma salinha semelhante que estava, no momento, desocupada. Entrando, ele se sentou em uma cadeira de frente para os jardins e pensou profundamente — sobre Friday.

Tudo fez sentido finalmente. Tanto que ele não conseguia imaginar como a verdade havia escapado dele por tanto tempo. Ele devia ser tão tolo quanto seu pai sempre alegou. O estranho nisso tudo é que tudo o mais perdera sua importância. Não poderia haver nada no mundo tão vital quanto isso.

Ele começou a pensar nas últimas semanas, pegando todos aqueles sinais, agora claramente para serem vistos, que ele havia perdido — ou ignorado — ao longo do caminho. Havia muitos;

tantos, de fato, que uma pontada de apreensão começou a devorar sua confiança recém-adquirida, quase destruindo-a. Ele tinha certeza de que estava certo sobre esses sinais. Mas não poderia ser tarde demais? Será que ele, por seu atraso, sua inabilidade estúpida de reconhecer algo tão óbvio, perdeu a chance?

O pensamento era tão desagradável que ele pulou da cadeira e começou a andar, procurando os últimos sinais em sua mente. Procurando febrilmente a garantia de que precisava desesperadamente. Pois, se ele tivesse perdido a oportunidade — se estivesse além de qualquer conserto — oh, Deus, mas isso não poderia ser suportado! Agora não. O que diabos ele faria então?

O pensamento o deixou obcecado por algum tempo, de modo que ele ficou totalmente inconsciente do que o rodeava. Quando o clique da trava penetrou como um som estranho, ele não tinha ideia de quanto tempo havia passado. Virando-se, ele percebeu que uma mulher estava parada na frente da porta agora fechada.

Seu primeiro pensamento foi de irritação por ser perturbado. O segundo, quando ele fez menção de sair simplesmente para se afastar de qualquer tipo de empresa, foi que seu caminho foi barrado. Então ele viu quem havia entrado.

— Hermione!

Ela sorriu de forma vitoriosa e sua voz era calorosa.

— Nick, estive procurando por você o tempo todo. Estou tão feliz por finalmente ter encontrado você.

Nicolas não estava prestando atenção. Ele não precisava se perguntar o que ela queria com ele, pois isso ele já sabia. Mas sua presença aqui poderia ser vantajosa. Era privado o suficiente agora, e esta poderia ser exatamente a oportunidade que ele precisava para resolver com esta mulher inoportuna de uma vez por todas.

Quando ele tomou a decisão, ela se afastou um pouco da porta.

— Oh, Nick, senti tanto sua falta.

Meu Deus, deixe-o cortar esse tipo de conversa pela raiz de uma vez! Ele adotou um tom formal.

— Como vai você, Hermione?

Seus olhos se arregalaram, mas ela reuniu suas forças, aumentando a sedução em sua voz.

— Eu? Oh, estou bem o suficiente. Mas você! Oh, Nick, tenho ouvido coisas horríveis sobre você.

— Já? — Perguntou ele automaticamente. Ele estava achando difícil se concentrar no que ela dizia, pois fizera uma descoberta surpreendente.

Ela ainda era incrivelmente adorável, só que ele não estava sem fôlego. Ele não estava ciente de qualquer agitação dentro de seu peito, ou em qualquer outro lugar, por falar nisso. Era como se pensar na beleza dela viesse a ele de maneira distanciada, como ele poderia ter se sentido a respeito de algum objeto de mérito artístico.

— Eu nunca, nunca quis que você sofresse, Nick — ela estava dizendo daquela maneira ofegante que costumava afetá-lo. Agora ele não conseguia imaginar por quê, pois era tão obviamente falso.

Quando os olhos dela passaram pelo rosto dele — de uma forma ponderada, ele pensou, como se ela tentasse sondar sua mente — o sorriso permaneceu em seus lábios. Os orbes azuis, entretanto, tinham uma aparência calculista. Nick quase riu. Meu Deus, a garota estava avaliando suas chances!

— Não adianta, Hermione — disse ele calmamente, com uma pitada de diversão em seu tom.

Uma carranca apareceu em seus olhos, e ela fez um lindo beicinho.

— Oh, Nick, você não quis dizer isso.

— Sim, sim.

— Você não pode estar falando sério — ela protestou, se aproximando. — Ora, tenho sido totalmente fiel a você... em mente. Você não deve me culpar pelo ato. Eu não pude evitar.

Nick se afastou um pouco.

— Sério, Hermione, não tenho interesse no assunto.

Ela tilintou de tanto rir.

— Eu sei o que é. Você está com tanto ciúme que agora não consegue me perdoar. — Deslizando até ele, ela colocou as mãos em seus ombros. — Querido Nick, você sabe muito bem que é você quem realmente me importa. Mas nós concordamos. Tive de me casar com Aymestrey para garantir minha posição. Mas é

exatamente como eu previ. Agora, não há nada que nos impeça de desfrutar um do outro.

Tudo de que Nick teve consciência foi um leve sentimento de desgosto. Ele não tentou se livrar das mãos dela, ou interrompê-la com protestos. Ele estava se perguntando como poderia ser que nada do que ela fizesse ou dissesse tivesse o poder de comovê-lo de qualquer forma. Ele estava simplesmente desinteressado.

Hermione deve ter visto algo disso em seu rosto, pois ela recuou um pouco, uma centelha de raiva em seus olhos. — Por que você me olha assim?

— Não sei como estou — disse Nick sem rodeios —, mas se você espera descobrir o tipo de reação que despertou em mim no passado, devo avisá-la que você procurará em vão.

Ela praticamente olhou para ele.

— Você não pode ter mudado em relação a mim. Você está tentando me punir.

— Punir você? Não seja ridícula.

— Você está, você está! — ela gritou com veemência. Ela o soltou e fez uma brincadeira com um lenço que tirou de seu esconderijo na manga, batendo os cílios sobre os olhos marejados. — Oh, Nick, como você pode ser tão horrível?

Nem uma gota das sensações que o atacaram quando Friday chorou o assaltaram agora. Em vez disso, ele ficou fascinado com a facilidade com que ela provocou as lágrimas necessárias e observou com relutante admiração sua pantomima com o pedaço de lenço enxugando os cantos de seus lindos olhos.

— Isso é muito bom, Hermione — disse ele sem pensar. — Se Aymestrey alguma vez te expulsar por infidelidade, você certamente pode ganhar a vida no palco.

Presa em pleno voo, seu ato praticado deu lugar a um olhar composto de espanto e fúria crescente.

— Como... como você ousa? — Ela balbuciou. — Você... você, sua besta!

Ela veio para ele com as garras levantadas, e Nick foi obrigado a segurá-la pelos pulsos para salvar seu rosto de um ataque. Hermione cuspiu obscenidades que mostraram a ele — pela primeira vez — suas origens na sarjeta, e enquanto ele lutava com

ela agradecia a Deus por aquelas pessoas bem-intencionadas a seu redor que haviam guiado seu curso para outro lugar.

— Calma, Hermione, pelo amor de Deus — implorou ele, só que agora mostrando qualquer tipo de reação.

Ele deveria ter pensado bem. Hermione em fúria era tão imparável quanto ela ficava quando estava histérica, e Nick se viu obrigado a puxar seus braços para trás e lutar com seu peito contra peito.

Ele não percebeu, em sua luta para subjugar a fúria dela, a figura sombria do lado de fora das janelas francesas fechadas, que pareceu um momento em estado de choque congelado, então se virou e saiu correndo.

Pois a figura não podia esperar pelo desfecho. A visão que ela teve era muito clara em seus fundamentos, e ela simplesmente correu e correu até que não pudesse mais correr.

As palpitações de seu coração eram inexprimivelmente dolorosas. Friday não sabia se isso se devia mais à corrida louca que ela havia feito para longe daquela visão ou para o retorno daquela dor lancinante que ela conheceu naquele dia terrível quando Nick a abordou em seu retiro bloqueado pela neve. A respiração ofegante dava testemunho da rapidez com que se ausentara das janelas fatais, perseguindo os relvados até ao aglomerado de árvores.

Árvores, ela pensou inconsequentemente, sempre pareceram ser sua salvação. Este tronco robusto a manteve segura contra o tremor que invadiu seus membros assim que ela parou. Ela não sabia para onde estava correndo. Mas, ao olhar em volta, viu que havia cruzado os gramados, deixando a casa e a odiosa imagem naquela janela bem para trás. Ela respirou soluçando.

Até este momento ela não sabia o quanto ainda se importava. Nada — nem as brigas, os aborrecimentos, as tensões, até os sonhos — a havia preparado para esse ressurgimento de emoções que ela começara a acreditar que finalmente poderia estar entorpecido.

Se ela podia rir, ela deve ter rido com a maneira tola daqueles pensamentos que a levaram para fora em primeiro lugar. Pois lá ela encontrou a refutação de seu desejo idiota de acreditar que Charles

quis dizer que os sentimentos de Nick haviam animado por ela. Seus próprios sentimentos fúteis a traíram mais uma vez.

A angústia diminuiu por fim, e ela percebeu que não devia ficar ali, agarrada a uma árvore como a idiota patética que era. Qualquer um podia ver. E agora, mais do que nunca, ela deve esconder seus sentimentos íntimos de olhos curiosos. Se as pessoas tivessem falado antes de Hermione, Lady Aymestrey a fez reaparecer na cidade, quanto mais fariam isso agora? Que ela pelo menos retenha a pouca dignidade que lhe resta. Que ela não usasse seu coração tão frágil em sua manga.

Olhando ao redor, ela notou uma pequena ponte sobre o riacho. Estava banhado pela luz do sol e ela ergueu os olhos com surpresa. Uma separação inesperada das nuvens amenizou o frio e o vento diminuiu. Ela não havia notado em seu estado de preocupação. Preocupado? Quase ela riu alto, zombando de si mesma.

Mas esses pensamentos eram perigosos e ela foi obrigada a respirar fundo o ar fresco. Depois de um tempo, como sempre, a natureza teve seu efeito consolador sobre ela e os tremores se acalmaram um pouco. Talvez ela pudesse se mover agora.

No caminho para a ponte, Friday se sentou nela, erguendo os joelhos da maneira que preferia no assento da janela em casa. Ela quase podia imaginar-se lá atrás, pois, assim como o sol a aquecia em seu canto privado, também o fazia aqui, enviando seus raios para envolvê-la em conforto. Ela tirou os óculos e os guardou no bolso, fechando os olhos e erguendo o rosto para sentir o calor inesperado em suas bochechas.

Seus pensamentos — ordenados à obediência que longa prática lhe permitiu realizar — vagaram, evitando o que era desagradável. A dor ainda estava lá. Como não poderia ser? Mas, como a dor de dente, ela havia diminuído, deixando em seu rastro um estado de semiconsciência em que o paciente não sondava o local dolorido por medo de que a dor aumentasse novamente. Essa capacidade característica de se tornar totalmente absorvido era muito útil para ela.

Assim, ela não levou em consideração a passagem do tempo e não percebeu que os convidados da Sra. Mapperley estavam

optando por aproveitar, como ela fazia, o sol repentino e se mudar para os jardins.

Vagamente, em algum lugar nos recônditos de sua consciência, Friday percebeu conversas e risos flutuando em algum lugar à distância. Mas foi só quando um grito soou, muito perto, que seus olhos se abriram. Olhando em volta, ela avistou Lady Aymestrey avançando em sua direção e percebeu que a conversa estava muito mais próxima do que ela imaginava.

— Você... você... sua Jezabel! — Gritou Hermione.

Atordoada demais para fazer mais do que olhar para ela, Friday ficou sentada observando enquanto a mulher caminhava até a ponte.

— Eu vou te ensinar a não estragar meus planos, seu sapo feio!

Antes que Friday tivesse a chance de fazer qualquer coisa para se salvar, Hermione correu para a ponte e, inclinando-se, investiu contra sua vítima com um empurrão poderoso. Friday foi arremessada da ponte, espirrando pesadamente na água.

A única sensação no início foi o choque ofegante de frio gelado que encharcou seus membros. A reação instantânea a fez se sentar no riacho misericordiosamente raso, piscando e sacudindo as mãos enquanto lutava para recuperar o fôlego.

Nos confins de sua consciência, ela ouviu sons de protesto e alarme. Em seguida, passos soaram na ponte, e uma voz familiar gritou em um tom alto o suficiente para penetrar em sua mente entorpecida.

— Sua gata malvada! Tome isso!

Houve um grito agudo, depois um barulho alto e uma explosão de alegria e gritos ensurdecedores naquela manhã, de modo que suas mãos se agitaram para tapar os ouvidos. Tudo o que ela podia ver era uma massa crescente de humanidade difusa alinhando o riacho. Mas alguém a chamava com insistência e ela respondeu instintivamente, procurando a fonte daquela voz muito conhecida que se fazia ouvir apesar da cacofonia a seu respeito.

— Friday! Friday, dá-me sua mão!

O rosto de Nick ficou embaçado acima dela. Ele estava ajoelhado na ponte, inclinando-se, as mãos estendidas para ela.

— Me dê suas mãos! Depressa, Friday!

Friday obedeceu e se sentiu puxada para ficar na água. Consequentemente, ela se lembrou de que foi a voz dele que a abusou como uma "gata malvada". Quando as mãos de Nick escorregaram sob seus ombros e seus braços fortes a levantaram, seu rosto se concentrou corretamente e ela protestou imediatamente, os dentes batendo de frio.

— Eu não sou uma g-gata malvada!

Nick sorriu quando a colocou de pé.

— Não, você é minha preciosa idiota.

Friday piscou, incerta de ter ouvido direito.

— O quê?

— Vamos — ordenou Nick rapidamente, começando a carregá-la pela ponte. — Você vai morrer se ficar aqui!

Ao sair às pressas, Friday viu de relance algum objeto ondulante na água do outro lado e percebeu que os gritos de desânimo e fúria que ela agora ouvia sobre o zumbido da multidão vinham de lá. Ela teria parado para investigar, mas não teve oportunidade de fazê-lo.

— Vou levá-la para dentro, Nick — veio a voz suave de Griselda Mapperley. — Mamãe! Mamãe, encontre Lady Delamere, por favor!

— Eu vou com ela para casa — disse Nick com firmeza, seu braço travado por volta da Friday enquanto a empurrava junto.

Outras vozes conhecidas chegaram agora: uma mulher mais velha, uma vagamente familiar.

— Cuide disso, Griselda. Estou com as mãos ocupadas aqui.

— Oh, querida, ela está lutando com Lady Aymestrey — disse Griselda. — Tony, por favor, vá e encontre Lady Delamere para mim.

— Em um momento, Grissy. Há algo para fazer aqui primeiro. — Ele acrescentou em voz baixa —Nick, tome cuidado!

Friday começou a perceber que seu movimento forçado era acompanhado por todos os seus amigos, como se eles tivessem se reunido em torno dela para se defender dos rugidos e risos da multidão que ainda ecoava em seus ouvidos. Mas qual era o tom estranho de aviso que estava se infiltrando aqui?

— Acho melhor você ficar aqui, Nick — veio urgentemente de Charles.

— Delamere está certo, meu velho — murmurou Tony. — Aí vem problema.

Então, outra voz — desconhecida de Friday — fez-se ouvir; uma voz rouca de raiva.

— Vamos! Levante, eu te digo! Fique de pé! Você vai me responder pelo que fez à minha esposa!

— Maldição! — Murmurou Nick, fazendo uma breve pausa.

Friday ergueu os olhos para o rosto dele e franziu a testa. Quem foi? O que tinha acontecido? Esposa de quem?

— Deixe Grissy tirar Friday disso — murmurou Tony Weare. — Leve-a para dentro, Grissy, pelo amor de Deus.

— Escute seu irmão — disse Charles insistentemente. — Não a nada que você possa fazer por ela. Ela precisa de cuidados femininos.

Intrigado, Friday olhou em volta para as feições disformes ao seu redor. Não havia nada para ela ver, nada para lhe dizer qual era a dificuldade. Mas ela podia ouvir a preocupação e sentir a tensão. Ela puxou a mão de Nick.

— Nick, q-qual é o p-problema?

Seus dedos se fecharam sobre os dela, acalmando-os.

— Nada com que você precise se preocupar, Friday. Vá para a casa.

Ela sentiu o braço dele ficar mais apertado sobre ela brevemente, e então ele a soltou aos cuidados de Griselda Mapperley, com uma torrente de instruções insistentes.

— Certifique-se de que ela troque de roupa, Griselda. E ela faça ela descansar. Dê-lhe algo quente para beber. E cobertores. Muitos deles.

— Sim, sim, Nick, vou cuidar disso. Você lida com Aymestrey, pelo amor de Deus! Venha, Friday.

Friday se arrastou um pouco, espiando para tentar ver onde Nick tinha ido. Os outros dois cavalheiros tinham saído de sua visão periférica, junto com o homem desconhecido que lançou seu ataque verbal contra Nick. Mas ele não era desconhecido. A premonição mais terrível veio a ela. Aymestrey! Marido de Hermione? E foi Hermione quem a empurrou da ponte. O que Griselda disse sobre sua mãe? Que ela estava em algum tipo de dificuldade com Lady Aymestrey. O que Nick fez?

Não houve tempo para ceder a essa pergunta, no entanto, quando eles entraram pelas janelas francesas, o grito agudo de Caroline repentinamente invadiu seus pensamentos agitados.

— Friday! Céus, o que aconteceu? Era você gritando lá fora? Eu declaro, você está encharcada até os ossos! O que diabos você fez?

— Eu c-caí no rio — disse Friday.

— Não caiu nada — disse Griselda com desprezo, impulsionando seu ataque à sua frente enquanto continuava em movimento. — Ela foi empurrada por aquela criatura horrível de Hesket.

— Hermione? Oh, não, Friday, não diga que discutiu publicamente com a desgraçada?

— Saia da frente, Caro — retrucou Griselda de uma maneira pouco acostumada, empurrando a Sra. Cleeve para longe da escada e forçando Friday a subir. — Claro que Friday não fez nada parecido. Ela estava sentada na ponte e Hermione correu e a empurrou. Muitos de nós a viram fazer isso também.

Seguindo-os escada acima, Caroline lançou um discurso composto de consternação e agitação, no qual expressões de repulsa se chocaram com declarações de indignação. Caro sabia exatamente como seria o momento em que Aymestrey voltasse para a cidade. Ela ficou chocada por ninguém ter achado adequado tirá-la de sua soneca da tarde para pôr um fim a esses acontecimentos agitados, e tinha plena confiança de que Nick ficaria pior se fosse entregue a si mesmo.

— Tanto Tony quanto Charles estão com Nick — respondeu Griselda, guiando Friday em seu próprio quarto, — então você não precisa se preocupar com isso.

— Tony e Charles? Declaro, Griselda, se quer dizer isso por recomendação, não penso muito nisso. Eles são tão ruins um quanto o outro.

— Mas não se esqueça de que meu pai também está lá. Sem mencionar muitos outros cavalheiros de bom senso. Tenho certeza de que nada desagradável será permitido ocorrer.

A essa altura, Friday estava tremendo tanto de frio que seus dois companheiros perderam o interesse nas possíveis atividades de

Nick. Pela primeira vez, as duas jovens foram solidárias enquanto cuidavam de sua carga, Griselda vasculhando suas roupas em busca de algo adequado para usar na Friday, e Caroline tirando-lhe as roupas molhadas que vestia.

A mente de Friday estava dividida entre a necessidade de recuperar os óculos de seu vestido antes que Caro os esmagasse em sua pressa para livrá-la da roupa ofensiva e a terrível apreensão que se apoderou dela. Nick estava em perigo? Tony e Charles seriam capazes de ajudá-lo? Parecia que uma briga estava se formando, mas por quê? Aymestrey o pegou beijando Hermione?

O pensamento causou-lhe uma pontada ecoante da agonia que a atacou com a visão, mas foi forçada a ir embora — assim como seus pensamentos — pelo ataque repentino de dois pares de mãos determinadas esfregando vigorosamente seus membros com toalhas. E pela voz de Caro, exigindo saber por que Hermione tinha feito isso.

— Só Deus sabe — respondeu Griselda, segurando uma camisa pronta para vestir na Friday. Uma risadinha escapou dela. —, mas Nick, se não o céu, teve sua vingança.

Friday congelou com a camisa pela metade. O mesmo aconteceu com Caro, que a estava ajudando, exigindo

— O que você quer dizer, Griselda?

Um sorriso cintilou nos lábios da outra garota.

— Nick a jogou no riacho.

— O quê? — Disseram Caro e Friday juntas.

Friday viu que Griselda estava mordendo o lábio contra uma risada ameaçadora. Por si mesma, ela mal podia acreditar no que estava ouvindo. Ela se sentiu atordoada.

— Nick jogou Hermione na água?

— Você está inventando — retrucou Caroline, puxando a camisa para puxá-la adequadamente na Friday.

— Juro que não — disse Griselda insistentemente, estendendo um par de espartilhos para Caroline e preparando um de seus vestidos de musselina. — É por isso que Aymestrey estava tão furioso. Nick viu Hermione te empurrar, Friday. Bem, todos nós vimos. Eu nunca vi nada parecido. Ele deu um rugido de raiva e saiu correndo antes que alguém pudesse detê-lo. Achei que ele fosse

tirar você de lá, Friday, mas não. A próxima coisa que soubemos foi que ele agarrou a desgraçada, chamou-a de gata malvada e deu a ela um gostinho de seu próprio veneno.

Friday ficou atordoada quando o comentário inevitável saiu dos lábios de Caroline, mesmo quando ela amarrou o espartilho mal ajustado. Friday mal ouviu. Tampouco se juntou às gargalhadas em que suas duas companheiras se entregavam enquanto jogavam o vestido sobre sua cabeça, amarravam os cordões e remendavam suas dobras, e então a empurravam para sentar na cama para que pudessem arrumar seu cabelo.

Então foi isso que ondulou na água. Foi por isso que a Sra. Mapperley estava com as mãos ocupadas. Hermione também tinha sido empurrada para a água. E por Nick!

Friday ainda não conseguia acreditar. Como era possível que em um momento Nick pudesse estar abraçando a criatura com fervor e no próximo jogando-a no riacho? Não fazia sentido. Não é de admirar que Aymestrey tenha gritado que Nick responderia a ele. Afinal, Hermione respondeu a Nick pelo que ela fez.

Seu coração parecia inchar em seu peito. Nick puniu Hermione por causa dela. Isso significava — poderia significar que ele... Não, Friday, sua idiota. Ela estava de volta. Atribuindo muita importância ao que Nick fez. Pois, embora ele pudesse ter jogado Hermione no riacho, ele não beijou Friday.

Ela percebeu que as gargalhadas haviam dado lugar ao silêncio. Ela percebeu que tanto Griselda quanto Caro estavam de frente para a porta. Rapidamente ela colocou os óculos que ela estava segurando tão desesperadamente. Quando a sala entrou em foco, ela descobriu que estava olhando diretamente para alguém na porta. A própria Lady Aymestrey, parecendo um tanto desgastada.



Capítulo 11

Apenas a bainha suja do vestido de musselina de Hermione era visível, colando-se úmida em seus tornozelos sob um pano de brocado volumoso que havia sido jogado sobre ela, evidentemente apropriado do guarda-roupa dos aspirantes a atores dramáticos. Mas seus cachos dourados pendiam desgrenhados dos restos de um cocar de penas, e havia lama em sua bochecha.

O silêncio foi quebrado pela própria senhora.

— Então! — Ela proferiu, pegando emprestado tanto da postura de sua mãe — colocando os braços na cintura para revelar mais dos danos lamentáveis em seu vestido até então imaculado e as maneiras e vocabulário da senhora mais velha. — Você acha isso engraçado, não é?

Friday balançou a cabeça lentamente. Ela não achava nada nessa situação nem um pouco engraçado. Ela ouviu Griselda abafar uma risadinha e viu o olhar da adaga de Hermione passar rapidamente para ela e para trás.

— Vá embora, por favor, Lady Aymestrey — começou Caroline de uma forma arrogante, movendo-se em direção à porta.

— Eu irei quando estiver pronta — ameaçou Hermione beligerantemente, entrando na sala. — Tenho uma ou duas coisas a dizer a ela primeiro.

Imediatamente, as defensoras de Friday entraram na briga.

— Oh, não, não vai!

— Fora, eu disse!

— Espere! — Friday chamou com urgência.

Caroline e Griselda se viraram para olhá-la com espanto.

— Mas, Friday...

— Um momento, Griselda — implorou ela, levantando-se para encarar a mulher. — Diga-me, por favor. Por que você fez isso? Eu não entendo.

Os traços adoráveis de Hermione avermelharam de fúria, enrijecendo sua pele.

— Não seja inocente comigo, senhorita. Você sabe muito bem como o tem atraído.

— Atraído? — Repetiu Friday, espantado. — Mas...

— Não se preocupe em negar — retrucou a garota. — Eu já ouvi tudo sobre isso e conheço essas táticas. Sopre primeiro quente, depois frio, até que o pobre coitado não saiba se está na cabeça ou nos calcanhares. Bem, deixe-me dizer a você, Madame Jezebel, eu não vou permitir, viu?

— Ela está louca — declarou Griselda com convicção.

— Sua criatura estúpida — disse Caroline com desdém. — Friday não conheceria uma tática se fosse apresentada a ela em uma bandeja de prata.

— Oh, não é? — O tom era rouco agora, e seus olhos vingativos não se afastaram de Friday, que estava tão surpresa que sua mente ficou em branco. — Não fique aí parada com a boca meio torcida. Eu conheço o seu tipo e estou preparada para cada equipamento do livro, então não pense que você pode me superar.

Friday balançou a cabeça em confusão crescente.

— Você entendeu errado. Não sou a criatura que você pensa que sou. Não consigo imaginar de onde você vem com essas noções extraordinárias.

— Eu entendi tudo, Madame Jezabel, porque eu ouvi sobre todas as suas ações, eu ouvi. Você deu um tapa na cara dele, não foi? Bem, eu sei como isso pode despertar um homem, para começar. E com meus próprios olhos eu vi vocês juntos na biblioteca hoje. Suave e carinhosa com ele, então você estava bem. Eu não sou cega, senhora!

— Cega? — Repetiu Caro furiosamente. — Você é uma completa idiota!

— Ela não pode evitar, Caro — disse Griselda judiciosamente. — Sendo ela mesma uma intrigante, ela não consegue perceber a inocência quando é acenada na frente de seu rosto.

— Parem, vocês duas — implorou Friday. Ela deu um passo à frente, inconsciente do contraste que sua dignidade silenciosa fazia contra os delírios dessa mulher. — Você está muito enganada, Lady Aymestrey. Meu desejo sempre foi apenas pela felicidade de Nick. Se isso dependesse de você, então não tinha nada a dizer sobre isso. Antes disso, em qualquer caso.

Hermione pareceu surpresa por um momento. Então ela deu uma risada desdenhosa.

— Tolices! Você me toma por uma simplória, acreditar que você está falando sério? Você sempre quis tê-lo. Você o tem enganado com seus caminhos tortuosos.

— Pelo contrário, tenho tentado fazê-lo ver que ele e eu não temos futuro. — Algo acendeu em Friday. Por que ela deveria discutir o caso com essa mulher? A raiva ganhou vida e saiu em sua língua. — Receio, no entanto, ter agora uma visão muito diferente. Não posso mais acreditar que Nick possa encontrar a felicidade com uma mulher como você.

— Oh, é mesmo? Bem, deixe-me dizer a você...

— Deixando de lado o fato de seu casamento — prosseguiu na Friday, ignorando sua interrupção e com dificuldade de conter as paixões que agitavam seu peito — e, deixando de lado qualquer relacionamento mais profundo que possa haver entre Nick e eu, ele é meu amigo. Por esse motivo, de agora em diante farei o meu melhor para persuadi-lo de que você simplesmente não serve.

Os olhos azuis de Hermione brilharam para ela em triunfo.

— Tudo bem! Mas você não me engana. Eu sabia que você estava atrás dele. Oh, mas eu sabia! Eu digo a você agora que você não terá sucesso. É *de mim* que ele gosta —afirmou ela, acrescentando, com um grande desprezo pela gramática e batendo dramaticamente em seu peito — e sou eu que pode dar a ele o que um homem mais deseja de uma mulher. O que você não poderia dar a ele, por todos os seus modos elevados e poderosos — porque você não tem noção de como. Pois ele sabe, veja. Ele provou. Sim, e implorou por mais.

O bravo floreio de fúria desapareceu. Friday ficou branca.

— Você quer dizer que vocês... ele...

— Isso é exatamente o que eu quero dizer, Srta. Inocente. Ele dormiu comigo enquanto estava noivo de você e tudo mais.

Um vazio se abriu no peito de Friday, onde a raiva estava. Ela não ouviu as palavras de Caroline e Griselda, embora soubesse que ambas estavam falando. Ela descobriu que suas pernas estavam fracas demais para ficar de pé e deu um passo para trás rapidamente para que pudesse sentar-se novamente, sua mente atormentada com o pensamento cruel do que ela tinha ouvido.

Não podia ser verdade. Nick não iria... iria? Só por que ele não faria? Os homens consideravam essas coisas de maneira diferente das mulheres. E se ele já tinha feito de Hermione sua amante — e já que ela mesma os tinha visto se abraçando, por que ela deveria duvidar? Nada o impediu de renovar a ligação. Apenas significava que ele mentiu para ela durante todas essas semanas. Ele havia dito — só hoje, ele havia insistido nisso — que não havia nada entre eles.

A voz de Griselda penetrou, pois suas palavras foram muito bem-vindas.

— Mamãe, graças a Deus! Por favor, leve Lady Aymestrey para outra sala.

— Eu tenho um vestido para você, Lady Aymestrey, — veio a voz da Sra. Mapperley.

Em seu alívio, Friday não ouviu mais nada, embora soubesse que Griselda e Caroline estavam resmungando. Ela estava consciente apenas de seu desejo de partir deste lugar. Ter ido embora de Londres, longe daquele maquinador sem coração que prendeu Nick em suas voltas com tanta força que ninguém poderia arrastá-lo para fora. Muito menos ela mesma, mesmo que quisesse. O que, depois do que acabara de ouvir, ela certamente não sabia. Na verdade, ela não queria enfrentá-lo — ou mesmo qualquer outra pessoa em Londres — nunca mais.

Ela saudou a chegada, alguns momentos depois, de Lady Delamere com entusiasmo não afetado. Lágrimas brotaram de seus olhos quando ela saltou.

— Oh, Lady Delamere, por favor, me leve para casa!

NICK ENFRENTOU Lord Aymestrey no jardim de rosas, para onde haviam sido conduzidos pelo Sr. Mapperley. Apelado por um ansioso Lorde Delamere, que correu para encontrá-lo por sugestão de Tony Weare, seu anfitrião imediatamente correu para onde a discussão já estava ocorrendo à vista de todo o grupo, incluindo as mulheres, e puxou os combatentes para este lugar privado.

Tony e Charles, ambos temerosos das consequências, naturalmente se recusaram a abandonar Nick, mas, como o Sr. Mapperley persuadiu alguns de seus comparsas mais velhos a garantir que ninguém mais tivesse permissão para segui-los, os curiosos foram misericordiosamente afastados. Da mesma forma, pois Aymestrey a princípio estivera muito disposto a declarar seus erros ao mundo.

— Sozinhos? — Disse ele furiosamente, quando Nick sugeriu que resolvessem o assunto sozinhos. — Com que direito, senhor, você ousa exigir privacidade? Você humilhou minha esposa em público e eu digo que você deve responder a mim.

Nick suspirou. Ele realmente sentia muito pelo sujeito. Um homem de meia-idade, não de aparência particularmente atraente, que não podia ter ilusões de por que uma bela jovem deveria chantageá-lo para o matrimônio. Não que seu casamento estivesse destinado a lhe proporcionar felicidade. Ele já estava parecendo indefeso, o pobre sujeito, se Nick pudesse julgar. Como quem não ficaria casado com Hermione? Ele novamente ofereceu um agradecimento silencioso por sua própria libertação. Bem em seus quarenta anos, Aymestrey sucumbiu a uma tentação irresistível, pela qual ele evidentemente já estava calculando o custo. Embora estivesse muito claro que ele ainda era tão vítima das artimanhas de Hermione que não conseguia reconhecê-la pelo que ela era.

Felizmente, o Sr. Mapperley interveio antes que qualquer troca pudesse ser feita, e Nick, por exemplo, saudou a privacidade do roseiral com alívio.

— Você deve estar ciente, meu senhor — disse ele, quando Aymestrey reiterou seu desejo de que Nick respondesse a ele —

que uma humilhação pública semelhante foi infligida antes à Srta. Edborough.

— Ainda assim — retrucou o outro. —, não dava a você o direito de molestar minha esposa.

Suspiros agudos deixaram a garganta de Tony e Charles, mas Nick estendeu a mão para impedir qualquer ação da parte deles, enquanto soltava uma risada incrédula.

— Molestar?

— Você se atreve a rir, não é? — Enfureceu-se Aymestrey. — Eu vou te ensinar boas maneiras, seu moleque!

— Calma, Aymestrey — gritou Mapperley, movendo-se entre eles enquanto o homem mais velho avançava.

Os olhos de Nick se estreitaram.

— Você quer me ensinar boas maneiras, não é? Como, posso perguntar? Com uma bengala, talvez? Ou você pretende abrir um buraco através de mim?

— Não se preocupe, homem. Eu te desafiei. Responda!

Houve um silêncio ofegante. Nick estava ciente de seu irmão Tony, carrancudo agora, movendo-se um pouco como se fosse flanqueá-lo. E Delamere, que deu um passo para o outro lado. Mapperley obviamente viu essas manobras, mas não disse nada, apenas murmurando baixinho. Sem dúvida, ele estava preocupado que tal acontecimento ocorresse em uma festa de prazer em sua casa. Como ele devia estar. Nada poderia dar origem a boatos com mais certeza. O que diabos ele deveria fazer?

Por fim — e com relutância, pois ele sabia qual seria a consequência — Nick balançou a cabeça.

— Eu não vou desafiá-lo, senhor.

— O quê? — Interrompeu os lábios de Charles.

— Calma! — Disse Tony, e Nick pôde sentir os olhos de seu irmão em seu próprio perfil. Tony pelo menos entendeu, mesmo que Charles não. Ele pensou que Mapperley suspirou de alívio, mas não tinha certeza. Ainda assim, o apoio claro de Tony deu-lhe confiança.

Aymestrey ficou com o rosto vermelho e seus olhos se arregalaram.

— Você se recusa a me dar satisfação?

— Sim — disse Nick firmemente.

— Nick, você está louco? — Exigiu Delamere, virando-se para encarar seu amigo com desaprovação indisfarçável. Não foram necessárias as próximas palavras de Aymestrey — que eram exatamente o que ele esperava — para dizer a Nick o que Charles pensava.

— Devo chamá-lo de covarde?

Tony girou.

— Você se atreve!

Mapperley interveio mais uma vez.

— Mantenha o orgulho, garoto! Enfrente-o.

— Cuidado, Nick — avisou Tony, estendendo a mão para Aymestrey novamente.

Sua senhoria se mudou.

— Deixe-me sozinho. Não vou atrás dele novamente. O que você deseja dizer, Weare?

— Meu senhor, eu não nego uma associação anterior com Lady Aymestrey. Mas eu imploro que você acredite que nunca houve nem nunca haverá, e você pode confiar em minha palavra quanto a isso, qualquer ligação entre nós do tipo que você suspeita. No que me diz respeito, qualquer conexão entre mim e Hermione terminou quando me tornei noivo da Srta. Edborough.

— Isso é verdade? — Perguntou Mapperley, aparentemente impelido tanto pela curiosidade quanto pela preocupação com os sentimentos de Aymestrey.

— Tem minha palavra, senhor — garantiu Nick sem hesitar.

— Tudo muito bem — interrompeu Aymestrey a contragosto —, mas você não está prometido a Miss Edborough.

— Não no momento — concordou Nick.

Ele viu seu irmão trocar um olhar com Delamere. Bem, ele supôs que eles deviam ter visto muito antes dele mesmo. Caro estava certa. Ele não conhecia seus próprios sentimentos. Embora parecesse que todo mundo conhecia.

Lorde Aymestrey estava olhando para ele com muita atenção.

— É melhor você estar falando a verdade, Weare.

Curiosamente, foi Mapperley quem disse significativamente

— Ações falam mais alto que palavras, Aymestrey.

O olhar do homem se voltou para ele. Ele estava carrancudo e Nick se perguntou se ele havia entendido. Por si mesmo, ele estava morrendo de vontade de rir. Ele tinha sido tão óbvio? Ele supôs que sim. Na época, ele só pensava na pobre Friday, jogada na água de maneira tão cruel. Quem quer que tenha feito isso, ele pensou que teria agido exatamente da mesma maneira. Que tivesse sido Hermione — e quem mais teria feito uma coisa tão malcriada? — ofereceu o tempero adicional da doce vingança. Ele teve a graça de admitir isso, embora fosse indigno. O pensamento levou inevitavelmente a imagens de Friday em seu estado lamentável, e ele ficou de repente impaciente para terminar com aquela farsa. Ele precisava ver Friday.

— Senhor, está contente em deixar esse assunto de lado? — Ele exigiu de Aymestrey, tentando manter fora de sua voz o desejo de ir embora.

— Sim, sim, meu amigo — disse Mapperley rapidamente, colocando a mão no braço de seu contemporâneo. — Você deve ver agora que não vai dar certo. Bastante inelegível.

Aymestrey grunhiu o que poderia ter sido um assentimento e acenou bruscamente para Nick se afastar.

— Deixe-me! Afastem-se, todos vocês!

Nada repugnante, Nick agradeceu a Mapperley, que assentiu brevemente e expressou sua intenção de permanecer com seu outro convidado. Nick se virou com entusiasmo para a casa, acompanhado por Charles e Tony. Este último deu um tapinha nas costas dele.

— Muito bem, meu velho. Meu pai ficaria orgulhoso de você.

— Pela primeira vez — Nick riu. Mas não havia rancor em sua voz. Desta vez, ele sabia que o que ele propôs para seu futuro teria a aprovação irrestrita de Lorde Weare. Quer dizer, se ele pudesse persuadir uma certa pessoa a aceitar.

A dúvida que ameaçava sua paz foi fomentada pela descoberta, quando ele finalmente mandou sua irmã para a terra em uma das salas, de que Friday tinha ido para casa com Lady Delamere. Caroline, excepcionalmente, não foi nem um pouco comunicativa, recusando-se a responder a qualquer uma de suas perguntas diretamente. Ele foi obrigado a se contentar com a declaração dela

de que Friday estava muito perturbada com os acontecimentos para permanecer, e conter sua alma com a paciência que pudesse reunir até a manhã seguinte.

Ele estava tão ansioso para ver Friday que não lhe ocorreu que ela poderia, um pouco depois das nove, ainda estar na cama. Ele piscou sem compreender para o mordomo de Delamere.

— Estou falando da Srta. Edborough, você sabe, Tattenhoe, não de Sua Senhoria.

O homem fez uma reverência.

— Estou ciente, senhor. Mas ninguém ainda desceu para o café da manhã.

Os olhos de Nick brilharam.

— Ah, mas ela pode estar acordada. Envie alguém para dizer a ela que estou aqui, por favor.

Um leve arquear de sobrancelhas deu a Nicolas a compreensão de que havia chocado o mordomo.

— Não tenha medo — disse ele, aproveitando a fraqueza momentânea do companheiro para entrar na casa. — Não tenho intenção de perturbá-la em seu quarto. Que ela seja informada de que vou aguardar a sua chegada mesmo que leve a manhã toda.

As sobrancelhas se ergueram ainda mais, mas Tattenhoe apenas curvou-se novamente, dizendo:

— Muito bem, senhor. Se entrar na sala dos fundos, pedirei à Srta. Murdishaw que leve sua mensagem para cima.

— Obrigado — disse Nick, e caminhou rapidamente pelo corredor até o quartinho indicado.

Não estava com humor para lembrar que aquela era a sala menos frequentada, para a qual todos os visitantes indesejáveis eram conduzidos sempre que o mordomo desejava saber se eram bem-vindos ou não pelo dono ou dona da casa. Acontece que ele e Delamere costumavam usar o lugar no início da juventude para esconder suas poções ilícitas do pai de Charles. Suas paredes de painéis escuros haviam amortecido suas risadas embriagadas, e as cadeiras velhas e gastas eram confortáveis o suficiente. Uma vez que era o hábito extravagante de Delamere ter lareiras acesas em todos os quartos durante o inverno, certamente seria quente o

suficiente para esperar, pois ele certamente pretendia esperar Friday descer.

Alcançando a porta da sala, ele agarrou a maçaneta e a girou, abrindo-a. Um suspiro de surpresa o alcançou, e dentro da sala uma figura mudou.

— Friday!

Ela estava de pé diante do fogo, uma das mãos segurando a lareira, a outra colocando os óculos rapidamente no nariz. Ela usava o hábito de usar tecido azul, um pouco mais antiquado do que se acostumara a usar, que estava vagamente fora de moda.

Mas Nick não conseguiu identificar o motivo. Pois sua presença inesperada enviou um choque em suas veias. Tão forte era que ele não podia fazer mais do que ficar ali parado, olhando para ela, os dedos ainda na maçaneta.

Friday estava mais do que chocada embora seu coração tivesse batido violentamente. Ela estava horrorizada. Nick aqui em tal hora? Ela pensava que estava escondida em segurança nesta pequena sala nos fundos enquanto esperava pela convocação que esperava. De todas as pessoas, a última que ela queria que a encontrasse era Nick.

Seu pulso começou a bombear selvagemente e ela gaguejou:

— Você me deu um susto enorme!

— Aterrorizante! — Ele saiu, ecoando estupidamente a palavra.

Seu olhar, estimulado por aquele significado latente na escolha do vestido, percorreu a sala. Em uma cadeira ao lado, uma capa de lã, jogada descuidadamente, chamou sua atenção. Em cima dele estava um chapéu de castor. Uma carranca franziu a testa.

— O que é isso?

Ele parou ao notar duas malas, colocadas lado a lado, próximas da cadeira. Uma onda de emoção inundou seu peito e o protesto saiu de sua garganta.

— Onde por Hades você pensa que está indo?

— Não é da sua conta — disse Friday, respondendo instintivamente à paixão que ela detectou sob suas palavras.

— Vamos ver isso. — Ele fechou a porta. — Meu Deus, estou feliz por ter te assustado. Você merecia um susto.

— Como você ousa? Vá embora!

Nick caminhou até ela, trovejando

— Onde você está indo, Friday?

— Não grite comigo! — Ela gritou de volta. — Se você quer saber, estou indo para casa.

Ele parou de repente diante dela. Incrivelmente, ele perguntou:

— Para Finchamstod?

— Onde mais? A carruagem estará aqui a qualquer momento.

— Mas por quê? Você não pode ir para casa, Friday. Eu não vou deixar você ir!

— Oh, não vai? — Retrucou Friday com raiva. — Tente se você pode me impedir!

Seus olhos brilharam de repente, e ele agarrou seus ombros com um aperto doloroso.

— Tente se puder escapar de mim!

— Me deixe ir!

— Como você pode fazer isso, Friday, como pode? — Ele exigiu, ignorando o comando dela. — Fugir sem dizer nada a ninguém.

— Eu não vou fugir — declarou Friday indignada, tentando se afastar. Como ele se atrevia a vir aqui e maltratá-la dessa maneira? Sob os óculos, o olhar dela brilhou para ele. — Em qualquer caso, o que isso tem a ver com você?

— Tem tudo a ver comigo, e você vai descobrir antes de ficar um dia mais velha.

— Solte-me, Nick, — ela gritou novamente, se soltando de seu aperto. Combinando violência com violência, ela lançou sua dor nele. — Vá se aquecer nos braços de sua miserável Hermione e me deixe em paz.

Nick ficou sem expressão.

— Você está nisso de novo? Friday, você deve ter perdido o juízo. Eu não disse a você, repetidamente, o que eu sinto por aquela garota?

— Oh, sim, você me disse — disse Friday dolorosamente. — E eu estava pronta para acreditar em você, pois não tinha motivos para duvidar. Mas é difícil refutar a evidência de meus próprios olhos, Nick, então, por favor, não minta mais para mim.

— Mentir para você? Juro por Deus, Friday...

— Não! Eu posso suportar qualquer coisa, menos juramentos e promessas.

Nick fez uma pausa, perplexo. Qual era o problema com ela? Depois do fiasco de ontem, ele deveria ter pensado que seus sentimentos eram óbvios. Ele estudou o rosto desviado dela, pois ela se afastou dele, lutando, ele podia ver, com emoção avassaladora. Se ele a tocasse, ela ficaria louca como da última vez? Ele não sabia o que fazer. Mas uma coisa ele determinou naquele momento. Ele não iria embora desta vez.

Ele pensou sobre o que ela havia dito e encontrou a anomalia. Provas? Não havia mais pensamento sobre o que deveria fazer. Ele entrou em ação, agarrando-a novamente e virando-a à força para encará-lo.

— Que evidência?

— Solte-me, — ela ordenou, lutando.

— Não. Que evidência?

— Você estava beijando-a! — Friday gritou para ele, incapaz de se conter enquanto a memória vinha de forma assombrosa em seu cérebro. — Eu vi vocês!

Nick ficou tão surpreso que a deixou ir.

— Você deve estar enganada.

— Não, não estou enganada — disse ela com raiva. — Você acha que estou completamente cega? Além disso, eu estava de óculos. Eu estava passando pela janela ontem no Mapperleys e eu vi, Nick. Você estava com a criatura em seus braços.

Ele estava carrancudo com o esforço da memória. Bom Deus, sim, ele tinha lutado com Hermione. Talvez pudesse parecer, de fora, como se ele a estivesse abraçando. Antes que ele pudesse dizer qualquer coisa para refutar a impressão que Friday tinha ganho, no entanto, ela partiu novamente.

— Então, eu sei. E a própria Hermione me disse que vocês foram amantes — sua voz quebrou com o pensamento — mesmo quando estávamos noivos.

Os olhos verdes brilharam com uma chama de raiva tão grande que Friday deu um passo atrás involuntariamente.

— E você acreditou nela?

Friday estava imediatamente ciente da dúvida. Mas ela o viu segurando-a. E ele não tentou negar. Ela ficou instantaneamente na defensiva.

— Eu poderia não ter feito isso se não tivesse visto por mim mesma.

— O que você pensou que viu e o que viu — disse Nick mordazmente — são duas coisas muito diferentes.

— Isso é o que você diz agora.

— Se você quer saber, a moça foi para mim com as unhas e eu estava tentando controlá-la. Não sou responsável pelo que parecia para você. E sugerir que éramos amantes, principalmente durante nosso noivado! Como você pode acreditar que sou capaz de tal deslealdade?

— Mas ela disse...

— Ela pode ter dito isso, mas isso não significa que seja verdade. E quanto a beijá-la, por que diabos eu deveria querer fazer isso agora?

— Você desejou antes. Por que tudo deveria ser diferente agora?

— Porque, sua obstinada idiota, estou apaixonado por você!

O mundo girou. Friday estendeu a mão para se firmar e Nick a segurou, puxando-a com força contra ele. Seus braços a envolveram, sustentando-a.

— Friday — disse ele com urgência — não é hora para desmaiar.

Então seus lábios desceram sobre os dela. Foi um beijo como nada que ela já havia imaginado. Foi firme. E áspero. E uma chama de paixão saltou dentro dela para responder à necessidade que ela reconheceu instantaneamente. Seus membros se fecharam com os dele e ela sentiu uma pulsação de desejo que superava em muito qualquer coisa em seus sonhos. O fogo correu por ela, e seus braços, que deslizaram involuntariamente sobre suas costas, se apertaram inconscientemente. A resposta que a apertou com mais força contra o peito de Nick quase a deixou sem fôlego.

Mas ela mal notou, pois seus lábios se separaram com uma pressão insistente dos dele, e o encontro aveludado dentro dele

causou a mais deliciosa sensação líquida que derreteu seus membros em gelatina.

Quando finalmente Nick soltou sua boca, ela cedeu quando seus joelhos começaram a desabar. Mas seu aperto não relaxou, e ela podia sentir o olhar dele queimando ferozmente em seu rosto, embora ela não pudesse ver. Seus óculos estavam embaçados e tortos em seu nariz.

— Oh, Friday — ele suspirou, e uma risada fraca escapou dele. —, minha querida coruja — olhe apenas para seus óculos!

— Como... posso? — Respondeu Friday sem fôlego, consciente da sensação dos batimentos cardíacos dele pulsando em seu peito sobre sua respiração irregular.

Sua mão se levantou para arrancar os óculos.

— Você pode passar sem eles por enquanto.

Como ele estava tão perto, Friday percebeu que ela poderia muito bem passar sem eles. Então ela não conseguiu ver nada de novo, pois a boca dele mais uma vez procurou a dela, privando-a instantaneamente de consciência de qualquer coisa, exceto das sensações extremamente intensas que seu beijo estava despertando.

Mas o desespero inicial de ardor mútuo e esperado diminuiu um pouco, e ele parou de beijá-la por fim. Quando as flutuações de seu pulso se acalmaram o suficiente para que ela pudesse abrir os olhos, ela olhou atordoada para o rosto dele, maravilhada com a ternura que viu ali. Uma ternura que era tão preciosa para ela que de repente teve medo.

— Nick, estou sonhando?

Uma carranca cruzou seu rosto. A dolorosa intensidade da pergunta o perturbou.

— Porque pergunta isso?

Os olhos de Friday se encheram de lágrimas.

— Porque se eu acordar de novo, acho que não vou aguentar.

— Não chore — implorou ele, embalando-a mais perto. — Isso me faz sentir um monstro. Eu te machuquei muito. Eu tenho sido tão egoísta. Eu simplesmente não percebi.

— O que v-você não percebeu?

— Que você me ama — disse ele com uma franqueza que aqueceu o coração dela. — Mas eu tive tempo suficiente para pensar sobre isso longos dias e noites; na verdade, mal dormi pensando nisso.

— Não? — Friday perguntou maravilhada, lembrando-se das noites sem dormir que passou. E, que Deus a ajudasse, aquelas noites doloridas cheias de muito sono.

Ele a abraçou com força e falou em seu cabelo.

— Eu me lembrei de tantas coisas, sabe, meu pobre e doce amor. O que você disse naquele dia horrível sobre meu cavalo de Troia. E a maneira como você estava quando eu lhe fiz aquela oferta vergonhosa, tão falsa da minha parte. Oh, minha querida, você pode me perdoar?

Friday nunca tinha pensado em ouvir tais palavras. Seu peito estava quase explodindo, e em resposta ela se afastou um pouco e puxou seu rosto para baixo para que pudesse beijá-lo com segurança, uma certeza inocente que envolvia todo o fervor, e mais, daquela primeira vez em que ela havia imaginado ela estava se despedindo.

— Eu também lembrei disso — disse Nick quando conseguiu falar novamente, como se tivesse lido sua mente — quando você me beijou.

Friday corou um pouco, apesar dos abraços que acabaram de compartilhar.

— Nunca tive mais vergonha de nada. Eu tinha tanta certeza de que havia me denunciado.

— Mas você não fez — disse Nick gentilmente. — Como você poderia, para o idiota que eu era então? Eu não pude ver isso, Friday, mais do que pude ver que te amava.

— Mas você não o fez — disse Friday vigorosamente, afastando-se ligeiramente. — Não, então. Você certamente não o fez.

O aperto de Nick afrouxou e ele deslizou as mãos por seus braços para agarrar seus dedos.

— Oh, sim, eu te amei, minha coruja, sempre amei — disse ele, levando os dedos dela aos lábios. — Foi isso, como eu adivinhei, que fez Hermione atacar você. Eu disse a ela.

— Você contou a ela? — Repetiu Friday, espantado.

— Eu precisei. Eu disse, além disso, que nunca a amei, que adorei você desde o dia em que nos conhecemos o que é verdade, meu pássaro azul de óculos, por mais que você não acredite.

— Mas por que diabos você disse isso a ela?

— Não conseguia pensar em outra maneira de tirar a desgraçada da minha frente — disse Nick com tristeza.

— Então isso explica tudo— disse Friday categoricamente. — Ela deve ter se sentido desesperada. Por isso ela disse que vocês foram amantes. Ela sabia — ela devia saber — qual seria o efeito sobre mim.

— Não pense mais nisso — aconselhou Nick. Então ele agarrou seus dedos. — Mas pensando nisso, Friday, ela tem sido útil. Se não fosse pela farsa do nosso noivado, talvez nunca tivesse descoberto como te amo. Devo ser eternamente grato a meu pai por me forçar pedir sua mão.

— Eu, por outro lado, estou xingando ele há semanas.

Uma risadinha escapou dele e ele a puxou para um abraço.

— Pobre Friday! Mas pense apenas se ele não tivesse feito você passar por aquele inferno... — Ele parou, acrescentando rapidamente quando uma sombra cruzou o rosto dela — Oh, eu sei, minha querida. Tive tempo para lembrar — e mentalmente para me flagelar por eles — cada nuance, cada gesto, cada palavra em que você se entregou.

Friday fez uma careta.

— Tão bem?

Nick beijou sua testa.

— Não tenha medo. Não tive a inteligência de reconhecê-lo, tive? Ou talvez tenha. Na época, eu não queria reconhecê-lo. Se meu pai não tivesse feito o que fez... oh, meu Deus, mas não adianta pensar nisso! Não vamos pensar nisso. Não quero imaginar uma vida sem você e a miséria que teria sido.

Friday ouviu isso como alguém confuso, incapaz de absorver tudo, de acreditar que aquilo era de fato a vida, e não uma invenção de sua imaginação torturada. Ela viu a carranca entrar nos olhos de Nick enquanto o olhava sem falar. Viu a dúvida chegando, e um olhar preocupado que atingiu as profundezas de seu amor.

— É verdade, não é, Friday? — Perguntou ele ansiosamente. — Eu li você bem? Você me ama... pelo menos você me ama. Oh, meu Deus, não diga que é tarde demais! Não me diga que minha estupidez me traiu. — As mãos dele subiram para os ombros dela novamente e ele a sacudiu. — Você me ama? Friday, diga-me rapidamente. Diga-me, antes que eu enlouqueça.

Tremendo um pouco, os dedos de Friday alcançaram seu rosto e traçaram um caminho em sua bochecha. Era quente ao toque e era real. Por fim, ela começou a se convencer. Não era outro sonho. Isso estava realmente acontecendo. Era Nick parado aqui, implorando para que ela falasse de seu amor por ele. Seu corpo parecia flutuar, seu cérebro estava leve, seu coração livre.

— Não há mais dor — sussurrou ela, e ergueu o rosto, fechando os olhos em um convite mudo.

O beijo desta vez foi gentil. Nick acariciou seus lábios com uma ternura que trouxe um brilho caloroso a seu coração. Ela sentiu os dedos dele em seus cabelos, uma sensação tão agradável que suspirou contra seus lábios. Ele se afastou um pouco, abrindo os olhos para olhar nos dela.

— Friday — murmurou ele com insistência — você ainda não me respondeu.

Ela sorriu.

— Sobre se eu ainda te amo? O meu seria um tipo pobre de amor se eu não o fizesse.

— Bem, e você ainda ama? — Ele insistiu, dando-lhe uma sacudida.

— Oh, Nick — ela gritou, rindo. — Quando não sonhei com mais nada desde o momento em que nos conhecemos? Claro que ainda te amo. — Um sorriso malicioso iluminou seus olhos. — Não sei, no entanto, se posso tolerar um terceiro pedido.

— Não tenho intenção de lhe fazer um terceiro pedido — declarou Nick. — Você não acha que arriscaria outra recusa, acha? Estaremos apenas noivos sem ele.

Ela inclinou a cabeça para o lado.

— Páris e Helena desta vez?

— Não! — Disse ele com veemência. — Simplesmente Friday e Nick. E se você se atrever a se referir a mim como um de seus

estúpidos heróis gregos novamente, vou rasgar seu Homero em pedaços.

Friday deu uma risadinha.

— Acho que não me importo mais. Você pode fazer isso de boa vontade, Nicolas Weare, pois não preciso mais de sonhos.

Elizabeth Bailey

Elizabeth Bailey cresceu na África com uma dieta estranha e pais não convencionais, teatro e Georgette Heyer. Eventualmente, ela começou a atuar e pisou fundo na Inglaterra até que o bug da escrita a atingiu, quando ela mudou para o ensino e a direção enquanto escrevia romances históricos e ficção feminina ousada. Seu aprendizado de 8 anos terminou com a publicação por Mills & Boon, e 18 Regências históricas.

Posteriormente, ela publicou dois mistérios históricos pela Berkley que estão sendo relançados pela Sapere Books, junto com o terceiro romance de Lady Fan. E há mais desses mistérios em preparação. Esteja atento ao Sudário Dourado e ao Portento Mortal.

Enquanto isso, Elizabeth diz que é maravilhoso poder retornar ao seu primeiro amor, romance histórico, e lançar novos e antigos lançamentos em e-book. Ela está adorando escrever a série Brides by Chance.